This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

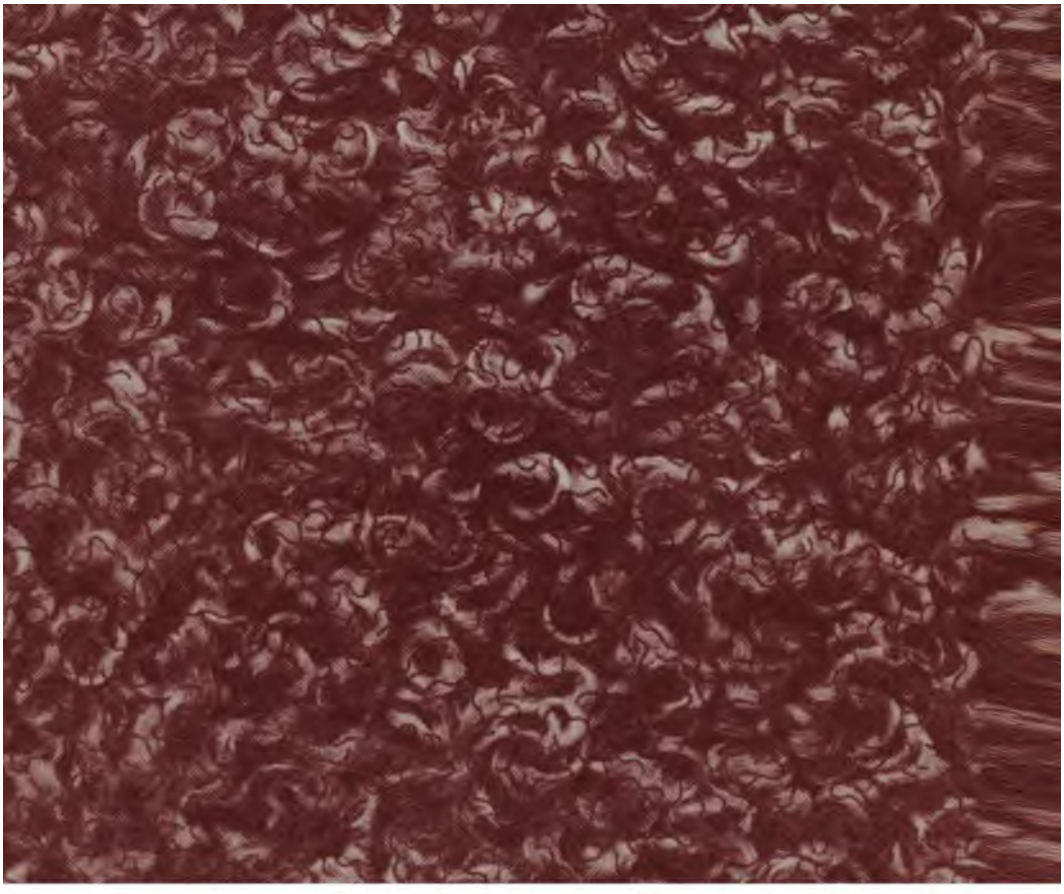
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

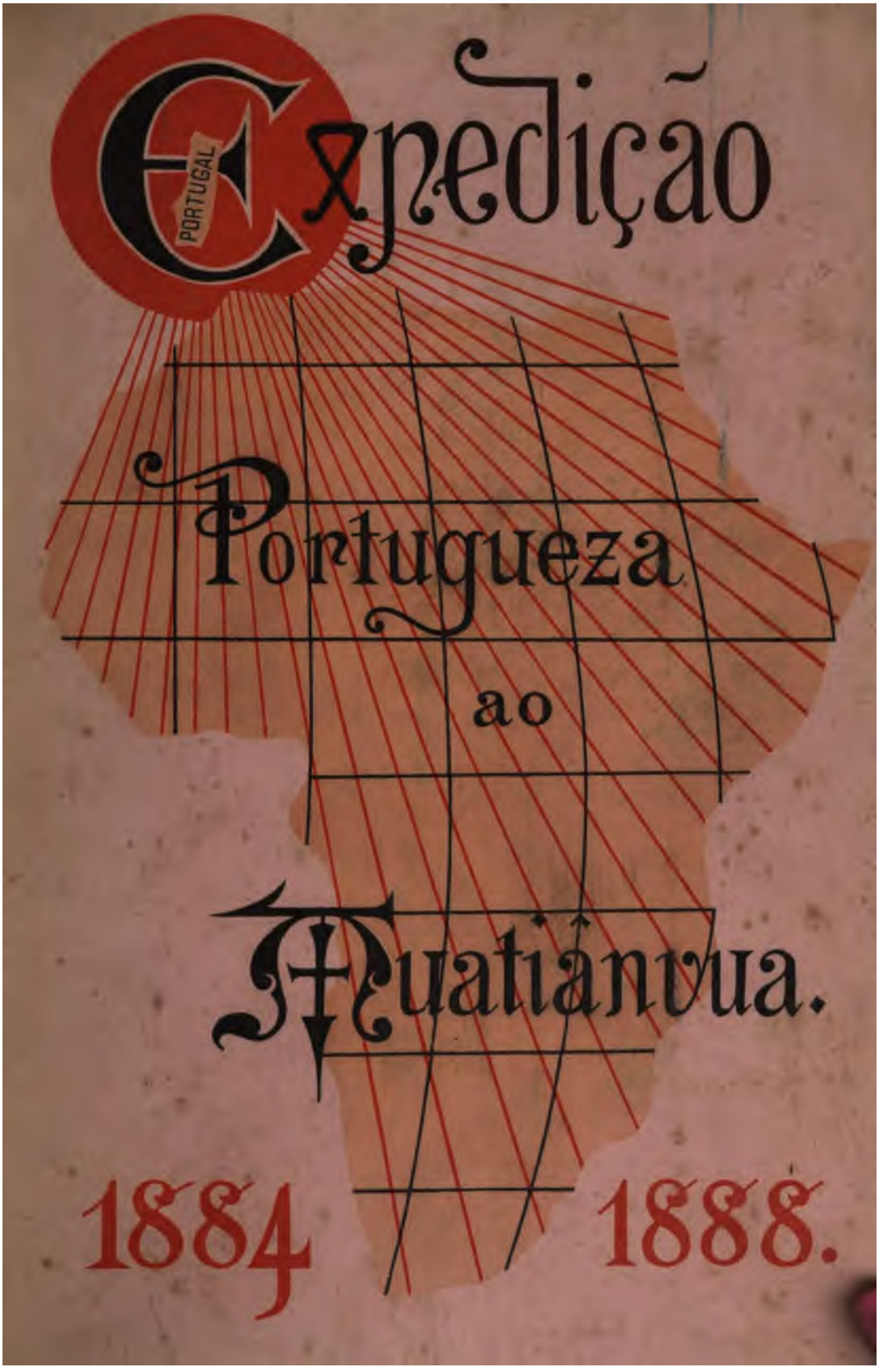
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES




PORTUGAL
Expedição
Portugueza
ao
Muatiânvua.
1884
1888.

METHODO PRATICO

PARA FALLAR

A LINGUA DA LUNDA

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIÂNVUA

METHODO PRATICO

PARA FALLAR

A LINGUA DA LUNDA

CONTENDO

NARRAÇÕES HISTORICAS DOS DIVERSOS POVOS

PELO

CHEFE DA EXPEDIÇÃO

HENRIQUE AUGUSTO DIAS DE CARVALHO

Major do Estado Maior de Infanteria

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1890

DT611
D5
v.5

Á

Sociedade de Geographia de Lisboa

O. D. C.

O chefe da Expedição.

Ao Excellentissimo Senhor

Antonio dos Reis Gonçalves Vianna

Inscrevendo aqui o nome d'este nosso eminente glottologo e phoneticista, apraz-me dar ao mesmo tempo publico testemunho de que o material linguistico, por mim colligido no sertão africano, não teria o valor que agora tem, se aquelle meu bom amigo, com a sua provada competencia scientifica, com a acendrada e nobre dedicação que revela por tudo que respeita á nossa patria, e com a cordial e inexgotavel benevolencia de que é dotado, não houvesse vindo espontaneamente em meu auxilio, dirigindo-me e aconselhando-me, quer na condensação que apresenta o resumo synthetico, quer em geral na execução do plano pratico que eu concebêra para esta obra, quer emfim na laboriosa revisão typographica dos textos, especialmente com respeito á representação phonetica.

Prestada esta devida homenagem, pode o meu livro sujeitar-se á critica dos entendidos, porque ficará sempre tranquilla a minha consciencia.

Henrique de Carvalho.

Á Excellentissima Senhora

D. Rosa Christina Pires Terra

consagra esta pagina

Henrique de Carvalho.

INDICE

Pag.

Carta á Sociedade de Geographia de Lisboa.

Prefacio ..... I-VII

Parte I. — Phonologia:

Preliminares 3

Sons vocalicos 5

Dithongos 7

Articulações 8

Vocabulos 11

Contracções e elisões 12

Abreviações 13

Interpolações 14

Transcripção vulgar 17

Parte II. — Morphologia:

I. — Resumo synthetico:

Substantivos:

Prefixos 21

Classes 27

Genero 30

Graus 31

Adjectivos:

Classe 31

Numero 31

Graus de comparação 32

Adjectivos determinativos 33

Adjectivos numeraes ordinaes 33

Adjectivos partitivos 34

Adjectivos attributivos 34

Pag.

Pronomes pessoaes:
Absolutos 34
Possessivos 35
Circumstanciaes 35
Conjunctos — Reciproco 35
Subjectivos 35
Verbos 36
Forma activa 37
Formas objectivas 40
Forma interrogativa 40
Forma negativa 41
Forma negativa e interrogativa 41
Forma causativa 41
Forma passiva 42
Preposições 42
Adverbios 42
Conjuncções 43
Interjeições 43
Exclamações ..... opp. a 44
II. — Desenvolvimento pratico:
Artigos definidos 45
Substantivos:
Formação do plural 49
Graus: Augmentativos e diminutivos 53
Adjectivos 54
Adjectivos determinativos 57
Graus de comparação 63
Pronomes pessoaes 66
Possessivos 69
Pronomes objectivos da 3.ª pessoa 75
Verbos:
Forma activa 83
Condicional 88
Conjunctivo 88
Forma objectiva 92
Forma negativa e interrogativa 97
Forma causativa 104
Forma passiva 129
Preposições 138
Adverbios 144
Conjuncções 149
Interjeições 155

Pag.

Derivações e composições 161
Interpolações 179
Parte III. — Syntaxe:
I. — Resumo synthetico:
Regencia 209
Concordância 210
Construcção 211
Syntaxe figurada 215
II. — Desenvolvimento pratico:
Phraseologia:
Phrases vulgares 217
Phrases para offerecer 218
Phrases para conceder 218
Phrases para pedir 219
Phrases para recusar 219
Phrases para dar e receber agradecimentos 220
Phrases para consultar 220
Phrases para affirmar 221
Phrases para negar 222
Phrases de duvida, surpresa, admiração, etc. 222
Phrases de alegria 222
Phrases de afflicção 223
Phrases de colera, exprobação, etc. 223
Dialogos:
Para conversar 224
Do tempo 230
Levantar da cama 235
Deitar 238
Vestir 240
Comer 242
Passear 250
O doente 255
Comprar e vender 259
Caçar e pescar 267
Proverbios 270
Adivinhações 274
Contos 275
Narrativas:
Uma pergunta de um dignitario a seu amo 284
Noticia 285
Uma visita de Tâmbu de Cabongo ao chefe da Expedição 285
Diversas opiniões por causa de um falsario 287

Pag.

Recordação de uma irmã de Muatiânvua 289
Noticia 290
Outra noticia 290
Uma diligencia frustrada 291
Um combate de Lundas com Quiôcos 293
Um muata que falla com o Muatiânvua 293
Opinião de dois potentados Lundas sobre os Uandas 294
Um alvitre dos Quiôcos 296
Quissengue participa a sua chegada 296
Quissengue cede aos seus conselheiros 298
Uma desordem 298
Um concelho de Caungula ao Muatiânvua 299
Uma desculpa de Caungula 300
Resolução de um potentado Quiôco 301
Como respondemos aos receios de Caungula 302
Um recado de Quissengue para o Muatiânvua 303
Um conselho bem acceito 304
Deliberação tomada depois de acceito o conselho anterior 305
Boatos falsos que se propalam como verdadeiros 306
Uma participação 307
Um alvitre para obter fazendas 308
Uma diligencia que teve bons resultados 309
Uma resumida narração feita por um amigo 310
Umbala impõe-se para Muatiânvua 311
Consequencias das gazivas dos Quiôcos 312
Ultimos momentos do Muatiânvua Muteba 316
Traição da côrte 318
Um encontro com duas velhas 321
Morte por traição do Muatiânvua Cangápua 321
Um alvitre tomado por alguns Lundas que estavam escondidos na mussumba 323
Guerra do Muatiânvua Muteba contra o governador do Tenga no Cassai 324
Umbala faz-se Muatiânvua 326
Como o Lunda Cabeia se livra da prisão dos Quiôcos 327
Um reconhecimento feito por Lundas 328
Os Quiôcos libertam todos os presos Lundas que lhes não convem 329
Umbala antes de ser Muatiânvua quer ouvir a opinião dos da côrte 330
Xanama improvisa uma guerra para matar o valente Xamuana e outros 331

Pag.

Appendice. — Vocabulario :
O mundo, corpos celestes, divisão do tempo 339
Aspecto physico do terreno 341
Genero humano 342
Partes do corpo humano 343
Accidentes e propriedades do corpo humano 345
Graus de parentesco 346
Animaes — Nomes, partes e despojos 347
Vegetaes 351
Medicamentos 354
Para diversos usos 357
Capital da Lunda, suas divisões 363
Dignitarios do Estado de Muatiânvua 364
Funcionarios em exercicio 366
Objectos de vestuario e de adorno 366
Armas, instrumentos e outros utensilios 369
Mobilias e objectos de uso domestico 371

Apreciações da Imprensa 375

Á Sociedade de Geographia de Lisboa

Dedicando a esta benemerita e illustrada Sociedade que honra o nosso paiz, uma parte dos meus estudos como chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua na região austro-equatorial do continente africano, cumpro um dever de reconhecimento e de respeito para com tão patriotica associação, que muito me considerou admittindo-me no seu seio pouco depois de constituir-se.

Como digo em outro livro, consultada esta auctorizada corporação pelo governo, em janeiro de 1884, sobre a opportunidade de se enviar uma expedição scientifica e de intuitos commerciaes aos Estados d'aquelle potentado, como eu tomei a liberdade de propor, na notavel consulta d'esta Sociedade foi applaudido o pensamento inicial, e pela sua execução se insistia naquelle importante documento.

É pois motivado este pequeno tributo, prestado á cooperação efficaz e constante que da mesma egregia Sociedade recebeu a Expedição em todo o tempo do seu exercicio.

Logo que cheguei a Malanje, ponto em que tinha de organisar o pessoal para as cargas da Expedição e já nos confins a léste do districto de Loanda, me pro-

puz a consagrar todo o tempo que os deveres de meu cargo me permittissem ao estudo dos dialectos das differentes tribus que, a partir d'ali até a Mussumba do Muatiânvua, encontrasse no meu transito.

Convencendo-me depois da minha residencia entre os Lundas durante dois annos de que, conhecido o dialecto d'esta, facilmente se fallavam os outros, porque além de muitos vocabulos serem os mesmos outros pouco differem, consistindo as differenças principalmente nos prefixos e terminações, e que além d'isso as regras grammaticaes que me foi possivel distinguir se observam em quasi todas as tribus, principalmente as que conheci do Congo e do léste do districto de Loanda a contar de Ambaca até ao Cuango, que constituem a lingua conhecida pelo nome de Ambundo; por isso deliberei compendiar em regras grammaticaes o METHODO PRATICO PARA FALLAR A LINGUA DA LUNDA que ao publico apresento agora, ficando de apresentar no volume consagrado aos vocabularios dos dialectos dos povos que conheço exercicios da lingua Ambunda, servindo-me das mesmas regras d'este METHODO, e que se observam pelo menos em Malanje.

Por outro lado foi o dialecto dos Lundas aquelle que estudei mais a preceito; e como, que eu saiba, nenhum trabalho analogo ao meu sobre este dialecto foi ainda dado á estampa, no paiz nem fora d'elle, emquanto para os fallares affins de Angola e do Congo existem, mesmo sem citar a sua inclusão em escriptos especulativos e outros de africanistas generalisadores, não só publicações d'este seculo, do passado e do anterior, porém as grammaticas modernissimas, de Héli Chatelain *(Grammatica elementar de Kimbundu ou lingua de Angola)* escripta em portuguez e excellentemente methodisada e a do Rev. W. Holman Bentley *(Dictionary and grammar of the Kongo Language)*, creio ser este meu estudo agora mais um subsidio util a acrescentar aos trabalhos feitos no dominio d'esta familia de linguas, cuja unidade está já bem assente, mas de que ainda não foram devidamente examinados muitos dialectos importantes.

O resumo synthetico que precede a parte pratica d'este METHODO é mais um elo para a constituição da cadeia de idiomas dos povos Tus, a que ainda faltam tantos, e que se prolonga de costa a costa ao sul do equador.

Foi durante a minha estada na Mussumba, depois de ter feito grande numero de correcções aos meus trabalhos linguisticos, emprehendidos com perseverança dia a dia em tres annos, que tive a honra de me dirigir ao governo pedindo-lhe me auctorisasse a offerta da presente obra aos meus consocios, como parte, não a menos importante de certo, dos trabalhos que conseguiu realisar a Expedição e que estão sendo publicados pela Imprensa Nacional.

Por essa occasião suggeri ao, então, ministro encarregado dos negocios da marinha e ultramar o ex.^{mo} sr. conselheiro Henrique de Macedo, a conveniencia de que esta publicação não fosse encetada antes do meu regresso á Metropole, pois me parecia opportuno consultar sobre a sua execução individuos, que na Metropole tivessem voto auctorisado em assumptos de glottologia.

Amparado com a annuencia d'aquelle nosso eminente consocio para esta minha proposta, só depois da volta a Lisboa começou a composição typographica laboriosissima da grammatica, havendo previamente consultado varias pessoas, cujos conselhos e alvitres acatei e tive em consideração ao redigi-la, em tudo

quanto não contrariavam o methodo pratico, que tinha como mais adequado para habilitar lenta e gradualmente os estudiosos a familiarisarem-se com o vocabulario, morphologia e syntaxe peculiares d'estes dialectos e d'esta familia de linguas.

Devo tambem advertir aqui já que os dialogos, que a alguns leitores poderão parecer triviaes ou pueris, são especialmente destinados a servir de exercicio e de texto, visto não haver até agora impresso nenhum outro pelo qual se faça estudo; e que o trabalho de decifração e comprehensão d'esse texto é sufficientemente compensado pela acquisição gradual do vocabulario e das formas grammaticaes.

A mesma observação é applicavel aos proverbios, adivinhas e narrações que incluí.

Direi algumas palavras tambem sobre a notação graphica adoptada nesta grammatica, e nas citações textuaes que faço nos differentes volumes de que se compõe a collecção dos trabalhos referentes á Expedição Portugueza.

Approximei-me, na escripta dos vocabulos africanos, tanto quanto a clareza o permittia, da orthographia usual portugueza, e a pag. 17 estão dadas as regras

para converter essa notação no modo de escrever usual, mas methodico, seguido em todos os meus escriptos relativos á Expedição.

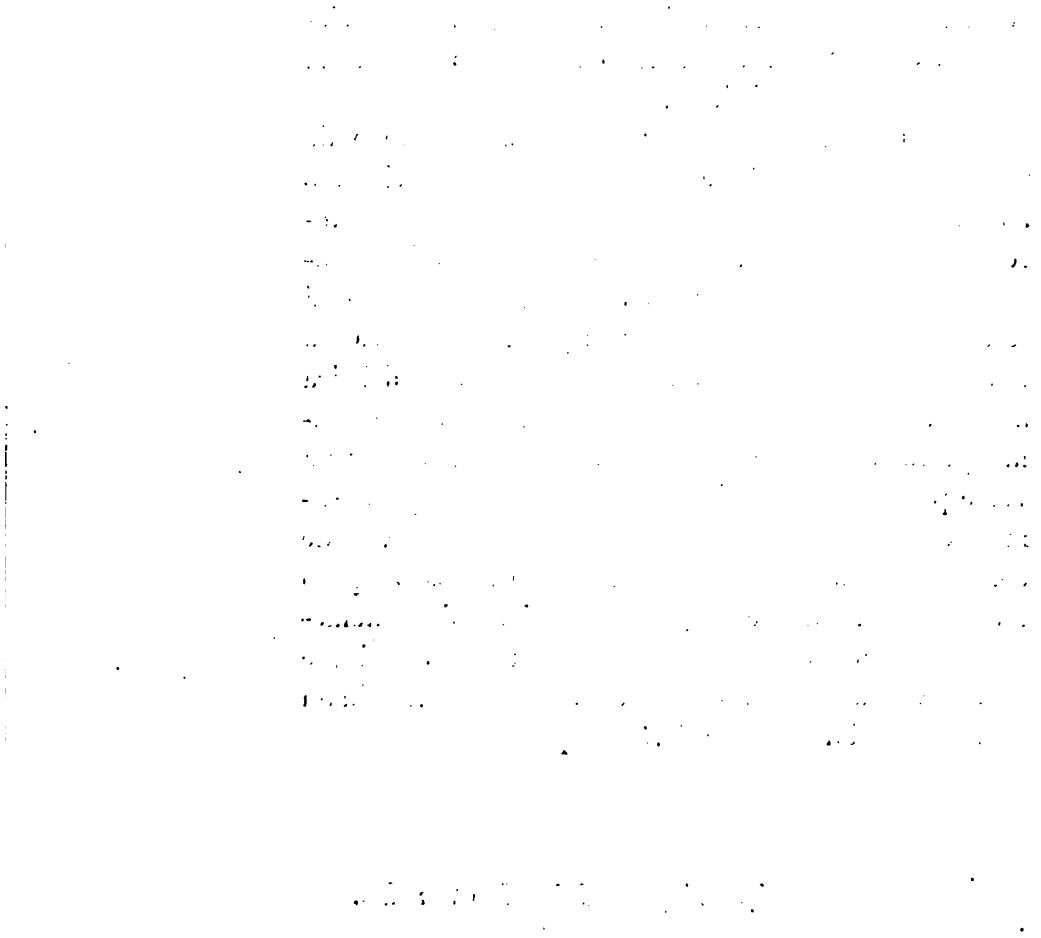
Ao que acêrca da pronuncia se lê nas primeiras paginas da grammatica só tenho que acrescentar que as letras tildadas *g̃, d̃, z̃, b̃, ṽ,* etc., cuja adopção foi suggerida pelo competentissimo typographo da Imprensa Nacional, o sr. J. A. Dias Coelho, representam respectivamente o valor de cada uma das mesmas letras sem o til, precedido de uma consoante nasal do mesmo orgão a que pertence cada uma d'ellas; assim *d̃, z̃* equivalem a *nd, nz, b̃* a *mb,* etc. Adoptou-se este modo de escrever de preferencia aos mais geraes *nd, n'd, 'nd,* etc., porque, se a primeira d'estas graphias era em si exacta — *n* nasal lingual + *d* explosiva branda lingual —, não tem por outra parte o nosso alphabeto caracteres para a nasal guttural (*g̃, k̃*) ou labio-dental (*ṽ, f̃*), sendo inteiramente infieis, e portanto incorrectas as outras duas graphias com o apostropho.

Concluindo esta prefação direi ainda que entendi ser grato aos meus consocios e ao publico em geral o verem á frente d'este opusculo os retratos do presi-

dente annual e do secretario perpetuo da nossa Sociedade, os ex.^{mos} srs. conselheiro Francisco Maria da Cunha e Luciano Cordeiro.

É uma homenagem de muita consideração e de muita estima que d'este modo lhes tributo, avivando ao mesmo tempo no meu espirito e no dos meus leitores a memoria dilecta de que a estes nossos dois consocios vim encontrar no meu regresso occupando, á testa d'este gremio illustre, os cargos importantes e a todos os respeitos bem merecidos, em que os deixára ao afastar-me da patria, em serviço d'ella, com o animo perturbado pelo ancioso receio de a não tornar a ver e pela magnitude das responsabilidades que assumia, e para arrostar as quaes tamanhas provas de confraternidade e de incitamento e tão valioso amparo recebi sempre d'estes nossos consocios e da benemerita Sociedade em geral, que no seu seio quasi que abrange quantos em Portugal estudam e trabalham desinteressadamente em favor da patria.

Henrique Augusto Dias de Carvalho.



PREFACIO

Durante a missão de que fui encarregado nas terras do Muatiânvua, impoz-se-me logo em Malanje a obrigação de estudar as *linguas dos povos* com quem precisava de entreter relações, pois que já conhecia por experiencia que um interprete como intermedio nestas relações, além de fastidioso, rouba muito tempo durante o dia, commette erros, mesmo no que nos é mais trivial; informador inconsciente, que, pelos interesses peculiares a que mira e ignorancia da responsabilidade que assume, mente para nos ser agradavel e torna-se, portanto, um perigo constante a nosso lado.

D'esta entidade pode dizer-se, actualmente, ainda muito mais do que dizia Cannecattim no seculo passado: «Os interpretes são negros do paiz, gente bruta, que ignora da sua propria lingua uma grande parte, e que da portugueza apenas sabe os termos mais vulgares e usuaes; frequentemente uns taes interpretes,

ou não percebem a força e o verdadeiro espirito das palavras portuguezas, ou não sabem achar e escolher na sua lingua termos que propriamente lhe correspondam, de que pode resultar o ensinar erros substanciaes, assim a respeito do que devemos crer, como do que devemos obrar.»

Como todas as linguas agglutinativas não escriptas, as d'estes povos dependem de felizes memorias e tradições, e d'ahi a variedade que nellas se encontra em periodos não mui longos.

Não me admira que Cannecattim tivesse no seu tempo, com respeito á *lingua ambunda,* de fazer alterações em apontamentos antigos que lhe legaram seus antecessores nas missões de Angola. Esses apontamentos eram para portuguezes e não tiveram a propaganda que era indispensavel entre aquelles povos; e demais, foram obtidos entre uma tribu de uma dada região, sem se attender á proveniencia da lingua que nella se fallava.

Devido a isto certamente, na actualidade, tenho de acceitar alguns dos erros apontados e não as alterações por elle indicadas. Assim, por exemplo, Fr. Antonio do Couto adoptou *u* para inicial do vocabulo na segunda pessoa do singular dos verbos e *mu* para a da segunda e da terceira do plural em todos os tempos; Cannecattim, quasi dois seculos depois, altera aquelle em *gu* e este em *nu* e *a,* conforme a pessoa.

Pelo que observei em todos os povos desde Malanje e cujas linguas constituem o meu VOCABULARIO, acceito *u* para a segunda pessoa do singular, *nu* para a segunda do plural e *a* ou *ba* para a terceira do plural;

devo, porém, notar que em todos os povos se ouve muitas vezes *mu* em logar de *nu,* e que se Couto tambem para a terceira do plural o admittiu, é isso devido á confusão das vocabulos *énu* e *éne* «vós e elles», porque são pouco cuidadosos nas terminações, e ainda porque *éne* é raro empregar-se isolado na conversação, pois sempre lhe addicionam vocabulos que indicam de quem se trata.

Estes e outros defeitos de falta de investigação, e que se adquirem dos chamados praticos, são-nos transmittidos pela philaucia dos taes interpretes, individuos estes que, quanto mais nos internâmos pela provincia de Angola, menos comprehendem a sua e a nossa lingua. Além d'isto, não é no littoral, nem mesmo nas suas proximidades, que se deve fazer o estudo da *lingua ambunda,* porque as difficuldades e dissidencias sobre um vocabulo e sua interpretação crescem da costa para o interior, onde, ainda assim, lá se ouve uma ou outra palavra portugueza já admittida, embora com prefixos e terminações da região em que se encontra; e, torna-se notavel, que vocabulos derivados vão encontrar suas raizes nos povos mais internados.

A disposição das palavras é cousa que pouco importa, ou melhor, não percebem os interpretes, que chegam a ignorar tambem a sua significação, e d'aqui os extensos circumloquios que nos impacientam, aborrecem e fatigam, obrigando-os a respostas não menos extensas, para que, ainda assim, nos possam transmittir apenas o que julgam essencial.

Este defeito entre aquelles povos não se dá. Fazem suas narrativas extensas, porque os exordios remontam

sempre a cousas antiquarias — recordações e comparações — para attingirem o seu fim. São, porém, concisos nas suas conversações, e na falta de termos servem-se de gestos, tregeitos e exclamações que os substituem.

Por isto se pode fazer idea das difficuldades com que teem luctado os exploradores estrangeiros, que com esses interpretes aprendem primeiro a lingua portugueza, para depois os entenderem na dos povos, por onde teem de transitar. E é devido ás más interpretações e pouca consciencia de taes mestres, que se notam erradas denominações nas cartas d'esses illustres exploradores sobre a região que percorri, dando até a serras nomes de riachos por que se conhecem os acampamentos, e substituindo o nome de potentados por aquelle que lhes lembra na occasião.

Quando taes homens, a nós portuguezes, nos entendem com difficuldade ou não nos percebem, o que nos obriga a continuadas explicações, até de phrases e mesmo de vocabulos, quantas erradas interpretações não terão esses estrangeiros nos seus estudos de linguistica africana?

Nos tres mezes que estive em Malanje, tive a fortuna de encontrar sempre de bom humor para aturar as minhas impertinencias, sobre o estudo da *lingua ambunda,* uma intelligente, quanto bondosa senhora, filha d'aquelle prestimoso e tão fallado coronel e abastado proprietario Manuel Antonio Pires, de Pungo Andongo.

Educada em Loanda por um dos bons professores da lingua portugueza, que lá houve, conhecia bem a nossa grammatica. Este conhecimento, com o que

tinha de todos os dialectos que se fallam de Loanda até Malanje, sua extrema bondade, discussões e consultas a que diariamente se prestava, eram predicados especialissimos da minha boa mestra, a quem devo a chave, que me deu entrada no estudo das linguas dos povos com quem tratei; e dando a este publicidade, era dever meu reservar uma pagina para o seu nome, como prova da minha gratidão.

O que mais embaraça neste estudo, é tanto a adopção de vocabulos portuguezes com prefixos e pronuncias peculiares, como abreviações e composição de novos vocabulos, com o esquecimento de antigos, e principalmente a construcção.

Exemplos:

Afogar. — *kuṅeña*, já substituem por *kufolokala*

Barris de polvora. — No Congo: *jibarele ña fuḏaña* (de «barril»). Em Malange e Cassange, *jilôba ña fuḏaña*, (de «arroba», peso antigo dos barris). Nos povos além do Cuango, *jiñoma ña faḏa* (de «um instrumento de pancadaria», de que o barril, na forma, é uma miniatura.

Construir. — *kutuña:* já se disse *kutuḵa.*

Guardar. — *kubaka,* em vez de *kuluḏa.*

Vem cá. — *Zakó,* abreviatura de *eza kuno.*

Não senhor. — *kañana,* abreviatura de *kana ña.*

Fidalga. — *naḇaža,* abreviatura de *ña ḇaža.*

Conheci logo em Malanje que muitos vocabulos, ahi usados na *lingua ambunda,* o eram tambem em Cassanje, no Congo, e tambem na Lunda entre o 6° e 11° latitude sul do equador, e do Cuango ao Lualaba, havendo em alguns povos d'esta vasta região insignificantes differenças; o que se torna mais notavel em

tudo o que nos é primitivo, como — designação das partes do corpo humano, graus de parentesco, numeração, funcções naturaes, etc.

Exemplos:

Cabeça. — Em todos: *mútuè.*
Miolos. — *ŭoŏ̃o* ou *uhoŏ̃o.*
Olho. — Em todos: *disu.*
Orelha. — *ditŭi* ou *katŭi.*
Barriga. — *divu* ou *divumo.*
Pae. — *tata* ou *tátuko.*
Filho. — *mọna* ou *mŭana.*
Primo. — *kisoñi* ou *musoñi.*
Dois. — *adi* ou *ari.*
Tres. — *tato* ou *sato.*
Seis. — *sâmaño* ou *sâb̃año.*
Dez. — *kumi* ou *kuñi.*
Comer. — Em todos: *kudĭa.*
Beber. — Em todos: *kunŭa.*
Engulir. — Em todos: *kumiña.*
Gritar. — Em todos: *kudikola.*
Mandar. — Em todos: *kutuma.*
Concha. — Em todos: *jib̃o.*
Companheiro. — *mukŭêtu.*
Dar. — *kubana* ou *kupana.*
Acabar. — *kubŭa* ou *kupŭa, kŭabŭa* ou *kŭapŭa.*
Dobrar. — *kuvujĭka* ou *kuvujĭa.*
Barulho. — *vud̃a* ou *luvud̃o*
Companhia. — *mŭavulo* ou *mŭavudi*

Preparado com um importante vocabulario de seis dialectos diversos, e possuidor de um bom numero de regras grammaticaes, procurei fixar os sons, as formas e o sentido das palavras que ia escrevendo entre os povos com quem convivi; e ac ando-me na capital da

Lunda, por onde, tudo me leva a suppor, passaram as correntes de emigração da maior parte dos povos, que, com o tempo, se foram espalhando de além do Cassai para aquem do Cuango, e com essas emigrações em differentes epochas, as linguas que a tradição lhes legou; resolvi organisar um trabalho inteiramente pratico e escripto na mesma região em que me encontrava.

Julgo que preenchi uma grande lacuna nas linguas agglutinativas da Africa Central austro-occidental, porque até ao presente ainda não appareceu uma monographia abundante de vocabulos, de regras grammaticaes e factos phonologicos bem caracterisados, como esta, em que me guiei pelos modernos processos de investigação, e que denominei — *Methodo pratico.*

Dividi este methodo em tres partes: *phonologia, morphologia* e *syntaxe.*

Em cada uma d'ellas, conservando a evolução natural e communicativa por muitos exemplos, exercicios e narrações, procuro justificar as deducções a que fui levado, e o leitor pode ir construindo phrases e verter alguns trechos, á medida que for assenhoreando-se dos vocabulos e regras que se vão apresentando.

PARTE I

PHONOLOGIA

PRELIMINARES

É difficil estabelecer orthographia para uma lingua analphabetica, e mais difficil fazê-la comprehender, quando se considerem as differenças que existem na pronunciação dos caracteres romanos nos diversos idiomas europeus.

O fundamento dos sons é, porém, assaz conhecido, e por isso tratei de reconhecer os que mais dominavam, e como se formavam em cada uma das regiões anatomicas do tubo vocalico.

Os sons vocalicos (ou vogaes) são, em geral, como os nossos, estendendo-se, porém, mais a sua escala, e dando-se mais sonoridade a cada um d'elles.

Nós, em Portugal, apenas fixâmos geralmente quinze d'estes sons, sendo dez puros e cinco nasalados. O meu ouvido, escutando os indigenas com a maxima attenção, fez-me distinguir dezoito sons, sendo treze puros e cinco aspirados.

Adopto, pois, para distincção dos sons glotticos puros, como se vê na pag. 3, os signaes graphicos ˋ, ˆ, ˇ, sobre as respectivas vogaes, e com Lepsius[1] e outros ˛ subscripto.

Aspiram-se as vogaes com aspiração *branda* (como o *he* das linguas semiticas e *h* inglez medial, por ex.: *my hand),* o que

---

[1] *Standard Alphabet,* 1863, pag. 18 e *passim.*

é caracteristico das linguas da região central-austral, tornando-se mais frisante entre as tribus de Quiôco, Bângala, Capenda e Congo interior. É certo que entre nós tambem se aspiram algumas, porém, como excepção e interjectivamente.

As aspirações, entre elles, conhecem-se tanto mais quanto é maior a expansão que pretendem dar aos vocabulos. Se passam muitas vezes despercebidas, é isso devido á precipitação com que fazem succeder os vocabulos nas suas orações.

A nasalação, que entre nós se faz por meio dos tres signaes graphicos ˜, *m*, *n*, represento-a apenas por ˜ sobre a consoante nasalada.

A aspiração não posso deixar de a indicar com *h*, por causa dos accentos nos sons vocalicos.

Uso da ligação (‿) para unir dois vocabulos entre os quaes ha accommodação phonologica sem encorporação; do hyphen (-) quando essa encorporação se dê; e do apostropho (') quando haja suppressão de letra. O accento agudo (') indica vogal aberta de syllaba predominante, e a dierese sobre o *e* (*ë*) denota a crase de $a + i = e$.

A regra de accentuação graphica que adoptei é a do menor numero de signaes: assim deixo sem o signal ˛ as vogaes surdas postonicas, entendendo-se que *a*, *e*, *i*, *o*, *u* sem diacritico, depois de consoante e da syllaba accentuada, em geral a penultima, se pronunciam surdas; quando, por excepção, em tal caso, ellas tenham o som aberto, serão marcadas com o accento grave.

Como, porém, as vogaes pretonicas sejam quasi sempre abertas, indicarei com o diacritico ˛ as que forem surdas antes da syllaba predominante.

Marco com o conhecido signal de breve (˘) o *i* e o *u* átonos antes ou depois de vogal, equivalendo, portanto, as letras assim marcadas ás semivogaes palatal e labial, que na orthographia ingleza são indicadas por *y*, *w*; sendo, pois, $\breve{i} = y$, e $\breve{u} = w$, letras estranhas ao nosso alphabeto, e cujo emprego assim evito, conformando-me com os systemas graphicos de muitos auctores, quer nacionaes, quer estrangeiros.

Sons vocalicos

Teem elles dezoito sons para as vogaes, sendo treze puros e cinco aspirados, que distribuirei pela seguinte forma:

A	Puros	aberto:	*à*	como em	*v**a**ra*	*ŭàpẹ*	«bom».
		fechado:	*â*	» »	*c**a**da*	*kupânạ*	«dar».
		surdo:	*ạ*	» »	*col**a***	*ribàlạ*	«calvo».
	Aspirado:		*ha*			*môŭhạ*	«palanquim».
E	Puros	aberto:	*è*	» »	*cane**c**a*	*pàlèpạ*	«alto».
		fechado:	*ê*	» »	*cêp**a***	*lupêtọ*	«rico».
		surdo:	*ẹ*	» »	*tard**e***	*lusẹ*	«ponta».
	Aspirado:		*he*			*kuhèlạ*	«colhêr».
I	Puros	aberto:	*ì*	» »	*t**i**ro*	*jìlạ*	«passaro».
		surdo:	*i̱*	» »	*cand**i***	*kâdi̱*	«ainda».
	Aspirado:		*hi*			*kuhìmạ*	«respirar».
O	Puros	aberto:	*ò*[1]	» »	*b**o**ta*	*mòlạ*	«cinto».
		fechado:	*ô*	» »	*p**o**vo*	*àôsọ*	«todos».
		surdo:	*ọ*	» »	*liv**r**o*	*uàtọ*	«canôa».
	Aspirado:		*ho*			*kuhòhạ*	«lavar».
U	Puros	aberto:	*ù*	» »	*r**u**a*	*mùkùtạ*	«caça».
		surdo:	*u̱*	» »	*trib**u***	*kâmu̱*	«mais».
	Aspirado:		*hu*			*dihùlọ*	«céo».

Grupos de vogaes não formando dithongo:

èa	como em	*é a* casa	*kuzèa*	«enfraquecer».
ùa	» »	fal*ua*	*ditùa*	«vesiculas no corpo».
hùa			*kuhùa*	«cair».

[1] *o* castelhano, entre *ô* e *ò*. Em geral as vogaes abertas *à, è, ò* são menos abertas que em portuguez, sendo-o ainda menos antes de nasal; fóra d'este ultimo caso marcâmos com o circumflexo (*ê, ô*) as que nos parecerem decididamente fechadas. Semelhantemente *á, é, ó*, antes de nasal, indicam serem estas vogaes tonicas excepcionalmente abertas.

Os sons surdos *ę* e *i̯*, como terminação, na maior parte dos casos parecem confundir-se; porém, distinguem-se bem quanto á ligação dos vocabulos, porque então se tornam agudos. Ex.: *ɓuri̯*, *ɓurę* «carneiro». Conhece-se ser o primeiro porque se diz: *ɓurí-ŭapę* e não *ɓuré-ŭapę* «bom carneiro».

O mesmo se dá com *o̯* e *u̯* finaes. Ex.: *ŭato̯*, *ŭatu̯* «canôa». Servindo-se do mesmo artificio elles dizem: *ŭató-ŭapę*, e não *ŭatú-ŭapę* «bonita canôa».

Tambem confundem o *a̯* e *ę* no caso que considerâmos: *ŭapę*, *ŭapa̯*, e outros como: *kajilę*, *kajila̯*. É o primeiro, e não o segundo, que devemos dizer, porque dizem: *kajilé_kaŭapę* e não *kajilá_kaŭapę* «bonito passarinho».

Só o apuro do ouvido poderá dar taes distincções; porém, desconfiando muito do meu, e querendo frisar bem as terminações por não desejar attribuir ás pronuncias de diversos o que fosse defeito de audição, apurei o que me foi possivel por este e meios analogos.

Com *ŭapę* «bom, bem», succede como entre nós com o *ui* de «muito», em que algumas provincias nasalam o *ui;* de entre elles alguns nasalam o *p*. Ex.: *ŭapę̃*. O mesmo se dá com *ipę* «mau, mal», que tambem se ouve dizer *ipę̃*.

Observações. — I. Na enunciação usual e desapaixonada os sons surdos das vogaes *a̯*, *ę*, *i̯*, *o̯*, *u̯*, são ciciados, isto é, proferidos sem voz, em segredo, quando, após a syllaba tonica, são acompanhados de consoante surda (*f*, *k*, *p*, *s*, *t*, *x*, *č*) não nasalada, por exemplo em *tátu̯ko̯;* sendo em tal caso essas vogaes quasi imperceptiveis, e sujeitas a de todo desapparecerem na pronunciação.

Phenomeno analogo se dá com as vogaes *e*, *i*, *o*, *u*, na mesma situação, em portuguez, proferindo-se tambem sem voz, como em segredo: do que são exemplos *mato̯*, *matę*, *princi̯pę*, etc. Pareceu-me ocioso marcar essa atonia com o signal ˛, de que me servi para a indicar nos vocabulos citados, visto que, pela sua analogia com facto identico em portuguez, ella será involuntariamente produzida, apontada como fica a lei que regula a sua manifestação.

II. Quando em qualquer vocabulo os sons deixem de ser indicados pelos devidos accentos, é porque se pronunciam as vogaes como em portuguez, e para não complicar a composição typographica dos exercicios e themas os supprimi; entendendo-se que a ausencia de accentuação graphica sobre a vogal tonica denota ser esta a da penultima syllaba do vocabulo, simples ou composto, primitivo ou derivado, quando a ultima syllaba não contenha dithongo cujo segundo elemento seja *ĭ* ou *ŭ*, porque neste caso é esta a syllaba predominante.

Quando, não obstante estas regras, ao leitor se offereçam duvidas, poderá recorrer ao VOCABULARIO que faz parte d'esta obra, no qual todas as dicções estão accentuadas.

Advirto tambem que o accento grave (`) sobre as vogaes abertas atonas converte-se em agudo (´) quando passam a ser tonicas. Algumas syllabas tonicas, em que a hesitação me pareceu que seria mais facil dar-se, são marcadas mesmo no texto.

Dithongos

Distingo puros vinte e tres dithongos, entre tonicos e atonos, e aspirado apenas um. Formam dois grupos, o primeiro dos quaes tem como predominante a primeira vogal, e o segundo a ultima. A vogal fraca d'estes dithongos é *ĭ*, ou *ŭ*, que nos do segundo grupo equivalem respectivamente a *y*, *w*, inglezes, como já disse.

São puros:

Com a 1.ª vogal predominante	*aĭ*	como em	alf*aia*	*kapaĭa*	«cesto pequeno».
	aŭ	» »	p*auta*	*kipaŭa*	«malla de palha».
	eĭ	» »	c*eia*	*useĭa*	«negocio».
	éu	» »	chap*éu*	*muléu*	«aguia».
	êu	» »	jud*eu*	*dizêu*	«dente».
	óĭ	» »	b*oia*	*katóĭ*	«mocho».
	ôĭ	» »	j*oio*	*môĭo*	«vida».
	oŭ	» »	mat*ou-a*	*diloŭa*	«gancho».
	uĭ	» »	alel*uia*	*luĭa*	«amor».

Com a 2.ª vogal predominante

ĭa	como em	*di*abo	*ĭa*	«de».
ĭé	» »	*vié*la	*kuĭéla*	«doer».
ĭê	» »	*hyê*na	*ĭê*	«sim».
ĭó	» »	*meó*los	*čĭópo*	«copo».
ĭô	» »	*meô*lo	*čĭôso*	«qualquer».
ŭá	» »	*quatro*	*ŭá*	«é, de, lá».
ŭa	» »	*agua*	*kábŭa*	«cão».
ŭa (*ŭâ*)	» »	*guano*	*sŭana*	«herdeiro».
ŭé	» »	*sueco*	*ŭasŭéji*	«bravio, teimoso».
ŭè	» »	*aloes*	*mútŭè*	«cabeça».
ŭe (*ŭê*)	» »	*dueto*	*maŭeno*	«sogra».
ŭi	» »	*rui*noso	*dizŭi*	«palavra, voz».
ŭó	» »	*suór*	*zŭó*	«cubata especial».
ŭô	» »	*o ovo*	*ŭoma*	«medo».

É aspirado:

hoŭ como em *kuhoŭa* «banhar».

Articulações

Se os sons glotticos se apresentam em maior numero do que os que adoptâmos na nossa lingua, as articulações fazem-se com rapidez, quer pelo movimento dos labios, quer pelo da lingua de encontro aos dentes, labios e céu da bocca.

Todos os indigenas teem estes orgãos bem proporcionados, e as articulações que fazem são perfeitas.

O que notei de mais extraordinario é a grande tendencia que teem a nasalar as principaes articulações e a facilidade com que trocam as articulações de regiões differentes, e ainda nas mesmas, como a linguo-dental *d* com *r* e *l*, o que constitue uma das grandes difficuldades da pronunciação.

Para nasalação das articulações adopto o signal ˜, como já disse. O č nasalado representá-lo-hei simplesmente por c̃.

As articulações por elles adoptadas são as seguintes:

Gutturaes. — (*g*), *k*, em principio de syllaba.

O *g* ante qualquer som vocalico, porque *ge, gi* se substitue por *je, ji*. Ex.: *ikaĝa* «esteiras», *mŭeĝe* em vez de *mŭeĝue*

«canna», *sŭiĝile* em vez de *sŭiĝuile* «tolo», *museĝo* «chifre», *čizaĝulo* «pente». Parece não existir *g* sem ser nasalado.

O *k* substitue o *ç* e o *qu*. Ex.: *kakŭata* em vez de *caquata*, «auctoridade», *xakéne* em vez de *xaquène* «verdade», *kulekexe* em vez de *culequexe* «perdoar», *kukina* em vez de *cuquina* «dançar», *lukisa* em vez de *luquisa* «preguiça», *čikoloo̍bolo* «gallo», *kukŭete* «ter».

O *k*, quando é nasalado, confundem-no muitas vezes com *g* egualmente nasalado. Ex.: *laka̍* ou *laĝa* «saudação da manhã», *kuleka̍* ou *kuleĝa* «correr, fugir», *kubaka̍* ou *kubaĝa* «fazer».

Observações. — Posso assim dispensar o *q*, de que só teria a servir-me para os casos de *que* e *qui*, que ficaram substituidos por *ke* e *ki*.

Ha vantagem em dar a cada uma das articulações (*g*), *ĝ* e *k* uma unica letra, porque sempre que a palavra for composta e qualquer d'ellas for final de raiz, não muda, como succederia para o caso de *que, qui,* e *gue, gui*. Ex.: *kuṅika, kuṅikixa* e não *kuṅiquixa; kuleka, kulekexe* e não *kulequexe; kuzuĝa, kuzuĝixa* e não *kuzuĝuixa; kutaĝa, kutaĝele* e não *kutaĝuele*.

As unicas articulações representadas por duas letras em portuguez, que lhes pude perceber, e bem distinctas, foram *nh* e *ch*, para as quaes adopto os signaes já conhecidos *ṅ* e *č*, devendo-se advertir que o *č* se pronuncia quasi como em inglez, hespanhol e nas nossas provincias do norte o *ch*, que por aquella letra substituo. Em geral estas articulações poucas vezes apparecem no meio de um radical, sendo o *č* quasi sempre prefixo equivalente aos artigos portuguezes «o» ou «a». Ex.: *teĝaṅi* «flor», *aĭaṅi* «vão todos», *tuĭaĝaṅi* «vamonos», *akŭataṅi* «agarrem»; *čikita* «pelle», *ďiamačiko* «amanhã», *ičidi* «fenda», *čiseke* «chapellinho de sol», *učuko* «noite».

Linguo-palataes — *j, x,* em principio de syllaba.

O *j* confunde-se em alguns vocabulos com *z*. Ex: *ejile, ezile* «vieram», *ejika, ezika* «sabem».

Substitue sempre o nosso *g* antes de *e* e *i*, porque adoptei *ge* e *gi* para *gue* e *gui*, como o tenho feito já. Ex.: *kazŭeĝe* «pobre», *ikuĝi* «homem».

O *x* substitue o *ch (sh* inglez e *sch* allemão). Ex: *xakéne* «verdade», *maxika* «frio».

Linguo-dentaes. — *d, l, n, r, s, t, z,* em principio de syllaba.

O *d, n, t,* como em portuguez[1]. Ex.: *didama* «caco», *dijina* «nome»; *mukano* «bôca»; *tadi* «duvida», *tẽdu* «desordem».

O *d* confunde-se em algumas palavras com *r* e *l*. Ex.: *divumo, rivumo* «barriga», *udile, ulile* «comeu», *kuludika, kulurika* «concertar», *kuxidila, kuxilila* «calcar.»

O *l* confunde-se com *r* brando. Ex.: *lulŭa, rurŭa; lŭiza, rŭiza; lŭaĝe, rŭaĝe* «nomes de rios», *muluda, muruda* «amigo».

O *r* poucas vezes tem o som forte, mesmo que seja inicial; mas quando o tenha dobro-o. Ex: *rruka* «o infunde», *marra* (especie de bebida).

O *s* tem o mesmo som que em portuguez quando inicial; e substitue o *ç* e *ss*. Ex.: *kase, kasasa* «nomes de homens», *kasŭè* «fogo», *kusoka* «egualar», *kusoneka* «escrever».

O *z* com o som inicial de syllaba portuguez e substituindo o *s* entre vogaes. Ex.: *kazŭeĝe* «pobre», *muzuro* «nariz», *kuzaĝa* «pentear», *mazêu* «dentes».

Labio-dentaes — *f* e *v,* em principio de syllaba.

Tambem estas as confundem em alguns vocabulos. Ex.: *kuvuda, kufuda* «embrulhar», *kavuĵi, kafuĵi* «emigrante».

Esta confusão já foi notada por Gamitto na sua viagem em 1851 ao Muata Cazembe, quando ouviu fallar do grande potentado de quem este era subdito. Ficou em duvida se devia dizer *Muatianfa, Muatiafa* ou *Muatianva.* Na verdade o *v* principia por som de *f* para terminar como *v,* e isto vem já do verbo *kuṽŭa* «possuir». Aquelle titulo abrange tres vocabulos: *Mŭata ĭa aṽŭa* «senhor de riquezas».

Labiaes puras. — *b, p* e *m,* em principio de syllaba. Ex.: *kabŭa* «cão», *lupasa* «caneca», *mutena* «sol», *divumo* «barriga», *kamexi* «gato».

---

[1] Ou melhor: como em inglez, isto é, no ponto em que proferimos o *r* de dar, caro.

Articulações nasaladas: — *b̃, d̃, f̃, g̃, j̃, k̃, ñ, p̃, l̃, ṽ, z̃, c̃*. Ex.: *b̃aža* «residencia»; *d̃ada* «algodão»; *kuf̃ŭa* ou *kuṽŭa* «pertencer»; *g̃aka* «avô»; *j̃ila* «caminho»; *k̃ala* «caranguejo»; *ñaka* «cobra»; *p̃aka* «faca»; *muṽu* «pessoa»; *ṽud̃a* «bulha»; *z̃èò* «formiga»; *ac̃i* «se».

Vocabulos

As syllabas de que se compõem os vocabulos constam de dois elementos, o primeiro dos quaes consoante ou semivogal (*ĭ, ŭ*), e o segundo vogal ou dithongo.

O accento tonico recae quasi sempre na penultima syllaba e por isso mesmo, com poucas excepções, os vocabulos são graves, o que se reconhece pelos exemplos já apresentados.

Poucos são os agudos, como: *dizêu* «dente», *dič̆iad̆iá* «depois de amanhã». Porém os graves tornam-se agudos unindo-se a outros. Ex.: *ŭape, ŭapé‿kamo* «bom, melhor»; *ukŭete, ukŭeté‿ŭoma* «tem, tem medo», o que já se advertiu a pag. 6.

Muito poucos são os esdruxulos ou proparoxytonos, como: *sâb̃año* «seis», *tátuko* «pai».

Observações. — I. Os bângalas e os quiôcos já vão differindo dos lundas, fazendo predominar os accentos nas ultimas syllabas.

II. No decurso d'esta obra eliminarei em geral o accento marcado em vogal aberta, e que se entende ser o agudo (´), ou antes de nasal o circumflexo (o que já ficou advertido a pag. 7, Obs. II), todas as vezes que recáia na vogal da penultima syllaba.

D'este modo se simplifica em muito a escripta e composição typographica. No Vocabulario, porém, todos os accentos distinctivos vão assignalados. Os polysyllabos terminados em vogal oxytonos e proparoxytonos (agudos e esdruxulos) vão todos accentuados graphicamente no texto, e assim tambem os paroxytonos cuja vogal predominante seja *â, ê, ô*, caracterisadamente fechados antes de consoante que não seja nasal ou nasalisada.

Nos vocabulos temos em attenção os prefixos, por ser nelles que se baseia a morphologia da lingua, e os suffixos, porque estes, já por addições, já por eliminações e contracções, os fazem alterar.

Tambem a troca de prefixos dá logar a alterações. Ex.:

čiŭape	«bonito».	*kŭata*	«agarrar».
kŭape	«agradar».	*kŭatana*	«ligar».
kŭapexe	«embellezar».	*kŭatạnexe*	«amarrar».
kuta	«metter».	*ditoka*	«branco».
kuteka	«guardar».	*kutoka*	«branquear».
kutekexe	«conservar».	*kutokexa*	«limpar».
kuleka	«deixar».	*p̃aka*	«faca».
kulekexa	«largar».	*kap̃aka*	«faquinha».
kulekele	«perdoar».	*kup̃aka*	«esfaquear».

Contracções e elisões

Na união de vocabulos notei que das seguintes contracções dos sons vocalicos contiguos resultam sons differentes, predominando a lei de elisão da vogal final do primeiro. Ex:

a final + *e* inicial = *e* Ex.: *divuğa* + *edi* = *divuğ' edi* «este panno».
a » + *i* » = *ĕ* » *ma* + *isu* = *mĕsu* «olhos».
a » + *u* » = *u* » *bad̃a* + *ŭape* = *bad̃' ŭape* «boa mulher».
e » + *i* » = *i* » *lukaĝe* + *iôlu* = *lukaĝ' iôlu* «essa gallinha do mato».
i » + *a* » = *a* » *ni* + *a* = *na* (prefixo do preterito).
i » + *e* » = *e* » *ikuĝi* + *ei* = *ikuĝ' ei* «este homem».
i » + *o* » = *o* » *ni* + *ôvŭa* = *n'ôvŭa* «eu entendo».
u » + *o* » = *o* » *ku* + *ôvŭa* = *k'ôvŭa* «entender».
u » + *u* » = *u* » *mul̃u* + *ŭipe* = *mul̃' ŭipe* «má pessoa».

Observação. — Com respeito ao *a* final e *u* inicial, a contracção dá-se em *a* se aquelle for aberto como no prefixo *mà*. Ex.: *ma* + *uta* = *mata* «armas».

Abreviações

Fazem muito uso de abreviações, reunindo dois, tres e mais vocabulos a constituirem um só. Ha mesmo monosyllabos que abreviam a phrase. Ex.:

na	por	*ǧina*	«senhora, auctoridade».
mu	»	*muǰu*	«pessoa».
tá	»	*leta* ou *neta*	«traze».
kó	»	*kunoŭko*	«aqui».
nĭê	»	*mŭane ĭê*	«sim senhor».
kaná	»	*kanaǧana*	«não senhor».
avdĭê ou *avrĭê*	»	*avudi iê*	«sim, muito obrigado».
zakó	»	*ezá kunoŭko, ezá kuno*	«venha cá».
ŭeǰi	»	*ŭeǰele ŭape*	«bom chegasse». (Se um vem ao encontro de outro, é a saudação que este lhe dá: «bemvindo seja»).
bili	»	*tala bili*	«repare ainda, olhe, tenha attenção». (Maneira de um superior chamar o inferior que está a alguma distancia).
lukokexe	»	*lu kŭoka exe*	«o que dá hospitalidade». (É o titulo que se deu a Luéji, primeira mãe de Muatiânvua).
mamoje-mak' eǰe	»	*mŭamo ači maka eǰe*	«finalmente» (Á letra: «assim se a conversa anda»).

Observação. — É preciso ter em muita attenção as abreviações, para que não succeda como a Livingstone, que suppoz *avrĭê* corrupção de *Ave Maria*. Conhece-se que o *r* e *d* se não distinguem bem em muitos vocabulos, e o *ĭê* é só por si o vocabulo «sim»; portanto o vocabulo desdobra-se em *avdi ĭê;* ora como muitos povos pronunciam bem *avudi* segue-se que aquelle é uma corrupção d'este, que se interpreta por «abundancia, muito», etc.

Interpolações

Consistem as interpolações em uns termos especiaes, phrases antigas, interjeições adequadas, gestos e movimentos das diversas partes do corpo. É por meio d'ellas que conseguem obter a emphase e exagero que teem como indispensavel, para melhor effeito nos seus discursos.

É na mussumba, na côrte, junto ao Muatiânvua, que mais se notam estas interjeições; ainda que algumas são-lhes necessarias para a substituição de termos que não teem ou já esqueceram, como as divisões do dia, indicação de rumos, distancias, alturas, espessuras, etc., que indicam com os braços e mãos; outras como rapidez, suspensões subitas, perigos, precipicios, etc., que, além d'aquelles gestos e movimentos, são acompanhadas com trejeitos e vozes especiaes.

Assim, por exemplo, as horas do dia são indicadas da seguinte forma: levantando a mão direita para o seu zenith, é meio dia; estendida esta e apontando para o lado de onde nasce o sol, são seis horas da manhã; para o lado contrario (pôr do sol), seis horas da tarde. Calculam as nove da manhã e tres da tarde, inclinando a mão no sentido da bissectriz dos angulos respectivos. Inclinando as mãos a approximar-se mais ou menos das linhas principaes indicadas, não se affastam muito das nossas divisões do horario.

Dão-nos idea das distancias, pondo a mão esquerda no peito, estendendo o braço direito e apontando com a mão o rumo, pouco mais ou menos, do logar a que se referem; e batendo ao mesmo tempo com a esquerda no peito, mostram as estações (dias de marchas, fundos[1] de duas a tres horas de marcha), e dão estalidos com os dedos da mão direita como para indicar marcha. Indicam que é longe, dando apenas estalidos, e tantos quanto maior for a distancia; se é perto

[1] Acampamentos.

em relação ao tempo, dizem *ah! ka!,* batendo as palmas das mãos uma vez e virando logo estas com um certo abandono indicando desprezo.

As alturas, indicam-nas estendendo o antebraço direito um pouco para a frente e dobrando de modo que o braço fique para cima; se dobram o corpo um pouco para a direita e o braço vae descaindo com a mão mais dobrada, são as alturas menores; de modo que uma creança pequena é representada quasi com o corpo todo descaido e a mão fechada, e a de collo como se a tivessem deitada nos braços; e as maiores alturas endireitando o corpo, e tendo o braço quasi na vertical, levantando-o ainda mais para designar as mais elevadas.

As espessuras são reguladas pelas pernas, sendo a bitola desde o delgado até á coxa, e indicando com as mãos o querer abraçá-la. Se se trata, porém, de grossos arvoredos, então o individuo que falla levanta-se, curva-se o mais que pode para a frente, e arqueia os braços, deixando grande intervallo de mão a mão e diz sempre: *ah! ka ka!* (olhando ora para um ora para o outro) *ĭči ikĭepe!* «isto é pequeno».

Fallando da grandeza de um dente de marfim, indicam-na pela perna até 60 libras (peso), movendo a mão direita desde o delgado até ao cheio. Acima do joelho é superior a 80 libras.

Mostram a pouca importancia que ligam ao que vêem ou ouvem, levantando repentinamente os hombros, e mais o direito do que o esquerdo.

A rapidez é indicada por estalidos com os dedos da mão direita, braço estendido, ao mesmo tempo que os beiços se protrahem e deixam ouvir um som guttural como *rururu...*

A grande mortandade numa guerra, indicam-na agitando desordenadamente o braço direito para os lados, suppondo a mão o gume de uma faca cortando cabeças, e movendo os beiços rapidamente, ao mesmo tempo que franzem os sobrolhos e nariz, e meneando toda a cabeça num vaivem para a frente, fazendo ouvir *pum pum pum,* e em seguida *kutapa, kutapa ni kutapa... pum pum pum, kutapa,* etc. «a guerra foi grande, matou-se muita gente a tiro e á faca».

Os precipicios são indicados, fazendo girar um braço em torno do outro tres vezes e deixando cair depois o direito; e batendo logo em seguida com a mão direita uma palmada na esquerda, vão segurar o queixo, abanando a cabeça um pouco para baixo sobre a direita, ao mesmo tempo que dizem *ah! ka!* ficando assim por algum tempo.

A suspensão indicam-na, levantando o corpo rapidamente e dizendo: *ŭohŭó!*

mŭanĭê či noeji, que abreviam ainda em *mŭê či noeji* e mesmo em *či noeji,* phrase usada como respeito para com o primeiro Muatiânvua, representado sempre pelo da actualidade, é constantemente empregada entre periodos, entre phrases e até mesmo entre vocabulos; o que a faz parecer um pretexto para folego, na rapidez com que fazem succeder as palavras na sua conversação, e tambem para lhes occorrer o vocabulo que teem a empregar em seguida áquelle em que pararam. Ex.: *ámi nĭa či noeji ni mŭéne kase ni... mŭe či noeji... ni čibiďa pačau pa... mŭe či noeji... pa čiuƀŭè,* etc. «eu vou com *(pela graça do superior)* Muene Casse e... *(idem)* com o caçador ao porto... *(idem)* do Chiúmbue, etc.»

kaloƀo, kaluĝa, žaƀi, tátuko, mŭaniê, mukŭaƀaĝo, mŭénegaďa, acompanhados de accionados, e batendo as palmas e esfregando o peito e braços com terra, são intercalações frequentes nos seus discursos, principalmente se forem interrompidos, embora apenas por uma phrase de assentimento, ou affirmativa, ou negativa de quem os escuta, e muito principalmente se for o potentado da localidade; chegando para este a deitarem o corpo no solo, e para o Muatiânvua a rebolarem-se de um para outro lado, como prova de muita deferencia e respeito.

Transcripção vulgar

Terminarei a parte d'este resumo, que comprehende a phonologia da lingua lunda, com algumas regras, que se devem adoptar para reduzir á orthographia usual portugueza os caracteres de que fiz uso na transcripção methodica, que adoptei para a representação dos sons que constituem o referido dialecto.

1.ª As consoantes nasaladas, a que sobrepuz o ˜, passam á escripta usual mudando-se aquelle diacritico em *m* antes de *b* e *p*, e em *n* antes de qualquer outra consoante. Se forem iniciaes antepõe-se-lhes além d'isso *a*.

2.ª O *k* passa a *c* antes de *a, o, u;* e antes de *e, i* a *qu*. Semelhantemente entre *g* e *e, i* seguintes interpõe-se *u*, formando o grupo conhecido *gu*.

3.ª O *s* medial dobra-se em *ss* para conservar a pronunciação inicial de *ç*.

4.ª *č* e *ń* convertem-se em *ch, nh*.

5.ª Nos vocabulos cuja ultima syllaba contém as vogaes *i, u*, finaes ou seguidas de outra vogal, indica-se sempre a vogal tonica, por isso que os terminados em *i, u* são em portuguez quasi todos agudos, e os terminados em *ia, ua*, etc., variam muito na sua accentuação.

6.ª Quando *i, u*, formem por si sós a penultima syllaba tonica de um vocabulo, serão accentuados para se conhecer que não constituem dithongo com a vogal que os precede.

7.ª A outra accentuação conserva-se, com as simplificações usadas no methodo desde pag. 11.

8.ª Os nomes proprios escrever-se-hão com letra inicial maiuscula.

9.ª Os signaes convencionaes (*ą, ȯ, ĭ, ĕ*, etc.) supprimem-se.

PARTE II

MORPHOLOGIA

I

RESUMO SYNTHETICO

Substantivos

Prefixos

Sendo certo que são os prefixos dos substantivos que regem toda a lingua, ou melhor, que todas as partes variaveis da oração a elles se subordĩnam porque deixam os seus para tomar os d'aquelles quando se lhes juntam, é, portanto, de inteira necessidade investigar quaes as funcções que os prefixos exercem nos substantivos ou razões de preferencia do seu emprego, para se conhecer a classificação ou modo de grupar os substantivos.

É notavel que já hoje apparecem muitos substantivos sem prefixo no singular; porém, como o teem no plural, o seu logar não pode deixar de ser ao lado d'aquelles que tiverem identicos prefixos nesse numero, e sabe-se que alguns dos que não teem prefixos podem usar-se com os que corresponderiam aos que elles teem no plural.

Dependente da memoria de cada um esta lingua, comprehende-se o trabalho que tivemos na arrumação dos vocabulos pelos prefixos, e sobretudo quando se não esqueça que a região central em que ella se falla é vastissima e occupada por um grande numero de tribus, que se constituiram com individuos emigrados de outras mais ou menos affastadas.

Quem tenha em attenção estas e muitas outras circumstancias, como, por exemplo, que novas emigrações trariam novos vocabulos e que a estes outros se juntaram de novos objectos que com o tempo se foram conhecendo, reconhece tambem que é difficil discriminar as primitivas classificações, porque por analogia os vocabulos que se lhe seguiram foram encorporar-se aos primeiros classificados.

Não se devem esperar, pois, regras precisas para se conhecer do uso dos prefixos; mas, no intuito de esclarecer e auxiliar a memoria, apresentaremos o que devemos á pratica e ás nossas investigações.

Reduzem-se a cinco os prefixos, em que faremos entrar todos os vocabulos dos nomes substantivos, e são:

mu

Destacam-se, nos vocabulos que teem este prefixo, os entes animados, que no plural o mudam em *a,* dos outros que a estes se encorporaram e o mudam em *mi.* Ex.:

	Sing.		Pl.
Primeiro caso	*mŭana*	«filho»	*ana.*
	mŭepŭa	«sobrinho»	*aepŭa.*
	mukaje	«mulher»	*akaje.*
	mukato	«selvagem»	*akato.*
	mukita	«osga»	*akita.*
	mururo	«escravo»	*aruro.*
	mulŭa	«portador»	*alŭa.*

	Sing.		Pl.
Segundo caso	*mŭixi*	«fumo»	*mĭixi.*
	mukada	«abrigo»	*mikada.*
	mukaka	«mandioca»	*mĭkaka.*
	mujikita	«serviço»	*mijikita.*
	musaji	«môlho»	*misaji.*
	mučima	«estomago»	*mičima.*
	mutodo	«arvore»	*mitodo.*

lu ou *ru*

Sendo para notar que a região em que se falla a lingua de que tratâmos se denomina *luda*, e que os nomes da maior parte dos rios e riachos que a cortam teem por prefixo *lu*, ex.: *lubale, lŭaĵe, lŭele, luvo, lŭôvua, lučiko, lŭačimo, lŭebe, lŭana, lŭia, lufi, lulúa, lŭiza, lusažeji, lumami, lubilaxi, lŭalaba*, etc., é de suppor que tal prefixo tenha uma ordem de preferencia e sem duvida immediata á dos entes animados, que certamente foram os primeiros classificados.

A este prefixo corresponde no plural *ji*, sem excepções.

As nossas investigações sobre os vocabulos que teem tal prefixo fazem-nos destacar os que são phenomenos da natureza, e por analogia os que representam objectos que terminam em formas mais ou menos agudas. Ex.:

Sing.		Pl.
lŭeẽele	«abysmo»	*jĭeẽele.*
lukido	«vento»	*jikido.*
luṽula	«chuva»	*jiṽula.*
luvudo	«bulha»	*jivudo.*
luse	«extremo aguçado»	*jise.*
lusuki	«cabello»	*jisuki.*
lumemo	«barbas de gato»	*jimemo.*
lutu	«colhér»	*jitu.*
lupada	«esteio»	*jipada.*
lužala	«unha»	*jĭžala.*
ludimi	«lingua»	*jidimi.*

Observação. — A par d'estes já estão vocabulos novos como: *lupasa* «caneca», *lubabo* «parafuso das armas», *luji* «prego», *lusumo* «copo de vidro»; e tambem *lutaba* «batata», *luseẽja* «poeira», *lukobo* «especie de vassoura», *lutedo* «bala», *lukaxi* «bofetada». Todos elles mudam para o plural do mesmo modo. Este ultimo exemplo torna-se muito mais saliente porque «sôco» e «couce» estão grupados na classe do prefixo *či*, como o veremos.

či ou *ki*

Notam-se entre os vocabulos d'este grupo apenas, das partes do corpo humano, braço, mão, e hombro, e tambem «o que é devido ao seu movimento», e isto faz prever que não lhes passára despercebido o fazerem a tal respeito uma arrumação especial dos seus vocabulos. Todos mudam para o plural trocando o prefixo por *i*. Ex.:

Sing.		Pl.
čikasa	«mão, braço»	*ikasa.*
čikiji	«hombro»	*ikiji.*
čikuo̯o	«cubata»	*ikuo̯o.*
čilala	«bainha das facas»	*ilala.*
čisapŭilo	«prato de madeira»	*isapŭilo.*
čieĭa	«prato de barro»	*ieĭa.*
čisoka	«machado»	*isoka.*
čizaĭulo	«pente»	*izaĭulo.*
čilalo	«ponte»	*ilalo.*
čikaĭa	«esteira»	*ikaĭa.*
čisokolo	«lança»	*isokolo.*
čino	«pilão»	*ino.*
čipaĭa	«cerca, cerrado»	*ipaĭa.*
čipaĭa	«cesto»	*ipaĭa.*
čipaŭa	«malla».	*ipaŭa.*

Observação. — Outros se juntaram a este grupo certamente por analogia, porque os emigrantes os trouxeram, ou antes, porque sendo o seu plural o mesmo, o habito lhes fez dar o mesmo prefixo do singular. Ex.:

Sing.		Pl.
čitata	«ferida»	*itata.*
čilema	«aleijado»	*ilema.*
čikita	«pelle que tem pello»	*ikita.*
čikaa̯a	«pelle de porco»	*ikaa̯a.*
čikani	«sôco»	*ikani.*

Sing.		Pl.
čisaṅi	«couce»	*isaṅi.*
čijiḡirilo	«signal»	*ijiḡirilo.*
čikalaḡa	«ninho»	*ikalaḡa.*
čisup̃e	«onça (fera)»	*isup̃e.*
čibod̃e	«porco»	*ibod̃e.*
čĭoka	«lombriga»	*ĭoka.*
čiseke	«chapellinho de sol»	*iseke.*
čiko	«praça, mercado»	*iko.*

Observação. — Na maioria d'estes vocabulos parece haver para a sua arrumação neste grupo a influencia da guttural *k* por analogia com *čikasa* «braço», e é natural que depois uns chamassem outros, como, por exemplo, *čikad̃a* «pelle de porco», *čibod̃e* «porco», etc.

di ou *li* ou *ri*

Parece que este foi adoptado para arrumação de todos aquelles que por qualquer circumstancia não deviam ter logar nos tres primeiros grupos e aos quaes se foram juntando, tendo todos por prefixo no plural *ma*. Ainda assim na maioria dos vocabulos parece ter-se em vista a forma redonda dos objectos que representam. Ex.:

Sing.		Pl.
dibuko	«buraco»	*mabuko.*
dĭaḡua	«abobora»	*maaḡŭa.*
difuṽo	«abcesso»	*mafuṽo.*
ditako	«anca»	*matako.*
divumo	«barriga»	*mavumo.*
dibala	«calva»	*mabala.*
dibõĭo	«caveira»	*mabõĭo.*
dihuro	«céu»	*mahuro.*
ditŭi	«ouvido»	*matŭi.*
dĭĭala	«pedra»	*maĭala.*
difud̃a	«embrulho»	*mafud̃a.*
disoji	«pingo, lagrima»	*masoji.*

OBSERVAÇÃO. — A estes se gruparam ainda outros, certamente por analogia, se não de formas, de pronuncia ou qualquer outro motivo. Ex.:

Sing.		Pl.
dipana	«abertura, fenda»	*mapana.*
diloŭa	«anzol»	*maloŭa.*
dibŭiji	«bago»	*mabŭiji.*
dikala	«carvão»	*makala.*
dizêu	«dente»	*mazêu.*
dičiko	«dia»	*mačiko.*
difupa	«osso»	*mafupa.*
dizŭi	«palavra, voz»	*mazŭi.*
dijaḃo	«sepultura»	*majaḃo.*
difaḋa	«polvora»	*mafaḋa.*
dĭiji	«folha de arvore»	*maiji.*
dĭeḃe	«rolla»	*maeḃe.*
ditikita	«floresta»	*matikita.*
dĭaba	«cesto pequeno»	*maaba.*
dikuba	«involucro»	*makuba.*
dĩele	«mamma»	*maĭele.*
dipŭile	«bolha»	*mapŭile.*
ditaḋa	«mocho, assento»	*mataḋa.*
dĭi	«ovo»	*maí.*
divuĵa	«panno»	*mavuĵa.*

OBSERVAÇÃO. — Nota-se ser esta classe e a que tem como prefixo *mu* as que teem maior numero de vocabulos.

ka

Este prefixo tem funcção determinada — fazer diminuitivos dos vocabulos positivos. Os que de si teem este prefixo permanente representam animaes ou objectos relativamente pequenos. Todos elles formam o plural mudando *ka* em *tu*. Ex.:

Sing.		Pl.
katumo	«agulha»	*tutumo.*
kañiéne	«vespa»	*tuñiéne*
kahoko	«craneo»	*tuhoko.*
katõi	«corvo»	*tutõi.*
kabaka	«milho»	*tubaka.*
kasaŭ	«machadinho»	*tusaŭ.*
kaseŷa	«migalha»	*tuseŷa.*
kamu	«mosquito»	*tumu.*
katuo	«estrella»	*tutuo.*
kakuŷunŭa	«cotovello»	*tukuŷunŭa.*
kabŭa	«cão»	*tubŭa.*
kamexi	«gato	*tumexi.*
kaulo	«sitio»	*tuulo.*
kakuda	«corcunda»	*tukuda.*
kadiŷa	«bombó»[1]	*tudiŷa.*

OBSERVAÇÃO GERAL. — Como este prefixo tenha uma funcção especial, só temos a considerar para os casos geraes os primeiros quatro, onde se podem, segundo o meu modo de ver, collocar todos os vocabulos, quer tenham ou não prefixo no singular, e classifico do seguinte modo:

Classes

	Sing.	Pl.
1.ª	— *mu*	*a* ou *mi*
2.ª	— *lu* ou *ru*	*ji*
3.ª	— *či* ou *ki*	*i*
4.ª	— *di* ou *ri* ou *li*	*ma.*

OBSERVAÇÕES. — I. No vocabulario de nomes substantivos, sem prefixo determinado, actualmente, só encontro dois que teem por inicial *i,* alguns por inicial *u,* e todos os demais são iniciados por articulações simples ou nasaladas.

---

[1] Mandioca sêca, depois de estar de môlho tres dias no rio.

Os que teem por inicial *i*, como sejam de entes animados e se lhes antepõe no plural *a*, os considero da primeira classe, que teem por prefixo *mu*. Ex.:

Sing.		Pl.
ikuĩi	«homem»	*aikuĩi*
ixi	«peixe»	*aixi*.

Os que teem por inicial *u*, como se lhes anteponha no plural *ma*, considero-os de quarta classe que teem por prefixo *di* ou *ri* ou *li*. Ex.:

Sing.		Pl.
ŭata	«estado»	*maŭata*.
ŭato	«canoa»	*maŭato*.
uĩa	«fuba»	*mauĩa*.
ulalo	«cama»	*maulalo*
ulaje	«veneno»	*maulaje*.
ŭito	«rio»	*maŭito*.
utadi	«ferro»	*mautadi*.
utŭè	«cinza»	*mautŭè*.
ŭiji	«ladrão»	*maŭiji*.
useĭa	«negocio»	*mauseĭa*.
uviji	«pello»	*mauviji*.

Os que teem por inicial qualquer articulação, ou teem por prefixo no plural *a* ou *ji*, e ainda os primeiros, como tenham referencia a entes animados, colloco-os na primeira classe cujo prefixo é *mu*, e os outros na segunda cujo prefixo é *lu* ou *ru*.

Vocabulos iniciados por articulações simples, ex.:

	Sing.		Pl.
Primeiro caso	*tátuko*	«pae»	*atátuko*.
	maku	«mãe»	*amaku*.
	soji	«tia»	*asoji*.
	tužo	«rato»	*atužo*.
	soĩani	«formiga»	*asoĩani*.
	tadaŭaje	«aranha»	*atadaŭaje*.

	Sing.		Pl.
Segundo caso	*xipo*	«cinto»	*jixipo.*
	mono	«remedio»	*jimono.*
	fikidi	«saco»	*jifikidi.*
	pobo	«macaco, sp.»	*jipobo.*
	séŭ	«flexa»	*jiséŭ.*
	nuĝo	«panella»	*jinuĝo.*

Exemplos de vocabulos iniciados por articulação nasalada:

	Sing.		Pl.
Primeiro caso	*ĝaba*	«carregador»	*aĝaba.*
	ĝaka	«avô»	*aĝaka.*
	ĝeji	«mosca»	*aĝeji.*
	ĝoĝo	«palhaço»	*aĝoĝo.*
	kala	«caranguejo»	*akala.*
	kŭedi	«cunhado»	*akŭedi.*
	jikululo	«neto»	*ajikululo.*
	ñaka	«cobra»	*añaka.*
	p̃ebe	«cabra»	*ap̃ebe.*
	p̃uka	«abelha»	*ap̃uka.*
	žéò	«formiga»	*ažéò.*

	Sing.		Pl.
Segundo caso	*buto*	«semente»	*jibuto.*
	dada	«algodão»	*jidada.*
	dudo	«borracha»	*jidudo.*
	dugo	«pimentinhas»	*jidugo.*
	ĝada	«paiz»	*jiĝada.*
	ĝaje	«dendem»	*jiĝaje.*
	ĝežŭa	«campainha»	*jiĝežŭa.*
	ĝoĝa	«patrona»	*jiĝoĝa.*
	p̃aka	«faca»	*jip̃aka.*
	p̃exi	«cachimbo»	*jip̃exi.*
	p̃upo	«barrete»	*jip̃upo.*
	žaje	«raio»	*jižaje.*

II. Apparecem vocabulos só prefixados em *ma,* mas isto não quer dizer que não tenham *di* para singular, e neste caso estão: *maïele* «leite», que é o plural de *dïele* «mamma»; *manana* «bracelete de latão», que é o plural de *dinana* «vara de latão»; *maluǧula* «calor», que tambem se diz *diluǧula.*

Tambem é para notar que outros ha que não teem realmente singular, ou que conservam sempre os seus prefixos em qualquer numero em que se falla. Ex.: *mate* «cuspo», *malu* «castigo», *makuro* «despovoado», *mafefe* «traição», *makaso* «mentira», *masekule* «ourina», *masaǧano* «encontro de rios», *malaŭ* «pantano», *maxi* «sangue», *mačika* «frio», etc.

Parece que o *ma* indica abundancia.

Ainda neste grupo devem entrar: *mema* «agua», *moǧŭa* «sal», *marra* «garapa», *rruka* «infunde», *maĭu* «tio», *miloǧa* «causa, demanda, crime», etc.

Estes dois ultimos não deixam de chamar a nossa attenção, porquanto *muloǧa,* que parece ser o singular d'este, é o vocabulo «porque», e na verdade *miloǧa,* que representa as questões que se levantam entre aquelles povos não se pode dizer que tomasse interpretação diversa. Com respeito ao primeiro é o vocabulo especial que se não deve confundir com *aĭu* «pessoas» e como elle toma o prefixo *a* no plural, dá logar a suppor-se que o verdadeiro vocabulo teria sido *müaĭu.*

As considerações sobre *maĭu* e *miloǧa* levam-nos a suppô-los ambos da primeira classe, cujo prefixo é *mu,* sendo o primeiro dos entes animados que teem por plural *a* e o terceiro dos que teem por plural *mi.*

Assim discorrendo, nós podemos ir classificando todos os vocabulos nas quatro classes indicadas.

Generos

Só teem genero os substantivos classificados como entes animados, isto é, aquelles que teem por prefixo no plural *a,* salvo algumas excepções, dos poucos que foram grupados por analogia em outras classes.

E para estes, se o nome é generico para os dois sexos, temos a ajuntar o vocabulo *bad̃a* «mulher», para o individuo femea; tambem se emprega, mas é raro, o vocabulo *ikuĝi* «homem», se temos a distinguir individuo macho.

Graus

Tornam os substantivos augmentativos juntando-lhes os adjectivos *jima* «maior, largo, espesso, gordo», ou *kene* «grande», com o mesmo prefixo do substantivo.

Querendo empregá-lo no diminuitivo antepõem-lhe *ka*. Ex.:

Positivo	Augmentativo	Diminuitivo
p̃aka «faca»	*p̃aka ŭa kene*	*kap̃aka*
kabŭa «cão»	*kabŭa kajima*	*kakabŭa*
čikaĝa «esteira»	*čikaĝa čikéne*	*kačikaĝa*

Observação. — Adoptam o prefixo *u* para a concordancia quando os vocabulos começam por articulação nasal juntando *a* a esse prefixo para mais facil ligação, como se vê do primeiro exemplo. Cf. a pag. 29 o adjectivo determinativo *ŭa* (*unâ*) e a pag. 30 ADJECTIVOS ATTRIBUTIVOS.

Adjectivos

Em geral os adjectivos fazem-se succeder aos substantivos com os prefixos d'estes, sendo os determinativos pospostos aos attributivos. Ex.: *dileso diŭape* «bom, bello lenço», *ikuĝ' eĭ* «este homem», *ikuĝ' ĭa* «aquelle homem», *dileso diŭape ĭa* «aquelle bonito lenço», *dileso diŭape edi* «este bom lenço».

Classe

É a mesma dos substantivos com os quaes teem de concordar.

Numero

Como são os prefixos que mudam, o numero é o do substantivo.

Graus de comparação

Para indicarem igualdade servem-se dos vocabulos *mŭamo... mudi* «assim... como», quando affirmam; e de *kañana mŭamo... mudi* «não assim... como», quando negam. Ex.: *divuñ' edi mŭamo diŭape mudi dĭa* «este panno assim bom como aquelle», *ikuñ' ĭa kañana mŭamo mŭipe mudi mŭana maku edĭ* «aquelle homem não assim mau como irmão d'elle».

Para indicarem superioridade servem-se dos vocabulos *kamo* «mais», *kadĭ kamo* «ainda mais», *kaxi* «muito».

Fazem a comparação affirmando a superioridade de um substantivo, negando a do outro. Ex.: *nidi mulepe kamo, kañana mŭana maku ámi* «eu sou alto mais não irmão meu»; *ámi kadĭ kamo, kañan' eĭ* «eu ainda mais, não tu»; *mŭén' edĭ ulepe ni kaxi* «elle, alto e muito»; *tatuko èdĭ kamo ni kaxi* «pae d'elle mais e muito».

Observação. — O mesmo adjectivo muda de prefixos segundo os dos substantivos e ainda segundo os pronomes prefixos, de modo que muitas vezes um adjectivo pelo prefixo está occupando o logar do verbo que se subentende. Assim: *lepe* «alto, longe, distante» no terceiro exemplo acima, tomou o prefixo *u* da terceira pessoa, subentendendo-se *udi* «é».

Para indicarem inferioridade servem-se do vocabulo *kakĭepe* «pequeno ou pouco», e da abreviatura *ka*.

Observações. — I. Repetem o vocabulo para designarem quantidade mais infima. Ex.: *kakĭepe ni kakĭepe,* que é o mesmo que *kakĭepe ni kaxi.*

II. — Tratando-se de qualidade, usam tambem antepôr os adjectivos *ča* e *či* para designar o que ha de mais superior ou inferior. Ex.: *čakéne* «muito grande, capaz, intelligente, etc.», *čaŭape* «muito bom, bello, bonito, etc.», *čikepe* «muito pequeno, infimo, insignificante, etc.», *čĭipe* «muito, mau, pessimo, feiissimo, etc.».

Adjectivos determinativos

â, é, ô, ú, seguidos dos prefixos dos substantivos, no singular «este, esta», no plural «estes, estas», *uná* «este (quando isolado)».

ĭa, ĭe, ĭô, ĭu, similhantemente, «esse, essa, esses, essas».

uná «aquelle», que abreviam em *ŭa.* O prefixo *u* é substituido pelos dos substantivos com quem tem de concordar. Cf. a Obs. a pag. 31.

ĭči ou *ĭki* «isto», *ĭeĭ* «isso», *ĭeneĭ* «aquillo». Tambem dizem *ĭu* «isto», *iná* «isso».

kŭaŭ «outro», *mukŭaŭ* «aquelloutro», *mukŭaŭ uná* «aquelle de lá».

ôso «tudo, todo», *aôso* «todos».

čiôso «qualquer», *čiôso čikŭaŭ,* «qualquer outro», *čikuro* «antigo», *čiiso* «novo», *eči* ou *eki* «que», *koƀa* «qual», *naṅi* «quem».

Observação. — Não devemos esquecer, que para a concordancia com os substantivos os prefixos trocam-se pelos d'estes.

Adjectivos numeraes ordinaes

São grupados por dezenas e com nomes, hoje distinctos, de um a dez:

kámŭè	«um»	*musâƀaño*	«seis»
kaadi	«dois»	*saƀŭari*	«sete»
kasato	«tres»	*činana*	«oito»
kañí	«quatro»	*divu*	«nove»
katano	«cinco»	*dikumi*	«dez»

Para os grupos seguintes até cem, tomam o plural de dez, *makumi,* a que addicionam o plural do numero cuja dezena querem indicar, assim: *makumi matano* «cincoenta», e a esta ligam pela conjuncção *ni* o numero de unidades, assim: *makumi matano ni sato* «cincoenta e tres».

Para o numero cem teem o vocabulo *čitota,* e seguem para as centenas o mesmo que para as dezenas. Para mil o vocabulo é *kanuno.*

OBSERVAÇÃO. — Não teem vocabulos para os numeros cardinaes, porém dizem *ŭasaběle* «primeiro», de *kusaba* «principiar», e depois, juntando-lhe as radicaes do numero de ordem de dois a dez, obteem as equivalencias de segundo até decimo.

Adjectivos partitivos

Apenas teem: *čikuko* «porção (referindo-se a divisão)», *čibalo* «porção (referindo-se a calculo)», *čibele* «retalho», *kasaxi* «metade», *kakĭepe* «porção pequena».

Adjectivos attributivos

Como teem poucos, servem-se de substantivos, dos adjectivos que conhecem e de verbos, antepondo-lhes os prefixos dos substantivos a que se referem, precedidos do *á* e mais geralmente *ŭa.* Ex.: *mukaje ŭausŭa* «rapariga de força», em vez de «rapariga forte»; *tabu ŭasŭeji* «leão de bravura», em vez de «leão bravo»; *ikuĝi ĭaĵita* «homem de guerra», em vez de «guerreiro»; *čioŭma čiafŭa* «cousa de morre», em vez de «cousa quebrada»; *mŭéne ŭakudima* «senhor de lavrar», em vez de «lavrador»; *dileso dĭaŭape* «lenço de bom», em vez de «bom lenço», etc. Cf. a OBS. a pag. 31.

Pronomes pessoaes

Absolutos

Sing.	1.ª	*ámi* «eu»	Pl.	1.ª	*ečú* «nós»
	2.ª	*ečé* «tu»		2.ª	*énu* «vós»
	3.ª	*eděi* «elle»		3.ª	*éne* «elles»

OBSERVAÇÃO. — É frequente dizerem *mŭén' eděi* (*mŭéne* «o senhor») «elle proprio, o mesmo», o que tem dado logar a inter-

pretar-se *mŭéne* «o mesmo», porque usam apenas *ed̆i*. Este vocabulo é mais usado como complemento de verbo e de preposição. Tambem em logar de *éne* se ouve algumas vezes *ahuĭ, ahinaŭ*.

Possessivos

São os proprios pronomes absolutos a que se antepõem os prefixos dos substantivos.

OBSERVAÇÃO. — Quando os substantivos não teem prefixos determinados, o prefixo usado para o possessivo é *u*. Ex.: *mŭana ŭámi* «filho meu», *ǰaka ŭed̆i* «avô d'elle», *p̆eb̆e ŭámi* «cabra minha», *čib̆od̆e čiámi* «porco meu», *ditad̆a d̆iámi* «cadeira minha», etc.

Circumstanciaes

Sing.	1.ª	*ámi*	«mim, -migo»	Pl. 1.ª	*êtu* «nós, -nosco»
	2.ª	*eĭ*	«ti, -tigo»	2.ª	*énu* «vós, -vosco»
	3.ª	*ed̆i*	«...elle, lhe»	3.ª	*éne* «...elles, lhes»

OBSERVAÇÕES. — I. Como vemos, são os pronomes absolutos, sem alteração ou com pequenas modificações na segunda pessoa do singular e primeira do plural, pospostos ás diversas preposições.

II. Não se deve esquecer o que já dissemos com respeito aos pronomes absolutos «elle» e «elles», pois se ouve tambem nos circumstanciaes: *amŭéne, nimŭéne, d̆iahŭi, niaŭ, ahinaŭ*, etc., em vez de: *aed̆i, nĭed̆i, d̆iéne, nĭéne*, etc.

Conjunctos

Reciproco

Commum a ambos os numeros: *ni* «se».

Subjectivos

Sing.	1.ª	*ni*	«eu»	Pl.	1.ª	*tu* «nós»
	2.ª	*u*	«tu»		2.ª	*nu (mu)* «vós»
	3.ª	*u*	«elle»		3.ª	*a* «elles»

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE. — Quando o sujeito for algum dos substantivos classificados, então o prefixo da terceira pessoa troca-se pelo d'aquelle.

Objectivos

Sing.	1.ª	*ñju* «me»	Pl.	1.ª	*êtu, ñaṅi* «nós, nós todos»
	2.ª	*eĭ* «te»		2.ª	*énu* «vós»
	3.ª	*mu* «elle»		3.ª	*i* «elles»

NOTA. — O primeiro é infixo e os demais suffixos do verbo.

OBSERVAÇÃO. — *mu* e *i* são equivalentes aos pronomes «o, os» e «a, as», porém tambem os empregam como «lhe, lhes» sempre que não tenham referencias a fazer, porque então não dispensam os pronomes pospostos indicados na pagina anterior.

Empregam-se tambem *edi* no singular e *naŭ* no plural, por emphase.

Verbos

Conjugam-se todos do mesmo modo, dividindo-se pelas terminações do aoristo em duas classes, e cada uma d'estas em dois grupos.

Pertencem á primeira classe, *e,* os verbos cujos aoristos terminam em *ele* e *éne;* são da segunda classe, *i,* os verbos cujos aoristos terminam em *ile* e *ine.*

Tomâmos como radical do verbo a sua forma mais simples, a segunda pessoa do singular do imperativo, pois nesta assenta todo o seu mechanismo por meio de prefixos, infixos e suffixos.

Dado o radical, trata-se de conhecer a classe e grupo a que pertence por uma lei que observámos e de que pouquissimos verbos fogem, e quem sabe se podemos attribuir já a erro essas excepções.

Se a penultima syllaba termina em *a* ou *e* ou *o,* pertence o verbo á classe *e,* se em *i* ou *u* á classe *i.* Conhecida a classe, se a ultima syllaba principia por *m* ou *n,* pertence, por assimilação parcial, ao segundo grupo da sua classe cuja terminação é *ne,* sendo qualquer outra letra pertence ao primeiro, cuja terminação é *le.* Ex.:

CLASSE I

Primeiro grupo			Segundo grupo		
sala	«faze»	*sal-ele*	*pana*	«dá»	*pan-éne*
tapa	«corta»	*tap-ele*	*xakama*	«senta-te»	*xakam-éne*
leta	«traze»	*let-ele*	*jimana*	«enfada»	*jiman-éne*
sota	«procura»	*sot-ele*	*idama*	«precisa»	*idam-éne*

CLASSE II

Primeiro grupo			Segundo grupo		
xika	«chega»	*xik-ile*	*jima*	«apaga»	*jim-ine*
tuŏuka	«levanta»	*tuŏuk-ile*	*tuma*	«manda»	*tum-ine*
suta	«passa»	*sut-ile*	*kuna*	«semeia»	*kun-ine*
luka	«vomita»	*luk-ile*	*suma*	«morde»	*sum-ine*

Forma activa

É d'esta forma que se derivam todas as outras, e como os verbos compostos seguem as regras dos simples, o paradigma é o mesmo para todos, depois de o collocarmos no seu grupo e classe.

Conhecida a segunda pessoa do singular do imperativo, formam-se as outras por meio dos prefixos correspondentes ás pessoas e dos suffixos.

Para exemplo conjugaremos um verbo do primeiro grupo da segunda classe.

O indicativo tem tres tempos: presente, futuro e aoristo. O presente forma-se apenas prefixando os pronomes conjunctos subjectivos ao radical. O futuro forma-se antepondo ao radical os prefixos *a-ka*. O aoristo forma-se igualmente do presente mediante os suffixos indicados e prefixando ao radical *a*.

Notámos que se servem muitas vezes do verbo *kŭeza* «vir», no seu presente, com o verbo que pretendem conjugar, no infinito, para formarem um futuro; assim dizem *nĕeza kusota* «venho procurar», *ŭeza kusala* «vens fazer», etc.

O condicional tem só um tempo, hoje em desuso, e que differia apenas do futuro em trocar o infixo *a-ka* por *a-jo*.

O conjunctivo só se differença do indicativo em que o *a* final passa a *e*, como se vê nas formas que, por symmetria, damos como terceiras pessoas do imperativo.

O infinito é o radical com o prefixo invariavel *ku* (*kŭ* antes de vogal).

Para formação das pessoas em cada tempo prefixam-se ás respectivas bases os pronomes conjunctos subjectivos, devendo advertir-se: 1.º — que na primeira pessoa singular do futuro e do aoristo o *i* de *ni* cae deante do prefixo, que fica sendo *na* (*ni* + *a*); 2.º — que a segunda e terceira pessoa do singular em cada tempo são perfeitamente identicas, o que é importantissimo como facto linguistico.

Paradigma: rad. *tuŭuka* «levantar»

IMPERATIVO

S.	*tuŭuka*	«levanta»
	u-tuŭuk-e	«levante».
P.	*tu-tuŭuk-êtu*	«levantemos»
	tuŭuk-énu	«levantae»
	a-tuŭuk-e	«levantem».

INFINITO

ku-tuŭuka «levantar».

INDICATIVO

Presente

S.	1.ª	*ni-tuŭuka*	«levanto»
	2.ª	*u-tuŭuka*	«levantas»
	3.ª		«levanta»
P.	1.ª	*tu-tuŭuka*	«levantâmos»
	2.ª	*nu-tuŭuka*[1]	«levantaes»
	3.ª	*a-tuŭuka*	«levantam».

[1] Ou *mu-tuŭuka*.

Futuro

S.	1.ª	*na-ka-tuŏuka*	«levantarei»
	2.ª	*ŭ-a-ka-tuŏuka*	«levantarás»
	3.ª		«levantará»
P.	1.ª	*tŭ-a-ka-tuŏuka*	«levantaremos»
	2.ª	*nŭ-a-ka-tuŏuka*	«levantareis»
	3.ª	*a-ka-tuŏuka*	«levantarão».

Aoristo

S.	1.ª	*na-tuŏuk-ile*	«levantei»
	2.ª	*ŭ-a-tuŏuk-ile*	«levantaste»
	3.ª		«levantou»
P.	1.ª	*tŭ-a-tuŏuk-ile*	«levantámos»
	2.ª	*nŭ-a-tuŏuk-ile*	«levantastes»
	3.ª	*a-tuŏuk-ile*	«levantaram».

CONDICIONAL

Ha ainda quem se lembre, que em tempo differia apenas do futuro na mudança do infixo *a-ka* por *a-jo* como se disse. Actualmente substituem-no pelo preterito de qualquer dos verbos: *kusota* «querer», *kulele* «desejar», *kuĭa* «ir», *kŭeza* «vir» (segundo o sentido), como auxiliar antes do verbo que se conjuga. Neste, por exemplo, diriam em logar de *tŭajotuŏuka* «levantariamos», *tŭasotele kutuŏuka* «queriamos levantar», etc.

CONJUNCTIVO

Tem os mesmos tempos do indicativo, com a differença de que o *a* final do radical do presente e futuro se muda em *e*, como já se disse, sendo o aoristo absolutamente identico. Antepõe-se aos prefixos, conforme o sentido, qualquer das particulas seguintes: *ačĭ* «se», *čĭ* «que», *ečĭki* «ainda que», *čĭaôso* «quando», *suka* «mas».

Observação. — Não usam de tempos compostos e mesmo não lhes distingui a forma passiva, pois não teem participio. Em logar do nosso passivo, usam de construcção activa. Assim

dizem: «vi castigo» em logar de «tenho soffrido castigo, fui castigado», etc.; «mandaram-no» em logar de «foi mandado»; «cousa (qualquer) morreu» em logar de «foi quebrada, raxada, rasgada», etc.

Formas objectivas

Para pessoas indeterminadas usam do pronome infixo *mu* e seu plural *i*, correspondentes aos pronomes «o», «a». Ex.: *nimutuɓuka* «levanto-o»; *ŭamutuɓukile* «levantou-o»; *tŭakëtuɓuka* «levantá-los-hemos»; *nŭituɓukile* «os levantaes», etc.

Quando se trata de pessoas determinadas empregam os pronomes conjunctos objectivos. Ex.: *aĭjutuɓuka* «levantam-me»; *aĭjutuɓuke* «levantem-me»; *natuɓukil' eĭ* «levantei-te»; *atuɓukaṅi* «levantam-se»; *atuɓukeṅi* «levantem-se»; *tutuɓuka ĭaṅi* «levantâmo-nos»; *aĕi natuɓukile naŭ* «se eu os levantasse, a elles»; *eĕiki nituɓuk' edi* «ainda que o levante, a elle»; *ĕiaôso nakatuɓuk' eĭ* «quando eu te levantar», etc.

Se a referencia é a um pronome exprimindo circumstancia, junta-se este ao verbo, se não houver pronome objectivo, que prefere na collocação. Ex. *utuɓuka nĭámi* «levanta commigo (partir para viagem)»; *ŭakatuɓuk' eĭ* «levantará comtigo»; *tutuɓuka nĭénu* «levantâmos com vocês»; *nëtuɓukile nĭéne* «levantei-os com elles», etc.; *ŭaĭjupana kŭêtu* «dá-me para nós»; *në-panén' eĭ kŭaôso* «dei-t'os para todos»; *atuɓukaṅi nĭêtu* «levantem-se comnosco»; etc.

Se a referencia é a cousas, o seu prefixo passa então a ser o do substantivo. Ex.: *dileso* (*didi*) *dĭámi* «o lenço (é) meu»; *tubŭa* (*tŭadi*) *tŭêtu* «os cães (são) nossos»; *ditaɗa diŭafŭile* «a cadeira morreu (quebrou-se)»; *ĕiópo ĕiŭafŭile* «o copo partiu-se»; etc.

Forma interrogativa

Fazem-na como em portuguez pela entonação se o sujeito é expresso, mas na maioria dos casos tornam aguda a vogal atona da terminação. Ex.: *eĭé ŭaladele čikaĭa?* «compraste a

esteira?»; *mŭadi ulelá mu tulo?* «a senhora deita no somno? dorme?», *uléla* «deita, dorme».

Tambem a fazem collocando o verbo antes de pronome interrogativo. Ex.: *usal' ečí?* «que faz?» *usot' eki?* «que procura? que quer? quanto custa?»; literalmente: «faz o que?», «custa quanto?».

Observação. — As respostas reduzem-se ao verbo no mesmo tempo e pessoa, mas, quando teem referencia a um substantivo expresso, então ao prefixo junta-se como infixo o do substantivo. Ex.: *ŭatumine ǰiji?* «mandaste a carne?» *ŭaitumine* «mandaste-a»; *aneténe ǐopo?* «trouxeram os copos?» *aineténe* «trouxeram-os».

Forma negativa

Faz-se de dois modos:

1.° Em seguida á affirmativa, a negação *bŭate* ou *kañana* ou *nalike*. Ex.: *čidi čiŭape, kañana* «é bom, não» (não é bom); *kumusota, bŭate* «procurá-lo a elle, não» (não o procure); *kusal' iči, nalike* «fazer isto, não quero».

2.° Collocando o verbo entre as particulas *ka, ki* ou *či* e *pę* para o singular e *ka* e *pę* para o plural. Ex.: *kiŭapelepe* «não presta», *kaŭapelepe* «não prestam»; *kinasotelepe* «não procurei», *kaasotelepe* «não procuraram», etc.

Observação. — A primeira particula varia conforme as tribus lundas, assim entre o Cassai e Luembe dizem *nu*, e do Quicapa ao Cuílo *ku* e tambem *ki*.

Forma negativa e interrogativa

Faz-se a negação e na forma interrogativa. Ex.: *ečé kanusalelep' iči?* «v. não faz isto?» *kĭukudĭape ǰiji?* «não comes carne?» *kiŭsotape marufo?* «não queres vinho de palma?».

Forma causativa

Nesta se comprehendem os verbos compostos cuja terminação é *exa* ou *ixa;* os primeiros pertencem ao segundo grupo

da primeira classe, e os outros ao segundo grupo da segunda, e como elles se conjugam.

Estas terminações impõem a obrigação de se fazer o que o verbo indica. Ex.: *kŭoka* «tratar, cuidar», *kŭokexa* «fazer cuidar, fazer tratar»; *kulaĭa* «cumprimentar», *kulaĭixa* «fazer cumprimentar»; *kuxika* «chegar», *kuxikixa* «fazer chegar»; *kutuma* «mandar», *kutumixa* «fazer mandar»; etc.

Desfaz-se a acção indicada pelo verbo pela terminação *ununa*. Ex.: *kusala* «fazer», *kusalununa* «desfazer»; *kučima* «coser», *kučimununa* «descoser»; *kupata* «fechar», *kupatununa* «abrir»; etc.

Forma passiva

Apenas a descortinei no aoristo para nossa interpretação, porque *ŭa* se pode tomar como *é* «está». Mas tanto o passivo não existe que elles empregam para o exprimir uma construcção especial activa, de que obtemos a equivalencia, e não teem participio.

Preposições

Todos os prefixos, juntando-se-lhes *a,* representam a nossa preposição «de», mas *di* tambem tem essa interpretação.

Em geral, as nossas preposições mais frequentes encontram correspondencias; assim por exemplo: *ni* «a, com», *mu* «dentro de», *bu* «em, no, na», *ku* «a, para», *te* «até», *kupolo* «ante», *kuñima* «após», *čiakadi, kudi* «por», *peúro* «sobre», *pakaxi* «entre».

Adverbios

Dos adjectivos, substantivos e verbos formam adverbios, principalmente os de qualidade, antepondo-lhes como prefixos *či* ou *čia.*

Os adverbios correspondentes aos nossos são:

De modo — *čaŭape* «bem», *čiipe* «mal», *mŭamo* «assim», *mŭamo mŭéne* «do mesmo modo», *ečike* ou *ĵike* «como», etc.

De tempo — *katata* «agora», *kạtạtaka* «immediatamente», *kali* «já», *uruéle* «logo», *dĭamačiko* «amanhã», *bŭate* «nunca», *aka, lele* «então», *kĭaôso* «quando», *mačiko maôso* «sempre, todos os dias», *lelo* «hoje», *ǧoloxe* «hontem», *pamaki* «cedo», *budidi* «de madrugada», *činači* «no mesmo instante», etc.

De logar — *kunoŭko, ko* «cá», *munumo, mumo, panapa, pa* «aqui», *kuná* «acolá», *kŭiso* «onde», *palepa* «longe», *pasŭiīpe* «perto», *kŭa* «ahi», *uxadi u* ou *unú* «lado ou banda de cá», *uxadi ŭa* ou *uná* «lado ou banda de lá», *mŭine* «dentro», *poli* «fóra», *kuĭada* «em baixo», *kululu* «em cima», etc.

De quantidade — *kakĭepe* «pouco», *kamo* «mais», *dĭóxe* «menos», *kaxi* «muito», *avudi* «tanto», *eči* «quanto».

De affirmação — *ĭê, mŭaniê* «sim», *čakéne* «na verdade, verdadeiramente», *čaxa* «com certeza», *mahŭi* «assim mesmo».

De negação — *kaǧana, ka* «não», *nalike* «de nenhum modo» *kadi* «ainda», *kadi kali* «ainda não».

De duvida — *kŭiji lele* «talvez, não sei então».

De exclusão — *kaso* «só», *kaso kali* «apenas».

Conjuncções

Copulativa — *ni* «e», que é o mesmo que a preposição «com».

Disjunctivas e condicionaes — *ači* «ou, se», *kaǧana* «nem, não», *kali* «já», *kĭaôso* «quando», *ni avudi eči* «com tanto que».

Causaes — *ǧike* «como», *eki* ou *eči* «que», *kudiči* «porquanto», *dĭamačikŭeza* «por consequencia», *muloǧa* «porque», *muloǧiki* «porquê?».

Adversativas — *čieneči* «porém, mas».

Interjeições

Como dissemos, são elles muito expansivos, e por isso sob este titulo tambem consignâmos phrases que lhes são usuaes:

Admirando o que ouvem — *ih! uh! haká! ehéh! ụm...! žab̃i!* «Deus!», *kalob̃o! kaĭad̃a!* (equivale ao nosso uso «palavra de honra!»), *hé! ahakaká! ihuhí! muhaké!* (equivale a «oh! homem!»), *čĭahuhí!* «é isso!», *mahuhí!* «como diz!».

Para alegria e satisfação — *čaxa mŭane!* «tal qual!», *ohóh! iğaĭámi!* «tal como desejava!», *ihuhé čaŭape iğai ámi!* «como é bello para mim!».

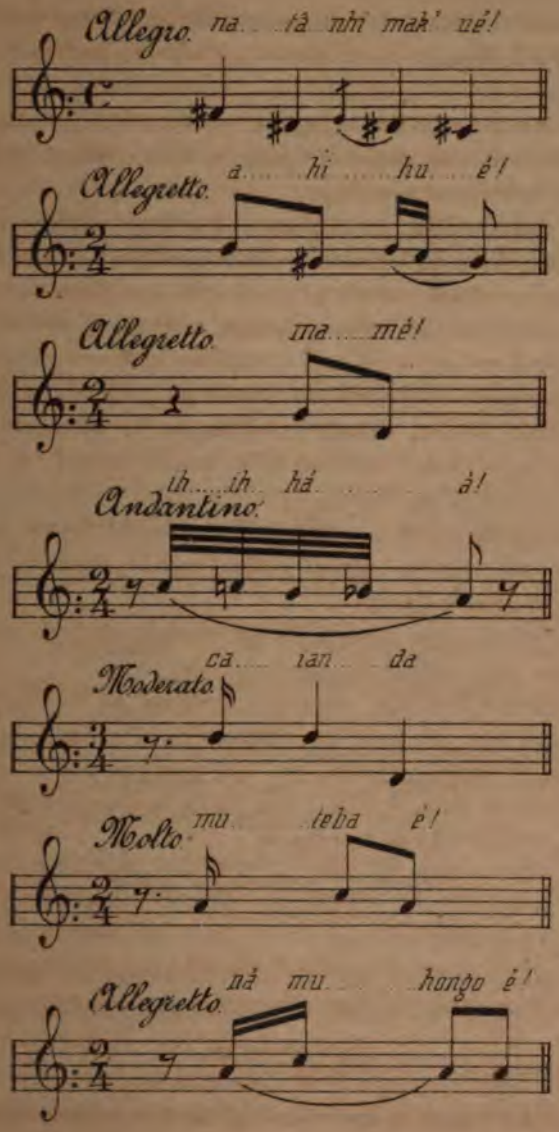
Dor, afflicção, tristeza — *makŭafé!* «mãe, que me doe», *il̃ekako!* «deixem-me!» *ihuhé! oŭhuhé! likoṅĭé!* «larguem-me!», *ataṅi!* «acudam!», *ağutaṅi* «acudam-me!», *makŭé! makŭé!* «minha mãe, valha-me!», *ihoŭhŭé makŭé!* «oh! mãe!», *ihoŭ najipe!* «feri-me!», *nafilekĭé!* «morro porquê! me matam porquê!», *nikokĭé!* «me castigam porquê!», *nafŭá mu amŭé!* «me deixam morrer! salvem-me!», *ağukŭata!* «me prendem!», *ağubula!* «me batem!», *mamé! mamé!* «ai, ai, ai, etc.».

Desespero — *ah... ka! ah!... kaká!* (como praga), *kŭataṅi!* «agarrem!», *budika!* «safa d'aqui!», *ihahihé!* «d'aqui para fóra! *kaĭad̃a* (praga).

Como se vê, aqui apenas se apresentam equivalencias por não haver uma verdadeira interpretação.

As interjeições são sempre allusivas, ao contrario das nossas, que não são mais que expressões ellipticas; por exemplo é muito frequente esta, em que querem provar que não são timoratos: *ka...ĭ...a...d̃a, maku ámi ŭafa kali!* «asseguro-te, minha mãe já morreu!».

Exclamações



II

DESENVOLVIMENTO PRATICO

Artigos

Artigos definidos

Não os teem; porém, os prefixos designando os numeros em que são tomados os substantivos equivalem aos nossos artigos «o, os, a, as». Ex.:

Sing.		Pl.
ikuĝi	«o homem»	*aikuĝi*
d̆ad̆a	«o algodão»	*jid̆ad̆a*
mutod̆o[1]	«a arvore»	*mitod̆o*
ruto	«a colher»	*jito*
čisapŭilo	«o prato»	*isapŭilo*
divuĝa	«o panno»	*mavuĝa*
ŭato	«a canôa»	*maŭato*
kabŭa	«o cão»	*tubŭa*

Observação. — No caso d'aquelles que não teem prefixos no singular, subentendemo-los nós conhecendo a interpretação do vocabulo pelo genero que tem em portuguez.

---

[1] *mutod̆o* tambem é o vocabulo que designa qualquer «pau, cacete, bengala», etc.

Artigos indefinidos

Servem-se elles do seu numeral *mŭe* «um, uma», com o prefixo do substantivo indicado. Ex.:

Sing.		Pl.
ikuǧi imŭè	«um homem»	*aikuǧi ámŭè.*
ǰaǰa umŭè	«um algodoeiro»	*aǰaǰa ámŭè.*
mutoǰo umŭè	«uma arvore»	*mitoǰo mámŭè.*
ruto rumŭè	«uma colhér»	*jito jimŭè.*
čisapŭilo čimŭè	«um prato»	*isapŭilo imŭè.*
divuǧa dimŭè	«um panno»	*mavuǧa mámŭè.*
ŭato umŭè	«uma canôa»	*maŭato mámŭè.*
kabŭa kamŭè	«um cão»	*tubŭa tumŭè.*

Vocabulario

ditaǰa	«banco»	*mataǰa.*	*čaxa mŭane* ou *mŭanĭê* «sim, senhor».
čiopo	«copo»	*ĭopo.*	
p̃aka	«faca»	*jip̃aka.*	*kaǧana mŭane* ou *bŭate* «não, senhor» [2].
čikuǰo	«casa»	*ikuǰo.*	
kabŭiko	«casaco»	*tubŭiko.*	*kukŭete* «ter»
čikita	«pelle»	*ikita.*	*kakŭetepe* «não ter».
ǰaǰa	«mulher»	*aǰaǰa*	*kanikŭetepe* «não tenho».
eči, eki	«que»; *ni* «e, com».		*kanakŭetilepe* «não tinha».

---

nikŭete	«eu tenho»	*nakŭetile*	«eu tinha»
ukŭete	«tu tens»	*ŭakŭetile*	«tu tinhas»
ukŭete	«elle tem»	*ŭakŭetile*	«elle tinha»
tukŭete	«nós temos»	*tŭakŭetile*	«nós tinhamos».
nukŭete	«vós tendes»	*nŭakŭetile*	«vós tinheis»
akŭete	«elles teem».	*akŭetile*	«elles tinham».

---

[1] Tambem em logar de *mŭane*, dizem: *mŭana, mŭéne, mŭáta.*

Exercicios

nikŭete ruto ni p̃aka.	Eu tenho a colhér e a faca.
eĕé[1] *ukŭete divuĝa.*	Tu tens o panno.
mŭéne ukŭete ditad̃a dimŭè.	Elle tem uma cadeira.
énu[2] *akŭete čiopo čimŭè.*	V. teem um copo.
éne akŭete divuĝa ni ditad̃a.	Elles teem o panno e a cadeira.
eĕé ukŭete p̃aka? (p̃aka ukŭet' eĕ?).	Tem v. (tens tu) a faca?
kaĝana, mŭata.	Não, senhor.
p̃aka ukŭet' ed̃i ni čiopo akŭet' éne.	A faca tem elle e os copos teem elles.
ruto eči ukŭet' eĕ?	Que colhér tens tu?
ámi nikŭete čiopo čimŭè, ruto bŭate.	Eu tenho um copo, a colhér não.
mŭéne ukŭete kabŭa kamŭè.	Elle tem um cão.
tukŭete kabŭiko ni divuĝa dimŭè.	Temos o casaco e um panno.
eči divuĝa akŭet' énu?	Que panno teem v.?
tukŭete kabŭiko, kaĝana divuĝa.	Temos o casaco, não o panno.
ukŭet' ed̃i divuĝa?	Tem elle o panno?
čaxa, mŭane.	Sim, senhor.
éne akŭete jip̃aka?	Teem elles as facas?
bŭate, akŭete jito ni ŭopo.	Não, senhor, teem as colhéres e os copos.
eĕé ukŭete ditad̃a dimŭè?	Tens tu uma cadeira?
kaĝana, mŭata, nikŭete mutod̃o umŭè.	Não, senhor, tenho um pau.
eči mutod̃o ukŭetil' eĕ?	Que pau tinhas tu?

[1] O prefixo da 2.ª pes. sing. é sempre empregado para chamar a attenção da pessoa a quem se falla; e o da 3.ª para evitar confusões.

[2] O prefixo *énu* da 2.ª pes. pl. com o verbo na 3.ª emprega-se quando o sujeito é plural.

ikuǧ' ikŭete čikuḃo čimŭè.	O homem tem uma cubata
kanakŭetilepe mutoḋo, nakŭetile čikita[1].	Eu não tinha o pau, tinha a pelle.
nakŭetile čisapŭilo čimŭè, ruto rumŭè ni p̃aka umŭè.	Eu tinha um prato, uma colhér e uma faca.
ḃaḋa ukŭete ḋaḋa.	A mulher tem o algodão.
ikuǧi kakŭetepe čikuḃo ni kaŭakŭetilepe ditaḋa dimŭè.	O homem não tem casa e não tinha uma cadeira.
akŭetil' éne kabŭa kámŭè?	Tinham elles um cão?
bŭate, mŭane, akŭetile čikita čimŭè.	Não, senhor, tinham uma pelle.
ámi nakŭetile kabŭa kaḃaḋa kámŭè.	Eu tinha uma cadella.
eči čisapŭilo ikuǧi ikŭetile?	Que prato tinha o homem?
ikŭetile čimŭè.	Tinha um.
énu akŭetile ditaḋa dimŭè?	V. tinham uma cadeira?
kaǧana, mŭata, tukŭetile ni tukŭete ruto rumŭè ni isapŭilo.	Não, senhor, nós tinhamos e temos uma colhér e os pratos.
eči mutoḋo ikuǧi ikŭete?	Que pau tem o homem?
mutoḋo eči ečé ukŭetile.	O pau que v. tinha (tu tinhas).
eči ukŭet' eč?	O que tem v.? (que tens tu?)
ukŭet' eč kabŭa kaḃaḋa?	Tu tens a cadella?
čaxa, mŭane.	Sim, senhor (tenho).
eču katukŭetepe mitoḋo.	Nós não temos os paus.
eči mukŭet' eč?	O que tem v.? (tendes vós?)
ámi nikŭete, ečé k'ukŭetepe.	Eu tenho, tu não tens.
mŭén' eḋi kakŭetepe čikuḃo čimŭè.	Elle não tem uma casa (nenhuma).
eči kabŭa ukŭetil' eč?	Que cão tinhas tu?
k'ŭakŭetilepe kámŭè.	Não tinha nenhum.
katŭakŭetilepe tubŭiko.	Nós não tinhamos casacos.

[1] *čikita* «pelle de animal» em que se assentam os fidalgos, e tambem as que usam como vestuario, cobrindo-se da cintura para baixo, adeante e atraz.

Substantivos

Formação do plural

Os que tiverem o prefixo *di,* mudam-no em *ma.* Ex.: *ditad̃a* «cadeira», *matad̃a; ditŭì* «orelha», *matŭì.*

Os que tiverem o prefixo *či,* mudam-no em *i,* mas ha excepções em *ma* e *a.* Ex.: *čikasa* «mão (braço)», *makasa; čĭoko* «Quioco», *ačĭoko.*

Aos que tiverem o prefixo *u,* antepõe-se *ma,* mas ha excepções mudando-se em *ma.* Ex.: *uvije* «pello», *mavije; uta* «arma», *mata*[1].

Os que tiverem o prefixo em *mu* mudam-no em *mi,* mas ha excepções em *a.* Ex.: os substantivos classificados na primeira classe.

Os que tiverem o prefixo em *ka,* mudam-no em *tu,* mas ha excepções em *a.* Ex.: os substantivos classificados de primeira classe.

Os que tiverem o prefixo em *i,* antepõem-lhe *a.* Ex.: *ikuǧi* «homem», *aikuǧi; ixi* «peixe», *aixi.*

Os que tiverem o prefixo em *ru,* mudam-no em *ji.* Ex.: *rusuki* «cabello», *jisuki; lutab̃a* «batata», *jitab̃a; rupasa* «caneca», *jipasa.*

Os que principiam por qualquer articulação formam o plural antepondo-se-lhe *a* se o vocabulo significa ente animado, ou *ji* se significar ente inanimado. Ex.: *tátuko* «pae», *atátuko; ǧab̃a* «carregador», *aǧab̃a; p̃eb̃e* «cabra», *ap̃eb̃e; xipo* «cinto», *jixipo; d̃ad̃a* «algodão», *jid̃ad̃a; p̃exi* «cachimbo», *jip̃exi.*

Observação. — Alguns não teem plural como: *kasŭè* «fogo», *mema* «agua»; outros não teem singular como: *miloǧa* «demanda, crime», *milŭina* «distinctivo de Muatiânvua», *makasu* «mentira», *mafefe* «traição», *masuko* «capim».

---

[1] *maúte* «cinza».

Vocabulario

mu̅tu «pessoa».
kakuǧi «rapaz».
kab̆ad̆a «rapariga».
maku «mãe».
kaxalapoli «serviçal».
mukano «bocca».
milab̆o «beiços».
rudimi «lingua».
mŭed̆o «pé (perna)».
d̆ii «ovo».
žolo «gallinha».
monažolo / *kažolo* «frangão».
xitu / *nama* / *b̆iji* «carne»[1].
jile «passaro».
rruka «infunde».
ŭoŭče «mel».
bid̆a «cabaça (para agua)»[2].
uhad̆a «rede».
dileso «lenço».
lukuṅi «lenha».
čioŭma «cousa».
ŭape «bom, bonito»[3].
ipe «mau, feio»[4].
kaadi «dois».
kasato «tres».
kaṅí «quatro».
aôso «todos».
kaso «só».
kusala «fazer».

---

nisala «eu faço.
usala «tu fazes».
usala «elle faz».
tusala «nós fazemos».
nusala «vós fazeis».
asala «elles fazem».
nasalele «eu fiz»
ŭasalele «tu fizeste»
ŭasalele «elle fez»
tŭasalele «nós fizemos»
nŭasalele «vós fizestes»
asalele «elles fizeram».

---

[1] *nama,* qualquer animal; *b̆iji,* pedaço de carne ou peixe que entrou ou vae entrar na refeição do dia; *xitu,* porção que se pede do animal *nama* para comer.

[2] Este vocabulo que elles usam, creio ser dos povos áquem do Cuango, porquanto elles teem o seu *čisupe.*

[3] Tambem dizem *ŭap̆e.*

[4] Tambem dizem *ip̆e.* É notavel que este vocabulo seja o «bem» dos povos que limitam o norte com a Lunda, os *bačilaǧe.*

Exercicios

akŭet' énu maí mažolo?	V. teem ovos de gallinha?
bŭate, mŭane, tukŭete anažolo, kañana maí.	Não, senhor, temos frangãos, não ovos.
tukuñi akŭetile mu makasa maí maadi.	Os rapazes tinham nas mãos dois ovos.
añu aôso akŭete matŭì maadi, ni mukano umŭè, ni milaḃo maadi ni rudimi rumŭè.	Todas as pessoas teem duas orelhas, uma bocca, dois beiços e uma lingua.
čaxa, mŭata.	É assim, senhor. É verdade.
éne akŭetile tuxalapoli tusato tuŭape.	Elles tinham tres bons serviçaes.
eĭé ukŭete xitu.	Tu tens carne (pedaço).
mauhaḋa maŭape.	Boas redes.
nikŭete mauhaḋa mañí maŭape.	Eu tenho quatro boas redes.
ukŭet' eĭ mataḋa maŭape?	Tens tu boas cadeiras?
nikŭete maadi.	Tenho duas.
mŭata, ámi nikŭete tubŭa tuḃaḋa tusato tuŭape.	Senhor, eu tenho tres boas cadellas.
maku ukŭete jisuki jiŭape, tátuko kañana.	A mãe tem bons cabellos, o pae não.
eču tukŭete rruka, kagana ḃiji.	Nós temos infunde, não temos carne.
tátuko ukŭete žolo umŭè kaso.	O pae só tem uma gallinha.
divuña kañana diŭape.	O panno não é bonito.
mŭéń' eḋi ukŭete jitaḋa jĭadi, ámi kanikŭetepe jimŭè kaso.	Elle tem duas batatas, eu não tenho uma só (nenhuma).
eču tukŭete čikuḃo čiipe.	Nós temos más (feias) casas.
éne akŭetile čikuḃo čiñí čiŭape.	Elles tinham quatro boas casas.
nasalele ŭato umŭè.	Eu fiz uma canôa.
eči usal' eĭ?	O que faz v.? (fazes tu?)
nisala kabŭiko kámŭè.	Eu faço um casaco (camisa).
tŭasalele ŭato uñí.	Nós fizemos quatro canôas.

eči asaleľ énu? (énu, asaľ eči?)	O que fizeram v.?
bŭate, mŭane.	Nada, senhor.
aôso asalele mavuĝa maipe.	Todos fizeram maus pannos.
aikuĝi asalele čima čioŭmŭè čiipe.	Os homens fizeram uma cousa má.
kakuĝi usalele ioŭma iipe.	O rapaz fez boas cousas.
kakuĝi ŭasaleľ eči?	O que fez o rapaz?
isapŭilo iní ni rutu rumŭè.	Quatro pratos e uma colhér.
nasalele aẽaka asato.	Eu fiz tres facas.
nikŭete ŭoŭče ni eié jile jimŭè.	Eu tenho mel e tu (tens) um passaro.
nisaľ eči?	Que faço eu?
kinikŭetepe čioŭma čimŭè čiŭape.	Eu não tenho uma cousa boa.
kinisalape ioŭma iŭape.	Não faço cousas boas.
ŭasalele rruka? ŭasalele.	Fizeste o infunde? fiz.
k'ŭasalelepe ditaẽa?	Não fizeste o banco?
k'ukŭetepe maleso?	Não tens lenços?
nakŭetile masato, kinikŭetepe dimŭè kaso.	Tive tres, não tenho nenhum (um só).
kakuĝi kakŭeť eči?	O rapaz o que tem?
tukuĝi ni tuẽaẽa asalele ioŭma iŭape.	Os rapazes e as raparigas fizeram bonitas cousas.
ditaẽa dikŭete mĭeẽo miní.	O banco tem quatro pés.
kakuĝi kakŭete makasa maadi.	O rapaz tem duas mãos.
kaẽaẽa kakŭete čikasa čimŭè kaso.	A rapariga tem só um braço.
mŭata muẽu muŭape.	O senhor (é) boa pessoa.
ikuĝi ikŭete aẽaka asato aiẽe.	O homem tem tres facas más.
kakuĝi kakŭeť eẽi jikuñi?	O rapaz tem lenhas?
kaĝana, bŭate.	Não, senhor. Não tem.
eié ukŭete maí mažolo?	V. tem (tu tens) ovos de gallinha?
maí mažolo, bŭate.	Os ovos acabaram, não ha, não tenho.
aẽaẽa kakŭetepe ŭoŭče.	As mulheres não teem mel.

maí mažolo kaŭapelepe.	Os ovos não bons (não prestam).
dileso kiŭapelepe.	O lenço não presta.
čikuǰo čiipe (čiipe).	A casa (é) má.
nasalele ruto rumŭè rŭape ni rŭadi rŭipe.	Fiz uma colhér boa e duas más.
kaxalapoli ukŭete mukano mŭape.	O servo tem bonita bocca.
kinikŭetepe biǰa ku mema.	Não tenho cabaça para agua.

Graus

Augmentativos

Segundo o sentido junta-se ao substantivo *jima* «maior, largo, espesso», ou *kéne* «grande».

Diminuitivos

Antepõe-se-lhe o prefixo *ka* ou junta-se *kakĭepe* «pequeno, pouco».

Exercicios

eču tukŭete tutubŭa, eĭé nikŭete tujima.	Nós temos cães pequenos, tu (os tens) grandes.
aǰaǰa akŭete tupaka tujima, eču tŭikĭepe.	As mulheres teem as facas grandes, nós as pequenas.
nisala kaditaǰa kámŭè kaŭape.	Eu faço um banquinho bonito.
éne asalele tudileso tukĭepe.	Elles fizeram lencinhos pequenos.
ámi kinikŭetepe kadileso kakĭepe kaso.	Eu não tenho nenhum lencinho.
nikŭete turuto tuñí.	Eu tenho quatro colherinhas.
mutoǰo mujima, ŭato ŭajima.	Grande arvore, grande canôa.
énu nusala kačikaǰa.	Vós fazeis uma esteirinha.
kinisalape čisapŭilo čiakéne.	Não faço prato grande.
kakuǰi kakŭete apaka akéne.	O rapaz tem facas grandes.

Adjectivos

Tomam o plural dos substantivos, com os quaes concordam pelos prefixos.

Todos os adjectivos se collocam depois dos substantivos com os prefixos d'estes, e são preferidos nessa collocação os attributivos.

Os attributivos são em pequeno numero, e servem-se dos adjectivos, substantivos e verbos, precedidos dos prefixos dos substantivos seguidos de *a*, para equivalencia dos que não tem.

Alguns teem vocabulo especial, como por ex.: *ŭape, ŭapẽ* «bom, bello, bonito»; *ipe, ipẽ* «mau, feio»; *ŭakene* «grande, capaz, habil, justo»; *kakĭepe* «pequeno, pouco, acanhado»; *utoka* «branco, limpo»; *ujala* «preto, sujo», *suža* «encarnado»; *lupêto* «rico»; *kazŭeẽje* «pobre»; *mukurupi* «velho», *kaki* «novo»; *mulepa* «alto», *musŭipa* «baixo».

Outros se obteem de substantivos, adjectivos e verbos, como por ex.: *ŭausŭa* «forte, de força»; *ŭaidŭluluka* «feliz, de aproveitar»; *ŭasŭeji* «bravo, teimoso, de teimar»; *ŭaidamene* «infeliz, necessitado, de precisar»; *ŭatudile* «quieto, manso, de socegar».

Vocabulario

ẽuri «carneiro».
mukoko «ovelha».
kamexi «gato».
pẽbe «cabra».
muloga «porque».
muloĝiki? «porque?».
kŭiso, kŭisako «onde».
panapa, pinapa «aqui».
kunoŭko «cá».
kŭá «ali, lá, acolá».
mu «em, no, na».
kudi «ser».

---

nidi «sou»
udi «és»
udi «é»
tudi «somos»
nudi «sois»
adi «são».

Exercicios

nikŭete ǰurí-ŭape[1].	Eu tenho um bom carneiro.
mŭéne udi[2] *ikuǧi imŭè iŭape.*	Elle é um bom homem.
eču tukŭete mukoko umŭè ni ŭape.	Temos uma ovelha, e boa!
éne aikuǧi alepe.	Elles (são) homens altos.
éne aǰaǰa[3] *asŭipa.*	Ellas (são) mulheres baixas.
tátuko ukŭet' eǰi kabŭa kaǰaǰa kámŭè kaso?	O pae tem só uma cadella?
k'ukŭetepe kámŭè kaso.	Não tem uma só (nenhuma).
mŭénedi kazŭeǧe.	Elle (é) pobre.
ikuǧi idi kazŭeǧe.	O homem é pobre.
eŭé k'aiǰulukilepe.	Tu não (foste) feliz.
eču tŭaiǰuluka.	Nós (somos) felizes.
maku k'aiǰulukape.	A mãe não (é) feliz.
tátuko udi kŭiso? mu čikuǰo.	Onde está o pae? Na cubata.
mŭénedi ŭaiǰuluka muloǧa ukŭete čikuǰo čisato ni apẽǰe aní (jipẽǰe jiní).	Elle é feliz porque tem tres cubatas e quatro cabras.
tukuǧi tukŭete makasa majala.	Os rapazes teem as mãos sujas.
tátuko mulepa, maku musŭipa.	O pae (é) alto, a mãe baixa.
čisapŭilo čidi čitoka.	O prato está limpo.
muǰaǰa eči ukŭete apẽǰe, udi kŭiso?	Onde está a mulher que tem cabras? (Mulher que tem cabras onde está?)
kabŭa ŭatudile?	O cão (é) manso?
eŭé k'ukusalape ditaǰa dimŭè, muloǧiki?	Porque não fazes um banco?

[1] Os lundas dizem indistinctamente *mukoko.*

[2] O usual é supprimir o verbo «ser».

[3] *éne aǰaǰa* «ellas».

muloǧa kinikŭetepe mutod̃o umŭè kaso.	Porque não tenho nenhuma madeira.
mŭénedĩ ŭasŭeji.	Elle (está) zangado, teimoso.
kŭa, kakŭetepe mitod̃o.	Acolá não tem (ha) arvores.
kakuǧi kámŭè ŭausŭa, kadi[1] *lupêto.*	Um rapaz forte é rico.
ikuǧi ipêto isala ioŭma iŭape.	O homem rico faz cousas boas.
ikuǧi kazŭeǧe ŭaid̃améne.	O homem pobre (é) infeliz.
kamexi udi kŭiso? kŭá.	Onde está o gato? ali.
mukoko udi pinapa, b̃uri kŭa.	A ovelha está aqui, o carneiro acolá.
kinikŭetepe mikoko miŭape, nikŭete aǧob̃e akurup̃i.	Não tenho boas ovelhas, tenho bois velhos.
éne akŭete. mavuǧa măusuž̃a maadi.	Elles teem dois pannos encarnados.
akŭeténu mavuǧa măujala?	V. teem pannos pretos?
kaǧana, mŭata, tukŭete tutoka tumŭè kaso.	Não, senhor, temos um só branco.
kamexi ŭatudile?	O gato (está) socegado?
bŭate, mŭane, ŭasŭeji.	Não, senhor, (está) bravo.
ĭopo idi kŭiso?	Onde estão os copos?
mu čikub̃o čĭa maku.	Na casa da mãe.
éne ab̃ad̃a akŭete makasu.	Ellas teem mentiras (são mentirosas).
énu kanutudilepe muloǧiki?	Vós não (estaes) quieto, porque?
muloǧa pana[2] *kinidipe ŭape.*	Porque não (estou) aqui bem.
eĭé nudi[3] *mukurup̃i ni ámi kaki.*	Tu estás velho e eu novo.
ene ab̃ad̃a tuzŭeǧe ni eču tŭaid̃améne.	Ellas (são) pobres e nós infelizes.
kamexi kab̃ad̃a kadipe pinape?	A gata não está aqui?

---

[1] Trocou o prefixo por *ka* de *kakuǧi*.

[2] Abreviatura de *panapa*, que tambem se diz *pinape*.

[3] Pode supprimir-se.

Adjectivos determinativos

Os determinativos já ficaram conhecidos na primeira parte e a sua collocação é em seguida ao substantivo ou adjectivo a que se referem. Ex.: *dileso edi* «este lenço», *dileso diŭape edi* «este bom lenço», *dileso edi diŭape* «este lenço (é) bom», *čiopo ioči* «esse copo», *čiopo čiŭape ioči* «esse bom copo», *čiopo ioči, čiŭape* «esse copo (é) bom.

Vocabulario

mŭana, mona «filho».
mŭana mubada «filha».
mŭana maku «irmão».
mŭana maku mubada «irmã».
mŭana kaki «creança».
mŭana kaki mubada «creança femea».
muruda «amigo».
irumene «inimigo».
kaĭ «corça».
rukasu «enchada».
katubo «estrella».
mulŭa «portador».
čibuĝo «lobo»,
čilŭada «preguiça».
luvudo «bulha».
matedo «desordem».
čipaŭa «mala».
rusumo «copo».
ŭadimukine «esperto».
ači «ou, se».
ĝobe «boi».

---

nadile «êu fui, era»
ŭadile «tu foste, eras»
ŭadile «elle foi, era»
tŭadile «nós fomos, eramos»
nŭadile «vós fostes, ereis»
adile «elles foram, eram».

Exercicios

éne abada (adi) asŭipa[1]. Ellas são baixas.
ečU tŭadi tulepe (ečU tulepa). Nós somos altos.
mŭéne kazŭeĝe (mŭén' udi kazŭeĝe). Elle é pobre.

---

[1] Depois de *p* as finaes *a* e *e* confundem-se mesmo entre povos vizinhos; assim dizem uns: *asŭipe, tulepa.*

ikuj̃' ĭa (idi) iŭaiḑuluka, ikŭete čikuḑo čimŭè kaso.	Aquelle homem (é) pobre, tem só uma cubata.
tudi tuzŭeẽje, katukŭetepe čioŭma čikčepe kaso.	Somos pobres, não temos cousa nenhuma.
čisapŭilo čidi čitoka (čisapŭilo čitoka).	O prato está limpo.
čiopo oči (čidi) čijala, ĭoči itoka.	Este copo está sujo, esse está limpo.
muḑaḑa mŭa ukŭéte aḑuri ni mikoko.	Aquella mulher tem carneiros e ovelhas.
muḑaḑa eči ukŭete čibuj̃o, udi kŭiso?	A mulher que tem um lobo, onde está?
udi mu čikuḑo čĭa tátuko.	Está em casa do pae.
čibuj̃o udi utudile?	O lobo está socegado?
bŭate, mŭane, ŭasŭeji.	Não, senhor, (está) bravo.
ĭopo idi kŭiso?	Onde estão os copos?
kabŭa kŭa čaŭape ni čakéne.	Aquelle cão (é) muito bom e muito grande.
čaxa, mŭane.	É assim, senhor. (É verdade, senhor.)
jiṕaka ni jito adi kŭiso? kŭa.	Onde estão as facas e as colheres? alli.
makuj̃i[1] *mapêče*[2] *ni maŭape aiḑuluka.*	Os homens ricos e bons são felizes[3].
kakuj̃i kŭa, kazŭeẽje ni ŭaiḑuluka.	Aquelle rapaz (é) pobre e feliz.
kaḑaḑa kŭa (kadi) kaki ni kalepe.	Aquella rapariga é nova e alta.
nakŭetile mona maku ámi[4] *mŭape.*	Tinha um[5] irmão meu bom.

[1] *ma* é uma excepção, porque o seu plural é *a*.

[2] Além do Cassai *pêto* dizem *pêče*.

[3] *kŭiḑuluka*, «aproveitar».

[4] *ámi*, neste logar equivale a «meu»

[5] «um» subentende-se por *mona maku* estar no singular.

pinape kadipe.	Aqui não está.
tŭakŭetile ǧoḃe umŭè čaŭape ni čakéne.	Nós tinhamos um boi bom e grande.
mŭana kaki ukŭete čipaŭa čijima.	A creança tem uma mala grande.
eči mavuǧa akŭetiléne?	Que pannos teem elles?
kamexi[1] *kudi kujala.*	O gato é preto[2].
mŭane kaki muḃaḋa ukŭetile ḳaĭ kámŭè čaŭape[3].	A menina tinha uma bonita corça.
nudi énu ailumene ači aruḋa?	Sois vós inimigos ou amigos?
mŭéne ukŭete mŭana kaki kámŭè čiakéne[4].	Elle tem uma creança perfeita.
eĭé ŭadimukine.	V. (é) esperto.
ḳaḃaḋa kŭa čiipe.	Aquella rapariga (é) má (feia).
dileso edi kidiŭapelepe.	Este lenço não presta.
ǧoḃe oŭ udi ŭajima.	Esse boi é grande.
uná? bŭate mukŭaŭ.	Aquelle? Não, o outro.
ǧoḃe ujala ŭausŭa ni ŭasŭeji.	O boi preto (é) forte e bravo.
mavuǧa ama adi majima.	Estes pannos são largos.
pinapa aôso adi atudile.	Todos aqui estão quietos.
ikuḃo eĭ idi iŭape.	Estas casas são boas.
éne ḳiaruḋape.	Elles não (são) amigos.
eču ḳiatŭatokelepe.	Não (estavamos) limpos.
ĭopo ḳăidipe pinapa.	Os copos não estão aqui.
aǧoḃe a adi ujima.	Aquelles bois estão gordos.

---

[1] *kamexi* «gato domestico», *kaḃožo* «gato do mato».

[2] «Preto» e «sujo» é o mesmo, e tambem «branco» e «limpo». A interpretação é dada pelo sentido.

[3] Neste caso o *ča* é para dar mais força á expressão, aliás seria *kaŭape.*

[4] *čia* ou *ča,* é questão de pronuncia. Mas sendo *čĭa* «de» e *ča* «indicação de superioridade», ainda neste caso não ha disparidade, porque *kene* é o vocabulo de «grandeza, capacidade, perfeição, etc.», e a interpretação literal é «capacidade, perfeição», o que equivale para elles a «capaz, perfeito, etc.».

asad̃a ou *ag̃ab̃a adi kŭiso*[1]?	Os rapazes onde estão?
asad̃a a kaadipe akĭepe.	Aquelles rapazes não são pequenos.
ana kaki adi kŭiso? kunoŭko bŭate, adile kŭa.	Onde estão as creanças? Aqui não (estão), estavam acolá.
kinisalape čioŭma čimŭè kaso.	Eu não faço nada. (Eu não faço uma cousa só.)
jip̃aka eji akepe.	Estas facas são pequenas.
čaxa, mŭata, jip̃aka jiá jiŭape.	Sim, senhor, aquellas facas (são) boas.
ana ac̃i apêče, ac̃i tuzŭeg̃e?	Os filhos (são) ou ricos ou pobres?
ana ab̃ad̃a katuzŭeg̃epe.	As filhas não são pobres.
jisumo[2] *eji, j̃iadile kŭiso?*	Estes copos onde estavam?
eču tudi ac̃i arud̃a ac̃i airumene?	Somos amigos ou inimigos?
eĭé ŭasalele dileso edi?	Tu fizeste este lenço?
kag̃ana, mŭata, mona maku ámi.	Não, senhor, (fez) meu irmão.
maku ukŭete mona b̃ad̃a umŭè čaŭape.	A mãe tem uma filha bonita.
ukŭet' eĭ kabŭiko kámŭè kaŭape?	Tem v. um casaco bonito?
énu mukŭete[3] *tubŭa tub̃ad̃a tuŭape, ni ámi nikŭete tumexi tub̃ad̃a tujima.*	Vós tendes boas cadellas e eu tenho gatas gordas.
čikag̃a kičidilipe čiŭape, nasalele čikŭaŭ.	A esteira não era boa, eu fiz outra.
ŭasalele čaŭape, mŭata.	Fez bem, senhor.
rukid̃o eru ou *lukid̃o elu.*	Este vento.

---

[1] *asad̃a, ag̃ab̃a,* vocabulos que significam «rapazes já maiores».

[2] *rusumo,* é o nosso copo de vidro, e *čiopo,* o que elles fazem do fundo das cabaças pequenas.

[3] Ouve-se muita vez substituir na segunda pessoa do plural o prefixo *nu* por *mu.*

divuŋa edi diŭape, dĭa dĭipe.	Este lenço (é) bom, aquelle (é) mau.
čibŭiko eči čiŭape, čĭa čĭipe.	Esta camisa (é) boa, aquella (é) feia.
ruto rŭa ruŭape, čisapŭilo eči čĭipe.	Aquella colhér é boa, este prato (é) mau.
kabožo ôka kasŭeji, čibuŋo čĭa čĭiatudile.	Este gato (é) bravo, aquelle lobo (é) manso.
kasŭè aka; kasŭè ka.	Este fogo; aquelle fogo.
mata ama; mata ma.	Estas armas; aquellas armas.
tuƀaje etu; makuŋi makŭaŭ.	Estes rapazes[1]; aquelles homens.
maŭato majima; mataƀa maipe.	Canôas grandes; cadeiras más.
tuxalapoli etu kitŭapelelepe.	Estes serviçaes não prestam.
mŭata mŭa ukŭete alŭa aipe.	Aquelle senhor tem maus portadores.
ačioko aruƀa, akŭete mata maŭape.	Os amigos quiocos teem boas armas.
aixi akŭete mësu majima.	Os peixes tem grandes olhos.
makasa matukuŋi ma adi malepa ni majima, ni akŭete maviji.	Os braços d'aquelles rapazes são compridos e grossos e teem pellos.
nikŭete manuŋo makĭepe.	Eu tenho panellas pequenas.
éne asalele manuŋo makéne ni maŭape.	Elles fizeram panellas grandes e boas.
jitaƀa (jadi) jikĭepe, ni jikuñi jijima.	As batatas (são) pequenas, e as achas de lenha grandes.
jikasu kajĭapelepe, jipasajĭipe.	As enchadas não prestam, as canecas (são) más.
tutuƀo (tŭadi) tŭape.	As estrellas (são) bonitas.

[1] *kaƀaje*, é o homem considerado «forte, valente»; tambem o empregam no sentido de «rapaz», em quem o potentado confia. Verdadeiramente o vocabulo quer dizer «algoz».

ečí čidiki?	O que é isto?
mauhaḏa maŭape.	Boas redes.
muḏaḏa mŭa ukŭete ana aŭape.	Aquella mulher tem bons filhos.
tuḏaje etu (tŭadi) tŭasŭeji.	Estes rapazes (são) teimosos.
jikuñi eji kajĭapelepe.	Estas achas de lenha não prestam.
mukaje[1] *mŭa ukŭete mësu maŭape.*	Aquella rapariga tem bonitos olhos.
kabŭa kaḏaḏa ĭaka kakŭete rudimi majala.	Essa cadella tem lingua preta.
mŭana ou *mona mukurupi ŭadile kŭiso?*	O filho (mais) velho onde esteve?
kŭa, mu čikuḏo čiámi.	Ali, na minha casa.
makuĝi makŭaŭ madile mapêče.	Os outros homens foram (eram) ricos.
éne akŭetile aĝoḏe asato ni tubŭa tuñí.	Tinham tres bois e quatro cães.
nuĝo udi kakĭepe, ni jitaḏa jijima.	A panella é pequena e as batatas são grandes.
maku ukŭete jisuki jilepa.	A mãe tem os cabellos compridos.
rukiḏo rŭasŭeji.	O vento (está) forte.
ámi nikŭete ikuḏo iñí, ni ažolo asato, ni isapŭilo ĭadi.	Eu tenho quatro casas, tres gallinhas e dois pratos.
alŭa akŭete mafefe.	Os portadores são traiçoeiros (teem traição).
mŭata ŭaaṽŭa.	O senhor é riquissimo (tem posses).
kaĝana; nidi kazŭeĝe, ŭaiḏiaméne.	Não, senhor; sou pobre, desgraçado.

[1] *mukaje*, em rigor, é a mulher amante de qualquer; a primeira, a de mais consideração, destaca-se das outras pelo vocabulo *mŭari* ou *mŭadi*.

Graus de comparação

Para egualdade servem-se dos vocabulos *mŭamo... mudi* «assim... como», quando affirmam; e *kañana mŭamo... mudi* «não assim... como», quando negam.

Para superioridade servem-se dos vocabulos *kamo* «mais», *kadi kamo* «ainda mais», *kaxi* «muito».

Para inferioridade servem-se do vocabulo *kakĭepe,* seguido de *ni kaxi.*

Para comparação affirmam a superioridade de um substantivo negando a do outro.

Vocabulario

čibode «porco».
ĭkusa «piolho».
pasu «gafanhoto».
učuko «noite».
musema «cabrinha».
jila «caminho».
čipaja «povoação principal».
ulobo «tinta».
nujo «panella».
sŭana «herdeiro».
urŭele «tarde».
mikobele «rua».
jada «residencia do chefe».
ujala «azul» [1].
čikuro «antigo».
mučeji «doente».
čĭiso «fresco, novo».
kapepele «facil, leve».
usŭakéne «forte».
čadi «depois».
pakŭeza «por consequencia».
kali «já».
kupana «dar».
kŭika «ceder».

Observações. — I. *kupana* pertence á classe I, grupo 2.°, e *kŭika* á classe II, grupo 1.° (V. pag. 37.)

II. Os pronomes pessoaes collocados depois dos substantivos e com o prefixo d'estes equivalem a adjectivos possessivos; collocados depois de preposições tornam-se preposicionaes.

---

[1] Em geral as côres claras teem por vocabulo *utoka* «branco», e as escuras *ujala* «preto»; porém, destacaram sempre o «encarnado» *suža,* e já conhecem actualmente outros que a observação e a experiencia lhes teem feito adoptar, o que veremos tratando-se de côres.

Exercicios

ulob̃' oŭ, kag̃ana mŭamo ujala, mudi ukŭaŭ.	Esta tinta não assim preta como a outra (não é tão preta).
ŭadile ŭape mŭamo, mudi oŭ.	Era assim boa como esta (tão boa).
nikŭete nĭami umŭè, ŭape nikaxi.	Eu tenho commigo uma, muito boa
aôso aipe kamo, eči oŭ.	Todas (são) peores que esta.
unú ŭape kamo ni kaxi, kag̃ana aôso akŭaŭ.	Esta muito melhor, não todas as outras (do que as outras).
udi ujala ni kaxi.	É muito preta.
mŭepŭa ŭámi udi kŭiso?	Meu sobrinho onde está?
mŭepŭa mub̃ad̃a ŭámi mulepe kamo kag̃an' eĭ.	Minha sobrinha (é) mais alta do que tu.
mŭepŭa ŭed̃i mulepe ni kaxi.	O seu sobrinho (d'elle) é muito alto.
mŭén' udi mulepe kamo, kag̃ana aôso ana b̃ad̃a maku ed̃i.	Elle (é) mais alto do que todas as suas irmãs (d'elle).
mona maku b̃ad̃a maku eĭ, udi kŭiso?	Sua filha mais nova (de v.) onde está?
dikag̃' edi, kakĭepe ni kaxi.	Esta esteira pequena e muito.
nikŭete malesu maŭakene kamo ni kaxi.	Eu tenho lenços muito maiores.
ikidi ipepele ni kaxi.	Isto é muito facil (leve).
eĭé ŭaid̃uluka ni kaxi[1] *kag̃an' ámi.*	Tu (és) mais prudente do que eu.
ed̃i mukurup̃i kamo, kag̃ana maku ámi.	Elle é mais velho do que minha mãe.
ukŭet' eĭ mu čikub̃o kamexi kami?	Tens em casa o meu gato?
bŭate, mukŭab̃ag̃o.	Não, senhor.

[1] É frequente nas comparações tomar-se *kaxi* por «mais».

dileso edi dïiso mŭamo mudi ámi.	Este lenço (é) novo assim como o meu (é tão novo como o meu).
čikuǰo čïa, kaǰana mŭamo čijima mudi eči.	Aquella casa não (é) assim grande como esta.
eči čijima kamo, mukŭá ǰaǰo.	Esta (é) maior, senhor.
čikuǰo čikïepe čïa čiŭapelepe, čidi čikuro[1].	Aquella pequena casa não presta (porque é) velha.
kaǰana, mukŭá ǰaǰo, čidi čïiso.	Não, senhor, é nova.
čidi čilepe kamo čiámi ou *kaǰan' ámi.*	É mais alta do que a minha.
čikuǰo čïeï čilepe kamo ni kaxi.	A tua casa (é) muito mais alta.
dileso edi ditoka kamo, kaǰana dïámi.	Este lenço é mais claro do que o meu.
mon' ŭeï mujima kamo, kaǰan' ŭámi.	O teu filho (é) mais gordo do que o meu.
tátuko énu mudi mu čikuǰo?	O vosso pae está em casa?
kadipe ou *pekila*[2].	Não está.
čikuǰo čïedï čiŭape ni kaxi.	A casa d'elle é muito boa.
čiámi čiŭape kamo, kaǰana čïeï.	A minha (é) melhor do que a tua.
nikŭete mavuǧa mavudi, mudi mon' ŭeï.	Eu tenho muitos (tantos) pannos como teu filho.
eïé kaǰana ukŭete mataǰa mavudi mŭamo, mudi mŭepŭa ŭeǰi.	Tu não tens tantos bancos como o sobrinho d'elle.
mŭen' eǰi kakŭetepe mavudi mŭamo mudi eïé.	Elle não tem muitos assim (tantos) como tu.

[1] Pode dizer-se *muloǧa čidi čikuro* «porque é antigo», mas sempre que supprimem *muloǧa* «porque», dão logo a razão como consequencia.

[2] *pekila* é o vocabulo que exprime «não ha, não existe»; estou convencido de que é uma abreviatura, mas já com uma transposição da negativa *pe*, collocada antes do vocabulo abreviado.

Pronomes pessoaes

Já dissemos a pag. 35 que os Lundas teem os absolutos: *ámi, eĭé, mŭéne, eču, énu* e *éne;* os conjunctos: *ni, u, tu, nu* ou *mu, a, g̃u* (prefixos subjectivos), *eĭ, ed̃i, ẽtu, énu, naŭ,* e o reciproco *ṅi* «se» (suffixos objectivos); e os circumstanciaes de que já temos usado nos anteriores EXERCICIOS.

Vocabulario

mŭ-epŭa, pl. *a-,* «sobrinho».
di-suna, pl. *ma-,* «panno».
di-čiko, pl. *ma-,* «dia».
lu-sag̃o, pl. *ji-,* «recado».
zuzé «José (do portuguez)».
toṅi «Antonio (do portuguez)».
noeji, *ĭaṽo*, *muteba* «nomes de homens».
palag̃a, *kata*, *muhog̃o* «nomes de mulheres».
mat̃u, pl. *a-,* «tio».
soj̃e, pl. *a-,* «tia».
ŭoma, pl. *ma-,* «medo».
katano «cinco».
musâb̃año «seis».
sab̃ŭari «sete».
činana «oito».
čĭavudi «muito».
naṅi «quem».
ečiki?[1] «como?».
kulela «estimar, amar».
kusota «procurar, querer».
kusuta «passar, atravessar».
kumana «ver».
kŭimana «esperar».
kutala «olhar, reparar».

Exercicios

jip̃aka[2] *j̃iámi j̃iadi kŭiso?* — As minhas facas onde estão?
jiámi j̃ia ni j̃ieĭ jipane[3]. — As minhas (estão) acolá e as tuas aqui.
eĭé, ŭaik̃ile mavug̃a naṅi? — Tu a quem déste os pannos?

---

[1] *ečiki* ou *ej̃iki* «como isto?».
[2] *ji,* excepção, em vez de *a.*
[3] *pane* abreviatura de *panapa* «aqui».

mona mak' ŭámi.	A meu irmão.
napanéne toni biji.	Eu dei (um pedaço de) carne ao Antonio.
eĕé ŭasutile munumo[1].	Tu passaste por aqui.
kañana mŭata, muná.	Não senhor, por ali.
eču tukŭete ilumene ikĭepe.	Nós temos poucos inimigos.
nikŭete aruda akĭepe.	Eu tenho poucos amigos.
nikŭete muruda umŭè kaso.	Eu só tenho um amigo.
kinikŭetepe muruda umŭè kaso.	Eu não tenho nenhum amigo.
nilela arud' ámi.	Eu estimo os meus amigos.
tátuk' ŭeĕi ukŭete aruda avudi?	Teu pae tem muitos amigos?
eĕé usota kuñusala čioŭma čimŭè.	Tu queres fazer-me uma cousa?
kañana, muloñiki?	Não, porque? (Porque não?)
dileso edi didi dĭêtu?	Este lenço é nosso?
dileso edi didi dijala kamo, kañana dĭámi.	Este lenço é mais escuro que o meu.
zuzé ni mona maku mubada ŭedi jipeto jĭakéne.	José e a filha delle (são) muito ricos.
mona ŭeĕi mujima kamo kañan' ŭámi.	O teu filho é mais gordo que o meu.
tátuk' ŭámi udi mu čikubo?	O meu pae está em casa?
kadipe ou *pekila.*	Não está. (Não ha, não existe.)
čikubo čiedi čiŭape ni kaxi.	A casa d'elle (é) muito boa.
čiámi čiŭape kamo, kañana čiedi.	A minha é melhor que a d'elle.
mŭén' edi muŭape mŭamo, mudi mŭana mak' ŭedi.	Elle é tão bom como seu irmão.
mŭén' edi kañana muŭape mŭamo, mudi mŭata.	Elle não é tão bom como o senhor.
tukŭete mavuña mavudi, mudi eĕé.	Temos tantos (muitos) pannos como V.

[1] Tambem dizem *mu unu, mu unoŭ.*

nikusota ikuḃo, pekila.
Eu procuro casas, não ha.

noeji čilepa kamo, kaǧana maku muḃada ŭeḋi muhoǧo.
Noéji é mais alto que sua irmã Muhongo.

nasoteľ eĭ mu čikuḃo muloǧa namŭika čioŭma čiŭape.
Procurei-o ao senhor em casa para (porque) dar-lhe uma bonita cousa.

nasotile kumumana, mu čikuḃo pekila.
Procurei vê-lo, em casa não estava.

eĭé ukŭete ŭoŭma kaḋi kamo, kaǧanʼ ámi.
V. tem ainda mais cousas do que eu.

kakuǧi kŭa ŭadile nĭámi mačiko mavudi.
Aquelle rapaz esteve commigo muitos dias.

mŭénʼ eḋi mŭepŭa mŭana makʼ ŭámi.
Elle (é) sobrinho de meu irmão.

eči čioŭma mŭamo čiaŭape!
Que cousa assim (tão) boa! (Que bella cousa!)

muloǧiki mŭéne ŭadile mačiko ama ni eĭé?
Porque esteve elle estes dias com V.?

muloǧa kuǧuleľ ámi ni kaxi.
Por me estimar muito.

čiaŭape.
Está bem. (É bom.)

mŭata ŭapanénʼ eḋi čioŭma čimŭè?
O senhor deu-lhe (a elle) alguma cousa?

tátukʼ ŭámi upanénʼ ámi tuǧobe tusâḃaño, ni čadi mikoko misato.
Meu pae deu-me seis bois, e depois tres ovelhas.

mona maku muki ŭámi ukŭete maí mažolo masaḃŭari ni ámi kaadi kaso; pakŭeza, makʼ ŭámi, nisota kaní kamo.
O meu irmão mais novo tem sete ovos de gallinha e eu apenas dois; por isso, minha mãe, quero (procuro) mais quatro.

čaxa, mŭanʼ ŭámi, ŭatudile, nakaiḱʼ eĭ[1] *maí mažolo ama.*
Sim, meu filho, está quieto, eu te darei esses ovos.

[1] É o futuro.

čaŭape, mak' ŭámi, mŭamo udi ŭape ni kaxi.	Muito bem, minha mãe, assim é muito boa.
nĭkusota kusal' eĭ divuĝa dimŭè diŭape.	Desejo fazer-te um bom panno.
uĝusale kabŭiko kámŭè čaŭape čavudi, čadi ámi nakalel' eĭ ni kaxi, mak' ŭámi.	Faça-me um casaco muito bom; depois eu a estimarei muito, minha mãe.
ŭamén' eĭé muḃaḋa mŭa? kazŭeĝe ni kaxi.	Tu viste aquella mulher? (É) muito pobre.
eči ŭasalele kŭa?	O que fazias ali?
naméne[1] *eči eĭé ŭasalele.*	Via o que tu fazias.
mŭan' ŭeĭ ŭasutile mu ĵilu ômu.	O teu filho passou neste caminho.
ni nani?	Com quem?
ni noeji ni palaĝa.	Com Noeji e com Palanga.
ŭamén' eĭé kali kata.	Tu já viste a Cata?
bĭate, kinimumenepe.	Não, não a vi.
eĭé ŭasalele čiipe kusota pinape.	Fizeste mal (em) passar por aqui.
kinatalelepe ni ŭape.	Não reparei bem.

Possessivo

A forma do possessivo, expressa em portuguez pela preposição «de», tambem os Lundas a fazem variar nos seus prefixos, que são sempre os das palavras anteriores se os teem, e suffixando-se *a*. Ex.: *nuĝo ŭa uma* «panella de barro»; *kabĭa ka zoḃa* «cão de caça»; *xipo xĭa čičita*[2] «cinto de couro»; *čičita čĭa čisupa* «pelle de onça»; *aḋu a ruḋa (akŭaruḋa)* «o povo da Lunda»; *jipaka jĭa čĭoko* «as facas dos Quiôcos»; *ipaĭa ĭa uĝa* «os cestos da farinha»; *uĝa ŭa kabaka* «a farinha de milho»; *čikuḃo čĭa* ... «a casa de F...».

---

[1] *méne* abreviatura de *maméne*.

[2] *čičita* ou *čikita* «pelle e couro».

Vocabulario

mu-sasa, pl. *mi-,* «manhã».
kudĭa pa musasa[1] «almoço».
kudĭa pa urŭele[2] «jantar».
pŭelete, pl. *ji-,* «garrafa de vidro».
kima, pl. *a-,* «macaco».
polo, pl. *ji-,* «sitio».
ŭito, pl. *ma-,* «rio».
kumi «dez».
kumi ni kámŭè «onze».
kumi ni sato «treze».
makumi maadi «vinte».
bŭididi «romper da manhã».
pamaki «cedo».
katataka «immediatamente».
lelo «hoje».
ğoloxe «hontem».
eči «quanto».
čia «para».
pa «de, a».
kuxika «chegar».
kuleja «aprender; ensinar».
kuloda «fallar».
kudĭa «comer».
kunŭa «beber».
kŭipula «perguntar».

Exercicios

čisapŭilo oči čidi čia mŭata muteba.	Aquelle prato é do sr. Muteba.
muloğiki mŭéne udi ni kudila?[3]	Porque está elle a chorar?
mŭéne mubada ulela tátuko ni mak' ŭedi.	Ella estima o pae e a mãe.
ana aôso adi ečiki?	Como estão todos os filhos?
tátuko ni mŭana mubada akŭikila[4] *(kaadipe) mu čikubo.*	O pae e a filha não estão em casa.
čikubo čia soje ŭámi (čidi) kakŭepe kamo, kağana eči.	A casa de minha tia é mais pequena do que esta.
čieŭé čidi čijima kamo.	A sua é maior.
tŭasala pamu čikubo čimŭè?	Fazemos juntos uma casa?
axikil' énu urŭele eĭ?	V. chegaram esta tarde?

[1] Á letra: «comida ou o comer da manhã».
[2] Á letra: «comida da tarde».
[3] A letra: «está com chorar».
[4] Phrase: «não ha».

tŭaxikile ğoloxe pa musasa.	Chegámos hontem de manhã.
naxikile musasa ômu.	Eu cheguei esta manhã.
eču tŭasutile ğoloxe munumo.	Passámos hontem por aqui.
eié ŭasutile (ŭasutil' eié) kŭiso?	V. por onde passou?
mak' ŭeĭ murudanámi ni kaxi.	Tua mãe é muito minha amiga.
ğoloxe nakudĭile pa urŭele ni maĭ' ŭeĭ.	Hontem jantei com teu tio.
ŭasota[1] *čioŭma čimŭè čiŭape ni kaxi.*	Queres uma cousa muito boa?
čaxa, mŭata.	Sim, senhor.
kima ŭaseğana ni mutodo, ukusota kusala dĭa pŭelete imŭè jĭadi ači jisato.	O macaco está a brincar com o pau, quer de uma garrafa fazer duas ou tres.
nimŭimane pane bĭididi, mulŏğa nikusota kulod' edi ni kaxi.	Espero-o aqui cedinho, porque preciso fallar-lhe muito.
pa dizŭi[2].	Está dito.
murudanámi, ukusota kunŭa (kuna) marra.	Meu amigo, quer beber garapa[3]?
pa musasa ninŭa kaso mema.	De manhã bebo só agua.
polo pedi (udi) ŭape kamo, kağana ôpo.	O sitio delle é melhor do que este.
nikusota kutuloda.	Preciso fallar-lhe.
kabŭa ka zoba kŭa, kajima ni kaxi ni čiiso.	Aquelle cão de caça é muito grande e novo.

---

[1] Devia ser *usota;* porém, quando se referem á acção que se está praticando, juntam ao prefixo o infixo *a,* e pode interpretar-se *ŭa* por «está».

[2] *pa dizŭi; pa* preposição «no, na, dentro», *dizŭi* «palavra». A pessoa que emprega tal phrase indica que fica dentro do que ouviu, isto é, que se suspenda qualquer solução a tomar depois do que se ouviu, até que elle haja deliberado sobre o assumpto; quer pois dizer: «basta, não continue, nem uma palavra mais».

[3] Bebida — mel fermentado em agua.

ámi ni ámi[1].	Eu tambem.
ĭopo ĭeĭ (ĭadi) iŭape kamo eči ĭámi?	Os teus copos são melhores que os meus
bŭate, mukŭá b̃ag̃o, iêtu ĭaipe ivudi.	Não, fidalgo, os nossos (são) muito feios.
usot' eči? (usot' iki?)	O que quer? (o que deseja?)
ug̃a ŭa kabaka.	Farinha de milho.
ana eči soj̃e ŭeĭ ukŭete?	Quantos filhos tem sua tia?
asâb̃año (ana asâb̃año).	Seis.
ukŭete kamo, kag̃ana mak' ŭámi.	Tem mais do que minha mãe.
ečŭ tŭaxika pa kalaṅi, tŭimana mu čimeta kudi mŭatĭavŭa, tŭalod̃ele nĭed̃i, ni mŭén' ed̃i ači[3]*: alejaṅi murud̃anámi, ŭimane mačiko maadi ači masato kamo.*	Chegámos ao Calanhi, esperámos no Chimeta[2] pelo Muatiânvua, fallámos com elle e o proprio (diz) que: digam ao meu amigo (que) espere dois ou tres dias mais.
kag̃ana, mŭane, kadilipe mu polo pêtu.	Não, senhor, não estava no sitio[4].
uméne kuxika mona mak' ŭed̃i?	Viu chegar o irmão d'elle?
udile kŭiso?	Onde foi?
mu ŭito.	No rio.
usalel' eči kŭa?	Fizeste lá o quê?
nasotile aíxi.	Procurava peixe.
kinamenepe[5] *kali aíxi, mačiko mavudi.*	Já não vejo peixe (ha) muitos dias.
naiméne g̃oloxe ŭa urŭele.	Vi-os hontem de tarde.
ŭaid̃uluka kamo, kag̃an' ámi.	É mais feliz do que eu.

---

[1] Phrase: «eu com eu».
[2] Largo á frente da residencia.
[3] *ači* abreviatura «o proprio que falla, diz».
[4] Logarejo, terra.
[5] «Não ver comida» equivale a «não comer».

jisumo eči tŭakŭetile mu čikuḃo?	Quantos copos tinhamos em casa?
jijima jiñi, jikŭepe jitano.	Quatro grandes e cinco pequenos.
umane katata, tala ḃili, tukŭeť eči?	Veja agora, (veja ainda), quantos temos?
jijima jiadi, kakŭepe kámŭè kaso.	Dois grandes e um só pequeno.
jikŭaŭ jiadi kŭiso?	Os outros onde estão?
kaḃiji![1]	Quem sabe!
ámi nilela kaxi ana maĭ' ŭeĭ, muloǧa ana kaki aŭape ni kaxi.	Estimo muito os filhos de teu tio porque são muito boas creanças.
lelo, tátuk' ŭámi ŭadile pa urŭele mu čikuḃo ni ana eḋi aôso.	Meu pae jantou hoje em casa com os filhos todos.
ikuǧi ia usuta kunoŭko mačiko maôso.	Aquelle homem passa por aqui todos os dias.
ámi kinikŭetepe ana avudi, mudi eḋi.	Não tenho tantos filhos como elle.
aǧoḃe eči, soĭ' ŭeĭ ukŭetile?	Quantos bois tinha tua tia?
makumi maadi ni katano.	Vinte cinco.
mŭéne muḃaḋa ŭaxikile kali?	Ella já chegou?
kaǧana, mŭata.	Não, senhor.
mësu maaĭxi majima ni majala.	Os olhos dos peixes (são) grandes e escuros.
isupe ia mema makŭepe ni maípe.	As cabaças da agua (são) pequenas e feias.
akaje a mŭata aŭape ni akéne.	As amantes do senhor (são) bonitas e capazes.
usoť eči ámi nipan' eĭ?	O que quer V. que lhe dê?
eči eĭé, mŭata, ŭakusota.	O que o senhor quizer.

[1] Phrase : «não sei, que me importa, quem sabe, etc.».

apanén' eĭ, ioŭmai ŭape ivudi?	Deram-te muitas cousas bonitas?
bŭate, mŭata, aĭupanéne ikĭepe ni ĭipe.	Não, senhor, deram-m'as poucas e más.
ečŭ tumusutile mu ŭato êtu.	Passámo-lo na nossa canôa.
maŭato ečike akŭeténe?	Quantas canôas teem elles?
nĭipul' eĭ ači ukusota čioŭma čiŭape čimŭè.	Pergunto-te se queres uma cousa bonita.
kakuĭi kŭa usŭa kéne, ni mŭana mak' ŭedi muĭeji.	Aquelle rapaz é muito forte (força grande) e seu irmão, (d'elle) doente.
kajile kadi mu jĭla.	O passarinho está no caminho.
musema ŭeĭ ĭoloxe učuko nimuméne mu čikuŭo čia soĭ' uámi.	A tua cabrinha via-a hontem á noite em casa de minha tia.
disuna edi dĭapepele.	Esta fazenda é muito leve.
tátuk' ŭámi mona mak' ŭedi sŭan' ŭedi.	O irmão de meu pae é seu herdeiro (d'elle).
uloŭ' oŭ udi ujala kamo, kaĭana čikuro.	Esta tinta é mais preta do que a antiga.
mŭepŭa muŭad' ŭámi ukŭete čilŭada.	Minha sobrinha é preguiçosa (tem preguiça).
čipaĭa[1] čia muteba čidi čijima kamo ni usŭa kéne kamo, kaĭana mad' ŭedi.	A residencia do Muteba é maior e mais forte do que a do seu tio (d'elle).
kinikŭetepe ŭoma jĭjila ñipe.	Eu não tenho medo de maus caminhos.
tala, jĭjila eji jĭipe.	Repara, estes caminhos (são) maus.
imane, ači ukusota kumana ĭavõ; ŭaxikile urŭel' oŭ.	Espera se queres ver Ianvo; chegou esta tarde.

[1] Tambem dizem *kipaĭa*.

Pronomes objectivos da 3.ª pessoa

Em seguida ao prefixo subjectivo *mu* equivale a «o, a»; *i* a «os, as». Ex.: *uñŭijika* «conhece-o»; *ĕcu tuĭijika* «nós os conhecemos»; *ámi nimumana* «eu vejo-o»; *éne aiméne* «elles viram-os».

Vocabulario

mu-soñi, pl. *a-*, «primo».
či-kuko, pl. *i-*, «pedaço».
či-bele, pl. *i-*, «retalho».
useña, pl. *a-*, «negociante».
mañi «azeite».
useĭa, pl. *ma-*, «negocio».
moĝŭa, pl. *ji-*, «sal».
pamŭè «juntos».
koña «qual».
sŭapali «de pressa, rapidamente».
dĭamačiko «amanhã».
bĭli «ainda».
kañi kali «ainda não».
kuleta[1] «trazer».
kŭijika «saber, conhecer».
kŭeza «vir».
kulañda «comprar».
kudĭata «pisar».
kudila «chorar».
kubula «bater».
kuxala «ficar».

Exercicios

nĭkusota[2] *kuloña maĭ' ŭeĭ, ačĭ lelo ačĭ dĭamačiko* — Eu desejo fallar a teu tio, ou hoje ou amanhã.

lelo mŭéne udi mu čikuño dičiko dĭôso. — Elle hoje está em casa todo o dia.

muloĝiki? — Porquê?

ŭimana mona maku muñaña mukurupi ŭeñi. — Espera sua irmã mais velha.

imane bili, nĭkusota kumumana ŭape. — Espere ainda, quero vê-lo bem.

---

[1] Tambem dizem *kuneta*.

[2] Muitos, principalmente no verbo *kusota*, não supprimem o prefixo do infinito na 1.ª pessoa do presente.

musoñi muɓaɗa ŭeĭ udi kŭiso?	Sua prima onde está?
kiñĭijikape. kinimuméne lelo.	Não sei. Não a vi hoje.
ĝoloxe učuko ŭadile mu čikuɓo čĭêtu, ni ŭaloɗele, ŭaloɗele, ŭaloɗele ni kaxi.	Hontem á noite esteve em nossa casa, e fallou, fallou, fallou muito.
leta (neta) kasŭè.	Traz fogo.
kumusota kŭiso?	Onde hei de procurá-lo?
eči uneta mu čikasa?	O que traz na mão?
divuĝa dĭa mona mak' ŭámi.	O panno (veste) de meu irmão.
mak' ŭámi mupêto mŭamo, mudi eĭé.	Minha mãe é tão rica como tu.
mŭata ŭapanén' eɗi mavuĝa mañí?	O senhor deu-lhe quatro pannos?
bŭate, napanén' eɗi masato kaso.	Não, dei-lhe só tres.
nañi ŭaiɗ' eĭ jitu eji?	Quem te deu essas colhéres?
tátuk' ŭámi.	Meu pae.
ĝoloxe učuko naméne tutuɓo tuŭape ni kaxi.	Hontem (á) noite vi estrellas muito bonitas.
ŭaneta ni eĭ?	O que trazes comtigo? (O que trazes ahi?)
kaĵile kámŭè, kuĝupan' ámi kakuĝi kŭa eči ŭaloɗa ni musoñi ŭámi[1].	Um passarinho (que) me deu a mim aquelle rapaz que está fallando com meu primo.
ámi kinimumana.	Eu não o vejo.
eĭé uméne mŭepŭa ŭámi?	Vistes meu sobrinho?
kaĝana mŭata, nimŭimana panapa (pinape).	Não, senhor, espero-o aqui.
aĉi kuloɗa ni eɗi, nikusota kumumana mu čikuɓo čiámi.	Se fallar com elle, eu desejo vê-lo em minha casa.

[1] Quando o sujeito e o objectivo são da mesma pessoa empregam muitas vezes o verbo no infinito. O pronome *ámi* que se lhe junta é para dar mais força á expressão.

kinikuloda ni edi lelo, muloga muieji.	Não fallo hoje com elle porque (está) doente.
ta[1] *isapuilo eji.*	Traga estes pratos.
kuisako[2]*?*	Aonde?
eié bili[3]*! net' eci*[4]*?*	Ó tu! o que trazes?
iopo idi kuiso?	Onde estão os copos?
buači[5]*.*	Foram-se (desappareceram).
nasalele jitu jikamo mu dičiko dimuè, kagana mona mak' uámi mu masato.	Eu fiz mais colheres em um dia do que meu irmão em tres.
mu polo pêtu asalani makumi jitu[6] *ni jiadi mu dičiko dini.*	Na nossa terra fazem-se vinte e duas colheres por dia (em um dia).
nasalele kali jipaka jisâbaño mu dičiko diadi.	Eu já fiz seis facas em dois dias.
ámi lelo nidi niuape ni kaxi, uape kamo ni kaxi, kagana goloxe.	Eu hoje estou muito bem, muito melhor que hontem.
aôso asala ioúma iau.	Todos fazem as suas cousas (d'elles).
ámi nisala kaso muamo, mudi aepua aôso uámi asala.	Eu só faço tanto como todos os meus sobrinhos fazem.
nisuta munoúmo mačiko maôso.	Eu passo por aqui todos os dias.

---

[1] *ta* abreviatura de *neta (leta).*

[2] *kuisako (kuiso + ako).* Esta terminação *ako* é muito usada para frisar bem o logar em que se deve passar a acção; nesta phrase representa a duvida «onde?».

[3] Forma de chamar a attenção de quem está distante: «olha lá, olha cá, ouve lá, ouve cá, etc.»; interpretação litteral «tu ainda!».

[4] Faço notar a distincção de *net' iki* «traga isto».

[5] *buači,* que se diz rapidamente, é a expressão propria que indica «quebrou-se, perdeu-se, desappareceu, não vejo, morreu, acabou-se, etc.».

[6] O que se conta collocam sempre antes do numeral designativo das unidades.

ečų tumuméne kusuta ǰoloxe urŭele.	Nós o vimos passar hontem (de) tarde.
lelo ámi ni ámi nasutile mu ǰila ŭeĭ.	Tambem hoje eu passei no teu caminho.
namuméne čaŭape.	Eu vi-o muito bem.
tumexi atuxikile ǰoloxe bŭididi bŭididi[1] *adi kŭiso?*	Onde estão os gatos (que) chegaram hontem muito cedo (ao romper do dia)?
čitŭimenepe.	Não os vimos.
tutubŭa natuméne musasa oŭ (ômu) mu ǰila.	Os cãesinhos vi-os eu esta manhã na estrada (caminho).
tátuk' ŭeĭ ŭakŭetile iboď ĭavulo (ĭavudi)?	Teu pae tinha muitos porcos?
ŭakŭetile, kaikŭetepe kali.	Tinha, (mas) já não os tem.
nikusota čikuƀo čimŭè kudi[2] *tátuk' ŭámi.*	Eu procuro uma casa para meu pae.
kŭa nimane čimŭè čiŭape čivudi.	Acolá (ha) uma muito boa.
načiméne kali, čijima ni čilepa čia kamo.	Já a vi, (é) larga e comprida de mais.
ŭipule ači mŭén' eď mu čikuƀo?	Pergunte se elle (está) em casa?
usota kŭijika muloǰiki?	Quer saber porque? (Porque quer saber?)
muloǰa nikusota kulaď' eď mani.	Porque quero comprar-lhe azeite.
mŭén' eď kudĭape mauseĭa.	Elle não come (não faz) negocios.
mačiko ama maipe ku mauseĭa.	Estes dias (são) maus para negocios.

[1] A repetição de *bŭididi* exprime «o mais cedo possivel».

[2] «Pelo, por» e em certos casos «como, para».

čid' eč' iči?	O que é isto?
izaka.	Folhas de mandioca.
iči čiŭapelepe.	Isso não presta.
iŭape ni kaxi kudĭa ni rruka.	Muito bom (para) comer com o infunde.
nĭeza kudi soj̃ ŭámi; ŭaxalele ni ŭape ni ana kaki ed̃i.	Eu venho por (de casa de) minha tia; ficou bem (de saude) com os seus filhos.
naezile ni tátuk' ŭámi, naméne mona mak' ŭeĭ.	Vinha com meu pae e vi o seu irmão.
kob̃a dĭahuĭ?	Qual d'elles?
muka[1].	O mais novo.
nasotile čibele eči čĭa disuna.	Eu queria esse retalho de fazenda.
let' ámi čikuk̃o čĭa mutod̃o nimana kŭa.	Traga-me aquelle pedaço de pau (que) vejo acolá.
nĭia nimuleta katataka.	Vou e trago-o já.
kakuĝi keĭ ukŭete uôma ka mukŭaŭ.	Este rapaz tem medo daquel' outro.
maĭ' ŭeĭ uĝupanéne kajile aka.	Seu tio deu-me este passarinho.
ámi nilele tujile tukĭepe, muloĝa kasalelepe ni ip̃e muĭu umŭè.	Eu estimo os passarinhos pequenos, porque não fazem mal a ninguem.
ŭaíle kŭiso?	Onde foi?
naíle kusota čikuk̃o čĭa moĝŭa.	Foi procurar um bocado de sal?
ana kaki aíle kŭiso?	Os rapazes onde foram?
aíle kusota mañi.	Foram buscar azeite.
tŭile ni musoñi ŭeĭ ni tuleta mañi ači aĝaje[2].	Vamos com seu primo e traremos azeite ou os fructos da palmeira.

[1] *muka* abreviatura de *mŭana kaki.*

[2] *aĝaje* é o «fructo da palmeira», que pisam para fazer o azeite.

nĭia kali. imane bili.	Vou já. Espere ainda.
isapĭilo ĭa ijima ivudi.	Aquelles pratos (são) muito grandes.
nazikile musasa ômu, ni katataka nasalele ipe ku kima, nadĭatele mu čikasa.	Cheguei esta manhã, e logo fiz mal ao macaco; pizei-o na mão.
kaĝana ŭamuméne?	Não o viu?
bŭate.	Não.
muloĝiki mŭéne ŭakudila?	Porque está elle a chorar?
muloĝa mak' ŭeĭ ŭamubula mubula[1].	Porque a mãe lhe bateu.
tumexi etu tŭadi ĭeči axikile ĝoloxe učuko?	Estes gatos são os que chegaram hontem á noite?
čaxa, mukŭá ɓaĝo.	Sim, meu senhor.
kinilelepe inaŭ; naisotelepe tujima.	Não gosto d'elles; queria-os maiores.
akŭaŭ eči[2] *tŭiméne mu čikuɓo*[3] *čĭa useba aŭape kamo ni kaxi.*	Os outros que vimos em casa do negociante (eram) muito melhores.
auseba asalele mauseĭa maŭape mu čibaĝo čĭiso čĭaŭ.	Os negociantes fizeram bons negocios na sua nova casa de venda.
éne adimukine ni kaxi.	Elles (são) muito espertos (intelligentes).
aijika kusota aĭu aôso ailele.	Elles sabem procurar que todos os estimem.
mitoɗo ĭuná idi ijima ni iŭape ni kaxi.	Aquellas arvores são grossas e muito boas.
éne akŭetile makumi maadi maleso ni mañí.	Elles tinham vinte e quatro lenços.

[1] Repetem para dar mais força á expressão.

[2] *eči* podia dispensar-se.

[3] Bastava dizer *mu useba*, subentendia-se *čikuɓo*, o qual tambem se pode substituir por *čibaĝo* «casa de venda».

musoñi ŭámi kŭezilepe lelo kuĝumana, naile kudi murudaneĭ kauĝula[1].	Meu primo não veiu hoje verme, foi pelo seu amigo Caungula.
dičiko dĭôso nimŭiméne.	Todo o dia o esperei.
nakŭetile dikumi dĭa maí ni atano.	Eu tinha quinze ovos.
ia ni nañi?	Vaes com quem?
ni soj̃ ŭámi.	Com minha tia.
soj̃ ŭeĭ ŭia kŭiso?	Onde vae tua tia?
mañí[2].	Não sei.
nañi uletel' iki?	Quem trouxe isto?
tátuk' ŭêtu.	O nosso pae.
ŭasaleĭ' iki?	V. fez isto?
bŭate.	Não.
eči nañi? ou *nañi?*	Então quem foi?
kaiji ou *kinijikape* ou *kaijika* ou *kŭiji.*	Não sei.
kŭiji mona mak' ŭeĭ.	Talvez seu irmão.
čisapŭilo čidi kŭiso?	O prato onde está?
kinamumenepe.	Não o vi.
kakuĝi keĭ kidi kĭipe ni kaxi.	Este rapaz é muito mau.
ĭopo ikuro iŭape ni kaxi, kaĝana kĭiso.	Os copos antigos (eram) muito melhores que os novos.
nikusota kŭijika katataka jipaka jijima jĭadi kŭiso?	Eu quero saber immediatamente onde estão as facas grandes?
ia ni kŭisota.	Vá procurá-las.
ŭileta kunoŭko katataka.	Traga-as aqui immediatamente.

[1] Titulo de um potentado.

[2] *mañí* desdobra-se em *ma* e *iñí*; *ma* é um prefixo do plural que se refere a tudo que alguem acaba de ouvir e lhe era ignorado; isto é, em logar de *maôso* «tudo», *iñi* «quê, qual». Ex.: *maôso eĭé ialeja mañi!* «tudo o que V. está dizendo, o quê!». Mostra assim a sua ignorancia e enfado o individuo a quem se culpa ou se interroga sobre o que elle não sabe, dizendo: *mañí.*

Verbos

Forma activa

As formações dos tempos e modos, e bem assim o competente paradigma, ao qual o leitor deve recorrer, e que por economia de espaço aqui supprimimos, ficaram indicados a pag. 37.

As formas do presente e aoristo já teem sido empregadas nos precedentes EXERCICIOS.

Vocabulario

mu-jikulo, pl. *a-,* «neto».
mu-xima, pl. *mi-,* «coração».
mu-kaka, pl. *mi-,* «mandioca».
ka-ďiga, pl. *tu-,* «bombó».
mu-jikita, pl. *mi-,* «trabalho, serviço».
ǰaka, pl. *a-,* «avô».
maxi «sangue».
mačiko maôso «todos os dias, sempre».
čieneči «mas, porém».
suka «mas».
čiaôso «quando».
kutuma «mandar».
kutaǰa «contar, narrar, ler».
kutaďula «receber».
kuseǰana «brincar».
kulala «dormir».
kubudika «sair».
kutažuka «chamar, convidar».
kuladďixa «vender».
kudďioxa «tirar».
kŭana «juntar, unir».

Futuro		Imperativo	
nakaxika	«eu chegarei»		
ŭakaxika	«tu chegarás»	*xika*	«chega tu»
ŭakaxika	«elle chegará»	*uxike*	«chegue elle»
tŭakaxika	«nós chegaremos»	*tuxiketu*	«cheguemos nós»
nŭakaxika	«vós chegareis»	*xikénu*	«chegueis vós»
akaxika	«elles chegarão».	*axike*	«cheguem elles».

Exercicios

mŭén' edi ŭakaxika ači lelo ači ɗiamačiko.	Elle chegará hoje ou amanhã.
tažuka mŭana kaki.	Chama a creança.
kĕjilepe kadi ou *kadi kali.*	Ainda não veiu.
tabula kadii[1] *kŭa, čia kuɗiata.*	Receba aquelle bombó para pisar.
lelo ačioko aneténe misaka.	Hoje os Quiôcos trouxeram mandiocas.
eču tukaxala ɗiamačiko mu čikubo, eié kağana, ukaïa kudi čiseğe[2].	Nós ficaremos amanhã em casa, V. (tu) não, irá(s) pelo Chissengue (quando tu fôres ao Chissêngue).
ğaka ukalela mujikulo ŭedi mačiko maôso edi (mŭén' edi) eči usala mujikita mŭape.	O avô amará seu neto sempre que elle faça bom serviço.
nakaloda tátuk' ŭeĭ dičiko dimŭè dičiko kamo[3].	Eu fallarei a teu pae qualquer dia.
xala panapa, nakaïa ni ana kaki ŭeĭ.	Fica aqui, (que) eu irei com teus filhinhos.
murudanêtu utŭimane kadi učuko oŭ.	O nosso amigo espera-nos ainda esta noite.
tukaïa kali učuko ŭeza[4].	Iremos já (porque) a noite chega.
tŭokŭiani[5] *kubudika urŭel' oŭ.*	Vamos todos sair esta tarde.
ikŭaŭ axalele kŭiso?	Onde ficaram os outros?

---

[1] Abreviatura de *kadiga.*

[2] Titulo de uma auctoridade entre os Quiôcos.

[3] Á letra: «dia um, dia mais», isto é, «um dia ou outro».

[4] Expressão usual de «principiar a noite, escurecer», como o é tambem *mutena ŭaïa* «o sol vae, desapparece».

[5] É o mesmo que *tuïani.*

mu čipaĝa čia mŭitĭa[1].
Na residencia de Muítia.

énu axikile musasa ômu?
V. chegaram esta manhã?

kaĝana, mŭari, tŭaxikile ĝoloxe urŭele.
Não, senhora, chegámos hontem de tarde.

ámi nidi kunoŭko ni ŭape ni kaxi, čieneči mon' ŭámi kadipe.
Eu estou aqui muito bem, porém meu filho não está.

ečé učuko oŭ ŭaile kŭiso?
Onde foi V. esta noite?

naxalele mu čikuǰo ni mona maku muǰaǰa ŭámi.
Fiquei em casa com minha irmã.

mŭéne ĝaǰa, auseba[2] *a mŭéne puto axikile kali pamaki bŭididi bŭididi mu čibaĝo*[3], *ni kudĭa bŭate.*
Senhor da terra, os negociantes portuguezes chegaram ao romper da manhã á feitoria, e não teem de comer.

ečé, ni ečé, ni ečé[4], *kaǰi aĭañi kusota kudĭa kĭavudi, kudi aruǰanámi.*
V., com V., e mais V., vão. ainda todos procurar de comer para os meus amigos.

maku ŭatumine mŭana ŭeǰi kusota mema, mŭén' eǰi ŭaile kuseĝana ni tukuĝi tukŭaŭ, kud' ičí ŭamubŭile[5].
A mãe mandou seu filho buscar agua, e elle foi brincar com outros rapazes, por isso o castigou.

maku ŭaiĝa[6], *ana aipe akusota kumana malu*[7].
Tem razão a mãe, maus filhos precisam ser castigados.

auseba ajile akŭiso?
D'onde vieram os negociantes?

a malaǰe.
De Malanje.

---

[1] Principal conselheiro na côrte lunda.

[2] Tambem dizem *mauseba;* o regular, porém, é *auseba* por ser ente animado.

[3] «Casa de negocio»; como feitoria é interpretação já adoptada, por isso a empreguei.

[4] É o usual, apontando para os individuos que se nomeiam.

[5] Abreviatura de *bulile,* de *kubula* «bater».

[6] Phrase abreviada.

[7] «Ver castigo».

mutena ŭaĭa kali; ďiamačiko tukaloďa kamo ni kaxi.	Vae principiar a noite (acabou-se o dia); amanhã fallaremos mais (continuaremos a conversa).
[illegible] eďi ŭaĭa, ámi nakaxala kaďi.	Elle vae, eu ficarei ainda.
énu aĭa kubudika, kusal' eči?	V. vão saír, fazer o quê?
kumana tuĭoŭma tuŭape, auseba aineténe.	Ver cousinhas bonitas (que) trouxeram os negociantes.
ači éne aneta moǧŭa, nisota kŭámi.	Se trazem sal, quero para mim.
ámi ni ámi nikusota jipasa ǰiadi jijima.	Eu tambem quero duas canecas grandes.
kakuǧi küeĭ ŭaĭa nĭêtu kuleta moǧŭa ni jipasa.	O seu rapaz vae comnosco (para) trazer o sal e as canecas.
eĭé bili, ĭa nĭahuĭ.	Olá tu, vae com elles.
nataďŭile jipasa jiní ni moǧŭa čikuďo čikĭepe kaso.	Recebi quatro canecas e apenas um pedacito de sal.
nakatuma mujikulo ŭámi kŭimana kudi éne.	Mandarei meu neto esperar por elles.
tažuka mona maku muďaďa muka ŭámi.	Chama minha irmã mais nova.
kalala[1] *ŭaile pa musasa kudi mataba, učuko ŭejile kali ni mŭén' eďi kuxika kaďi bŭate.*	Calala foi de manhã a Mataba, já é noite e elle ainda não chegou.
kŭiji[2] *mŭéne ulala učuko mu ǰila.*	É possivel durma noite no caminho.
eĭé ukŭete maxi mu mŭeďu maku[3].	V. tem sangue na perna esquerda.

[1] Chefe da força armada.

[2] Empregam como duvida: «talvez, é possivel, pode ser que, etc.».

[3] O lado direito pertence ao pae, o esquerdo á mãe.

ŭasalele maxi mu čikasa ečike?	Como fez sangue no braço?
kŭiji, čieneči iči kakiŭoma kakiepe[1].	Não sei, mas isto não vale nada.
ŭalodele kali ana auseba?	Já fallou aos filhos dos negociantes?
kadi kali.	Ainda não.
naiméne kali, čieneči[2] *kŭiloda kañana kadi.*	Já os vi, mas ainda não lhes fallei.
akaŭani kŭisota, ni alod' éne[3] *nikŭete muxima čia*[4] *kŭimana.*	Vão (todos) procurá-los e digam-lhes que desejo (tenho vontade) vê-los.
dioxa isapŭilo eĭ ni ŭituma mujikul' ŭámi.	Tira estes pratos e manda-os a meu neto.
mujikul' ŭeĭ kadipe mu polo pêtu, ŭabudikile pa musasa.	Seu neto não está no sitio (povoação), sahiu esta manhã.
ŭabudikile ni kuloda nĭámi kañana; ači kŭeza, mutažuka.	Sahiu e não me fallou; quando vier, chama-o.
musoni ŭedi ŭataboŭile čibele čia disuna eĭé ŭatumin' edi.	O primo d'elle recebeu o retalho de fazenda (que) V. lhe mandou.
ikuñi ĭa ukŭete muxima mujĭma[5].	Aquelle homem é generoso.
mŭana kaki amu umana utoka[6].	Esta creança vê claro.
mutodo ŭasotile kubula čikasa čiámi.	Ia batendo com o braço na arvore.

---

[1] «Pequenina cousa».
[2] Podia dispensar-se.
[3] É tambem empregado no sentido de «dizer, communicar».
[4] *čia* «para», empregam-no tambem no sentido de «de».
[5] Á letra: «tem coração grande».
[6] «Branco» é «claro».

mona ŭeĭ ukŭete muxima mutoka[1].	Teu filho é bondoso (justo).
kakuĝi kĭeĭ ukŭete muxima mujala[2].	Esse rapaz é malvado.
eču tukaloda mak' ŭedi ni ukamana malu.	Nós fallaremos com a mãe d'elle e será castigado.
aĉi eié ŭape, muĭu kakŭetepe muxima kubul' eĭ.	Se tu (fores) bom, ninguem te bate (castiga).
nikŭete muxima čia kuda aíxi niéne.	Tenho vontade de comer peixe com elles.
ŭaiĝa, kumana ŭape kuda ŭape kamo[3].	Tem razão porque a apparencia é boa.
činamenepe[4] *aíxi mačiko mavudi.*	Não comia peixe ha muito tempo.
naiméne diamačiko, ni ŭape ni kaxi.	Comi-o hontem, e muito bom.
niŭapele[5] *ixi, nikusota kadi kamo biji.*	Gosto de peixe, quero ainda mais (prefiro) carne.

Condicional

Não teem a forma simples como nós, porém servem-se de auxiliares (pag. 39) que dão a equivalencia.

Conjunctivo

Tem os mesmos tempos do indicativo com as differenças indicadas a pag. 40.

---

[1] Á letra: «tem coração limpo, tranquillo».

[2] Á letra: «tem coração sujo, preto».

[3] Á letra: «ver bem, comer melhor (o que agrada á vista deve saber bem)». Phrase muito usual.

[4] «Ver» empregam-no tambem no sentido de «comer». Assim, dizem: «a barriga não viu», i. é., «não comeu».

[5] De *ŭape*, «bom», fazem o verbo *kuŭapele* «gostar».

Exercicios

nasotele kutub̄uka mikaka eĭ aôso ac̄i nakŭetile dičiko dĭoso kudi ámi.	Eu levantaria todas estas mandiocas se tivesse vagar (todo o dia por mim).
naile kumana masuna auseba amaneta ac̄i nalad̄ele. kulad̄a nĭeči?	Eu veria as fazendas (que) trazem os negociantes se comprasse. Comprar com quê? (se tivesse com que comprar).
tutakuĭa kaso ku musub̄a kŭa mŭatĭav̄ŭa, čiaôso tukaijika ačioko aile[1] *kali.*	Só iremos á residencia do Potentado quando soubermos (que) os Quiôcos já (retiraram) foram.
ac̄i jipasa jĭoso ámi nimana, kudi ŭámi, naisotele kutub̄uka katataka.	Se todas as canecas que vejo (fossem) para mim, levantá-las-ia immediatamente.
naile kudĭoxa panapa maleso matano, suka eĭé kulod̄a tátuk' ŭámi, bŭate.	Eu tiraria d'aqui cinco lenços, tendo a certeza que V. não dirá a meu pae.
ac̄i naméne, naezile kulod̄a čakéne.	Se eu visse fallaria a verdade.
tŭasotele kŭeza g̃oloxe, ac̄i mŭepŭa ŭétu, ac̄i ed̄i ni ed̄i, ŭezile.	Viriamos hontem se nosso sobrinho viesse tambem.
eĭé ulod̄a čĭoŭma čimŭè, muxima ŭeĭ čikŭaŭ.	V. não diz o que sente. (V. diz uma cousa, seu coração outra.)
eza ko[2]*, ni ac̄i eĭé ukusota, tulod̄e tukĭepe.*	Approxime-se, e se quer fallemos um pouco.

---

[1] Teem um verbo especial para «retirar, voltar», mas usam muito de *kuia* «ir» para indicar a retirada.

[2] Abreviatura de *kunoáko*. A phrase ainda se pode abreviar em *zakó*.

kuloda mŭamo, kuleja nañi?	Quem lhe ensinou a fallar assim? (Fallar assim, ensinar quem?)
ĭči aĭu aôso amŭijika.	Isto toda a gente o sabe. (Não se ensina).
naejile kuloda mŭamo, ačĭ muĭu alejel' ámi.	Eu fallaria assim se me ensinassem.
kuloda, aloda aôso; kŭijika, kañana.	Fallar, todos fallam; saber, não.
kuloda čidi čiŭape, kŭijika čiŭape kamo.	Fallar é bom, saber é melhor.
muruda ŭeĭ usotele kumŭimana, ačĭ eĭé uloĭele nĭeza lelo mŭamo.	O seu amigo esperá-lo-ia se dissesse que vinha (eu venho) hoje mesmo.
kakŭji kŭedi ŭezile, suka ŭaile kali kusota mŭadĭaje[1].	O rapaz d'elle veiu, mas foi já procurar de comer.
nasotele kunŭa marufo, ačĭ namaméne.	Eu beberia vinho de palmeira se o visse.
ámi nidi pane ŭape ni kaxi, suka énu adi aipe.	Eu estou aqui muito bem, mas V. estão mal.
asal' eči panapa?	O que fazem aqui?
čieči eĭé umana.	O que V. vê.
aôso eči axalele lelo nĭámi akakuŭa dičiko dikŭaŭ kumana ima ĭa muata...	Todos os que ficaram hoje commigo irão outro dia ver os macacos do sr. F...
mŭan' ĭê, kaloĭo! mukŭá ĭañjo.	Obrigado, senhor (fidalgo).
adi kŭa ikuĭo ĭadi iŭape, kŭisako aôso akalala aŭape ni kaxi.	Estão ali duas casas boas, onde todos dormirão muito bem.
kusota ulalo ŭape, kusota kulala čaŭape.	Procurar boa cama (é) procurar dormir muito bem.
dičiko dĭipe, dičiko dĭaujala.	Dia mau é dia triste.

[1] «Sustento, alimento», de *kudĭa* «comer».

sala kuna čieči atumin' eĭ.	Faz apenas o que te mandarem.
nijika ana kaki ŭámi ŭanŭaji ni kuzi, čieneči niŭapela čiakui nŭamo.	Eu sei que os meus filhinhos (são) muito teimosos, mas gosto d'elles assim.
muĭu kudia mudi nŭene ukusota, udia ŭape.	Cada um comer como quer, come bem.
nasotele kulaĭiza jipasa jiĭnĭ jia marufo kudi dicuja dimŭĕ.	Eu venderia quatro canecas de vinho de palmeira por um panno.
ámi kaj̃ana; nasotele kunŭa marufo maôso, kamaladixilepe nŭamo čioŭna čikiepe.	Eu não; bebê-lo-ia todo, não o vendia por tão pouco.
ači naméne lelo mak' ŭámi, nasotele kuŭa niedi.	Se eu visse hoje minha mãe iria com ella.
tŭasotele kutaḃula maleso maôso, ači tŭijikile nani ŭamaladele.	Receberiamos todos os lenços se soubessemos quem os comprava.
ámi ni ámi nasotele kusala nŭamo.	Tambem eu faria o mesmo.
ači nakakuŭa mu luda, nakaneta akaje asato aŭape.	Se for a Lunda hei de trazer tres companheiras bonitas.
ieĭ iŭape, suka ahinaŭ adi kŭiso?	Isso é bom, mas onde estão ellas?
nakaikusota ni nakaineta.	Eu as procurarei e hei de trazê-las.
nakatuma kŭijika, ači kakuĵi kŭeĭ ŭezile kali.	Eu mandarei saber se o seu rapaz já veiu.
ači eié usal' iki, muxima ŭámi ŭatoka.	Se faz isto, fico muito contente.
udioxa ŭajala ŭa muxima ŭámi.	Causa-me prazer (tira o negro do meu coração).
mačiko maôso ámi nibudika, muxima uloda ŭape.	Sempre que saio fico satisfeito (o coração falla bom).
čiaôso naxala kaso, muxima ŭajala.	Quando fico só estou triste (coração escuro).

natãgele ğoloxe makumi masato mãzolo ni sabŭadi.	Eu contei hontem trinta e sete gallinhas.
ğaka ŭeĭ ŭaméne aipe, muloğa ŭatagele makumi masato ni divu.	Seu avô viu mal, porque contou trinta e nove.
kŭiji kŭedi, ámi natagele kaso čieči nimana.	Culpa d'elle, eu só contei o que vi.
kŭiji muĭu ači ŭadĭoxele makŭaŭ eié kiŭamenepe.	Talvez alguem tirasse as outras (que) V. não viu.
tažuke aĭu aôso, ni ipule kudi makŭaŭ.	Chame toda a gente e pergunte pelas outras.
nasotele kŭipula, čieneči nikŭete kuĭa kŭisako ağutumine.	Eu perguntaria, mas tenho de ir onde me mandaram.

Forma objectiva

Esta forma mais ou menos já tem sido empregada nos EXERCICIOS; mas vamos agora insistir sobre ella, chamando a attenção do leitor para as regras expostas a pag. 36.

Vocabulario

mu-lemo, pl. *mi-,* «arco».	*séŭ,* pl. *ji-,* «flecha».
či-soke, pl. *i-,* «machado».	*kuseba* «negociar».
mu-sase, pl. *mi-,* «carga».	*kufŭa* «morrer».
di-fada, pl. *ma-,* «polvora».	*kujipa* «matar».
kŭedi, pl. *a-,* «cunhado».	*kubarula* «raxar».
dudo, pl. *ji-,* «borracha».	*kutapa* «matar á faca».
ğoğa, pl. *ji-,* «patrona».	*kutŭixa* «poder».
xipo, pl. *ji-,* «cinto».	*kubukuna* «quebrar, partir».

Exercicios

eču tutŭixa kŭijika nani ŭabarulile čiopo, suka kağana tuleja muĭu.	Podemos saber quem raxou o copo, mas não dizemos a ninguem.
natŭixile kubarula mutodo, ači nakŭetile čisoke čiŭape.	Eu raxaria a arvore se tivesse um bom machado.

kima ŭafŭile ou *ŭafŭa*[1].	O macaco morreu.
čiopo čiafŭa ou *čiafŭile*[2], *ačibukunine.*	O copo quebrou-se, partiram-no.
mutodo ŭasotele kumujipa kima.	O macaco ia morrendo debaixo da arvore. (A arvore quiz matar o macaco.)
kima ŭasotele kufŭa[3].	O macaco por um pouco não morreu (queria morrer).
uta ŭafŭa[4].	A espingarda está inutil.
mulemo amubukunine[5].	O arco partiu-se (partiram-no).
ağupanene jidudo kudi moğŭa, čieneči nasotele kamo[6] *masuna maŭape, muloğa ana ŭámi adi mŭamo čibele čimŭè bŭate*[7].	Davam-me borracha por sal, mas eu antes quiz boa fazenda porque meus filhos não teem que vestir (estão assim, um retalho não teem).
auseba ağŭipule ači eié tátuko ŭejile kusota kamo čibŭiko čiŭape ači disuna dia maleso.	Os negociantes perguntaram-me se tu, pae, preferirias um bom casaco a um panno de lenços.
ámi ači nalejel' éne, čaŭape ači akaloda tatuk' ŭámi, diamačiko ŭeza[8], *kusala mauseča ni ana ŭedi.*	Eu disse-lhes (que era) bom fallarem com meu pae, e depois fazer negocio com seus filhos.
eié mŭana kaki ŭadimukine, suka uloda ni kaxi.	V. é uma creança muito esperta, mas falla muito.

---

[1] É indifferente.

[2] Empregam em logar de «quebrar» quando se ignora se alguem praticou o acto.

[3] É usual esta forma: «queria, esteve quasi, por um pouco».

[4] «Morreu, deu o que devia dar».

[5] Suppõe-se que alguem praticou a acção.

[6] «Querer antes, preferir».

[7] Á letra: «Estão assim sem um pequeno retalho».

[8] *diamačiko ŭeza* «o dia de amanhã chega; depois». Phrase usual indicando futuridade.

ači natŭixile nalodele kamo, muloña ámi ni ámi nikŭete jidudo jiámi, ni najisotele kuseba kudi ioŭma ivudi iŭape, éne aineténe.	Se eu pudesse fallava mais, porque tambem tenho a minha borracha e negociá-la-ia por muitas cousas bôas (que) elles trouxeram.
nañutubukile lelo ni muxima mujala.	Levantei-me hoje muito opprimido.
añaba aneténe misase ia mikaka mŭata ... ŭamitumin' eĭ.	Os carregadores trouxeram as cargas de mandioca que o F... te mandou.
upan' inaŭ čikuko čia difada mutu umŭè mutu umŭè.	Dá-lhes uma porção de polvora a cada um (uma pessoa, uma pessoa).
xipo eči dia nañi?	De quem (é) este cinto?
xipo kiñijikape, ñoña unámatu ŭámi.	O cinto não sei, aquella patrôna (é do) meu tio.
ia, ni kulada kŭámi mulemo ni jiséŭ.	Vá comprar para mim um arco e flexas.
kulada ñieči? ou *kulada ečike?*	Comprar com quê? *ou* como?
tabula[1] *maleso mačinana ni jiséŭ jiñí.*	Toma oito lenços e quatro flexas.
nimana kali ioŭma imŭè, ñiia katataka.	Já vejo algumas cousas, vou immediatamente.
mŭamo nitŭixa kulada aôso čieči eĭé ukŭete mu muxima.	Assim posso comprar tudo o que V. tem na vontade.
buñulo[2] *kŭedi kŭedi amujipa.*	Mataram o cunhado do Bungulo (cunhado d'elle o mataram).
atubukeñi, ni aĭañi katataka kutažuka atu aôso, ni mata ni difada.	Levantem-se, e vão (todos) immediatamente chamar toda a gente com armas e polvora.

[1] «Receber» tambem elles interpretam como «tomar, acceitar», etc.».
[2] Auctoridade immediata a Caungula.

aĩu akŭaŭ kakŭetepe difad̃a, anete milemo ni jiséŭ jĩaŭ (jĩahinaŭ).	Os que não teem polvora, tragam os seus arcos e flexas.
ac̃i ag̃ulejel' ámi[1]*, eči eĭé ŭabarŭile ĭopo ĭadi ĭa soj̃ ŭed̃i.*	Disseram-me a mim que tu raxaste dois copos da tia d'elle.
kag̃ana ámi, musoṅi mub̃ad̃a ŭeĭ.	Não (fui) eu, (foi) sua prima.
mŭana mub̃ad̃a ŭed̃i amutapa ni mutapa ŭatumine mŭatĭaṽŭa.	A filha d'elle foi morta (a mataram) ás facadas de mandado do potentado.
ag̃ubukumine p̃exi ŭámi, eči alod̃e naṅi[2]*?*	Digam-me quem quebrou o meu cachimbo? (Quebraram-me cachimbo meu, que fallem quem?)
lukasu elu čaipe kamo ni kaxi kag̃ana ŭeĭ.	Esta enchada é muito peior do que a sua.
natŭixile kusala mujikita mŭa, ac̃i ag̃upanéne isoke ĭadi ni lukasu lumŭè.	Eu faria aquelle trabalho se me dessem dois machados e uma enchada.
aitapele az̃olo ŭámi, naṅi[3]*?*	Quem matou as minhas gallinhas?
ag̃uméne kutapa az̃olo a mŭéne g̃ad̃a, nĭia kumana malu.	Viram-me matar as gallinhas do dono da terra, vou ser castigado.
nakaijika naṅi ŭabukunine jikasu jĩêtu.	Eu saberei quem quebrou as nossas enchadas.
ac̃i ŭakatŭixa kŭijika naṅi, umutuma kumana malu ni kulad̃a jikŭaŭ.	Se puderes saber quem foi, faze-o castigar e comprar outras.

---

[1] *ámi* era desnecessario; porém empregam-no sempre que querem dar mais força á expressão.

[2] Á letra: «quebraram-me o meu cachimbo, que fallem quem (foi)?». Em duvida de que alguem praticasse algum acto põem o verbo sempre no plural.

[3] Á letra: «mataram as minhas gallinhas, quem?» Vide nota anterior.

ağaba aneténe musase mukiepe.	Os carregadores trouxeram pouca carga.
pane čioŭma čimŭè kazŭeğe ka.	Dá alguma cousa áquelle pobre.
kupan' eči, kŭámi bŭate!	Dar o que, se não tenho para mim!
mitodo émi akŭete ŭajima mŭedu misabŭari.	Estas arvores teem oito pés de largo.
čisapŭilo čia čiaŭape, suka čikŭaŭ čia, eči nakulejel'[1] *eï, čiaŭape kamo.*	Aquelle prato é bonito, mas aquelle outro que lhe mostrei é mais bonito.
ŭadile kali[2] *masuna maôso, ğoloxe napanén' edi.*	Gastou (comeu) já toda a fazenda (que) hontem lhe dei (a elle).
ŭaxalel'[3] *ečike jña jidada*[4] *musasa oŭ napanén' eï?*	Quanto te resta do algodão (que) esta manhã te dei?
jikasu ajinetén' êtu lelo, jña ana kakŭata[5] ...	As enchadas (que) nos trouxeram hoje (são) da gente do Cacuata F...
mŭén' edi ŭaméne kali čikubo eči naladele čia ğaka ŭedi?	Elle já viu a casa que comprei para seu avô?
kaiji[6].	Não sei.
ğaka ŭámi ŭalejele mačiko maôso: mulu kağana kusala mujikita, kağana ŭijika kudia ni ŭape.	Meu avô costumava dizer (dizia todos os dias): quem não trabalha não sabe comer bem.
ači kağana palepa ni kaxi, naile ni edi.	Se não (fosse) muito longe, ia com elle.

---

[1] «Mostrar» tambem interpretam «fazer ver».

[2] «Comer», conforme o sentido, é «gostar, gosar».

[3] O que fica é sempre para elles «resto». A um orphão chamam elles *ŭaxala* «resto da familia; orphão de pae e mãe».

[4] Sempre que tratam de porções o vocabulo é empregado no plural.

[5] Titulo de um potentado.

[6] Outra forma de «não sei», abreviatura de *kaijŭkape*.

nani utŭiza kuloḏa čakéne?	Quem pode dizer a verdade?
muḏu kaiji	Ninguem sabe.
kŭedi ŭámi uğuloḏa, eié ŭabudika niedi; utŭiza kuŭa?	O meu cunhado fallou-me (para) saires com elle; podes ir?
nibudika ni eḏi, čieneči nieza kali, nikŭete mijikita ivudi.	Eu saio com elle, mas venho já (porque) tenho muito serviço.
usala muzima ŭeč usota.	Faze o que fôr da tua vontade (teu coração quer).
mŭén' eḏi ŭa niétu ni uneta misase aôso.	Elle vae comnosco e traz todas as cargas.
aibâğala aijipa aioko ani a mŭama ğana muziko.	Os Bângalas mataram quatro Quiôcos do potentado Muxico.
aibâğala aipe, akŭete mafefe[1], *muzima akinaŭ ŭajala ni kaxi.*	Os Bângalas (são) maus, traiçoeiros, de maus figados.

Forma negativa e interrogativa

Já na parte pratica tenho usado do que é mais frequente; porém sendo estas formas variadas é occasião, lembrando-nos das regras estabelecidas a pag. 41, de lhes dar o necessario desenvolvimento.

Vocabulario

mu-ruro, pl. *a-,* «escravo».	*čiko,* pl. *i-,* «mercado».
či-paia, pl. *ji-,* «cesto».	*kŭata* «agarrar, amarrar».
di-fuḏa, pl. *ma-,* «embrulho».	*kuteka* «guardar».
di-zŭi, pl. *ma-,* «palavra».	*kŭitía* «acceitar».
či-lalo, pl. *i-,* «ponte».	*kuleka* «deixar».
ğala, pl. *ji-,* «fome».	*kučiluka* «voltar».
čaŭ, pl. *i-,* «porto».	*kučilula* «responder».

[1] Á letra: «teem malvadez, traição».

Exercicios

lelo ačioko[1] *anetén' êtu mikaka?*	Hoje os Quiôcos trouxeram-nos mandiocas?
bŭate, kaĕjilepe kadi?	Não, senhor, ainda não vieram.
ači mutu kuĭusota, amučilula edi, ámi pekila ou *čidipe.*	Se alguem me procurar respondam-lhe (que) eu não estou.
uxala ni ŭape[2].	Fique descançado.
ağaba axikile lelo?	Os carregadores chegaram hoje?
kağana, mŭata, alele[3] *kali pana učuk' oŭ.*	Não, senhor, já dormiram cá esta noite.
činijikape énu aŭa kusal' ečí diamačiko pa kabebe?	Eu não sei que vão V. fazer amanhã a Cabebe?
ečú tukusota kumana ağaba aôso, axikile musuba mŭa.	Queremos ver todos os carregadores que chegaram áquella residencia.
difuda edi naŭi ŭadineténe?	Quem trouxe este embrulho?
muloğiki kiŭatekelepe difuda edi?	Porque não guardou V. este embrulho?
mutu kağana[4] *ŭadiméne.*	(Porque) ninguem o viu.
natŭixile kuditeka[5] *ači ŭadiméne*[6].	Guardá-lo-ia se o visse.
ečú katukŭetepe biji, mŭamo? ou *kadipe?*	Não temos carne, não é assim (não é verdade)?
čaxa, mŭana, abiji aôso kŭapŭa[7].	Sim, senhor, toda a carne acabou.

---

[1] Tambem dizem *aŭoko.*

[2] Phrase usual.

[3] Abreviatura de *alalele.*

[4] É sempre de uso quando a negativa significa «pessoa alguma».

[5] Refere-se a *difuda* «embrulho».

[6] Idem.

[7] Está no infinito mas assim o empregam como termo final: «acabou, morreu, não quero ouvir mais, etc.».

aĉi mutu ŭadibarulile[1] *kaĝan' ámi.*	Se alguem o rebentou não fui eu.
pa disŭi.	Nem mais uma palavra, basta.
nikusota kuloda, muxima ŭámi ŭatoka[2].	Fallo porque estou innocente (meu coração limpo).
nasotele kŭimana kudi tukuĝi tŭôso, ĉieneĉi tŭaile[3] *pa ĉaŭ ni kŭeza kaĝana*[4].	Eu esperaria por todos os rapazes, mas elles foram ao porto e lá ficaram (e vir não).
ámi nŭia ni ámi[5], *kutŭimane kamo, kaĝana.*	Vou-me embora, não os espero mais (esperarmos mais, não).
axala panapa akuĝi asâbaño, ĉia kuleta apebe aní ni aburi atano mu ĉilobo ĉiaseba[6], *kŭisako ámi ni aĝaka ŭámi tuŭani katataka.*	Ficam aqui seis homens para trazer as quatro cabras e os cinco carneiros ao acampamento dos negociantes, onde eu e meu avô vamos agora mesmo.
natabŭile ni natekele mavuĝa maôso, eié mŭata lelo ŭamaladele useba toni.	Recebi e guardei todos os pannos que o senhor hoje comprou ao negociante Antonio.
naile ku ŭito kumana ĉilalo, ĉieneĉi ĉilalo bŭate ou *ŭafŭa* ou *kŭapŭa!*	Fui ao rio ver a ponte, mas esta desappareceu!
aikuĝi kaitilipe moĝŭa kudi masuna, akusota kamo moĝŭa, kaĝana masuna.	Os homens não acceitaram o sal pelas fazendas, preferem o sal ás fazendas.

---

[1] Refere-se a *difuda* «embrulho».

[2] Expressão usada para «innocencia, consciencia tranquilla».

[3] Devido ao prefixo *tu* de *tukuĝi* «rapazes».

[4] Phrase usual para «demoraram-se, ficaram lá».

[5] «Vou commigo», que interpretam por «vou-me embora».

[6] Admitte-se por abreviatura.

ia ni kŭita mŭata mŭéne ĝada, muxima ŭedi ŭape, kutuma aĭu aôso aedi akŭatani mitodo mĭôso, aĉi atŭixe kumimana[1].	Vá pedir ao potentado da terra o favor de mandar toda a sua gente agarrar todos os paus que possam encontrar.
ažala atukŭateleĝani[2] *muĵila, tukučilukaĝani.*	Por causa da fome voltámos (todos).
mu čiko adiaje pekila.	No mercado não ha de comer.
aĭu aôso akŭete žala, eču tuĭaĝani niêtu.	Todos teem fome e vamo-nos embora.
eĭé ŭaijikile kali, eču tukučilukaĝani?	Já soubeste (que) nos retirâmos?
čijikilepe muloĝiki?	Não sabia porque (retiram)?
pinape aôso amana kaso žala ni žala ni kaxi.	Aqui o que se encontra é fome e muita fome.
énu aia mŭamo, kakŭetepe ŭoma ŭa žala?	V. vão assim, não teem medo da fome?
aĉi eču tukamana madiaje, tukŭete difada dia kŭilada.	Se virmos comida, temos polvora para a comprar.
katutŭixape kuleja čioŭma čimŭè, aĉi kaĝana čikŭijika.	Não podemos dizer uma cousa, se não a sabemos.
aôso alej' iki mŭamo, čieneči aloda mazŭi[3] *maadi.*	Todos dizem o mesmo, mas fallam de modo differente.
kŭiji kŭéne[4]*, ámi niloda dizŭì dimŭè.*	Não me importo com os outros, eu fallo sempre o mesmo.
mŭén' edi ukusota kŭijika, ukusota nani amulej' edi[5].	Elle quer saber, procura quem o ensine.
činakudilepe dii dia, čiŭapelepe.	Não comi aquelle ovo (porque) não prestava.

---

[1] «Encontrar» tambem interpretam «achar com os olhos, ver».

[2] É frequente dizerem — não que nós vamos ao encontro dos perigos, mas que são elles que nos apanham.

[3] É frequente dizerem: «duas palavras», por não ser certo o que dizem.

[4] «A culpa é d'elles, não temos nada com isso, que se aguentem, etc.».

[5] *kuleja*, segundo o sentido, interpretam como «ensinar, aprender».

ač̃i tutub̃ukag̃aṅi[1] *lelo, d̃iamačiko tutŭixile pa . . .*	Se partissemos hoje podiamos chegar amanhã a . . .
napanén' eĭ ipaŭa ĭámi, ku an' ŭeĭ aôso.	Dei-te as minhas malas para todos os teus filhos.
dileso d̃ieĭ d̃iafŭile[2]*, nakapan' eĭ dikŭaŭ.*	O teu lenço rompeu-se, dar-te-hei outro.
ŭakačiluk' eĭ nĭéne, ač̃i eĭé ukŭete muxima.	Voltarás com elles se tiveres vontade.
kinasotelepe eĭé mu čibub̃o čĭa k̃ŭedi mub̃ad̃a kŭeĭ, naijikile eĭé ŭadibukine pamaki bŭididi.	Não te procurei em casa de tua cunhada (porque) sabia (que) tu saiste de madrugada.
niijika eči eĭé čiŭimenepe tátuk' ŭámi.	Eu sei que V. não esperava meu pae.
činĭitĭilepe ipaĭa ĭôso eči tukug̃i aineténe, tukĭepe ni kaxi.	Não acceitei todos os cestos que os rapazes trouxeram (por serem) muito pequenos.
ana kaki asala jivud̃a jivudi, nikusota kulod̃a ni mŭat' oŭ, mŭamo kag̃ulekape.	As creanças fazem muita bulha, e não me deixam fallar com este senhor.
éne aia kali nĭámi pa čaŭ, utŭixa kulod̃a ni mŭata, aôso muxima ŭeĭ ukusota.	Ellas vão já commigo para o porto, pode fallar com o senhor á sua vontade.
ab̃ad̃a alekele ipaĭa panapa, ni aile pa ŭito akusota aíxi, čĭeneči lelo naijikile kali aíxi bŭate.	As mulheres deixaram os cestos aqui e foram para o rio á procura de peixe, mas eu já sei (que) hoje não encontram.
ámi ni ámi nikŭete muxima d̃ia kud̃ia, mačiko mavudi kinĭamanape.	Tambem tenho vontade de o comer, (porque ha) muitos dias (que) o não como (vejo).

---

[1] *kutub̃uka* «levantar» de acampamento para seguir viagem.

[2] Ainda se lhe podia dar a interpretação de «perdido, inutilisado, etc.»; questão das circumstancias que só á vista se pode conhecer.

auseba kaitĭape kulad̆a moğŭa ŭêtu kudi jinuğo jĭaŭ.

Os negociantes não acceitam comprar o nosso sal pelas suas panellas.

mŭamo, akusot' eči?

Nesse caso (assim) o que querem?

eĭé, kakuği kŭámi, ia kŭa, ni ipul' aŭ, ači akusota mani mağaje maŭape, ečutukŭete.

Vae lá tu, meu rapaz, e pergunta-lhes se querem azeite de palma bom que nós temos.

tažukağani tubaje[1] *tŭaôso aeza ni mata ĭaŭ, tukamana ači mŭamo alad̆a moğŭa ači kağana.*

Chamem todos os rapazes com as suas armas, veremos se assim compram ou não o sal.

tubaje abudikile pamaki apa bŭididi, ni aile palepa.

Os rapazes sairam esta manhã de madrugada e foram longe.

mŭamo, tuma aitažukağani, kağana nikusota kŭimana kad̆i kudi dičiko dikŭaŭ. d̆iamačiko mŭamo urŭele kali.

É o mesmo, manda chamá-los, não quero esperar por outro dia. Amanhã mesmo (seria) já tarde.

činikusotape kulad̆a čioŭma čimŭè kaso useba ŭa; eĭé ŭačilad̆' ed̆i?

Não quero comprar uma cousa que seja áquelle negociante; V. compra-lhe?

éne kaakasalape useĭa muğad̆a ŭêtu, kağana mŭamo ou *čakéne?*

Elles não farão negocio na nossa terra não é assim? (ou) não é verdade?

mŭata utuma, uleja dizŭi dimŭè kaso ni aĭu aôso aijika čikusala.

O senhor manda, diga uma só palavra e todos sabem o que hão de fazer.

---

[1] «Rapazes de animo, valentes, os de experimentada coragem»; tambem se tem interpretado erradamente por «algozes, executores da pena», porem é mais generico.

éne apanéne kabŭŭko[1] *kamŭè ka ǰaka ŭámi, čieneči ku ŭámi kaǰana; eču tŭakamana ači éne asala maŭseča ni muťu umŭè kaso mu ǰaďa ŭámi.*

Elles deram um casaco a meu avô, mas a mim nada; nós veremos se elles fazem negocio com uma pessoa só (alguem) na minha terra.

ečé ŭaiǰa; čieneči ači ŭakasala ipe kudi auseba, éne akučiluka, ni aiaǰani kuloďa aruďa niaŭ, ni useba umŭè kaso ŭakaeza kamo kunoŭko bŭate.

V. tem razão, mas se fizer mal aos negociantes elles retiram, fallarão aos seus amigos e nem um negociador cá virá mais.

kŭiji kŭaŭ, nikusota éne aijika ámi mŭéne ǰaďa.

Que me importa, quero (que) saibam (que) eu sou o dono da terra.

muxima ŭámi ŭaloďele. ečé kaǰana kŭitía eči uleja, mŭamo.

Disse o que sentia. V. não acceita é o mesmo (meu coração fallou, V. não acceita o que elle diz, é o mesmo).

eči ečé utuma čaŭape, ečé mŭata, ámi mururo.

O que V. manda é bom, V. é o senhor e eu sou o humilde.

čaŭape, tŭalekaǰani[2] *auseba; čieči čiaŭape čia ǰaďa, čiaŭape čia an' eďi.*

Bem, perdoemos aos negociantes; o que é bom para a terra é bom para os seus filhos.

ečé ŭijika nani ŭaďioxéne ipaŭa ŭadi, ámi natekele mu čipaŭa eči?

V. sabe quem tirou dois cestos (que) eu guardei nesta mala?

kaǰan' ámi, kŭiji mona mak' ŭámi umŭijika.

Eu não, talvez meu irmão o saiba.

---

[1] Qualquer traje que se ajuste ao corpo: «um casaco, uma camisa, etc.».

[2] «Deixar» interpretam por «abandonar, não querer, perdoar, etc.», segundo o sentido.

ĭkuĝi ĭausŭa, mudi eĭé, utŭixŭle kuleta ĭoŭma ivudi kamo ni ĭjima.	Um homem forte, como tu, podia trazer muitas cousas mais e grandes.
nakŭetĭle muxima, kaĝana usŭa.	Tinha vontade, mas não tenho força.
ĭala avudi, muĭu kakŭetepe mausŭa.	Quando ha fome uma pessoa não tem forças.
nĭitĭa čieči eĭé uleja, čieneči kŭiji kŭeĭ, ači ukŭete ŭavudi ukudĭa ŭavudi.	Acredito o que dizes, mas a culpa é tua, (porque), se muito tens, muito comes.
čaxa mŭamo ou *čiahuĭ, muĭu ŭafŭa, ni axala ŭeĭ̆di aôso adĭa mŭéne ŭalekele.*	Assim é, (porque) uma pessoa morre e os herdeiros comem tudo que elle deixou.

Forma causativa

Verbos compostos de terminação em *-exa*[1], terminação que impõe o dever de se fazer o que o verbo indica.

Vocabulario

kuleka «deixar».	*kulekexa* «abandonar».
kusala «fazer, executar».	*kusalexa* «compor».
kukŭata «agarrar, prender».	*kukŭatexa* «ajudar, auxiliar».
kŭeĭ̆da «andar».	*kŭeĭ̆dexa* «rondar».
kufuta «pagar».	*kufutexa*[2] «multar».
kuloĭ̆da «fallar».	*kuloĭ̆dexa* «explicar».
kuxala «ficar».	*kuxalexa* «obrigar, depositar».
kutala «ver, reparar».	*kutalexa* «apreciar, comparar.
kudiĭ̆bana «enganar».	*kudiĭ̆banexa* «illudir».
kŭana «juntar, reunir, ligar».	*kŭanexa* «soccorrer, ganhar».
kuteka «guardar».	*kutekexa* arrecadar».
kusoka «egualar».	*kusokexa* «ajustar».

[1] Tambem se ouve dizer *exe* mais para o interior.

[2] Pela regra da formação dos aoristos devia ser *kufutixa;* talvez seja excepção.

Dos substantivos e adjectivos tambem formam verbos com este suffixo. Ex.:

ditŭi «ouvido».	*kutexa* «escutar».
maǧa «companhia, grupo».	*kumaǧexa* «grupar, ajuntar, colher, etc.».
kasŭè «fogo».	*kukasŭanexa* «aquecer, acalentar».
toka «branco».	*kutokexa* «branquear, limpar, aclarar».
ŭape «bom, bonito».	*kuŭapexa* «embellesar, alegrar, contentar».
kepe abreviatura de *kĭepe* «pequeno, pouco».	*kukepexa* «humilhar, estreitar, baratear».

Ha muitos outros verbos que tomam esta forma como:

kŭid̆ama «precisar».	*kŭid̆amexa* «prejudicar».
kŭapŭa «acabar».	*kŭapexa* «apromptar».
kusota «querer, procurar».	*kusotexa* «fazer procurar».

Tambem dos adverbios:

katataka «immediatamente».	*kukatatakexa* «abreviar».
sŭapali «forte».	*kusŭapexa* «reforçar».

Observação. — Todos os verbos assim terminados se conjugam como os da classe I, grupo 1.°, i. é., teem por terminação no aoristo — *ele*.

Exercicios

nadib̆anexel' eĭ, aǧudib̆anén' ámi.	Illudi-te, (porque) me enganaram).
kiǧŭapelepe kufut' eĭ čieči eĭé ŭasalexele.	Não me agradou pagar-vos o que V. compoz.
aǧulekexa pane kaso, ažala akaǧujipa.	Abandonaram-me aqui sósinho, as fomes me matarão.

ĕié ŭatalexele lelo mu tetame[1] *ŭa mŭatĭavŭa, alejel' ečí?*	V. hoje assistiu á audiencia do potentado, o que disseram (o que se passou lá)?
ačĭoko ačí[2]*: akŭeza kŭanexa mŭatĭavŭa, ačí mŭén' edi kufuta inaŭ iŭape.*	Os Quiôcos dizem que virão auxiliar o Muatiânvua, se elle lhes pagar bem.
tažuka kaxalapoli[3]*, ia ni kusalexa čipaŭa ečí.*	Chama o servo, (que) vá compor esta mala.
kaxalapoli ačí nalike[4]*; ŭalekexele čikuŏo čiedi, ni ŭaile ni tuxalapoli tukŭaŭ akŭatexele mŭéne čaŭ*[5] *kukŭata ŭato.*	O servo recusou; abandonou a casa d'elle e foi com outros servos ajudar o dono do porto a prender a canôa.
tekexa ĭoŭma ĭeĭ ĭoso mu čikuŏo čikŭaŭ.	Arrecade todas essas cousas noutra casa.
ĭu kasokexape ni iní.	Isto não ajusta com aquillo.
nani utala mu ĵila, ŭimane kadi.	Quem olha para o caminho está esperando.
tusaĝasaĝa ĝoloxe napanén' eĭ, ŭaxalel' ečike?	Das missangas (que) hontem te dei quanto resta?
čioŭma čikĭepe, naladele ikaĵa ĭadi.	Pouco cousa (porque) comprei duas esteiras.
ulek' ámi[6] *ačí nadiŏanén' eĭ, kŭiji kŭaŭ čiaĵuleja makasu.*	Perdoa-me se te enganei, culpa de outros (que) me mentiram.
ŭapex' eĭ, ečí ámi nĭidama kubudika katataka.	Despacha-te que preciso sair immediatamente.
ŭalodele ni nani?	Com quem fallou?

---

[1] É a cerimonia da audiencia.

[2] Em seguida ao individuo é indicação de que elle falla.

[3] É o «rapaz» que está de serviço.

[4] Uma forma de «negar, recusar».

[5] *mŭéne*, antes de substantivo, indica o seu possuidor, ainda que não seja senão de occasião.

[6] «Deixar» tambem interpretam como «desculpar».

ahu[1] *akŭarud̄a ag̃ŭid̄amexene amudi mu mausĕia ŭámi.*	Os Lundas prejudicaram-me muito nos meus negocios.
mu mačiko mačikuro[2], *useba ŭaexa ag̃ada akŭaruda, kakŭetepe ŭôma, aôso alelele auseba; lelo*[3] *kag̃ana, akusota kudĭa ioŭma iôso éne ainetene, kŭifuta bŭate.*	Noutro tempo um negociante vinha ás terras dos lundas sem medo, todos estimavam os negociantes; agora não, querem tomar (comer) todas as cousas (que) elles trazem sem pagar.
mŭatĭaĭŭa ŭafutexele ... isapŭilo iôso mŭén' ed̄i ŭabukunine kudi ačioko.	O Muatiânvua fez pagar F. todos os pratos (que) elle quebrou aos Quiôcos.
mŭari, kob̄a, ŭaxikile ŭa urŭele, g̃aka mub̄ada ŭámi.	A senhora que chegou de tarde é minha avó.
kab̄ad̄a, kadi ni mŭéne, mona maku mub̄ada ŭámi.	A rapariga que está com ella é minha irmã.
čiopo čia čianani?	De quem (é) aquelle copo?
kiámipe[4] *mujikulo ŭámi.*	Não (é) meu, (é) do meu neto.
tub̄ad̄a tŭa mŭana, mub̄ad̄a ŭeĭ kob̄a?	D'aquellas raparigas qual é a sua filha?
nalad̄el' ed̄i kali maí mažolo matano.	Já lhe comprei cinco ovos de gallinha.
ŭaikudĭile nani? kŭiji kabŭa.	Quem os comeu? Talvez o cão.
čied̄ipe, ana kaki aikudĭile.	Não foi elle, foram as creanças.
natekexele maí maôso mu čipaŭa, eči aidioxéne, nani.	Quem tirou todos os ovos que eu guardei (fiz guardar) nesta mala?

---

[1] *ahu* podia subentender-se.

[2] Em varios vocabulos se nota passarem ao plural conservando o prefixo do singular. *kulo:* «velho, passado» é a raiz.

[3] Interpretam no sentido de «agora, nesta occasião, presente, etc.».

[4] Os pronomes e mesmo adjectivos collocados entre as particulas de negação equivalem a subentender-se o verbo «ser ou estar», ex.: *kiedipe* «não é ou foi elle». *čiŭapepe* «não é bom», *čiŭapelepe* «não estava bom». *kaŭsŭape* «não são ou estão fortes».

ikuĝi ĭu, mŭén' edi, dĭa naṅi ámi nikuloda.	Esse homem (é) o proprio de quem eu fallo.
mubada dĭa koba, éne, alodel' êtu udi kŭiso?	Onde está a mulher da qual nos fallaram?
ŭiitía. mŭéne ŭatabukine pamaki apa.	Creio que partiu esta madrugada.
ñusumo nakŭetile kunoŭko ni êtu udi kŭiso?	O copo (que) eu tinha aqui (ao pé de) nós, onde está?
ni naṅi eié ŭaile ĝoloxe mu čikubo čia mat' ŭeĭ?	Com quem foi V. hontem a casa de seu tio?
činaĭlepe ni muĭu, naile kaso.	Não fui com pessoa alguma, fui só.
teka masuna pa ulalo.	Ponha as fazendas sobre a cama.
kiniijikape mŭéne čaŭ ŭa ĝada ŭa.	Não conheço o dono do porto d'aquella terra.
usale kumaĝexe aĭu aôso aêtu ni mata ahinaŭ.	Faça reunir toda a nossa gente com as suas armas.
eču ŭaidama kulada aĝobe ni maṅi ni moĝŭa.	Nós precisamos comprar bois, azeite e sal.
ia, ni čiruke[1] lelo kadi.	Vá, e volte ainda hoje.
čakéne, kuloda mŭamo čaŭape kamo kakulodape.	É verdade, fallar assim é melhor não fallar.
naxalexéne ŭoŭma ŭôso ŭámi, mu čikubo čia tátuk' ŭedi, mŭéne maĝada ama aôso.	Eu depositei todas as minhas cousas em casa de seu pae (d'elle), o senhor de todas estas terras.
nalele[2] kali maučuko maṅí mu čikubo čieĭ, lelo ámi niia niámi, činitŭixape kulekexa mačiko kamo mŭamo ana ŭámi.	Já passei (dormi) quatro dias (noutes) comtigo, agora vou-me embora, não posso abandonar por mais dias os meus filhos.

[1] *r* em lugar de *l*.

[2] *kulala* é o infinito; no aoristo abreviam *lalele* em *lele*.

imane bili, utalexa mu ikuĝi ia eči iakŭeda ni kŭedi kŭeč.	Espere um pouco, repare naquelle homem que anda com seu cunhado.
texani: mŭata uloda ni aruda niedi.	Escutem: o chefe falla com os amigos d'elle.
nilele kutexa alu čialoda čiakéne ni čiaŭape.	Gósto de escutar as pessoas que fallam verdade e bem.
nani ialodele lelo mu tetame, činějikilepe mudi mŭatiavŭa iasotile kukasŭanexe tuxalapoli tŭedi kŭedexa čilobo, lelo učuko.	Quem fallou hoje na audiencia não sabia como o Muatiânvua queria animar os seus policias (para) rondarem o acampamento na noite de hoje.

Verbos derivados mediante o suffixo *-ixa*[1] tambem são factitivos, ou modificativos:

kukina «dançar, mover».	*kukinixa* «manejar».
kupŭa «cansar, fatigar».	*kupŭixa* «acabar, concluir, cessar, desfallecer».
kŭitía «acceitar, acreditar».	*kŭitĭixa* «apoiar, aplaudir».
kutŭa «moer, amolgar».	*kutŭixa* «aguentar, resistir».
kulŭa «forçar».	*kulŭixa* «jogar a pancada, combater».
kuxika «chegar».	*kuxikixa* «aviar».
kuxamuka «zangar».	*kuxamukixa* «desesperar».
kŭisida «seguir».	*kŭisidixa* «perseguir».
kusŭiĩpa «trocar».	*kusŭiĩpixa* «fazer trocar».
kučiĩja «obstar».	*kučiĩjixa* «oppor».
kujiĭba «engordar».	*kujiĭbixa* «alargar, augmentar, engrandecer».
kŭijika «saber, conhecer».	*kŭijikixa* «perceber, comprehender».

[1] Em muitos d'estes verbos ouve-se *j* em vez de *x*. Ex.: *kudikixa* ou *kudikija*.

kutuma «mandar».
kuṅika «tremer, abalar».
kudĭa «comer».
kudika «mostrar».
jikita «agradecimento».
kutumixa «ordenar, decidir, resolver».
kuṅikixa «estremecer, fazer abalar».
kudĭixa «sustentar, manter».
kudikixa «mostrar, apontar».
kujikitixa «agradecer».

Vocabulario

ka-ubĕ, pl. *tu-*, «mulher viuva».
mu-dĭabĕala, pl. *a-*, «vadio».
či-bida, pl. *i-*, «caçador».
mŭ-ari mŭ-ixi, pl. *a-*, «cozinheiro».
či-ota, pl. *i-*, «mestre de cerimonias».
lu-žala, pl. *ji-*, «unha».
mŭ-iṅi, pl. *mi-*, «dedo».
mu-kadĕa, pl. *mi-*, «montanha; carta».
ru-kano, pl. *ji-*, «bracelete».
di-jina, pl. *ma-*, «nome».
či-ia, pl. *i-*, «porta».
di-ĭele, pl. *mĕle*[1], «peito, mamma».
ki-taala, pl. *i-*, «doce».
mu-tena, pl. *mi-*, «sol».
mu-paji, pl. *mi-*, «pau com que mechem o amido da mandioca quando fazem a *rruka*.
dĭ-agŭa, pl. *ma-*, «abobora».
mu-tete, pl. *mi-*, «pevide».
či-eĝa, pl. *i-*, «prato de barro».
dĭ-iji, pl. *ma-*, «folha de planta».
dĭ-isu, pl. *mĕsu*, «olho».
di-zuro, pl. *ma-*, «nariz».
ka-saĵasaĵa, pl. *tu-*, «missanga».
di-zêu, pl. *ma-*, «dente».
mu-tala, pl. *mi-*, «prateleira».
či-kaṅi, pl. *i-*, «sôco».
či-ota ou *kĭ-ota*, pl. *i-*, «casa grande para visitas».
mu-vo, ou *mŭ-ako*, pl. *mi-*, «anno».
či-no, pl. *i-*, «pilão, almofariz».
mu-tŭè, pl. *mi-*, «cabeça».
či-lobo, pl. *i-*, «acampamento».
žužo, pl. *a-*, «rato».
kasobo, *mukaža* «nomes de homem».

[1] *mĕle* = *ma* + *ĭele* «peitos; leite», que tambem dizem *diele*, *čiele*.

ru-duǧo[1], pl. *ji-*, «coração».
ǩala, pl. *a-*, «caranguejo».
ǧoǩe, pl. *ji-*, «lua, mez».
fukidi, pl. *ji-*, «sacco».
uhoǧa, pl. *ma-*, «chave».
ubŭa, pl. *ma-*, «cogumello».
luŭa, pl. *ji-*, «amor».
ǧoma, pl. *ji-*, «barril».
kulutŭè «adeante».
peúlo «sobre, emcima».
mŭixini «dentro, no interior».
kuŭima «atrás».
paxi «debaixo, em baixo».
pola «defora».
pasŭipa «junto, proximo, perto, visinho».
palepa «longe, distante».
kudi «por».
kuseda «levar, transportar».
kukasa «abraçar».
kuvuǩa «apodrecer».
kukatula «cortar».
kubukula «partir».
kudikula «socar».
kujala «vestir».
kŭabaǩa «entreter, divertir, conversar».
kusoǩa «emprestar»
kutana «achar».
kulaba «demorar».
kutuǧa «construir, residir.
kučiǩa «contar».
kusakula «provar, petiscar».
kučibula «deitar fora».
kusebula «bater com o pé».
kutoǧa «pensar».
kuxila ou *kučila* «entornar».
kujiǩala «perder».
kulabexa «interromper».
kuǯulula «abrir».
kubetama «abaixar, esconder-se».
kudĭa čikala «comer uma divida, receber fiado, dever».
kučibula muxima «deitar fora coração; ter paciencia».
kukŭete muxima «ter coração, ter vontade, desejar».

Exercicios

kudĭa ŭa kitaala.	A comida está doce.
ŭijika, dijina diŭito dĭa?	Sabes o nome d'aquelle rio?
činidĭijikape.	Não o sei.
teka rukano eru mu čipaŭa čiámi.	Guarde este bracelete na minha malla.

[1] Todos estes povos empregam para «coração» *muxima* «o que está dentro e não se vê».

nakŭetile muxima kulad̆a rukano mudi eru.	Eu desejava comprar um bracelete como este.
učibule muxima, dičiko diŭafŭile, dičiko dikŭaŭ dikaŭeza.	Deite fora o coração (tenha paciencia), um dia morreu (acabou) outro dia virá; (atrás de tempo tempo vem, chegará um dia, em que o possa ter).
rukano rŭa ŭarutanéne eĭé kŭiso?	Aquelle bracelete achou-o V. onde?
mu mukob̆ele, pasŭipa pa čikub̆o čimusoṅi ŭeĭ.	Na rua, perto da residencia de seu primo.
mŭén' ed̆i utug̃a kŭiso?	Onde mora elle?
palepa pamusub̆a, mu čipag̃a čĭa tátuk' ŭed̆i.	Distante da capital na residencia do pae delle.
ikub̆o ĭa čipag̃a čĭa ijima ni kaxi ni iŭape ivudi.	As casas daquella residencia (são) muito grandes, e muito boas.
g̃od' oŭ, énu akaxala kad̆i kunoŭko ni êtu.	Este mez V. ficarão ainda aqui comnosco.
muxima ŭámi umusota mŭamo, čĭeneči kusala mujikita ŭámi, naṅi?	Meu coração quere-o assim, mas fazer meu serviço, quem? (Eu tinha vontade de o servir, mas quem faz o que eu tenho que fazer).
utog̃a ni ŭape: kusala mujikita, pakŭeza kŭab̆ab̆a.	Pensa bem: trabalhar e depois divertir.
mulog̃iki ŭaz̃ulŭila difud̆a edi?	Para que abriu este embrulho?
naid̆améne kudĭoxa divug̃a dĭámi kug̃ujala.	Precisava tirar um panno para me vestir.
kug̃uneta čĭeg̃a čĭa.	Traga-me aquelle prato.
kag̃ana ĭeči, čikŭaŭ.	Não é esse, o outro.
g̃oloxe ag̃udikija ŭámi kabŭa kámŭè kaŭape ni kaxi.	Hontem mostraram-me um cão muito bonito.
eĭé ŭamukudĭile ŭed̆i čikala čimŭè?	V. deve-lhe alguma cousa?

ŭalejel' iki ku-eĭé, náṅi?	Quem disse isso a V.?
ámi nĭipula, mulu kiŭalod̄e-lepe.	Eu pergunto, e ninguem fallou.
naitĭile masuna maŭed̄i, kudĭa kad̄i kag̃ana.	Acceitei a fazenda d'elle, comer ainda não (mas não dispuz della).
ŭasalele ni ŭape; ŭamafutixa ŭed̄i kad̄i, čadi udĭa aôso ni muxima ŭeĭ.	Fez bem; mande pagar-lhe ainda (primeiro), depois coma toda com seu coração (disponha d'ella, como fôr da sua vontade.)
nag̃ŭab̄ab̄éne ni kaxi ni asoṅi ab̄ad̄a ahinaŭ.	Diverti-me muito com as primas d'elles.
nalod̄exele kali ŭed̄i ub̄ad̄a eči naméne.	Eu já lhe expliquei a ella o que vi.
auseba atug̃ile čilob̄o čiakéne, ni atumixine ana aôso aéne dĭa kŭisidixa ikug̃i ĭôso ĭa g̃ad̄a aĭaṅi kučied̄exa.	Os negociantes construiram um grande acampamento, e ordenaram a todos os seus filhos (os da comitiva) de perseguirem os da terra que vão rondá-lo.
nasotile kukina ač̄i kag̃upŭi-lepe.	Eu dançaria se não me fatigasse.
nasŭip̄ixile masuna maôso, ag̃usotile kudib̄anexa; aôso ajala ni afŭile.	Eu fui trocar toda a fazenda, (porque) me queriam illudir; (estava) toda suja e estragada.
dĭiele d̄ĭa p̄eb̄e dĭakitaala.	O leite da cabra (é) doce.
mŭata, mŭéne mag̃ad̄a, udĭixa aĭu aôso aed̄i atug̃a mu či-pag̃a čied̄i.	O potentado, dono das terras, sustenta todo o seu povo (d'elle) que habita na sua residencia.
mŭamo mudi?	Como assim?
aôso afuta milab̄o ŭaik̄ixa kŭe-d̄i, ni ed̄i kudĭa kudi aĭu aôso.	Todos lhe pagam tributos, e elle manda dar de comer a todos.

ŭaijikile čaŭape ni kaxi aôso eŭé ači ŭalejel' ŭámi.	Comprehendi muito bem tudo que me disse.
kinŭkutŭixape kuğučiğixa an' ŭámi asŭiña čieči ŭa muxima ďiahuí.	Eu não posso oppor-me (a que) meus filhos troquem o que é da vontade d'elles.
ana kaki alŭixile muloğa akaje ahinaŭ akinine[1] ni ačioko.	Os rapazes jogaram a pancada porque as suas raparigas dançaram com os Quiôcos.
akŭaruďa akŭete ŭoma kudi ačioko. karuďa uleja ŭámi kali: iǩala ači betama, mema masuta.	Os Lundas teem medo dos Quiôcos. Um já me disse: o caranguejo esconde-se (para) a agua passar.
tátuk' ŭitŭixile ana ŭeďi, eči asalele čiia čimŭè čiaŭape mu mačiko maadi.	O pae elogiou seus filhos que fizeram uma boa porta em dous dias.
naxalexele makumi masatu mağoma[2] ni sato.	Eu depositei trinta e tres barris.
načiďile kali makumi maaťu ni adi asutile lelo mu čilalo eči.	Eu já contei vinte e duas pessoas que passaram hoje nesta ponte.
ni nani eŭé ŭaloďele lelo mu ŭito?	Com quem fallou V. hoje no rio?
kŭijika iní[3]?	Para que queres saber?
natoğele ağutumixine kuseďa ağoma aôso a difaďa, naile ni ámi kudi mŭata muteba, ni mŭéne ŭabetama ŭámi mu čipağa čieč.	Pensei que me obrigavam a transportar todos os barris de polvora, e fui-me embora para o sr. Muteba, que me escondeu em sua casa.

[1] *apağanene*, é mais frequente entre os Lundas alem do Chicapa.

[2] É regra, quando a contagem se refere a um substantivo, collocar este antes das unidades, precedido dos substantivos que designam as dezenas, centenas, etc.; litteralmente é pois a traducção. «... tres dezenas de barris e mais tres».

[3] Parece ser abreviatura de um vocabulo, que muito usam nas interrogações, quando lhes causa espanto a pergunta.

nëjikile irumene imŭè kaso ku tátuko kŭeĭ, cieneči ŭamusalele čiipe čivudi.
Eu conheci um só inimigo a seu pae, mas fez-lhe muito mal.

kauĭe ka ukŭete muxima ŭajala.
Aquella viuva está triste.

mŭanîê.
Na verdade? Sim senhor.

sŭiĭa čieĭa čieĭ ni ďiaĭĭa ďia.
Troca o teu prato (de barro) por aquelle de abobora.

mitete ďia ďiaĭĭa ni ďuĭo kuďia čaŭape ni kaxi.
As pevides de abobora com pimentinhas são muito boa comida.

nakŭetile muxima kunŭa mële pamaki paôso.
Tenho vontade de beber leite todas as madrugadas.

loďa ajikulo ŭámi nikusota kŭimona katataka kunoŭko.
Dize a meus netos (que) quero vê-los immediatamente aqui.

pakŭepe ni pakŭepe tŭakaxika palepa.
A pouco e pouco chegaremos longe. (De vagar se vae ao longe).

ŭaiĭa, čia uloďa čiakéne.
Tem rasão, o que V. diz é verdade.

uleje dijina di polo pane.
Diga o nome do sitio aqui (d'este sitio).

umane ači utane mu mikaďa ŭámi čino čimŭè čikéne, ku kutŭa tuďiĭa tŭaôso, ámi nitala kaďi pa.
Veja se encontra nos meus fundinhos[1] um pilão grande para moer (esmagar) todos estes bombós (que) eu ainda vejo aqui.

ukusota kŭijika mudiá ďala? tala bili mu mĭiñi mu ikasa ŭeďi, ači ukŭetile jĭzala jiakéne, utŭixa kumŭitía mudiaďala čiakéne.
Queres conhecer um vadio? Repara (ainda) nos dedos das suas mãos, se tiver unhas grandes podes acceitá-lo vadio (não duvides).

[1] Acampamento provisorio.

pasŭipa ulalo ŭámi ukatana ĭoŭma eĕé uneta ĝoloxe di čikuḃo čĭeĕ.	Perto (junto) da minha cama encontrará as cousas (que) V. trouxe hontem de sua casa.
čino eči, učitekexa kŭiso?	Onde armazena este pilão?
mŭikila[1].	Não se encontra, não ha.
eĕé ači ŭaḃaḃele ĝoloxe učuko?	V. divertiu-se hontem á noute?
kakĭepe, mona maku muḃaḋa ŭámi muĭeji (ŭakata kuĭela[2]*).*	Muito pouco, (porque) minha irmã estava doente.
naĝŭaḃaḃene ni kaxi.	Diverti-me muito.
muruḋa[3] *ŭámi dijima dĭeĕ.*	O meu amigo como se chama.
muruḋanámi, maí maôso ači eĕé uneta kikuxi[4]*?*	Meu amigo, todos os ovos que V. traz quanto custam?
najiḃalele maleso manĭ.	Perdi quatro lenços.
kakuĝi, ukŭeť eči peúlo disu dĭa maku[5]*?*	Rapaz, o que tens tu sobre o olho esquerdo?
mŭari mŭixi ŭaĝubulile.	O cozinheiro bateu-me.
kaŭasalelepe čioŭma čiŭape.	Não fizeste cousa boa.
ači uleje eči ámi kuĝulaba ni kaxi mu ŭito, ni eḋi usotele mema pa kudĭa pa musasa.	Disse que eu me demorar (demorei) muito no rio, e elle queria agua para o almoço.
ĭani kusota fukidi dĭa tubŭiko.	Vá buscar o sacco da roupa.
ámi kinamumenepe.	Eu não o vi.

---

[1] É uma outra forma que usam para negar a existencia.

[2] Phrase usual «estava doente».

Entre estranhos mesmo, a expressão meu amigo é muito usada entre todos os povos aquem e além do Cuango.

[4] *kikuxi?* «o que quer V.?» subentende-se «em troca». Muitas vezes significa: «como, quando, quantas vezes, etc.» A pratica esclarecerá sobre tal emprêgo.

[5] Para estes povos, todas as partes do corpo humano do lado esquerdo pertencem á mãe e as da dircita ao pae, o que já se advertiu.

mudi mŭixini[1] *mutala.*
Está debaixo da prateleira.

nakăitia ŭape aôso, mŭén' edi kuñutumixa.
Acceitarei bem tudo (farei tudo o que elle me ordene).

ečŭ tŭakaxikixa misasa aôso, eči ečé ŭatekexele mu kiloŏo kĭêtu, dĭamačiko bŭididi, polo peč.
Nós faremos chegar todas as cargas que V. depositou no nosso accampamento, ámanhã cedo ao seu sitio.

najŭkitixa aénu ni kaxi.
Agradeço muito a V.

aĭu ečike[2] *ñoloxe učuko adile mu gaďa*[3] *čia soje muruďa ŭêtu kasoŏo.*
Quantas pessoas estiveram hontem á noute na residencia da tia do nosso amigo Cassombo.

ámi ni mona mak' ŭámi tŭačiďine itota ĭadi ni makumi masato (aĭu[4]*) ni atano.*
Eu e meu irmão contámos duzentas e trinta e cinco (pessoas).

ŭijika nañi mŭatĭavŭa kañí[5]*?*
V. sabe quem (foi) o quarto Muatiânvua?

nĭijika: mukaža, koŏa amujipéne[6] *a tubĭji*[7]*, eči atekexe kŭa mutŭè ŭeďi*
Sei: Mucanza, a quem mataram nos Tubinjes, que lá guardam a sua cabeça.

---

[1] «Debaixo, de modo que se não veja; dentro».

[2] Segundo o sentido: «como, quando, quanto». Para este ultimo tambem empregam *kuxi* que mais se ouve nos povos aquem do Cuango.

[3] É o logar da *čipaža* «cercado de moradias», especialmente destinado ás habitações do chefe.

[4] Neste caso *aĭu* podia dispensar-se. Empregou se, porém, para se conhecer o motivo do prefixo que tomou o numero que indica as unidades.

[5] A regra era *ŭasaďelañi;* porém, é certo que elles muitas vezes substituem *ŭasaďele* por *ka*, porque, como numero cardinal, este prefixo muda por causa da concordancia e não dá logar a confusões.

[6] O verbo *kujipa* emprega-se sempre que a morte não for dada com a faca, porque nesse caso diz-se *kutapa*, e o homem que dá assim a morte por ordem superior é o *mŭene kutapa.*

[7] É a denominação de um povo junto á margem direita do Cassai, na fronteira a norte das terras do estado do Muatiânvua.

mŭén' ed̃i ŭasŭip̃ixine čĭa ŭasotele kudi g̃ob̃e?	Elle fez trocar o que queria pelo boi?
kag̃ana, mŭane.	Não, senhor.
nitŭixa kumŭisidixile, čĭeneči kinimusotape.	Eu posso persegui-lo, porém não (o) quero.
kinikunape[1] *mu p̃exi, nikunŭa mu mutopa*[2].	Não fumo no cachimbo, fumo na mutopa.
ámi kag̃ana čĭag̃ukata[3] *čĭa p̃exi.*	Eu não (me alegro) gosto do cachimbo.
nitog̃a mutopa čĭip̃e.	Julgo (que) a mutopa (faz) muito mal.
ŭaxala kuṅima, mulog̃iki?	Ficaste para trás, porquê?
kinutŭixape kŭed̃a[4] *kulutŭè, naid̃ama, mŭê či noeji,*[5] *kutala misasa ĭámi.*	Não posso andar adeante, preciso olhar (reparar) pelas minhas cargas.
maiji ma dĭag̃ua, muê či noeji, diŭape ku kudĭa.	As folhas da abobora são boas para comer.
madĭaje[6] *maiji, či noeji, čiŭapelepe.*	Sustento (comida) de folhas não presta.
kakug̃i, sŭapali, rusumo rŭa mema kŭa mŭata.	Rapaz, depressa, um copo com agua para este senhor.

---

[1] É frequente abreviarem *kunŭa* em *kuna* «beber», e sempre que a este vocabulo se junta *mutopa*, ou *p̃exi*, significa «fumar». Só por si «fumar» é *kunŭa makaṅa* (nos povos áquem do Cuango), *kunŭa rŭad̃a* (nos povos álem do Cuango) — cuja interpretação literal é: «beber tabaco».

[2] Cabaça onde fumam, em geral, *liab̃a* «canhamo».

[3] Phrase especial para indicar «satisfação, alegria». *kukata* «estar» é tambem para elles um auxiliar, como veremos, e de que já démos um exemplo em: *ŭakata kuiela* «está doente».

[4] Tambem neste caso se podia empregar *kŭia* «ir».

Porque sejam frequentes as interpolações, de que démos conhecimento nas pag. 14 e segs., as empregaremos d'aqui em deante em alguns exercicios.

Palavra derivada de *kudia* «comer».

tala bili, aibâĝala a adiile biji ťa kabŭa, ni akŭaŭ aťužo ni ubŭa ni jitaba.	Repare ainda, aquelles Bângalas comeram carne de cão, e os outros ratos com cogumellos e batatas.
čié, dičiko dimŭè kaso, kisŭapexepe kuŭa ni kusota eči amutumixa!	V., um dia só, não apressa ir buscar o que lhe ordenam! (V. nunca tem pressa de ir buscar o que se lhe manda!)
nikŭete ŭŏma niia kubukuna mŭeď ŭámi.	Tenho receio de quebrar uma perna.
čié ŭamulodele kŭiso?	V. onde lhe fallou?
mu čikubo čia maď ŭámi.	Em casa de meu tio.
mŭéne uletele ŭámi tubŭa tusato.	Elle trouxe-me tres cães.
mŭéne mubada kaumupanenepe jinama?	Ella não lhe deu carne?
bŭate.	Não.
kinatanenepe ŭeĝa ŭámi.	Não achei os meus pratos.
čié ŭjibalele ečike?	Como os perdeu V.?
kinijikape.	Não sei.
tátuk' ŭedi kaŭijikape aťu a mŭéne puto.	O pae d'elle não conhece os Portuguezes.
ana bada mak' ŭeŭ ači aababa mačiko maôso.	As suas duas filhas (de V.) divertem-se todos os dias.
mŭén' edi ači utoĝa ŭaiduluka.	Elle julga-se infeliz.
muloĝiki? či noeji! ukŭete žala.	Porquê?! (grande espanto) tem fome?
mutopa oŭ ači čiámi, ači čieŭ?	Esta mutopa é minha ou tua?
čidi čieŭ.	É tua.
mŭana mak' ŭeŭ eči ŭajalele?	Teu filho que vestiu?
čikita čia čima ou *kima.*	Pelle de macaco.
kaje uŭa ni kamoĝa.	Caje vae com Camonga[1].
mazŭi makuŭa ni rukido.	As palavras vão com o vento (palavras leva-as o vento).

[1] Equivale a: «Maria vae com as outras».

Ha outros verbos derivados com as terminações *-unana* e *-ulula*, ou nas abreviaturas *una* ou *ula*, que desfazem a acção indicada pelo verbo, que perde o *a* final, equivalendo esta derivação á do prefixo des- em portuguez. V. pag. 47.

Vocabulario

kusala «fazer».	*kusalununa* «desfazer».
kučima «coser».	*kučimununa* «descoser».
kupata «fechar, cercar».	*kupatununa* «abrir».
kubŭika «tapar, cobrir, abafar».	*kubŭikununa* «destapar, descobrir, desabafar».
kusoĵika «abafar».	*kusoĵikununa* «desabafar».
kuf̆uda «embrulhar».	*kufud̆ununa* «desembrulhar».
kujika «enterrar, encerrar».	*kujikununa* «desenterrar».
kulameka «pegar».	*kulamekununa* «despegar».
kusŭika «prender».	*kusŭikununa* «desprender».
kujika «fechar caminho, empatar, embaraçar».	*kujikula* «abrir caminho, desimpedir».
kubula «fiar».	*kubululula* ou *kubulula* «desfiar».
kusŭiĵa «trocar».	*kusŭiĵulula* ou *kusŭiĵula* «destrocar».
kuzağa «pentear».	*kuzağulula* «despentear».

Exercicios

atátuk' ŭaŭ ou *atátuk' ahinaŭ nani?*	Quem são os paes d'elles?
énu kanŭaijikape?	Vós não os conheceis? (não os estaes conhecendo?)
uladele žol' oŭ ku nani? ači kŭámi, ači mŭepŭa mud̆ad' ŭei?	Para quem compraste esta gallinha? Para mim ou para tua sobrinha?
tala bili, nidi mŭamo!	Fico assim! (estou reduzido ao que vê.)
ikuğ' ei, ed̆i dia nani natab̆ŭile ioŭma ivudi ia ruia?!	É este o homem de quem recebi tantos favores?!

[illegible] ŭajinana ni kaxi, mulo-ğiki?	Porque está V. tão triste?
mŭen' edi mačiko maôso čia-mukata[1] *ači ŭia ni kŭeda mu jila*[2].	Elle está sempre contente em viagem.
eči čiağukata kadi, kumana akŭaŭ anaŭi ŭialele ni alel' ámi.	O que me agrada ainda (mais) (é) ver aquelles a quem amo e me amam (por quem sou amado).
ioŭma iôso natabŭile musasa ômu adi kŭiso?	As cousas todas (tudo que) eu recebi esta manhã onde estão?
dilepa dipane; ačioko aiseda.	Longe d'aqui; levaram-nas os Quiôcos.
eié ŭalodele dia nani?	De quem fallou V.?
kiámipe, mona mak' ŭei.	Não fui eu (que fallei, foi) seu irmão.
mona mak' ŭámi mŭana kaki! či noeji, mŭéne ŭadimukine kakiepe, kuloda mŭamo ačio-ko, či noeji, miloğa iakéne.	Meu irmão é uma creança! pouco esperto, fallar assim (de) Quiôcos grande crime! (não se lembra que fallar em Quiôcos é um grande crime!)
ŭamulekexele, mukŭá bağo.	Desculpai-o, grande senhor.
ačioko ajikile ajila kŭa mu-suba, mulоğiki?	Porque fecharam os Quiôcos o caminho para a capital?
akusota difada ku aéne kaso, adikusuta kŭa ruda, bŭate.	Só querem polvora para si, não a deixam passar para a capital.
iki čiŭapelepe, nasalumunine iôso eči eié ŭaisalele.	Isto não prestava, desfiz tudo quanto (que) V. fez.

[1] Quando se refere á 2.ª ou 3.ª pessoa, *čiamukata*, quando á 1.ª pes-*čiağukata*. São as duas formas do singular do presente.

[2] Á letra: «andar no caminho ou estrada; viajar».

eĭé mukŭá b̃ag̃o, ámi mururo.	V. é o grande (o fidalgo), eu o humilde (o servo).
čimuna divuga dĭôso edi, dĭaipe.	Descosa todo este pano (porque) está mau.
mukaje mŭa ač̃i kuzag̃ulula, iṅi?	Porque se despenteia aquella rapariga.
mona mak' ŭed̃i ŭafŭile učuk' u.	Porque o irmão lhe morreu esta noite.
sŭikununa ap̃eb̃e aôso čĭa kuĭaṅi pa ŭito kunŭa mema.	Desprende todas as cabras para irem ao rio beber agua.
naṅi uburŭile[1] *dileso edi?*	Quem desfiou este lenço?
kamexi.	O gato.
rusumo ôru rŭa naṅi? ač̃i rŭa ŭeĭ, ač̃i rŭa g̃aka ŭámi?	De quem é este copo? É teu ou do meu avô?
noeji, mŭana ŭasab̃ele čĭa čibid̃a ilug̃a ni lŭeji lŭa kot̃i, kob̃a, mŭanĭê či noéji, at̃u ŭed̃i aôso amŭijikile nama mazêu, mŭê či noeji, ač̃i:[2] *at̃u ĭámi dičiko dimŭè asotele čĭoŭma čimŭè, dičiko dikŭaŭ kadisotelepe, či noeji; dĭamačiko dĭeza mŭéne puto mona mak' ŭámi kŭid̃ama ni kŭiza pane, či noeji, dĭa kutab̃ula ŭat' oŭ; ač̃i kag̃ana, mŭê či noeji, ŭatu ŭaĭa ni kusuta kŭa ikasa ĭa mačĭoko.*	Noéji, primeiro filho do caçador Ilunga e de Luéji, de Cônti, ao qual (a quem) seu povo cognominára (o conhecia por) carne dos dentes (gengivas) dizia: a minha gente (o meu povo) um dia quer uma cousa, no outro dia não; de futuro o meu irmão rei de Portugal, precisa vir aqui, tomar conta deste Estado; se não vier, o Estado vai passar para as mãos dos Quiôcos.

---

[1] O infinito é *kubulula* ou *kuburula*, já abreviado de *kubululula* e que ainda mais abreviam no aoristo, o qual deveria ser *bululile* ou *burulile*.

[2] *ač̃i*, neste caso é prevenção do que segue, é a transmissão do que se ouviu a outrem, e quem narra agora, toma o seu logar e procura imitá-lo em um gesto.

mŭan' ĭê, mukŭá ɓaĩo, mŭan' ĭê, kaloɓo! či noeji!

Tem razão, grande senhor, tem razão.

akŭaruɗa akŭete mafefe ači mŭéne puto ŭaleka ana a mŭatĭaṽŭa, asal' ini?! eĭé, mŭatĭaṽŭa, nutumixa alŭè aia kŭa mŭéne puto kumutažuka ŭeza, mŭanĭê či noeji, kutala ŭat' oŭ ŭeĭ usota kŭafŭa[1] *kudi ačĭoko, či noeji; mŭéne puto, tátuk' ŭêtu akŭaruɗa aôso, mŭén' eɗi kaso, ĭopata ačĭoko adĭokape.*[2]

Os Lundas não merecem confiança; se o rei de Portugal recusa (abandona) os filhos de Muatiânvua, o que hão de elles fazer? Ordena tu, Muatiânvua, que vão portadores convidar o rei de Portugal, que venha ver como os Quiôcos estão estragando este seu Estado; só elle, pae de nós todos os Lundas pode expulsar os Quiôcos para bem longe.

čĭaŭape, akŭaruɗa, čĭaŭape... nĭia ni kutažuka mŭéne puto, tátuk' ŭêtu, ŭeza; čĭeneči milaɓo atane[3] *kŭiso?*

Muito bem, gente da Lunda, muito bem... vou convidar o rei de Portugal, nosso protector, que venha; mas achar presentes aonde? (mas onde posso arranjar presentes para lhe enviar?)

ah! mukŭá ɓaĩo, akŭaruɗa aôso, mŭê či noeji, aĭani ni kusota milaɓo kŭa mŭéne puto. muɗu, či noeji, kaĩana

Oh! grande senhor, todos os Lundas procurarão presentes para o rei de Portugal. Não ha ninguem que se re-

---

[1] O verbo é *kufúa;* porém, para darem mais expressão ao termo fazem ouvir um *a* antes do *f.*

[2] *ĭopata ačĭoko adĭokape* é uma phrase muito usada, «empurrar os Quiôcos, saiam d'aqui».

[3] Ouvi frequentes vezes ao Muatiânvua esta interrogação: *milaɓo, atane kŭiso?* para os que o ouviam, se promptificarem a apresentá-los. É uma forma de tributar, de modo que o tributado não fica descontente: e dá logar a que o Muatiânvua diga em seguida: *mŭan' ĭê, kapeɗa, muximа ŭeĭ ŭakéne.* «Sciente, Grande do Estado, o teu coração é magnanimo».

ulek'eĭ kuleta milaḃo mivudi, eĭé, mŭanĭê či noeji, mŭatĭaṽua, kŭitumina mŭéne puto muruḋa ŭeĭ.	cuse a trazer muitos presentes para que tu, Muatiânvua, os faças enviar ao teu amigo rei de Portugal.
čiaŭape, čiaŭape, nakaimane pa urŭel' oŭ.	Muito bem, muito bem, aqui os espero esta tarde.
nanĭi ŭamukubŭikunine nuj̃' ŭa?	Quem destapou aquella panella?
kŭiji mŭari mŭixi.	Talvez o cozinheiro.
ači mŭén' eḋi ŭijikile kumubŭika katataka..	Se fosse o cozinheiro (sabia tapá-la) tapava-a logo.
mŭamo, kudile[1] utaḃule mŭixi ĭôso.	D'este modo, a comida toma o gosto do fumo (recebe todo o fumo).
muloj̃iki kudikijilep' eḋi čaŭ čeĭ?	Porque não lhe mostrou o seu porto?
ḋiapalepa ḋia papa.	É muito longe d'aqui.
mŭén' eḋi čikaḋipe ŭaméne čiota čia mŭari.	Elle ainda não viu a sala de visitas da senhora.
ia ni mudikija.	Vá e mostre-lh'a (vá mostrá-la).
mukaje ŭa čiḃaj̃o ači; eĭé umupanén' eḋi ĭoŭma iŭape ivudi.	A mulher de Chibango diz: (que) tu lhe déste muitas cousas boas.
eĭé utanéne tusaj̃asaj̃a tŭaôso, eĭé ŭatujiḃalele?	Achaste todas as missangas, (que) perdeste?
kaḋi kali.	Ainda já (ainda não).
mŭéne muḃada uleĭ' êtu, ni ečU tumuleĭ' eḋi.	Ella ama-nos, e nós amamo-la a ella.
mŭéne upatunine čiia čia čipaj̃a, ukusota učipate?	Elle abriu a porta da cêrca; queres que a feche?
nalike ou *naleka.*	Não. (Negativa.)

[1] De *kudia* «comer», fazem *kudile* «comida».

musoñi ŭeĭ ŭeza lelo, ačĭ ni mutena[1] *ačĭ ni učuko?*
Teu primo vem hoje de dia ou de noute?

ñĭitía čiŭeza čĭa urŭele, suka učiruke[2] *lelo kad̆i.*
Creio que vem de tarde, mas volta ainda hoje.

mŭéne mub̆ad̆a, mačiko mavudi, ŭeza ni mutena[3]*, makŭaŭ ŭeza mutena ŭaia kali.*
Ella muitos dias vem ao meio dia, outros depois de pôr o sol (ao escurecer).

aŭab̆a ğoloxe ačirukine kŭa malaje, anañi?
Quem são os rapazes que foram hontem para Malanje?

ipule kabo toĭñi[4].
Pergunta ao cabo Antonio.

ŭažulŭile fukidi oŭ, nañi?
Quem abriu este sacco?

kĭámipe, mŭén' ed̆i.
Não fui eu, foi elle.

ŭakata kusal' eči kŭa?
O que está ahi a fazer?

ta masuna peúlo pa ulalo.
Ponha as fazendas na prateleira.

najotekele ačĭ namaméne
Eu poria se as visse

nakafuta mauseĭa maôso, eči mon' ŭámi kŭeza pane kusala ñieĭ.
Eu pagarei todo o negocio que meu filho vier aqui fazer comtigo.

ačĭ eĭé kasotape[5] *kujib̆ala, ámi mŭamo.*
Se V. não quer perder, eu o mesmo (tambem eu não).

ğoloxe mutena, nasalexele ulalo ŭámi; kuğŭanexele mŭepŭa ŭeĭ.
Hontem ao meio dia compuz a minha cama; ajudou-me seu sobrinho.

---

[1] *mutena* «sol» emprega-se muita vez como «meio dia», que se indica apontando para o zenith, em vez de dizer *mutena peúro* «sol no alto».

[2] *čiluka* ou *čiruka*, é o verbo; porém os da Côrte na 2.ª pessoa do imperativo fazem geralmente a terminação em *e*. como no subjuntivo, quando fallam entre si, mas dirigindo-se aos de classe inferior, dizem *čiruka*.

[3] *mutena* está empregado aqui, como «dia; claridade».

[4] Nós os europeus, geralmente, dividimos os carregadores em grupos por fogos, e ao cabeça que elles elegem chamamos *cabo;* pois os da Lunda, que conheciam já essa auctoridade, entenderam ao que tinhamos de nome *Antonio* chamá-lo *kabo toĭñi.*

[5] Abreviatura de *kakusotape.*

nasotele kučirukixe jinama eji čiŭapelepe, ni eču katudilepe jinama jĭavud̃a kali[1]*; čieneči, mŭéne g̃ada ač̃i: nalike.*	Eu recambiaria esta carne (que) não presta (porque) nós não comêmos carne pôdre; porém, o senhor da terra disse: não quero (recuso-a).
nakug̃ud̃ibanéne ač̃i namulejele g̃oloxe nakŭetile kali mazêu ma z̃avo matano; nikŭete kaso maṅí.	Enganei-me se lhe disse hontem que tinha já cinco dentes de marfim; só tenho quatro.
akŭataṅi ni akukasaṅi kakug̃i kŭa, mŭata ŭed̃i ŭamufutexile, mŭéne kasotelepe kuĭa kŭiso mŭata ŭamutumine pamapi apa.	Agarrem e amarrem aquelle rapaz multado pelo seu amo, (porque) não quiz ir onde elle o mandou esta manhã.
ăile pa kaŭed̃a kusota madĭĭaje; pinape katumenepe čioŭma čimŭè kaso, mačiko mavudi masutile.	Fôra a Cauenda procurar de comer (sustento); aqui não se vê ha muito tempo (não se encontra) que comer.
mona mak' ŭed̃i ŭasotele kug̃ŭid̃amexele mu useĭa, suka ač̃i ŭadib̃anexele ni ŭajib̃alel' avudi akamo.	O irmão d'elle quiz prejudicar-me no negocio, mas enganou-se e perdeu muito mais.
katatakexe mu jikit' oŭ, nikusota kutub̃uka dĭamačiko bŭididi.	Apressa-te neste trabalho, (porque) quero partir ámanhã cêdo.
iči idi čĭoŭma eči nisalexe mu dičiko dimŭè.	Isto é cousa que eu arranjo num dia.
mačiko maôso kug̃ŭapexe ni kakĭepe.	Sempre me contento com pouco.
naṅi ulod̃a ni kaxi, ujib̃ala mu useĭa.	Quem falla muito, perde no negocio.

[1] De *kuvud̃a* «apodrecer».

lelo naeḑele ni kaxi, kutana ažolo adi ku mŭana muḑada ŭámi ŭakata kuŭela.
Hoje andei muito para achar duas gallinhas para minha irmã (que) está doente.

ŭaitanéne?
Achou-as?

ŭaitanéne palepa pa.
Achei, longe daqui.

adi tukĭepe, ni naifutile ni ŭape ni kaxi.
São pequenas, (mas) paguei-as muito bem.

aĭu aôso asota kusala ŭape ni kaxi a tuzŭeĭe.
Todos desejam (querem) fazer bem aos pobres.

katete kajile kaŭape, čieneči mulaḑudi muŭape kamo ni kaxi; tujile tŭaôso nĭijika, mulaḑudi mudi čia udila[1] *ŭape kamo.*
O catete é um bonito passarinho, porém o mulambúdi é lindissimo; de todos os passarinhos (que) eu conheço, este é o que canta melhor.

ŭijika majina maôso ma mitoḑo eči tumane ḑiapane?
Sabes os nomes de todas as arvores que nós vêmos d'aqui?

maôso kaĭana, nĭijika mavudi.
Todos não, sei muitos.

énu kanŭijikape aixi aŭape eči maŭito ama akŭete; ači mŭijikile, mačiko maôso nŭaile kŭisota ku kŭiḑia ni kŭiladixa.
V. não sabem os bons peixes que teem estes rios; se soubessem procurá-los-iam todos os dias para os comerem ou os venderem.

akudile nĭipe mudi akuḑia, kaĭana ajokudile kamo.
Comerem mal como comem, não comeriam mais.

vuĭe[2] *kauxikilepe kaḑi ḑia kalaŋi*[3]*?*
O Vunje ainda não chegou do Calânhi?

uxal' ŭa té[4] *učuko ujala.*
Fica lá até alta noute.

---

[1] *kudila* — para pessoas: «chorar» e todos os seus synonimos; para aves: «cantar, piar, etc.»; para quadrupedes: «zurrar, uivar, balar».

[2] Nome de homem.

[3] Nome de rio, que dá o nome á localidade e á primeira mussumba do Muatiânvua.

[4] *té*, um vocabulo já em uso, do nosso portuguez «até».

tátuk' ŭeĭ kadipe mukurupi mŭamo mudi ŭámi, kaŭakenepe?	Seu pae não está tão velho como o meu, não é verdade?
kuĝulekexepe, tátuk' ŭámi ukŭete kaso makumi maní mive ni činana amukuŭala[1], *ni ŭeĭ makumi masâbaño mafŭile (masutile, mapŭixile).*	Queira desculpar-me, meu pae tem apenas quarenta e nove annos, e o seu sessenta já feitos (morreram, passaram, acabaram).
mŭéne muďada kadipe mŭamo mulepa mudi musoni muďada ŭeďi, kadipe mŭamo?	Ella não é tão alta, com sua prima (d'ella), não é assim?
tuĭani kujal' étu, tŭĭďamexe tubudikani katataka.	Vamo-nos vestir que precisamos sair immediatamente.
abudikine a polo paŭ.	Sairam (foram) para o sitio d'elles.
alejel' áni, ačioko aeza maĝode maadi masutile ni akusota kukŭata aĭu kamo; aimane kaso, mŭéne puto ŭačiruke polo peĭ[2].	Dizem-me (que) os Quiôcos virão daqui a dous mezes amarrar (prender) mais gente; só esperam (que) o Muene Puto se retire para a sua terra.
usala ŭakéne dijina dĭeĭ ukutŭixa kuĭa mu tulo.	Faz grande o teu nome podes ir no somno.
ŭakata kuloďa ninani?	Com quem estás a fallar?
aĝubulile an' eďi ači kalejelepe muloĝiki!	Os filhos delle bateram-me, sem dizerem porquê?

---

[1] *kuŭala* «parir». Sempre que se trata de edades, se diz: — desde que o pariram, desde que me pariram, conto tantos annos. Estes, porém, são contados pelas estações das chuvas, o que dá a equivalencia de dois, e em alguns povos de tres, dos seus annos por um nosso.

[2] Não se deve confundir com *ku polo* «adeante, para frente, etc.», nem tampouco com *poli* «fora».

[3] Equivale a: «cria fama e deita-te a dormir».

Forma passiva

Substitue esta forma uma construcção especial, a qual na generalidade consiste em collocar em seguida ao sujeito o verbo na terceira do aoristo na forma objectiva. V. pag. 42, e pag. 39 Obs. Ex.: *muéne amutumine* «elle, mandaram-no (foi mandado)», *masuna amasotele ni kaxi* «a fazenda (procuravam-na muito (era muito procurada)».

Quando a forma se dá em referencia á pessoa que falla o verbo é empregado no infinito, tornando-se a construcção activa e occupando o sujeito o primeiro logar, Ex.: *mak' ŭámi kuĵulele* «minha mãe estimar-me (sou estimado por minha mãe)»; *tukuĵi kuĵutažuka* «os rapazes convidarem-me (sou convidado pelos rapazes)».

Simplifica-se esta forma para o presente, sempre que em portuguez se emprega o verbo na terceira pessoa do singular do presente composto, porque os auxiliares «é, está ou tem» se intrepretam por *ŭa* antes do radical do verbo, que é a segunda do imperativo, *muén' edi ŭakata kuŭela* «elle está doente»; *mŭata ŭaiĵa* «o senhor tem razão»; *tátuko ŭajiba* «o pae é gordo».

Observação. — *ŭa* está sujeito á concordancia das regras dos prefixos e por isso se applica ás pessoas d'este tempo o que se estabelece para a terceira Ex.: *eču tŭakata tuŭape* «nós estamos bons», que abreviam em *eču tuŭape, eié ŭakudia kakŭepe ni kŭepe* «tu tens comido pouco»; *éne aŭaeda avudi* «elles tem andado muito».

Vocabulario

ka-ulo, pl. *tu-*, «sitio».
ka-saŭ, pl. *tu-*, «machadinha».
ka-baka, pl. *tu-*, «milho».
ka-seĵa, pl. *tu-*, «migalha».
di-ŭala, pl. *ma-*, «pedra».
ma-ŭeno, pl. *a-*, «sogra».
mono, pl. *ji-*, «remedio».
ĵeji, pl. *a-*, «mosca».
ĵoĵo, pl. *a-*, «palhaço».
ŭkala, pl. *a-*, «caranguejo».
ĵuka, pl. *a-*, «abelha».
ñaka, pl. *a-*, «cobra».
žéò, pl. *a-*, «formiga, sp.».

p̃upo, pl. *ji-*, «barrete».
ž̃aje, pl. *ji-*, «raio».
soŋ̃ani, pl. *a-*, «formiga, sp.».
ŭata, pl. *ma-*, «estado».
uŋ̃a, pl. *ma-*, «amido de mandioca».
utadi, pl. *ma-*, «ferro».
utŭè, pl. *ma-*, «cinza».
ŭije, pl. *ma*, «ladrão».
lusolo «depressa».
kuleka «largar, abandonar».
kŭaŋ̃a «cantar».
kŭoka «cuidar, tratar».
kuluka «vomitar».
kulaŋ̃a «cumprimentar, felicitar».
kujima «apagar».
kukuna «semear».
kusuma «morder».
kudima «cultivar».
kuxakama «sentar».
kujimana «enfadar».
kuĭela «doer».
kuhoha «lavar».
kuhŭa «cahir».
kuhima «respirar».
kučina «fugir».
kukata «buscar».

Exercicios

ikuŋ̃i ŭasala mujikita iñi? ou *mujikiť eči?* — Que trabalho está fazendo o homem?
mujikita, eié čia ŭamumane. — O que estás vendo.
kajile čia kaŭadile. — O passarinho que está a cantar.
nĭijika čia kuŋ̃ukata. — Sei o que me apraz.
mŭari eči ŭaxika, ŋ̃aka b̃ad̃a ŭámi. — A senhora que chega (está chegando) é minha avó.
kab̃ada, eči ni mŭéne, mona maku mub̃ad̃a ŭámi. — A rapariga que (está) com ella (é) minha irmã.
akaj'[1] *a, mŭan' ŭeĭ nañi?* ou *(dĭakaje dĭa).* — D'aquellas raparigas, sua filha quem? (qual é sua filha?)
kinijikape mŭéne[2] *čaŭ, mŭéne p̃aka, mŭéne kaulo.* — Não conheço o senhor do porto, o dono da faca, o senhor do sitio.

---

[1] *akaje* designa as raparigas já depois da puberdade.

[2] *mŭéne*, antes de um substantivo, significa «possuidor», embora no instante considerado, por exemplo: o que limpa uma faca, seja de quem fôr, é nesse momento o *mŭéne;* o que serve á mesa, emquanto está nesse serviço é o *mŭéne* da mesa, etc.

mŭéne ŭata (mŭata) mulepa ni ŭa usŭa. — O senhor do Estado é alto e forte.

maĭala, ámi nimatekexe pane, amasedele kali. — Já levaram as pedras (que) eu depositei aqui.

maŭenu ŭámi kuĭusota ni kaxi. — Sou muito procurado (querido) por minha sogra.

kabŭa aka kuĭusuma. — Fui mordido por este cão.

ana kaki kuĭujimana. — Estou enfadado com os rapazes.

mŭedu amihohel' ŭeĭ? — Lavaram-lhe as pernas (de V.)?

amihohele. — Lavaram.

diĭala diŭahŭa paxi. — A pedra está caida no chão.

utŭè uhŭa paxi. — A cinza cae no chão.

kasaŭ kaŭahŭile paxi. — O machadinho caiu no chão.

asoĭani amikusuma mŭedu ŭámi. — Os meus pés foram mordidos pelas formigas.

azéò tuseĭa aŭatuseda. — As formigas transportam as migalhas.

añaka atukusala ni ipe ni kaxi. — As cobras fazem-nos muito mal.

mu kaulo kabaka pekila, utadi. — No sitio não ha milho (mas ha) ferro.

amutumine lusolo, ni mŭéne ŭahŭa paxi ni ŭaxala pa ni divumo diŭakata kuŭele. — Foi mandado depressa e está caido em terra, está com dores no ventre. (Ia a toda a pressa, caíu e aqui ficou com dores de barriga.

uĭa atuzo audiile. — A farinha foi comida pelos ratos.

tŭaidaméne kulada mono tŭajipa aĭeji. — Precisâmos comprar um remedio (para) matarmos as moscas.

aĭupo a kŭalada kŭa naii? — Para quem foram comprados aquelles barretes?

mona ŭeĭ ŭalaĭa maŭenu mubada ŭámi. — Seu irmão está cumprimentando minha sogra.

mutena ŭasĭanexe, nĭia ni ĉiruka; pakŭeza[1] *ni kusota kŭovŭa (kovŭa) akaje aĉi akakŭaĝa.*	O sol vae aquecendo, retiro (vou) e volto; depois quero (desejo) ouvir as mulheres cantarem.
texaŋi[2]*, ámi ni kuloda, ni kusota akuĝŭovŭa (akuĝovŭa).*	Attenção, vou fallar e quero ser ouvido.
aŋani kŭanexe tuzŭeĝe tŭaôso tŭa, eĉi ajĭbalele ŭoŭma ŭaŭ.	Vão soccorrer todos aquelles pobres, que perderam as suas cousas (d'elles).
këape këni kŭa. këlepe këni pa[3]*?*	Não vá por ali. Não foi por aqui.
eĉu katutanenepe kadi ikuĝi imŭe iŭape ĉia kusala mujikita; aôso atoĝa kaso, mŭaniê ĉi noéji, kŭdĭa ni kunŭa ĉiaŭape, ĉi noéji, ni kusota dĭakŭiso dĭakŭeza, kaĝana.	Ainda não encontrámos um homem capaz para trabalhar; todos pensam só comer e beber bem, sem quererem saber d'onde ha de vir.
akŭaruda aĭluméne ni avudi aitanéne.	Os Lundas teem muitos inimigos.
tala ĉia mŭéne ŭakata kusala.	Veja o que elle está fazendo.
mŭén' edi ŭakata kuseĝana ni uloŏo.	Elle está brincando com a tinta.
naŋi ŭačila uloŏo? ŭamučilele?	Quem entornou a tinta? Foste tu (que) a entornaste?
mŭana kaki ŭaseĝana ni ĉima (kima), ni eĉi (eki) ŭamučilele uloŏo.	A creança estava brincando com o macaco e este entornou a tinta.
ia ni kumane naŋi ŭabula ĉŭia	Vá ver quem está batendo á porta.

[1] *pakŭeza* indica «o que deve vir, chegar, etc. depois».

[2] Forma de chamar a attenção, de *kutexa* «escutar», e diz-se alto com emphase, demorando o tom alto no *é: té...xaŋi.*

[3] São abreviaturas e viciações de tempo que deram logar a estas locuções hoje usuaes:— *ka ia pe kŭa ni kŭa, ka ŭile pe kŭa ni pa.*

ŭanaṅi?	Quem é?
mŭepŭa ŭeĭ.	Seu sobrinho.
naṅi? ou *mŭén' ŭa*[1]*?*	Qual d'elles?
ĭaĭa edi[2]*, mukĭedi*[3]*.*	O mais velho; o mais novo.
mupaji amutanéne pasŭipa mu ŭito.	Foi encontrado proximo do rio o pau de mexer o infunde.
kené[4]*? mŭamo?*	É isso? (é assim?) É verdade.
tukuĭi čiatŭakusala čiŭapelepe, nasalumunine tŭaôso, ni pakŭeza nakasalexa.	O que os rapazes estavam fazendo não prestava, desfiz tudo e depois concertarei.
ovaĝaṅi jisaĝu mŭatĭavŭa ŭajitumine kŭa êtu.	Ouçam as noticias que nos mandou o Muatiânvua.
mŭéne ukŭete muxima ečU tŭaxalele pa, mačiko kamo pamŭè dĭedi, či noéji, ni ečU tŭakata kuĭele ni jižala, ačI tŭaxelexele pinape, mŭané či noéji, tusota kumana malu, kadi kamo, ni tŭaôso tŭafŭa.	Deseja (que) fiquemos aqui mais dias junto d'elle, (mas) nós estamos doentes e com fome, e se continuâmos a ficar, mais temos a padecer e todos morremos.
ečU tŭaxakama[5] *kali ni kaxi, tukusota kučiruka kali kŭa kolo*[6] *kêtu.*	Nós já aqui estamos demorados ha muito (tempo) e queremos voltar já para a nossa terra.

[1] Formas de perguntar «quem é» a pessoa de que se trata.

[2] *ĭaĭa* julgo ser questão de precedencia e que é derivado de *kuĭa* «ir». A juncção dos radicaes é de «vá» e «vou», e por isso talvez o considerem em primeiro logar, o mais velho.

[3] *muki* é abreviatura de *mukiepe* «mais pequeno, novo».

[4] Abreviatura de *kiene iê.*

[5] *kuxakama* «sentar» é empregado muitas vezes no sentido de «viver, existir, demorar-se num logar».

[6] É mais empregado no sentido de «capital», porém ouvi indifferentemente empregar para os mesmos casos *polo* e *kolo.*

muloĝiki kunoŭko mŭixi muvudi mŭixini mu čikuḃo eči.
Porque está tanto fumo dentro d'esta casa?

jikuni čijiapelepe.
(Porque) a lenha não presta.

aibaĝala kaezapo muloĝiki?
Porque não vieram os Bângalas?

kŭiji kŭaŭ[1].
Eu sei lá.

kŭiji aéne ači akusota kutumixa mulŭa kŭa mŭéne ĵaḋa kŭêtu.
Talvez elles queiram fazer mandar um portador ao nosso chefe.

aôso aijika kali jiĝaḋa jia ruḋa rŭafüa, ni muŭu umŭè kaso ŭakusota kŭeza aka[2].
Todos sabem já (que) as terras da Lunda estão mortas e ninguem já quer vir cá.

tŭovani kali kuleja ačioko ajijika jijila jiaôso jiapane ni kŭa mataba.
Ouvimos dizer que os Quiôcos tinham fechado todos os caminhos para aqui e para Mataba.

ŭasaḃele akibaĝala[3] *ajikil' êtu ni kŭaĝo, alejele aŭu avudi ahinaŭ afŭile kali mu ŭata ŭámi; pakŭeza ačioko kasotape akŭaruḋa ači asute maĝaḋa*[4] *mahŭi.*
Primeiro os Bângalas fecharam-nos com o Cuango, dizendo que morreu muita gente d'elles no meu Estado; agora os Quiôcos não querem que os Lundas passem nas terras d'elles.

amŭè ni akŭaŭ aiḋaméne kumana, malu čiipe čiéne čikulo.
Uns e outros devem ser castigados, (porque) a sua maldade é antiga.

---

[1] *kŭiji kŭaŭ* «culpa d'elle». Empregam-no no sentido de indifferença: «isso não é commigo, é com elles; pouco me importa; o que tenho eu com isso? etc».

[2] *aka* em terminação de verbo significa proximidade de quem falla: «eu, aqui».

[3] *akibaĝala* é o plural do dialecto Bângala, que os Lundas tambem usam, como usam para os mesmos de *atusaĵe* «povo de Cassanje».

[4] É indifferente o prefixo *ma* ou *ji* para este e vocabulos analogos que principiam por consoante nasal.

aĭu ama amufutixile kali aôso eči adĭile kŭa auseba.	Já fizeram pagar a este povo tudo que comeram (disfructaram) aos negociantes.
mŭatĭaṽŭa noéji eči ŭamudiƀanéne mačiko maôso useba galasa[1] *kumulej' edi: eču tukafuta masuma maôso tukudĭile kali, ni mŭamo ŭamuxakaméne ni kufuta bŭate.*	O Muatiânvua Noéji enganava sempre o negociante Graça dizendo-lhe: nós pagaremos todas as fazendas que já recebemos a credito, e assim o demorou e pagou nada (nunca pagou).
ŭijika nani utumine mulaƀo[2] *ômu kudi mŭata?*	Sabem quem mandou este presente ao potentado?
čilolo[3] *kaĭeƀe mukulo ŭautuma milaƀo miŭape aruda aôso ŭedi.*	O fidalgo (o grande) Caiembe tem mandado bons presentes a todos os seus amigos.
ači atĭaṽŭa ataƀŭile mačiko maôso milaƀo mudi ĭa axikile lelo kŭa musuƀa, nakaleja ŭata ŭa mŭatĭaṽŭa ŭa lupêto ni lŭakéne.	Se os imperantes receberam sempre presentes como os que chegaram hoje á capital, eu direi que o Estado do Muatiânvua é rico e grande.
ači mŭéne ŭimane kudi ámi, këlepe, nasotele čĭoŭma čikŭaŭ ni kaǧana naidaméne kuĭa palepa mŭamo.	Se elle espera por mim, não ia, (porque) eu quiz outra cousa e não precisei ir tão longe.
tukuǧi tŭaile ni edi?	Os pequenos foram com elle?
ači aile, aile kulutŭè kinaimenepe.	Se foram, foram adeante, (porque) eu não os vi.
ulekexe ana kaki, éne atoǧa kasalelepe ni ip̃e kŭa kubudika (kudĭoka).	Deixe (perdoe ás) as creanças (que) julgam que não fazem mal em sair.

[1] É o nome por que ficou conhecidoo fallecido Joaquim Rodrigues Graça, negociante portuguez que esteve na Mussumba em 1847.

[2] No plural dizem sempre *milambo*.

[3] É um titulo de grandeza no Estado.

ámi ači nisala mŭamo, éne asala dičiko dikŭaŭ ni ipe kamo.	Se eu assim fizer, para a outra vez fazem peor.
kuǧupŭa mačiko maôso, eči ámi naeza pa polo pŭeč, (polo opo).	Sempre que venha ao seu (a este) sitio me canso.
nĭitia, muloǧa mŭata ŭaǧĭba dičiko ni dičiko.	Eu acredito porque o senhor está engordando de dia para dia.
čidi mŭamo, kusal' eči.	É verdade, que lhe hei de fazer?
nĭámi kezepe[1] muĭu umŭè.	Commigo não veiu ninguem.
ŭezile muĭu kuńima dĭa mŭata?	Veiu alguem atraz do senhor?
nańi ŭezile ŭaxakamaka.	Quem veiu está aqui sentado.
natoǧele kumana (kumona) muĭu mukŭaŭ.	Pensei ver outra pessoa.
kakuǧi, net' êtu rŭaďa ni kasŭè.	Rapaz, traz tabaco e fogo.
mu muvo ŭafŭa (ŭasutile) nadĭixine aĭu asâbaño, lelo kaadi kuso.	O anno passado sustentava seis pessoas, (porém) agora (hoje) só duas.
mŭéne ŭaleje čiŭatŭixile kusala mujikita oŭ mu mačiko mavŭa (madivŭa).	Elle tem dito que podia fazer este serviço (trabalho) em nove dias.
tukumane, nĭia ni kumusota, ni mŭén' eďi ukaloďa ači umutŭixa kusala.	Veremos, vou procurá-lo e elle dirá se o pode fazer.
ámi kinikusotape kujika muĭu, nikusota kaso kuleja[2] (kudileja) ikuǧi ĭa, mŭéne ǧaďa nańi?	Eu não quero empatar ninguem, quero só ensinar áquelle homem quem é o senhor da terra.
kuńima ŭámi ukaeza, nańi ukasala ni ipe kamo.	Atrás de mim virá quem peor fará.

[1] Abreviatura de *ka exape.*

[2] *kudileja* é mais frequente e pelo infixo distingue-se de «dizer».

amaku ana akumaoka ni ruĭa ruvudi.	As mães são tratadas pelos filhos com muito amor.
ac̃i mona ŭakata kuĭela, mak' ued̃i ia pasŭipa ni ed̃i, ma-adi pamŭè mud̃i umŭè.	Se o filho está doente sua mãe vae para junto d'elle, não se separam nunca.
lelo mŭéne ŭahima ni ipe.	Hoje respira com difficuldade.
ac̃i mag̃ad̃a j̃iaŭakudima az̃a-la[1]*, pekila aĭu aôso akŭete d̃ia kud̃ia.*	Se as terras estão cultivadas (não ha fomes) todo o povo tem de comer.
tukusota kuĭa kŭapexe kŭa xiko.	Queremos ir já ao mercado.
tukakuĭag̃aṅi urŭele kamo ni kakĭepe.	Iremos todos um pouco mais tarde.
usala ni ŭape, kag̃ana kutala muĭu.	Faz bem não olhes a quem.
ŭalak̃a mŭane, tátuko, az̃ala avudi ŭakusota kug̃ujipa, kalob̃o, eĭé mŭéne ag̃ad̃a[2] *aôso, nŭatumixa az̃ala aia, eču tŭaxala ni énu, divumo d̃iasota kud̃ia*[3].	Bom dia, senhor (felicitação do dia), Pae, muitas fomes estão querendo matar-me, Grandeza; vós, o senhor (dono) das terras, ordenai ás fomes (que) retirem, nós ficâmos comvosco, a barriga deseja comer.
novile čiaŭape, nituma kali d̃ia kud̃ia divudi kŭa énu ni aĭu ŭeĭ.	Ouvi muito bem, mando já bastante de comer para ti e tua gente.
sakerila, mŭéne tad̃a, nĭia ni ámi kali čiag̃ukata.	Obrigado, dos senhores o maior; vou-me (retiro) já muito contente.

---

[1] Ouve-se *az̃ala*, mas pela regra devia ser o prefixo *ji*, e creio que será para evitar a confusão com «unhas» que é *jiz̃ala* plural de *luz̃ala*.

[2] Com respeito a este vocabulo no plural ouvimos os tres prefixos *ma, ka, ji*.

[3] Foi a interpretação litteral, que facilmente se pode fazer em bom portuguez.

Preposições

Todos os prefixos e *di* equivalem á nossa preposição «de», e juntando-lhe *a* ás contracções «do» e «da».

As preposições mais frequentes são: *ni*, «com»; *mu*, «em, dentro»; *bu*, «em, sobre»; *ku*, «a, para, até»; *pa*, «em, dentro»; *kudi*, «por»; *té*, *até*, «até»; *čiakadi*, «sem»; *peúvo*, «sobre, em cima»; *kupolo*, «adeante»; *kuiima*, «antes, atrás»: *pakaxi*, «entre, no meio de».

Vocabulario

či-lŭa, pl. *i-*, «lavra, terra lavrada».
mu-jiba, pl. «corpo».
či-bolo, «alpercata, sapato».
či-kiji, pl. *i-*, «hombro».
di-buko pl. *ma-*, «buraco».
di-kala, pl. *ma-*, «carvão».
lu-čula, pl. *ji-*, «chuva».
či-seke pl. *i-*, «chapeu de sol».
mu-zubo[1], pl. «interprete».
či-lema, pl. *i-*, «aleijado».
či-tata, pl. *i-*, «ferida».
di-pana, pl. *ma-*, «abertura, fenda».
di-fupa, pl. *ma-*, «osso».
lu-seŭa, pl. *ji-*, «poeira».
lu-kido, pl. *ji-*, «vento».
uxadi, pl. *ma-*, «lado, margem, banda».
saba «nome de mulher».
kululamena «esquecer».
kusanika[2] «escrever».
kusepa «rir».
kululuka «lembrar».

Exercicios

naile kuiima diedi, kakuŭumenepe? Fui atrás d'elle, não me viram?
kikadipe naméne čioŭma či muŭamo. Ainda não vi uma cousa assim.

---

[1] Aquem do Cuango até á Costa *muzubo* «beiço»: parece ser d'este que buscaram o vocabulo «interprete».

[2] *sanika* é o correspondente a *soneka* aquem do Cuango, porém tambem este é usado.

mu čikuḃo pekila xitu ači[1] *biji.*
Em casa não ha carne nem peixe.

éne atekele ïoŭma ïoso ïêtu bu mutala mŭa.
Elles guardaram todas as nossas cousas sobre aquella prateleira.

mu ǰila, naṅi uŭa kupolo, ači uvuluke nïêtu aeḋa ilema[2] *ïadi, ni ikŭaŭ ikŭete itata mu mïeḋu.*
Em marcha (em jornada, caminho) quem vae adeante (que) se lembre, comnosco marcham (vão) dois aleijados e outros que teem feridas nos pés.

xakama ku ámi.
Senta-te junto (perto) de mim.

ukŭeť eči mu difuḋa edi?
O que trazes nesse saco?

rruka.
Amido de mandioca.

akaje[3] *a čibaǧo lelo abudikine bŭididi, ni aeḋele kulutŭè ni kaxi katé ilŭa ïa mŭata ḋiahŭi.*
As raparigas do Chibango hoje sairam ao romper do dia, e marcharam muito depressa até ás lavras do seu senhor.

ači eïé ukusuta kudi mŭari saḃa ukaleǰ' eḋi: ḋiamačiko tuïaṅi uxadi ŭa kukata ǰiǰoḃe ǰiêtu, ǰiaxalele učuko u pakaxi ou *mu mŭisuko.*
Se passares pela sr.ª Samba dir-lhe-has: (que) nós vamos amanhã á outra banda (banda de lá) buscar os nossos bois que ficaram esta noite no meio do capim.

tala bili[4]*, luseǧa luvudi mŭixini mu čiseke čiámi.*
Veja primeiro a muita poeira (que está) dentro do meu chapeu de sol.

naṅi ŭasebulil' eḋi?
Quem lhe bateu com o pé?

tátuk' ŭeḋi.
Seu pae.

---

[1] *ači* depois da negativa traduz-se por «nem».

[2] Tambem se interpreta como «coxo».

[3] *akaje* são verdadeiramente as raparigas de serralho ou harem.

[4] *bili* tambem significa «primeiro, antes», segundo o sentido.

dipana edi bu ditaḏa ḏiámi ḏiipe.
Esta abertura no (sobre) meu banco (é) má.

nikŭete itata ikĭepe mu mujiḃa ŭámi.
Tenho pequenas feridas no meu corpo.

kuĝuĭela kamo nimane ĭeki bu čikiji čĭa tátuko.
As do hombro direito é que me fazem soffrer mais.

iboto ĭámi idi kŭiso?
As minhas alpercatas onde estão?

bu ulalo, ihŭile paxi, uxadi ŭa.
(Estavam) sobre a cama, cairam no chão, do outro lado.

rukiḏo rŭasŭeji ni luṽula lŭaeza, ámi ničiruka katataka čiloḃo čĭĉtu, nikusota kuxika kŭa čĭakadi luṽula.
O vento está rijo e a chuva não tarda, retiro (volto) immediatamente para o nosso acampamento, desejo lá chegar sem chuva.

taẑuka muzuḃo, ia ni kulaḏa makala mavudi kŭa akaj' ŭámi.
Chama o interprete, (que) vá comprar bastante carvão para as minhas amasias.

mujiḃa mŭa mukaje mŭeḑi mutoka ni musala muŭape.
O corpo da rapariga d'elle é limpo e bem feito.

ŭasep' eči?
De que se ri?

mŭata ŭaloḏa.
(Do que) o senhor está fallando.

nitoĝa či kuloḏa čĭakéne čidipe kuloḏa čĭipe.
Penso que fallar verdade não é fallar mal.

ámi, akuĝulabexe kali, ni luṽula[1] lŭatanén' ámi, nikusota kuĭa kuĝusŭanexe.
Fizeram demorar-me demais e a chuva me encontrou (me encharcou), preciso aquecer-me no fogo.

muruḏanámi, kinitŭixape kuĝulaba kamo, luṽula luejele
Meu amigo, não posso demorar-me mais, já chove, por

[1] Os accidentes naturaes, em geral tudo que lhes é extraordinario—veem ao encontro do individuo.

kali, mŭamo nĭia niámi, nakačiruka dičiko dikŭaŭ.	isso vou-me embora e voltarei outro dia.
mŭéne muďaďa ŭov'[1] *eki?*	O que sente ella?
ačí ŭovŭa ŭakata kuĭela ni kaxi.	Sente-se muito doente.
čiaipe kamo.	Tanto peor (muito mal mais).
tátuk' ŭeĭ ŭajiman' ečiki?	Porque está seu pae tão triste?
ŭakata ni ipe ni kaxi ia mësu.	(Porque) está muito mal dos olhos.
ŭaĭa kŭiso kŭa?	Vão por ahi, aonde?
mu ilŭa mŭa mŭata luvudo[2].	Ás lavras do sr. Luvundo.
čidipe kŭa, kunu.	Não é por ahi, (é) por aqui.
ačí natŭixile, nasotele kuĭa ni mŭata.	Se eu pudesse, iria com o senhor.
ĭaňi[3]*, ni kukate čiseke čikĭepe čidi pakaxi tubŭiko tŭami.*	Vão buscar o chapellinho de sol (que) está entre a minha roupa.
ačí kŭavulamenepe kŭeza učuk' u kuloďa nĭámi.	Não se esqueça de vir esta noite fallar commigo.
ámi, diz. i dimŭè kaso (pa dizŭi).	Eu só (tenho) uma palavra. (Não é preciso dizer mais, basta.)
ačí ečié ukaloďa ni mŭata, ŭavuluk' eĭ dĭámi.	Se fallares com o potentado, lembra-te de mim.
mŭén' eďi ačí ŭasepa dĭámi, muloğiki?	Porque se está elle rindo de mim?
ŭalej' ečí kŭa tátuk' ŭámi?	O que diz de meu pae?

[1] *kŭovŭa* ou *kovŭa* «ouvir; entender». Tambem se emprega como «sentir», muito principalmente tratando dos orgãos humanos — só os olhos vêem, o mais tudo ouve —, deve ser pois a nossa interpretação «sentir».

[2] Nome de homem.

[3] Muitas vezes ouvi dizer *ian*, que julgo ser abreviatura ou então vicio de nasalação, e é o unico caso dirigindo-se a uma unica pessoa.

čieči ŭakusota ámi nileje kudi mŭén' ŭedi?	O que quer que eu diga ao sogro d'elle?
ači ukusota nilej' edi ámi novŭa, mŭéne ači ŭasepe.	Se quer que lhe diga (o que) sinto, elle ri-se.
kusepa čiaŭape kamo, kaǧana kŭa kudila.	É melhor rir do que chorar.
ŭeza niêtu kŭedaǧana.	Vem passear comnosco.
nasotele kuŭa ači natanéne iboto ŭámi.	Iria se encontrasse as minhas alpercatas.
idi mŭixini ŭa meza[1].	Estão debaixo da mesa.
ǧod' eči mŭéne utubuka (ukusota kuŭa) ku malaje?	Em que mez (lua) parte elle para Malanje?
ukuŭa[2] *kadi ǧob' oŭ.*	Vai ainda este mez.
ači kaǧana uvulaméne kŭeza diamačiko ni mona ŭeč.	Não se esqueça de vir amanhã com seu filho.
uxala ni ŭape (ni žabi), mon' ámi ukaeza.	Fique descançado (bem, com Deus) meu filho virá.
kŭiji kuŭape nakakuŭa ni mŭana mŭa ... uxadi ŭa kuladixa rŭada rŭámi.	Talvez (seja bom) ir eu com o filho de F... á outra banda vender o meu tabaco.
kŭiji kŭeč.	Isso é comtigo (tu é que decides, etc.).
tŭaxakama pa, mŭa čibaǧo[3], *aǧode atano asutile (afŭile) kali, ni akuǧuxalele kadi kunuko*[4] *aǧode adi kamo.*	Estamos aqui (demorados) no Chibango ha cinco mezes (completos), e ainda cá me fazem demorar mais dois.
ŭeža pe iso[5]*?*	D'onde vem?

[1] Vocabulo portuguez que tambem se ouve *beža*.

[2] Lembrâmos que em alguns verbos se emprega como infixo o prefixo do infinito para dar mais expressão ou força imperativa ao que se pretende.

[3] Nome de homem que, como se tem visto já, dá nome á terra e povoação.

[4] Segundo a pronuncia pode ser *nouko* ou *nuko*.

[5] *pe iso* e tambem *pe oso*, empregam em logar de *diakŭiso* «de onde».

pa kauǧula.	Do Caungula.
učuk' u mŭata kezape panapa?	Esta (á) noite o senhor não vem aqui?
kinitŭixape.	Não posso.
teka jiǐpaka peúro pa meža.	Ponha as facas em cima da meza.
jiǐpaka jieči?	Quantas (facas) são?
čiďa (kiďa).	Conte.
načiďile jikumi kamo eči eï.	Contei mais dez que V.
dieči diŭasepa?	De que está rindo?
muruďanámi, dieči diŭaloďa?	Meu amigo, do que esta fallando.
čiŭapelepe kusepa niavudi diaôso.	Não é bom rir muito de tudo.
mona uta[1] *ŭasotele kučilula kudi mŭene ǧaďa, ači mŭéne ŭalekele, čieneči mŭéne ači, tŭatuďukaǧani, ni tŭaŭani kutažuka aruďanêtu kŭeďa polo.*	O filho da arma responderia ao potentado se o deixasse, porém este disse: levantê-mo-nos e vamos convidar os nossos amigos a continuar a marcha (andar para deante).
čiseki eči ŭa nani?	De quem é este chapeu de sol?
ŭafu' eči?[2].	Quanto custou?
ŭafŭil' useča ni kaxi.	Muito caro. (Morreu muito negocio.)
ŭafŭil' useča ni kaxi (ufil' useča[3]*), ači kakiepe kaufilepe ni kaxi?*	Foi caro ou barato? (Morreu negocio muito ou pouco?

[1] *mona uta* é o titulo que sempre recae no immediato ao dos herdeiros, cujo titulo é *siana mulopo.*

[2] No sentido de «matar, concluir emfim, pagar, custar (preço)».

[3] *ufile* abreviatura de *ŭafŭile.*

jisaǧo eji, eči tŭovŭile lelo, jiŭape.	As noticias que ouvimos hoje (foram) boas.
nitoǧa ana mak' ŭámi akakuĭa kumana mŭata ... dĭamačiko, ni akalod̃' ed̃i éču aôso tŭačiruka kolo kŭêtu.	Julgo que meus irmãos procurarão o sr. F... amanhã, para lhe dizerem que todos nós queremos regressar ao nosso paiz.

Adverbios

Além dos indicados a pag. 42 e 43, temos a accrescentar:

De modo—*čĭaŭi? maŭi?* «é assim? é como está dizendo?»; *mudi* «como».

De tempo—*dičikodĭá* «depois de amanhã»; *dĭakŭadĭá* «ante-hontem»; *musasa* «de manhã»; *urŭele* «de tarde»; *učuko* «de noute»; *mahŭè* «depressa»; *sŭapele* «promptamente»; *sŭapexe* «rapidamente»; *kulutŭè* «adeante»; *čadi* «depois»; *ni kĭepe ni kĭepe* «devagar.

De logar—*paxi (pa ixi)* «no chão, em terra»; *kuṅima* «atrás».

De quantidade—*lumŭè* «uma vez»; *lŭavudi* «muitas vezes»; *ni* «tão»; *kamo* «mais»; *ŭajima* «largo, grande».

De qualidade—antepõe-se aos adjectivos correspondentes e tambem a substantivos os prefixos *či* ou *ki* e a preposição *ŭa* «de», e tambem *ni* «com» *čĭusŭa* «forte»; *čiŭape* «bem»; *čĭipe* «mal»; etc.

Vocabulario

či-fŭa, pl. *i-,* «costume, modo, genio».
či-bud̃o, pl. *i-,* «fructo».
mu-kad̃a, pl. *mi-,* «involucro, carta, papel, livro».
di-kod̃i, pl. *ma-,* «banana».
lu-fi, pl. *ji-,* «obito».
tadi, pl. *ji-,* «duvida».
p̃uǧi, pl. *ji-,* «conselho».
tulo, pl. *ji-,* «somno».
kufika «parecer».
kuxexa «estragar».
kusuda «parar».
kuvuǧixa «interromper».
kulaǧuka «levantar».
kŭed̃aǧana «passear».

Exercicios

akaje ŭa čibaĝo ĝoloxe učuko akinine[1] *avudi.*	As companheiras (amasias) de Chibango hontem á noite dançaram bastante.
nĭitia ni ŭape, čieči lukŭokexe[2] *kuĝutuma kuleja, ači mŭéne ukusota kuĭa ni ámi kudi tátuk' ŭeĭ, ŭeza, kalobe*[3]*; čieneči kuĝulabexe ko, mačiko kamo mudi ubala ukusota, bŭate.*	Pela minha parte, se a Lucuoquexe quer ir na minha companhia para seu pae, não ha duvida, porém demorar-me aqui mais dias como deseja Umbala, não pode ser.
naňi ŭabujikine ditada edi?	Quem quebrou este banco?
lej' anaňi aia kupolo kaedape ni mahŭè[4].	Diga a quem vai adeante que não ande tão depressa.
ana kaki axalele kuňima ni kaxi.	As creanças ficaram muito para trás.
nakata kuĭela mu muĭŭè.	Doe-me a cabeça.
ia ni kusota auseba ači éne asŭiipe ioŭma eĭ kudi difada.	Veja (vá procurar) se os negociantes trocam estas cousas por polvora.
nakakuĭa urŭel' oŭ kŭisota (kŭasota).	Irei esta tarde procurá-los.
nalekele soj' ŭeĭ mu čikubo čia kŭedi čiámi, koba ači ŭaĝuleleje uxala pane dičiko dĭôso.	Deixei tua tia em casa do meu cunhado, que me disse passava lá todo o dia.

---

[1] Além do Chicapa é mais usado *kupeĝana.*

[2] Titulo de grandeza que foi dado á mãe do primeiro Muatiânvua e se tem conservado em filha de Muatiânvua, segundo a escolha do que está no Estado, quando por morte se tem de preencher a sua vacatura.

[3] Interpolação usual de respeito pela pessoa de que se trata.

[4] Como este adverbio se segue sempre a *kŭeda* quando se trata de ligeireza, se o verbo é affirmativo omittem-no muitas vezes porque o subentendem; mas para designar actividade elles teem o *lusolo,* que corresponde a *leĝeluka* de aquem do Cuango, que tambem é usado, do verbo *kuleĝuluka* de que fallarei nas DERIVAÇÕES E COMPOSIÇÕES.

ďiakŭadĭá, an' énu axalele ni ŭape.

Ante-hontem seus (vossos) filhos estavam (ficavam) bons.

kaxalapoli kŭeĭ, nani eču tŭalodele, ači ŭatabukine musasa pamaki bŭididi kŭa kalani.

Nós fallámos ao teu servo que nos disse que fôra esta madrugada muito cedo ao Calânhi.

mŭén' edi kajikilepe ači mŭéne mubada ukaŭeza ďiamačiko ďia (ďičiko ďia).

Elle não sabe se ella virá depois de amanhã.

eču tŭakŭimane mačiko maôso mŭéne ukusota mu polo peĭ.

Nós estamos esperando neste sitio o tempo que elle quizer.

éne aejile mŭamo ni sŭapali mudi éne eči atŭixile.

Elles vieram tão depressa quanto puderam.

alŭè a mŭata kupana[1] aedele ni mahŭè čiôso eču tŭasotele.

Os portadores do sr. Cumpana andaram tão depressa quanto nós queriamos.

muloŋiki aikuŋi asala luvudo lŭavudi?

Porque fazem os rapazes tanta bulha?

aôso akusota akŭatani jinama jiôso, eči mŭata ďiahinaŭ aikixi.

Todos querem apanhar a carne que o senhor d'elles lhes deu.

lelo kaŋana, ďiamačiko dikŭeza, kŭiji ači natŭixe.

Hoje não, outro dia é possivel (talvez eu possa).

musoni ŭámi ukŭete kajile kamŭè kaŭape ni kaxi, ni kudile ŭape ni avudi.

Meu primo tem um lindo passarinho, (que) canta muito bem.

mŭéne ukusota kuladixa kajile kaŭape kŭedi.

Elle quer vender o seu bonito passarinho.

nakačiruka urŭele kamo kuloda nĭedi, katata mŭéne udi ni aĭu avudi.

Voltarei mais tarde para fallar com elle; agora está com muita gente.

---

[1] Nome de homem.

ŭijika ažolo ečike ečU tŭakŭetile?	Sabes quantas gallinhas tinhamos?
makumi maxibŭari ni ari (adi).	Setenta e duas
ŭaile lŭavudi musuba ŭa kabebe[1]*?*	Quantas vezes foste á residencia de Cabebe?
lumŭè kaso kali.	Uma, apenas.
ači énu kanuğuvuxile, naile kučilul' edi katataka.	Se V. me não interrompesse eu responder-lhe-ia agora mesmo.
nikusota kusañik' edi mukada, čadi ñiia ni kuğulala mu tulo.	Quero escrever-lhe uma carta e depois vou dormir (deitar no somno).
ečU tutala kudi mŭén'edi: ači mŭéne ukaeza, tuŭañi ñiedi, ači kağana, tuxala kadi panapa mačiko maadi kamo.	Esperamos por elle: se vier vamos (todos) com elle, se não ficâmos ainda aqui dois dias.
čiaŭi, kad' iki čiağukata čiôso ñiia kŭeda dičiko ni dičiko divudi.	Seja assim, ainda que fico contente quando marcho dias seguidos.
makodi majima, čieneči mavuda.	As bananas são grandes mas podres.
axexele ŭoŭma ŭôso ŭámi.	Estragaram todas as minhas cousas.
ŭamufik' eči, naiğa ači kanaiğilepe?	Que lhe parece, tenho ou não razão.
ači ámi ŭape, kuğumana ŭaiduluka.	Se eu fosse bom seria feliz.
muloğ' eči mŭéne ači ŭalağukine urŭele uvudi, ŭijika?	Porque se levantou elle tão tarde, sabe?
ukata kuŭela ni kaxi.	Está muito doente.

[1] Nome de localidade e de uma residencia de Muatiânvua, que fôra importante.

kinĭijikape čieči nasotile kupana čĭa kuĭa nĭed̃i.	Não sei o que daria para ir com elle.
natŭixile kŭed̃a ni ŭape kamo ač̃i muǰila mudi muŭape.	Eu andaria melhor se o caminho fosse bom.
učuko ŭeza kali, tuĭaṅi ni kulala mu tulo.	É noite, vamos dormir.
nasotile kuĭa ni ámi, ač̃i kadilepe urŭele ni kaxi.	Eu iria tambem se não fosse tão tarde.
čĭaǧukata kamo kuĭa ni kŭed̃a mu paxi, kaǧana mu ŭad̃a.	Gosto mais de andar a pé do que na rede.
muxima ŭeĭ ŭape, eĭé kuǧudileja majina ŭa mitod̃o[1] *eču tumitala dĭako.*	Obsequeia-me muito, dizendo-me os nomes das plantas que vemos d'aqui.
saṅika: musaxi, kad̃ua, kaleb̃e, kaseb̃e, maleb̃esele, mulužaje, mukila, makaĭob̃o, rutula, lukelu, katoli, kabodi, utoka. kŭapŭa.	Escreva: mussaxi, cândua, calembe, cassembe, malembessele, mulunzaje, muquila, macaiombo, rutula, luquelo, catole, cabode, utoca[2]. Acabou-se.
pekila kamo?	Não ha mais?
mu pol' opo, bŭate.	Neste sitio, não.
lele, nakŭetile muxima di kŭijika ač̃i aǧad̃a a rud̃a maŭito mavudi?	Então desejava saber se nas terras da Lunda ha muitos rios.
mavudi, mŭane. ŭačid̃e: rŭele, ručiko, rŭačimo, ruĭa, rurua, rŭiza, rŭeb̃e, rumoṅi, rubi, rufi, rua, rŭaǧe, rutoŭa, ni akŭaŭ avudi, mŭanĭê či noéji, aôso akŭete ana avudi.	Muitos, senhor. Conte: Luele, Luchico, Luachimo, Luia, Lulúa, Luíza, Luembe, Lumonhe, Lubi, Lufi, Lua, Luângue, Lutoua e outros muitos, e todos teem muitos filhos (affluentes).

[1] Plural de *mutod̃o* «arvore» em geral, mas que tem applicação a «arbusto, planta, madeira, pau, bengala, etc».

[2] V. Catalogo dos individuos do reino vegetal, na ultima parte.

nasotile kujimane jîôso, ači natŭixile.	Vê-los-ia todos, se pudesse.
čiukŭetilepe ŭôma kuŭa ni ámi kujimane, ači kadilepe ŭakŭata ni mijikita mivudi ŭeĭ?	Atrever-se-ia (não tinha medo) a ir vê-los commigo, se não estivesse occupado com os seus muitos trabalhos?

Conjuncções

Na pratica, indistinctamente, já tenho dado conhecimento, do modo de usar todas as indicadas na pag. 43, que são as mais frequentes. Pode dizer-se que a interpolação *mŭaniê či noéji,* e suas abreviaturas, substitue a copulativa portugueza «e» cuja equivalencia entre estes povos é *ni* «com».

Notei que o *ni* é uma ligação muito trivial para complemento d'um sentido e que se ouve para ligar orações, *i,* que talvez seja uma abreviatura de *ni,* ou então a nossa copulativa «e», lá introduzida pelos nossos Ambaquistas, ou indigenas africanos portuguezes dos sertões do districto de Loanda.

Tambem é de notar que, já em Malanje e em Cassanje, os povos, mesmo considerados gentios, que estão mais em contacto com os que se fazem entender na lingua portugueza, estão adoptando muitas das nossas conjuncções, cujo emprego melhor comprehendem, e tão naturalmente o fazem que chego a convencer-me de que não as teem no seu dialecto e que evitam assim os rodeios e construcções longas occasionadas por taes faltas. Assim dizem: *ora agora, pois então, por consequencia, mas agora, depois, logo então, comtanto que, emfim, finalmente, etc.*

Vocabulario

lu-se, pl. *ji-,* «ponta, remate, extremidade aguçada».
mu-léu, pl. *a-,* «aguia».
mu-kita, pl. *a-,* «osga».
mu-saji, pl. *mi-,* «molho».
di-loŭa, pl. *ma-,* «gancho, anzol».
di-boĭo, pl. *ma-,* «caveira».
di-bala, pl. *ma-,* «calva».
di-bŭije, pl. *ma-,* «bago».

či-lala, pl. *i-*, «bainha de faca».
či-sokolo, pl. *i-*, «lança».
či-kalaĝa, pl. *i-*, «ninho».
čï-oka, pl. *i-*, «lombriga».
di-tako, pl. *ma-*, «anca».
di-soji, pl. *ma-*, «pingo, lagrima».
di-tikita, pl. *ma-*, «floresta».
ka-tumo, pl. *tu-*, «agulha».
ka-mu, pl. *tu-*, «mosquito».
mu-laje, pl. *a-*, «feiticeiro».
zúò, pl. *ji-*, «casa».
ƀuto, pl. *ji-*, «semente».
ĝezŭa, pl. *ji-*, «campainha».
ulaje, pl. *ma-*, «veneno».
ŭiji, pl. *ma-*, «ladrão».
kuloža «caçar».
kŭauka «passar o rio».
kŭita «pedir».

Exercicios

mŭéne ŭaiḑama mačiko maôso ači kulaĝuka ni bŭididi ni kamo; usala niŭape ni usŭa ku eḑi.
Elle deve (precisa) levantar-se todos os dias mais cedo, faz-lhe bem á saude.

čibuḑo eči čijina čieḑi?
čikoḑe.
Como se chama esta fructa?
Banana.

ači ámi lupêto i ači nakŭetile anaṽala[1], *axalele ni polo paŭ ni mak' ŭaŭ, i ámi nasotile kutala aĝaḑa ni aĩu, muĩu čikaḑipe ŭamane.*
Se (fosse) rico e tivesse filhos (proprios), ficavam na sua terra com a mãe, e eu iria explorar terras e povos que ninguem viu ainda.

nasotile kusala ŭata ŭa mŭata ŭámi ukéne kamo ni ŭape kamo ni kaxi.
Eu engrandeceria o meu paiz (faria o estado do meu soberano maior e muito melhor).

mŭéne ači ŭatoĝile ŭaiḑuluka, ači mŭana muĩaḑa ŭeḑi kaĝana ŭakata kuŭela ni avudi.
Elle dar-se-ia por feliz se a filha não estivesse tão doente.

---

[1] De *kuṽala* «parir». Empregam este vocabulo para mostrar d'onde contam edades e proveniencia, porque são seus os filhos de que tratam, visto que aos protegidos, sobrinhos, e em geral aos servos e ao povo sobre que imperam chamam tambem «filhos».

dijina dïeḏi mŭana muḇaḏa ŭeĭ?	Como se chama sua filha?
kapalaŋa.	Capalanga.
dijina diŭape! majina ma aĭu mŭa ruḏa maipe, čieneči edi diŭape ni diŭape ni kaxi!	Bonito nome! Os nomes das pessoas na Lunda são feios, porém este é lindissimo!
ači mŭata ŭamŭiĭile ipuŋi ĭámi, ŭasotile kuxika kali ni čikulo mu musuḇa ŭeĭ.	Se o senhor tivesse acceitado (ouvisse) os meus conselhos ha muito tempo teria já chegado á sua residencia.
kaṅikixape meža, tala bili nidi kusaṅika.	Não faça tremer a mesa, repare que estou escrevendo.
kuŋulek' ámi, kinatalelepe.	Desculpe-me (desculpar-me), não reparei.
ači eĭé ukusotele kŭitia ipuŋi ĭa tatuk' ŭeĭ, ŭadile ŭaiḏuluka kamo, kaŋana asoṅ' ĭeĭ.	Se tu ouvisses os conselhos de teu pae eras mais feliz que os teus primos.
kŭiji kŭámi, nimana (nimona) malu.	A culpa é minha, não me queixo (vejo o castigo).
naṅi ŭaxexele mikaḏa[1] dïa difaḏa, čieči peúro pa mutala, ŭasalele ni iṗe, činikŭetepe mikŭaŭ.	Quem estragou os cartuchos que estavam na prateleira fez muito mal, (porque) não tenho outros.
ači eĭé, ači kabŭa kŭeĭ?	Foi V. ou o seu cão?
čiámipe, kŭiji kŭeḏi.	Não fui eu, talvez (fosse) elle.
eču tutŭixile kuxika mačiko maadi masuta, ači kaŋana tŭasudililepe mu kafuxi[2] kudi ŭalufi lŭa ḏala kisua.	Tinhamos chegado dois dias antes) se não parassemos em Cafúxi por causa do fallecimento de Andala Quissúa.

[1] Plural de *mukada* «abrigo», que tambem applicam a montanha, serra, involucro, carta, papel, etc.

[2] Nome de terra.

tŭasalele ni ipe kŭitia čipuĝi čieḑi.	Fizemos mal em attender ao conselho d'elle.
čiaôso mačiko (mačik' eči ou *ečiki) ečų tŭaeḑa mu ĵila?*	Quantos dias gastâmos em viagem (marchâmos, andâmos no caminho)?
matano ni kamo.	Mais de cinco.
ači tŭakŭetile maŭaḑa, tŭatŭixile kuxika bŭididi kamo[1] *i ŭasaḑele, kaĝana ŭaŭ.*	Se tivessemos redes chegariamos em menos tempo e primeiro do que elles.
naŭi ukalej' êtu katata muĵila éne aile kŭeḑa (akulodolele)? kumŭipula kŭa ou *ninaŭi?*	Quem nos dirá agora o caminho (que) elles seguiram? Perguntá-lo a quem?
éne akŭimanéne (akusudilile, akutalele) kŭa mukaḑa mŭa.	Elles esperam (pararam, estão a observar) para lá da montanha.
tuŭaŭi té kŭa, kŭiji kutumane mulu ŭijika kutulej' êtu muĵil' eči éne aeḑele.	Vamos até lá, pode ser (talvez) encontremos (vejamos) alguem que nos saiba dizer o caminho que elles seguiram.
ačilukaŭi mahŭè.	Voltem depressa.
ŭaipŭile kaxalapoli kŭeči, ači ŭaseḑele kapaŭa ka maí mažolo, či ikuĝi ŭa ĵoloxe ŭaletel' êtu?	Perguntou ao seu creado (servo) se levou o cestinho dos ovos que aquelle homem hontem nos trouxe?
aĭu aôso akusota akŭaŭ aisala mijikita ni ahŭi, čieneči éne ači akasala mujikita umŭè kaso kŭa kŭaŭ, kaĝana, (kasotape).	Todos querem que os outros os sirvam, mas fazerem um serviço sequer aos outros não querem.
aĝaḑa kaxikilepe lelo kaḑi, mŭeči kuĝusala čiipe čivudi.	Ainda hoje não chegaram os carregadores, o que me transtorna ou prejudica muito.

[1] Locução: «menos tempo, mais cedo».

kinikŭetepe tadi kŭitalako[1] *té* ou *pá dĭamačiko, čieneči nikŭete muxima kŭijika ači éne akaeza.*
Eu não tenho duvida em esperá-los aqui até amanhã, mas desejo saber se elles virão.

mŭéne ŭasabele kuso[2] *ŭaeza pa.*
É a primeira vez que elle vem aqui.

ačioko axexéne ağada aêtu.
Os Quiôcos estragaram as nossas terras.

ipuği iŭape mudi ieĭ, ači aitia mačiko maôso, muĭu ači nalike.
Conselhos bons como os seus, acceitam-se sempre, ninguem recusa.

muléu, musasa oŭ, ŭadile tužolo tŭôso.
A aguia esta manhã comeu todos os frangãos.

mu polo peĭ tumu tuvudi, kulala mu tulo bŭate.
Nesta terra (sitio) ha muitos mosquitos, não é possivel dormir.

mikita aeda peúro ou *bu žúò, mudi mu ĵila.*
As osgas andam sobre a casa como no caminho.

luse lŭa ludimi lŭámi kuğuĭela ni kaxi.
Doe-me muito a ponta da lingua.

mukŭali[3] *oŭ čilala čieda čiŭapelepe.*
A bainha d'esta faca não presta.

čikalağa čia tujile čiaĭa; ŭahŭa paxi i ači kŭapŭa.
O ninho dos passarinhos foi-se; caiu ao chão, perdeu-se.

---

[1] A juncção de *ko*, abreviatura de *koko, kunoŭko*, aos verbos terminados em *a* para indicar a proximidade do logar da acção dá logar a suppor-se um verbo differente, por se tornar aguda a vogal da terminação do verbo. Ex.: *ŭasabeláko*, que se desdobra em *ŭasabela ko* «está principiado aqui»; *kŭitaláko*, que se desdobra em *kŭitala ko* «esperá-los aqui».

[2] *kuso* «vez», de *kuxi* «quando», designa quantidade e por isso se interpreta «vez». Em logar competente mais desenvolvidamente darei noticia d'este vocabulo.

[3] É uma grande faca de dois gumes recortados terminando em ponta aguda e são bem empunhadas, mas o punho não tem guardas, sendo os bojos dos gumes que protegem as mãos. É uma arma para ataque e defesa pessoal, tendo de comprimento 60 a 70 centimetros.

naṅi ŭiji kuseḏa ḡoḡa ni ḡezŭa ŭámi?	Quem (seria) o ladrão (que) levou a minha patrona e campainha.
nitoḡa kakiôko kámŭè ŭaxalele kuṅima, muloḡ' iči kinĭijikape ou *kaḡana?*	Julgo (que) ficou um Quiôco atrás, mas não sei para quê?
ač̃i aṫu aôso aĭaṅi ni akŭataṅi eḏi, dizŭi[1] *dĭa mŭatu.*	Que vão todos agarrá-lo, é a ordem do potentado.
ana kaki kakŭetepe tulo, ni ač̃i akŭaḇaḇa ni tuxalapoli.	As creanças não teem somno, distraem-se com os creados.
mŭéne kapaḡa ŭejile kali lelo?	O sr. Capanga já veiu hoje?
kaḡana, utumine kulej' êtu ukaeza urŭele kamo, ni ŭaxala kŭaḇaḇa kakĭepe nĭêtu.	Não, mandou dizer-nos que virá logo e que se demora para conversar um pouco comnosco.
jiḇuto eĭé ŭamŭikixil' ámi kŭa kudima jĭatanéne luṽula lŭavudi, čijiŭapelepe.	As sementes que tu me cedeste para semear molharam-se com a chuva, não prestam.
tukuḡi akusota kŭit' énu kŭa kuĭaṅi kulaḏixa rŭaḏa rŭaŭ mu muluḡo[2]*, ni pakŭeza kulutŭè kamo kulaḏaṅi jipeḇe ni iboḏe.*	Os rapazes querem pedir-vos para irem vender o seu tabaco ao Mulungo, e depois mais adeante comprarem cabras e porcos.
nĭia ni kumane ana kaki, nikusota kŭitumixine kulala mu tulo, čidi urŭele kamo ni kali.	Vou ver os pequenos (creanças), quero obrigá-los a dormir, já é muito tarde.
tuĭani lelo kuloza?	Vamos hoje caçar?
ač̃i énu akusota, tuĭani kali.	Se querem vamos já.

[1] *dizŭi* é tambem adoptado como «ordem», porque a palavra do chefe ou de qualquer superior é uma ordem.

[2] Nome de um rio, affluente direito do Calánhi.

Interjeições

Além do que ficou exposto sob este titulo a pag. 43, pelo facto de serem expansivas e exaggeradas as interjeições fazem-se de momento, collocando depois do vocabulo, d'uma phrase ou locução *hé!—*, e rara é a locução interjectiva onde não entra *tátuko* «pae», e muito principalmente *maku* «mãe».

Apesar de muito frequentes, são tantas, que só havendo muita pratica se poderia fazer um bom registo em numero.

Vocabulario

kukoƀa «varrer, limpar».
kŭoxa «assar».
kudĭata «pisar».
kuvuŭja «enrolar».
kukoñi «dobrar».
kuhia «roubar».
kŭoha «lavar».
kutaƀa «pescar».
kŭisuka «cozinhar».
kutete «derrubar, abater».

Exercicios

ah! kaká! eĭé uŭjudĭatele mŭeƌu ŭámi ni usŭa ŭoso!
Apre! que me pisou o pé com toda a força.

muruƌanámi, eči ukusota kuŭjulekexe, činatalelepe.
Meu amigo, queira desculpar-me, não reparei.

ihuhé! čĭaŭape iŭaĭ ámi! mŭéne puto ŭaeza hé! ŭaneť énu ĭoŭma iŭape! iŭaĭ êtu! iŭaĭ êtu!
Olá! muito bem! que alegria para mim! O representante do senhor dos portuguezes está a chegar, traz-nos felicidade, alegria para nós! alegria para nós!

lelo mu xiko, ači kaŭana umane jinama ni aíxi.
Hoje no mercado não ha carne nem peixe.

haká! lelo čĭa tŭakudĭa?
Então hoje o que comemos?

rruka ni maiji.
Amido e folhas.

maiji! maiji! mačiko maôso maiji! čĭa tŭakaleka dĭa kudĭa maiji?
Folhas, sempre folhas! quando deixaremos de comer folhas?

čia kutuxika ãjada ŭa kaleja[1].

Quando chegarmos ás terras de Calenga.

éne atala bili mŭata ahinaŭ, akailej' aŭ, pa ḏoḏa kŭisaako kuŭa kŭeḏa kolo kŭa mona[2] *čibéu mu lŭifi*[3].

Elles esperam ainda o seu soberano (chefe para) dizer-lhes no sitio onde aqui (por onde) ir andar (hão de continuar) para a residencia do sr. Chibeu, na margem do Luífi.

ah! ka! ilŭa ĭêtu ĭaôso éne exexiñe hé!

Oh! (contrariedade) elles vão estragar as nossas lavras.

tuḏaje akuloza učuk' u ĝuvo ŭajima, i éne aita mŭat' inaŭ eči ŭatumixine tuxalapoli tŭeĭ akĭanexe kumuseḏa pa musuḏa.

Os rapazes (valentes) caçaram esta noite um grande hyppopotamo, e pediram ao seu chefe para ordenar que todos os seus servos os ajudem a transportá-lo para a residencia.

mŭata ači: mŭan' iê, leja ĭavõ zakó.

O chefe disse: sim senhor, diga a Ianvo que venha cá.

tuḏaje tŭámi ibiḏa iŭape, čiakenepe?

Os meus valentes são bons caçadores, não é verdade?

čiahuhí! čiakéne, tátuk' ŭêtu, či noéji!

É assim, é verdade, pae nosso, pelo grande dos grandes!

muhake! ŭačina hé! mutoḏo oŭ ŭasota kuhua mu mutŭè ŭeĭ.

Oh! com a breca, fuja! esta arvore está a (querer) cair-lhe na cabeça.

muḏu utŭixa kumusota ni kumuloḏa ŭasaḏele kaĝana

Alguem pode procurá-lo e fallar-lhe primeiro do que

---

[1] Titulo de um governador nas terras de Mataba, junto ao rio Cassai.

[2] Como se trata de um Quiôco, usam do *mona*, abreviatura de *mŭana ĝana* «senhor filho», potentados de que consideram o principal *ḏuḏa ŭa teḏŭè* «pae de todos».

[3] Nome de um rio affluente da margem direita do Ruembe.

ámi, čĭahuhi ŭape kamo eĭé kuĭa lelo ŭa urŭele ni kumuleja eču tŭaid̃ama kulad̃ixa masuna. ač̃i ed̃i ukusota kŭilad̃a čĭaǧukata i najikitixa kale.	eu, por isso é melhor V. ir hoje de tarde dizer-lhe que nós precisâmos vender fazendas. Se elle quer comprar fico contente e desde já agradeço.
ia ni kŭoxa ixi imŭè, nikŭete muxima kud̃ia ixi kumŭoxa.	Vá assar um peixe tenho apetite de comer peixe assado.
hoixa rusumo eru.	Lava (manda lavar) esse copo.
ah! ka! udile kŭiso? taž̃uka ni taž̃uka, bŭate; nikusota mema kuǧuhoŭa, pekila, mut̃u kinimumenepe.	Com a fortuna! onde foi? Chamo, chamo, ninguem apparece; quero agua para me lavar, não vejo ninguem.
naile ni kukob̃a pa žúò pa murud̃aneĭ.	Fui varrer a casa do seu amigo.
alŭè a mŭéne kase[3] *aeza kali ni kutaž̃uk' eĭ lelo kŭauka ŭito i anet' ŭeĭ aíxi ni xitu ŭa k̃aĭ.*	Os portadores do sr. Casse veem já para te convidar hoje a passar o rio, e trazem-te peixe e carne de corça.
mŭamo, čĭaŭape kamo.	Assim, muito bem mais (tanto melhor).
makŭé! makŭé! kŭata, kŭataṅi mŭiji ŭačin' é kuǧuhia tusaǧasaǧa mukapaĭa aka; amukŭataṅi, mamé! mamé! aôso amulet' ámi, ahuhé! ahuhé!	Oh! mãe! oh! mãe! agarra, agarrem, roubar-me missangas d'esta cesta, agarrem-no, mãe! mãe! todos me abandonam, ai! ai!
il̃ekako! ni tazuk̃a, mut̃u kaovilepe; nafilekĭé! ahuhé!	Deixem-me! chamo, ninguem me ouve! porque hei de morrer! ai!
ah! ahakaká! muhake! aikuǧ' a alŭixa ikaṅi, mated̃u majima, énu aĭaṅi kŭa, kŭikasununa.	(Grande afflicção) aquelles homens jogam (combatem) o socco, (é) grande a desordem, vão V. lá separá-los.

naxikile kŭa ni aôso ačinine kali.	Cheguei lá e todos fugiram já.
čiŭape či kadi.	Ainda bem.
kaŭada! ačioko aeza, akŭarruda afilekié!	(Praga) veem os Quiôcos, os Lundas morrem, porquê!?
ači énu aŭani kutaba mu rŭiza, anetaŭi aíxi avudi.	Se V. vão pescar ao Luíza, tragam (todos) muito peixe.
mŭamo, čidi muxima[1] ŭêtu.	É esse o nosso desejo.
naŭi utumine ixi ŭeĭ ŭasŭana[2] kali?	Quem mandou esse peixe já sêco?
mŭéne masaka ŭitumine, natosotele kutuma ikŭaŭ imŭè ŭiso; akaje ŭedi ači pekila.	O sr. Massaca o mandou, queira mandar um outro fresco, as raparigas d'elle disseram, não ha.
čidi čiŭape jinama jîôso kujîoxa kali, mutena mu mačiko ama ŭasŭeji, i jinama jiŭuda.	É bom assar toda a carne já, (porque) o sol nestes dias tem estado muito quente e a carne apodrece.
nasotele kŭitia ŭa muxima mŭapé ipuĝi ŭeĭ, ači ámi natŭixile kuĝulaba mačiko kamo panapa.	Acceitaria de bom grado os seus conselhos, se pudesse demorar-me mais dias aqui.
kuĝujimana, mŭana maku mubada ŭámi, kaŭaxikilepe urel' u mudi eču tŭatalele.	Apoquentar-me (apoquento-me), minha irmã não chegou esta tarde como nós esperavamos.
hé! murudanámi! tala bili! mŭatĭaŭŭa ŭaxakama mu tetame, mulu kusala matedu pa, bŭate!	Oh! meu amigo, repare ainda, o soberano está presente na audiencia, ninguem aqu pode fazer desordens.

[1] É o vocabulo que tambem adoptam para «vontade» porque o coração é que dirige todas as suas acções — «o coração assim o quer, mas bocca não pode fallar», expressão que muito usam.

[2] interpreta-se «seccar» tratando-se de alimentos.

nañi ŭatŭixile kutete ikuẽo eji[1] *bu paxi (boxi)*[2]*?*
kaĝana akŭaŭ, ači ačioko kaso.

Quem derrubaria esta cubata por terra?
Não outros, mas Quiôcos só. (Não foram outros senão os Quiôcos).

ŭadĭokene dĭa čikuẽo čiedĭ ni[3] *ŭaile kŭa polo palepa, ni mu ĵila žala ŭamukŭatele.*

Saiu de casa e foi para um sitio distante, e no caminho a fome agarrou-o (padeceu pela fome, teve fome).

ah! ka! ĵil' eki mŭéne edĕele mŭamo čĭipe, hé!
amubula mu čĭia nañi!
ámi, muteba.
uzulula čĭia i mŭén' edĭ ŭimane bu čĭota, ámi nibudika kali, či noéji; énu atažuka ailolo aôso, eči akŭeze ni kovŭa čĭa ŭakusota kutuleja mŭéne maseda, mŭaniê či noéji.
amŭovile!... adikoñi divuĵ' edi kututumixa mŭéne maseda, ni adiseda, mŭaniê či noéji, dĭamačiko aezako i adineta kŭa kuĝulejañi ači diŭape ači dĭipe[4].

Oh! senhores! que caminho andou elle, assim tão mau!
Quem bate á porta?
Eu, Muteba.
Abra a porta e elle que espere na casa das visitas, eu saio já; V. chamem todos os fidalgos, que venham ouvir o que está a querer dizer-nos o sr. Massenda.
Ouviram, dobrem esse panno que nos mandou o sr. Massenda, e ámanhã venham aqui e tragam-no para me dizerem se é bom, se é mau.

kaĭada... mŭéne maseda mulaji, ukŭete mafefe, énu mŭatĭaĭŭa nŭatumine, čĭa-

(Rancor) o sr. Massenda (é) feiticeiro, traiçoeiro, vós Muatiânvua ordenae, é bom;

---

[1] Empregam como neste caso o *j* para frisar bem o plural.

[2] *boxi* é usado em logar de *bu ixi* «na terra, no paiz», e dizem *axi koĝo* «os do paiz do Congo», como nós diriamos Conguenses.

[3] Em muitos casos empregam, e neste se podia empregar, *ači* em vez de *ni*.

[4] Uma das comparações que fazem para que se medite sobre uma noticia que desagrada e a que tem de se dar resposta.

ŭape, mŭaniê či noéji!, ečŭ, ana énu, aĭaṅi kali, kalo-b̆o! kusala mŭéne maseḏa kumona malu, z̃ab̆i! aká mŭatĭaṽŭa mŭen' eḏi? činoéji! ečŭ tuĭaṅi kŭa, akaje ŭeḏi tŭikasa ni tŭiseḏ' énu, tátuk' ŭêtu mukŭá b̆ag̃o ŭa kapeḏa! mŭéne taḏa! loḏ' énu, dizŭi dimŭé kaso dĭ énu, čĭ noéji! kŭapŭa. tuĭani sŭapali, ni tŭafŭile kudi eĭé! mŭatĭaṽŭa! êtu, kalug̃a! tŭakusota kŭafŭa mŭanĭê či noéji! mururo umŭè ŭeĭ kuloḏa mŭamo, bŭate[1]*!*

nós, vossos filhos, vamos já (por um idolo) castigar o sr. Massenda. Por Deus então elle (é) o soberano? Nós todos vamos lá amarrar as mulheres d'elle e as transportâmos para vós, o nosso pae, o maior entre os fidalgos, o senhor de tudo, fallae, basta uma só palavra vossa, pelo grande senhor do mundo! e acabou-se; vamos a toda a pressa, morremos por ti, nosso soberano, pelo mar! queremos morrer, sim pelo grande do mundo, um vosso escravo fallar assim, nunca! (não consentimos).

čĭahuhí? mičima[2] *ĭa ilolo ĭámi aloḏa mudi mikano ĭaŭ? kalug̃a! čĭaŭape, čĭaŭape amačurup̃' ŭámi, mŭanié či noéji! ámi kuloḏ' iki? aĭaṅi kali, nikusota kumane pane mutŭè ŭa mŭéne maseḏa, kŭapŭa, mŭanĭê či noéji! tab̆ukaṅi katataka.*

É isso? Os corações dos meus grandes do Estado fallam como as suas bôcas? Pelo mar, bem, muito bem, meus velhos, eu que fallar? Vão todos já, quero ver aqui a cabeça do sr. Massenda, acabou-se, por o superior a nós! partam todos immediatamente.

---

[1] A traducção litteral é a mais conveniente neste caso, para se formar um juizo seguro, sobre as suas conversações e enthusiasmos e ir preparando o leitor para a interpretação dos trechos da sua historia.

[2] No enthusiasmo com que fallam *či* é frequente em vez de *ki* e *xi*, que numa conversa a sangue frio se ouve em muitos vocabulos. Neste caso, como temos empregado até aqui, diriam *mixima* plural de *muxima*, mas nos seus exaggeros dizem *mučima* e *mičima*.

Derivações e composições

São muitos os vocabulos derivados e compostos e de alguns as raizes, que por analogia se podem destacar, não são usados numas tribus, mas encontram-se noutras ás vezes muito distantes.

Parece que depois de terem estabelecido alguns vocabulos para nomes do que lhes era mais trivial, a necessidade os obrigou a adoptarem os que lhes eram mais indispensaveis para indicarem as acções que sabiam e podiam praticar; e foram estes os que constituiram certamente o seu grupo principal, porque d'elle obteem o maior numero dos derivados e compostos.

Como a sociedade em todas as tribus está dividida apenas em duas classes, a dos que mandam e a dos que obedecem, isto é, vencedor e vencido, naturalmente o mesmo vocabulo com a differença de terminação lhes dava os dois modos por que tinham de exprimir-se, ordenando e obedecendo; e assim para o primeiro caso adoptaram a terminação *a* e para o segundo *e*.

Assim diriam os da primeira aos da segunda classe: *loda* «fala», *leja* «dize», *nua* «bebe», *tala* «repara», *imana* «espera», *kasa* «amarra»; e responderiam os da segunda aos da primeira classe: — consinta, permitta que *lode* «falle», *leje* «diga», *nue* «beba», *tale* «repare», *imane* «espere», *kase* «amarre», subentendendo-se a forma imperativa ou permissiva do verbo principal.

E d'aqui os dois modos — imperativo e conjunctivo.

Para indicar a acção, sem designação das classes, adoptaram o vocabulo da classe privilegiada antepondo o prefixo *ku*, prefixo cuja escolha não foi decerto indifferente, e talvez porque já indicasse como hoje a direcção «a, para, de».

E assim obtiveram o infinito: *kuloda, kuleja,* etc.

Com o tempo organisaram o simples paradigma do seu verbo de que dei conhecimento a pag. 38 e 39.

Do infinito dos verbos obtiveram nomes derivados trocando-lhe o prefixo pelos da classe em que tinham de encorporá-los, classificação já feita pelos que tiveram de a crear para determinados objectos que conheciam; sendo notavel que em alguns ha tambem mudança da terminação da vogal *a* em *e* ou *i*, e em *o* ou *u*, vogaes que na maioria dos casos, como se viu na phonologia, parecem respectivamente confundir.

Os adjectivos, para que não teem vocabulo proprio, ou são derivados de verbos ou de substantivos. No primeiro caso, trocam o prefixo *ku* por *ŭa*, e no segundo juntam o infixo *a* aos prefixos dos substantivos ou trocam-nos tambem por *ŭa*; e da mesma sorte se obteem substantivos de adjectivos.

Tambem de uns substantivos se obteem outros só pela mudança de terminação.

As composições fazem-se pela juncção de vocabulos de nomes sem ou com particula de ligação, destacando-se no primeiro caso porque se torna aguda a vogal da terminação do vocabulo anterior, e nos verbos trocando a terminação *a* por outra que influe dando ao verbo uma interpretação differente.

OBSERVAÇÃO. — Antepondo *mŭari*, *mŭene* e *mukŭá* a um nome, o que se obtem designa o possuidor d'esse objecto ou que exerce sobre elle actividade.

É necessario ter em vista as observações e considerações feitas sobre as articulações (pag. 8 a 11) e o que se expoz sobre os prefixos (pag. 21 a 30), para que bem se comprehendam como se derivam e compõem os vocabulos que d'aqui em deante se apresentarão.

Exemplos de derivações:

kusŭa «arder».	*kasŭè* «fogo».
kusala «fazer; peneirar».	*musala* «peneira».
kubila «vigiar, guardar».	*kabila* «porteiro, guarda».
kuxala «ficar».	*ŭaxala* «resto; herdeiro».
kupana «dar».	*dipana* «abertura, fenda».
kufuda «embrulhar».	*difuda* «embrulho».
kuŭela «doer».	*dŭele* «mamma».

kutala «observar».	*mutala*[1] «observador, vigia».
kukŭata «prender».	*mukŭata* «prisioneiro».
	kakŭata «o que prende, agente policial».
kuẽuta «encolher».	*kaẽuta* «encolhido; individuo baixo».
	kaxeti[2] «anão».
kukuta «apertar».	*mukuta* «pequeno panno que as mulheres apertam á cintura».
kulala «deitar».	*čilalo* «ponte».
	ulalo «cama».
kŭoka «medicar, tratar».	*čioka*[3] «lombriga».
kukaẽa «abrigar, cavar»	*mukaẽa* «abrigo, montanha, carta».
	čikaẽa «pelle».
	dikaẽa «pègada».
kusoma espetar».	*musoma* «espeto, cravo de madeira».
kufuĝa «vigiar o gado».	*kafuĝa* «pastor».
kukasa «amarrar, abraçar».	*čikasa* «braço, mão».
	mukasa «objecto amarrado».
kutoka «branquear».	*di* ou *utoka* «branco».
kudimine «trovejar».	*čidimino* «trovão».
kučiẽa «riscar, contar».	*mučida* «risco».

[1] Encontrei um potentado quiôco, estabelecido á beira da estrada que a Expedição seguia, e apresentaram-m'o como *mŭana ĝana kapuẽa, mŭéne mutala mu ĵila mŭa mŭéne kiseĝe* «O sr. Capumba, vigia do caminho do sr. Quissengue».

[2] *kaxeti* é vocabulo especial e que colloquei neste logar para se conhecer a disparidade, e que talvez possa ter alguma relação com *xâte* termo muito empregado para indicar pouca importancia que se liga a uma questão. Ex.: *miloĝa ŭa mŭéne kase, xâte* «a demanda do sr. Casse não tem valor algum, nada vale».

[3] Como *čioka* «lombriga» é para elles doença frequente, é de suppor que *kŭoka* «medicar» venha do vocabulo *čioka*.

kusag̃a «narrar, noticiar».
kujala «escurecer».

b̃aje «animo».

kŭid̃ama «precisar».
kŭid̃uluka «aproveitar».
kukula «crescer».
utoka «branco».
usŭa «força».
useĭa[1] «negocio».
ŭata «estado».
luse «extremidade, ponta».

jisag̃o «noticias».
ŭajala «escuro».
čiajala «escuridão».
kab̃aje «algoz».
ŭab̃aje «corajoso».
ŭaid̃ama «necessitado».
ŭaid̃uluka «feliz».
čikulo «antigo».
ŭatoka «limpo, claro».
ŭausŭa «forte».
useba «negociante».
ŭato «canôa».
lusuki «cabello».

Exemplo de composições de nomes:

mŭari kisaji «tocador de teclados de ferrinhos».
mŭari g̃uvo «tocador de anguvo[2].
mŭari kaped̃a «tocador de capenda[2].
mŭari mod̃o «tocador de mondo[2].
mŭari mŭixi «senhor do fumo, cozinheiro».
mŭéne čaŭ «senhor do porto, embarcador dos rios».
mŭéne ŭato «o dono da canôa».
mukŭá čilŭa «lavrador».

mukŭá makasu «mentiroso».
ŭafŭa mësu «morto dos olhos, cego».
ŭafŭa matŭi «morto dos ouvidos, surdo».
kabučibuči, *kasa katete*, *mukab̃o keraji*, *kavuko vuko*, *mŭadi p̃upo* «passaro pequeno».
ĭag̃ĭag̃i «passaro grande».
čisad̃a makeji «passaro grande».
čoŭačoŭa «pato d'agua».
mueg̃e maz̃avo «ananaz».

---

[1] Talvez este vocabulo fosse *uséa* e não *useïa* por causa do derivado *useba*.

[2] Instrumentos de pancada.

mŭéne ğaďa «senhor da terra, proprietario».
mona uta «filho da arma (titulo)».
mŭadi ata «o segundo das armas (titulo immediato áquelle)».
kaxala poli «o que fica de fora, guarda».
beďebeďe «peixe, sp.»
čizuazua «borboleta, sp.».
kafumofumo «arvore, sp.»; em Angola «mafumeira».
katete kauseba «couve portugueza».
luĭula mema «planta leitosa», que aproveitam para curativo de feridas.

Na pratica, se dá conhecimento de outros muitos vocabulos assim compostos, que serão notados sempre que fôr preciso esclarecê-los, tendo em vista o que se consignou a pag. 12.

As derivações e composições de verbos, por mais harmonia na parte pratica, julguei conveniente grupá-los segundo as terminações em alguns exercicios.

Os verbos causativos, ou antes os que tomam a forma causativa, tornam-se compostos, como se disse a pag. 41, pela mudança de terminação. Tanto estes como os simples (pag. 12) dão logar a novos compostos pela intercallação de letras ou de syllabas, tomando uma significação diversa ou a mesma modificada.

Assim para indicar que a acção se repete, persiste ou se prolonga, o que corresponde em portuguez ao *re* inicial, antes da syllaba terminação faz-se entrar outra, que tem por inicial *j, l* ou *n,* e por final a vogal da syllaba anterior.

kŭijika «conhecer».
kubudika «sair».
kukatula «cortar».
kujikula «abrir».
kubukuna «quebrar».
kutoka «branquear, limpar».
kŭijijika «reconhecer».
kubudijika «tornar a sair».
kukatulula[1] «recortar».
kujikulula «continuar a abrir».
kubukununa «quebrar mais».
kutojoka «tornar a limpar».

[1] Dos pedaços cortados cortar novos pedaços.

kujika «enterrar, fechar, empatar».	*kujijika* (permanecem aquellas acções até que novas causas façam suspendê-las).
kumeka «apparecer».	*kumejeka* «apparecer continuadamente».
kutana «achar».	*kutajana*[1] achar continuadamente».
kujituna «soltar, pôr em liberdade».	*kujitununa* «soltar ou libertar completamente».
kŭanuna «separar».	*kŭanununa* «separar para sempre».

Observações. — I. Muitas vezes para o caso de repetição, em vez deste artificio, juntam ao verbo o vocabulo *kadi* «ainda». Creio mesmo, ser este o meio de darem mais força á expressão, sobretudo quando o que falla impera. Ex.: *budika kadi* «saia outra vez»; *katula kadi* «corte mais»; *jikula kadi* «abra de novo».

II. Alguns verbos que são transitivos, limitam a sua acção, tornando-se reflexos pela mudança das suas terminações, mas d'estes apenas conheço os que terminam em *la* e *na* que mudam em *ka* e os que terminam em *eka* e *ika* que mudam em *ama*. Ex.:

kujikula «abrir».	*kujikuka* «abrir-se».
kukatula «cortar».	*kukatuka* «cortar-se[2]».
kŭanuna «separar».	*kŭanuka* «separar-se».
kujituna «soltar».	*kujituka* «soltar-se».
kuxakeka «assentar».	*kuxakama* «assentar-se».
kŭijika «conhecer».	*kŭijima* «conhecer-se[3]».

[1] Houve a contracção *a* de *ja*.

[2] «Cortar-se» é para elles equivalente a «arrebentar» e vice-versa «arrebentar-se» a «cortar».

[3] D'este tiraram *dijina* «nome».

III. Quando as terminações só por si representam um vocabulo conhecido, a sua signicação vae influir na interpretação do verbo em que entra, por exemplo: *kŭana* «unir, ligar, soccorrer»; *kulejana* (= *leja* + *ana* «diz + soccorre, etc.») é para elles «mostrar, demonstrar, corrigir»; *kudĭbana* (= *dĭba* + *ana* «mentir + soccorrer») interpretam por «illudir, enganar»; *kŭata* «prender, segurar», *kŭatana* (= *ata* + *ana* «segurar + ajudar») interpretam «ligar, fortalecer, amigar».

IV. Uma letra só que seja como inicial, trocando-se, muda completamente a interpretação, e é por isso necessaria a maxima attenção da parte de quem escrever esta lingua. Ex.:

ka*d̆a* «admoesta».	b*ula* «bate».
la*d̆a* «compra».	l*ula* «amarga».
pa*d̆a* «salva-te».	p*ula* «rasga».
l*eka* «deixa».	f*ika* «regula».
m*eka* «apparece».	j*ika* «encerra».
t*eka* «guarda».	x*ika* «chega».

f*uka* «accusa».
l*uka* «vomita».
s*uka* «opprime».
t*uka* «emprega».
v*uka* «espreme».

Da mesma sorte um som vocalico que seja, collocado antes dos radicaes, pode dar novas raizes com interpretação diversa. Ex.: *ijika* «conhece»; *ipula* «pergunta».

V. Se o vocabulo-verbo que se reune principía pela mesma vogal em que termina o antecedente colloca-se um *j* entre elles. Ex.:

kubulajana (= *bula* + *j* + *ana*) «barulhar».
kŭitĭajana (= *ĭĭia* + *j* + *ana*) «combinar, concordar»,
kutapajana (= *tapa* + *j* + *ana*) «desafiar».
kusalajana (= *sala* + *j* + *ana*) «descompor».
kulod̆ajana (= *lod̆a* + *j* + *ana*) «luctar, profiar».

Addicionando á terminação *a* do verbo um substantivo ou adjectivo formam um verbo composto á falta de vocabulo especial, o que se torna mais notavel com o verbo *kusala* «fazer, executar, obrar, etc.». Ex.:

kusalaŭape «beneficiar».
kusalaŭŭipe «damnificar, prejudicar».
kusalausŭa «forcejar».
kusalajita «guerrear».
kusalaŭjala «escurecer».
kusalautoka «aclarar.
kusalamujikita «trabalhar».
kusalauseĭa «negociar».
kusalalebele «obsequiar».
kusalamulabo «offertar».
kusalaŭakéne «engrandecer».
kusalajima «alargar».

Observação. — Ha verbos que por analogia devem ser compostos, mas cujas raizes já se desconhecem, encontrando-se algumas entre outros povos. Ex.:

kusumana «morder».
kŭadama «entrar».
kupalajana «espalhar».
kusakana «encontrar».
kusejana «brincar».
kubulajana «brilhar».

Vocabulario

kulemeka «ferir».
kuzejama «curvar-se».
kulemama «ferir-se».
kusukeka «entalar».
kuxaneka «elevar».
kusukama «entalar-se».
kuxanama «elevar-se».
kufukama «agachar-se».
kuximeka «gabar».
kuruka «lançar».
kuximama «gabar-se».
kusŭika «enforcar».
kŭixika «entornar».
kusodama «emprestar».
kŭixama «entornar-se».
kukadama «subir, trepar».
kujijika «acoutar, esconder».
kutetama «endireitar».
kujijama «esconder-se emboscar».
kutŭika «saltar, voar».
kutadika «debater».
kupejeka «entortar».
kubaxika «empurrar».
kupejama «entortar-se».
kutexika «arranjar».
kuzejeka «curvar».
kufŭika «imitar».

kuladika «adormecer[1]».
kumañika «alumiar[2]».
kuximuka «admirar».
kuselumuka «escorregar».
kukula «resgatar».
kutubula «penetrar, furar».
kučitula «atirar fora».
kusulula «errar».
kubarula «repartir».
kuxaxata «apalpar».
kusŭana «herdar, exercer».
kumŭana «alliar».
kukad̃ana «apaziguar».
kutatakana «exigir».
kusŭik̃ana «alternar».
kumaĝana «reunir, juntar».
kujimana «enfastiar».
kŭaĝana «dividir».
kupeĝana «bailar».
kukanajana «despedir, despachar».
kutetamana «acertar».
kumŭaĝa «arrasar, escangalhar».
kumučimana «ousar».
i-seĝe, pl. *ji-,* «armadilha para peixe».
mu-keĝela, pl. *mi-,* «folha de abobora».
di-taƀa, pl. *ma-,* «folha de mandioca».
ka-bame, pl. *tu-,* «fio de missanga».
ka-tumo, pl. *tu-,* «agulha».
p̃ata, pl. *ji-,* «zuarte, fazenda».
maxika «frio».
maluĝula[3] «calor».

Exercicios

lelo, mutena muhulo, tŭakukañi bu ŭito. Hoje ao meio dia passámos (todos) o rio.
ŭit' u dijina d̃ied̃i? Como se chama este rio?
rurúa. Lulúa.
mataƀa maŭape kamo, kaĝana makeĝela. As folhas da mandioca são melhores que as da abobora.
sod̃ama ni ámi čisalu čieč, čiámi ačijiƀalele mu ĵila. Empresta-me a tua peneira, a minha perdi-a no caminho.

---

[1] Devia ser *kulalika* de *kulala* «deitar para dormir», mas trocam o *l* de *li* por *d*.

[2] *mañi* «azeite, gorduras, etc.».

[3] Tambem dizem *maluĝŭila.*

barula jinama eji, mutaba mŭámi, mutaba mukŭaŭ aĝaba aĝanaṅi umŭè ni umŭè ou *mutu ni mutu.*	Reparta essa carne, metade para mim, outra metade para os carregadores, (que a) dividam entre si (um a um, pessoa por pessoa).
tukuĝi aile ni jiseĝe jinaŭ kŭa ŭito, akusota kukŭata aixi, i tubaba axalele pa ilŭa ŭadĭata tudĭĝa.	Os rapazes foram com as armadilhas para o rio, querem apanhar peixe; e as raparigas ficaram nas lavras pisando bombó.
naṅi upulile disuna edi?	Quem rasgou esta fazenda?
kuĝulemama, čieneči čidixexelepe.	Feri-me mas não a estraguei.
ukŭikadanéne?	Apasiguou-os?
naxikile na, aôso apalaĝana.	(Quando) cheguei lá, todos se espalharam (correram em debandada).
kŭileka, čiaŭape kamo.	Deixá-los, tanto melhor (mais bem).
naṅi ŭasŭanéne rukano[1] *rŭa mŭata muteba mŭafŭa?*	Quem herdou o distinctivo do logar do fallecido sr. Muteba?
ubala ŭakusota kurujala, ilolo ači kaĝana, mŭén' edi mŭana kaki kadi.	Umbala quer vesti-lo, os grandes do estado dizem não, (porque é) creança ainda.
nalejanén' eĭ kali ana kaki ámi, i eĭé čikadipe kuĝulejana aénu.	Eu já lhe mostrei todos os meus filhos (menores) e V. não me mostrar os seus (de vós).
natŭixile kupŭixa mujikita omu, ači mutu umŭè kuĝŭanexe.	Eu acabaria este trabalho se uma pessoa me ajudasse.

[1] *rukano* é o bracelete de veias humanas, segundo elles, e distinctivo de soberania.

asaña aseñanéne[1] *mupala*[2] *kazŭeñe, mŭéne ŭaselumukine ni ŭahŭa paxi.*

Os rapazes apuparam o pobre velho (porque) elle escorregou e caiu.

atatakanén' êtu ači tŭafute kŭauka ŭito mu ŭato.

Exigem-nos que paguemos (para) passar o rio na canôa.

učibule maí mažolo; ŭañudile, čiŭapelepe.

Deite fora os ovos; estão podres, não prestam.

mŭiji čiŭakuŭile jitaña jiêtu ŭakamana malu.

O ladrão que nos roubou as batatas será castigado.

ači eié ŭamañanéne añu aôso aêtu, utŭixile kumana añu avudi ni mata mahinaŭ.

Se reunisse toda a nossa gente, veria muito povo armado.

kudĭa[3] *ŭabula, katukŭetepe moñŭa ni jiêfu*[4].

A comida está amarga não temos sal nem pimenta.

nikusota mŭéne mutoño kuñukanajana, turuña tuñujimana ni kaxi ni makasu mahinaŭ.

Quero (desejo que) o sr. Mutombo me despache (despeça), os Lundas enfastiam-me com as suas mentiras.

eié kuñusalana[5] *avudi, kutoña, či noéji, ači ámi nasalele čioŭma čiahuhi (mŭamo) hé!*

V. escandalisa-me bastante, pensar que eu fizesse uma cousa assim!

ači tuxalapoli tŭámi aibulile, énu asalele niipe kuĭi tuñiña ni aíxi mu ikuño ikŭaŭ[6]

Se os meus servos lhes bateram, V. fizeram mal em roubar bombós e peixes nas cubatas dos companheiros.

---

[1] «Brincar, zombar, apupar, chacotear», etc.

[2] Tambem dizem *xinakaje* quando os velhos são já decrepitos, em quanto *mukuruñi* se emprega no sentido de «maiores» a quem se deve respeito.

[3] Tambem se podia empregar *kudila* como substantivo «comer», mas este seria então o «alimento».

[4] Uma semelhança da nossa pimenta.

[5] Neste verbo supprimem muitas vezes a ligação *ja* (*j* + *a*) e unem os dois vocabulos.

[6] «Outros» subentende-se neste e casos identicos que são «companheiros».

kağana eču, ana a mŭéne pad̄a, éne asutile ŭasab̄ele eči eču i aile aôso éne améne ni atŭixile.	Não fomos nós, (foram) os filhos do sr. Panda (que) passaram primeiro que nós e roubaram tudo (que) viram e puderam.
mŭatĭavŭa, ni mŭitia ni kanapub̄a alod̄anéne učuk' u ŭôso, mŭanĭê či noéji, nitoğa akŭitiajanene kakututab̄ukañipe i kutŭimane pinape, mŭanĭê či noéji, kutŭijika ŭasab̄ele jisağo jĭa musub̄a.	O Muatiânvua, Muitía e Canapumba conferenciaram toda esta noite, e penso (que) resolveram não partirmos e esperarmos aqui saber primeiro noticias da côrte.
čiaŭape, mŭatĭavŭa ŭatumixa, tŭakaxala.	Muito bem, o Muatiânvua ordena e nós ficaremos.
mŭéne kibujikina[1] *ŭejile ni aĭu avudi?*	O sr. Quibujiquina veiu com muita gente?
bŭate, mŭéne ni tuxalapoli tuñí ni mŭari mŭixi kad̄i kaso.	Não sr., (veiu) com quatro serviçaes e o cozinheiro apenas.
natoğele mŭéne amulod̄ola aĭu avudi, či noéji, polo ped̄i palepa ni kaxi.	Julguei (que) o acompanhava muita gente (porque) o seu sitio é muito longe (d'aqui).
ipula mub̄ad̄a ŭafŭa mësu, muloğ' eči ğoloxe këjilepe, i lelo ŭejile urŭele ni kaxi?	Pergunta áquella cega porque não veiu hontem e hoje chegou tão tarde?
kuğuleja mŭana ŭed̄i mukuruп̄i ŭakata kuĭela ni kaxi, i lelo ŭabudikile ni kaso čia kŭezako, mučikub̄o čied̄i čikŭetepe čioŭma čimŭè kaso kupana d̄ia kud̄ia čia ana aôso aed̄i.	Disse-me que seu filho mais velho esteve muito doente e hoje sahiu apenas para chegar aqui, (porque) em sua casa nada tem para dar de comer a todos os seus filhos.

[1] Nome de homem.

umupane čipaïa čia ŭŭja ni ažolo adi, i mŭéne učilule ďiamačiko bŭididi; nikusota kŭijika mŭana ŭeďi ŭaŭape kamo ači kaǰana, akalele, nituma kutažuka ǰaǰa ŭámi kuŭa kumumana.

Da-lhe uma cesta com amido e duas gallinhas, e ella volte amanhã cedo; quero saber se o filho está melhor, senão mando chamar o meu curandeiro para ir vê-lo.

murudanámi muloǰiki ači ŭalaǰukile urŭele ni kaxi?

O meu amigo porque se levantou (acordou) tão tarde?

nakŭetile tulo tuvudi, ǰoloxe kuǰulalele ažolo[1] *akudila kali.*

Tinha muito somno, hontem deitei-me já os gallos cantavam.

mŭamo, ŭaiǰa kŭete tulo pamaki apa.

Assim tem razão em ter somno esta madrugada.

kabŭa ka kuloza keï kedi? ou *udi kŭiso?*

Onde está o teu cão de caça?

mŭakŭatańi ou *mukŭata.*

Prenderam-no.

ŭafŭil' iki?

Quanto custou?

makumi maadi ma mŭixi[2] *masuna.*

Vinte peças de fazenda.

natoǰele eïé kakŭaŭ kaďi.

Suppuz (que) tu (tinhas) ainda outro.

soǰámi[3] *ŭaxakama pasŭipa pa mŭata mak' ŭeï.*

Minha tia sentou-se ao pé de sua mãe (mãe do sr.).

ačioko adioxéne polo paŭ i ejile ni rurua, či noéji, ailolo a rurua ačinine aǰaďa ahuï i aeďele mahŭè kŭa kalańi, tátuk' ŭámi! ačioko akuŭisedixile té kaŭeďa,

Os Quiôcos sahiram de suas povoações e vieram (chegaram) ao rio Lulúa, os potentados d'aqui, fugiram das suas terras e marcharam a toda a pressa para

---

[1] *čikoloďolo* «gallo», mas empregam *žolo* «gallinha» sempre que se subentende que é de macho que se trata.

[2] *mŭixi* «peça de panno» chamada de lei (8 metros, aproximadamente).

[3] *soǰ' ŭámi* é como deve dizer-se; porém, abreviam.

mŭanĭê či noéji, kŭisako axala, či noéji, ni atuj̃ile ibeĕje[1] *isáb̃año i ibeĕje ikŭaŭ aed̃ele kad̃i, mŭanĭê či noéji, umŭè mŭa kapŭè kamaxi*[2] *či noéji, mukŭaŭ pasŭip̃e mŭulo*[3] *mu kalañi, či noéji, ni mukŭaŭ kad̃i uxadi ŭa kajidixi.* A[4]

o Calânhi, meu pae! os Quiôcos perseguiram-nos até Cauenda, onde aqui ficaram, e construiram seis acampamentos e outros acampamentos marcharam já, um para o sitio Cápue Camáxi[2], outro para proximo da nascente do rio Calânhi e ainda outro para a outra banda do rio Cajidíxi.

akŭarud̃a aôso asotele kŭauka kalañi, aôso mudi kámŭè, či noéji, i avudi auhile mu mema, ah! ka! pŭači! ni afŭa, mŭanĭê či noéji, nañi ači ŭatŭixile kupad̃exe ŭaĭa kuteka[5] *pasŭipa pa mŭatĭaṽ̃ŭa, ah! selej'*[6] *ámi! mŭatĭaṽ̃ŭa ni ăilolo*[7] *aôso*

Todos os Lundas, queriam passar o Calânhi (rio) ao mesmo tempo e muitos cahiram na agua e ah! que desgraça! morreram! quem se poude salvar foi acampar perto do Muatiânvua (ah! meu amo!), o Muatiânvua e todos os da grande-

---

[1] *ibeĕje* «acampamento, comitiva» é vocabulo quiôco.

[2] *kapŭè kamaxi* «aqui acabou-se o sangue, só eu mando, sou absoluto», nome dado a uma mussumba por quem a mandou edificar.

[3] *kululo* ou *kururu* é o verdadeiro vocabulo, mas quando o prefixo se troca por *mu* dizem *muulu* ou *muuru* para não confundirem com *mururu* «serviçal, abandonado», etc.

[4] *A, B, C, D* indicam diversos Lundas que me transmittiram as noticias que rubricam.

[5] Fazem-no synonymo de «pôr, collocar», etc.

[6] Interpollação usual «meu amo».

[7] Muitas vezes para melhor harmonia com os vocabulos que se succedem conservam os prefixos do singular ao vocabulo anterior quando o teem de tomar no plural e em alguns casos como neste, o que lhe pertencia no plural. De *kilolo* o plural é *ilolo,* mas por causa de *aôso* e por emphase dizem *ăilolo aôso.*

ači amañanéne, či noéji, kŭijika katata asalel' eči? (asalel' ike?). B

za se reuniram (para) saber agora o que se devia fazer (fazer o quê?)

mačiko maadi kañana asalele čioŭma čimŭé ači kañana (kadi kaso) kudiba tumŭè ni tukŭaŭ, mŭanič či noéji. učuko ŭejile i atu aôso ači apalañanéne, či noéji, tumŭè tŭaile tŭa kanokéne[1]*, tukŭaŭ kaieŭe mukulo*[2]*, tukŭaŭ kadi kŭa masuko*[3] *či noéji.* C

(Durante) dois dias não fizeram senão enganar uns os outros. Chegou a noite e todos se espalharam (debandaram), uns foram para Canoquene, outros para o Caiembe (antigo) e ainda outros para o capim (esconder-se no capim).

dičiko di ŭeza ačioko akŭadama mu musuba, mŭanič či noéji, akŭaruda éne améne ačioko akŭanexéne (aiokŭanexéne)[4] *ni aikŭatani makaje ni ana kaki aôso, éne atalele bili ajiñaméne mu isuko.* D

De madrugada (o dia vem) os Quiôcos entram na capital, os Lundas viram os Quiôcos fazerem-se soccorrer (auxiliarem-se) e prenderem mulheres e creanças (que) elles viram antes esconderem-se no capim.

nani ŭabujikile katadilu[5] *aka?*
Quem quebrou este espelho?

mŭari ŭa buñulo.
A mulher do Bungulo.

nitoña eié ači ŭadiba.
Penso que te enganas.

kŭiji mŭamo.
Pode ser.

nitŭixa kudioxa katumo kámŭè čipaŭa eči?
Posso tirar uma agulha d'esta mala?

---

[1] Nome que uma auctoridade deu ao sitio em que imperou.

[2] *mukulo* «antigo», passado de *čikulo.*

[3] Como no caso da nota 7 *isuko* é o singular.

[4] *aiokŭanexéne* desdobra-se como fiz antes para esclarecer, porém, quem fallava disse assim: *aioko* (no caso da nota 7), em que a terminação *ko* passou a *ku* e serviu para a terminação do primeiro vocabulo ao mesmo tempo que para inicial do que lhe juntaram.

[5] Qualquer vidro, e vem de *kutala* «olhar, observar».

tŭaôso tŭakusota.	Todas quantas queiras.
činikutŭixape kŭitia g̃ob̃e ŭeĭ ŭafŭile ni kaxi, kad̃i eči čidi čiŭape kamo kag̃ana ŭámi.	Não posso acreditar (que) o teu boi custasse tanto, ainda que é muito melhor que o meu.
nĭijika id̃ele[1] *ivudi axakaméne mačiko mavudi mudi mŭata ŭaxakaméne mu g̃ad̃a ŭa rud̃a, eči kag̃ana kŭijika kulod̃a rudimi rŭêtu mudi mŭata ŭaijika kulod̃a.*	Eu conheço muitos europeus, (que) estiveram tanto tempo nas terras da Lunda como o sr., que não sabem fallar a nossa lingua como o sr. sabe fallar.
mŭata ač̃i kudileja ni kaxi.	O sr. applica-se muito.
iči čidi ruĭa rŭeĭ.	Isso é favor seu.
mŭamo, ač̃i namulejele mŭeči muxima ŭámi ŭovŭa.	É certo, disse-lhe o que o meu coração ouve (sente).
kŭijika kulod̃a ni ŭape rudimi rŭa rud̃a mujikita mŭakéne (muvudi), padi mu̇tu ŭapŭixi mazŭi mu muxima ŭed̃i ŭakusota.	Saber fallar bem a lingua da Lunda é difficil (grande trabalho), cada um está acabando as palavras como coração d'elle está querendo.
kug̃ukata ni kaxi kumumana lelo, dĭamačiko ničiruka polo ŭámi.	Estou muito satisfeito vê-lo hoje, (porque) ámanhã regresso ao meu sitio.
lod̃a kad̃i kamo, činovilepe ni ŭape ni kaxi.	Falle ainda mais (repita o que disse), não ouvi muito bem.
tuĭa kutuxakeka mu urŭelu mŭa mutod̃o mŭakéne mŭa.	Vamos assentar-nos á sombra d'aquellas arvores.
tŭakakŭab̃aba tŭa, mudi mičima ĭetu akusotele.	Conversaremos ali, á vontade.
čioxa dĭa dipaŭa rusumo rŭmŭe, čia kutunŭa mema čiaôso kumutusota.	Tira da mala um copo para bebermos agua quando quizermos.

[1] *mad̃ŭe* é o individuo da raça branca, e suppõe-se neste exercicio que é a europea de quem se trata.

tŭaxikile ŭasabele čiakŭaŭ; tuakakuna rŭada ni tŭimane. Chegámos primeiro que os outros; vamos fumar (emquanto) esperâmos.

uleja ŭape; ŭakata mačika, tukune rŭada. Diz bem; faz frio, fumemos.

ukoñi divuj' edi, mŭamo ači dipula dîôso. Dobre este panno, assim rasga-se todo.

eié ukusota kajuladixa aruro aôso aénu, mudi ečiki? Por quanto me quer vender todos os seus servos?

nikŭita[1] ou *nikusota jipebe jiñi ni tutota tubeže tutano.* Peço quatro cabras e quinhentos fios de missanga (grossa branca).

namutala mŭéne čiŭeze kudia pa urŭele ñiámi. Espero (que) elle venha jantar commigo.

ŭijika xipo ŭámi udi kŭiso? Sabes onde está o meu cinto?

namutekele mu musete ŭeĭ, bolosa ukŭete difada i ana kaki atŭixile kumuzulula ni kupalajana difuda dîaôso. Pu-lo na tua caixa, (porque) a patrona tem polvora, e as creanças podiam abri-la e espalhar toda a polvora.

ŭamusalele niŭape. Fizeste bem.

mŭari ŭalala kadi? A sr.ª ainda está dormindo?

kajana, ŭabudikile kali. Não sr., sahiu já.

tubada tŭapejanéne učuko ŭôso, čiahuhí alala kadi i kusalala mujikita musasa oŭ, bŭate. As raparigas dançaram toda a noite, por isso ainda dormem e não trabalharam de manhã.

dičiko dimŭè, kajana[2] *mačiko maôso.* Um dia, não são dias.

naĭi ŭatetele mutodo oŭ, ŭaidaméne kumana malu, mutodo mŭamo mŭakéne kajana ači katetelepe. Quem derrubou esta arvore precisava ser castigado, (porque) uma arvore grande como esta não se derrubava.

---

[1] No sentido de desejar, por isso se pode empregar *nikusota*.

[2] Podia adoptar-se só *ka* como abreviatura.

mudele ŭasañikine mukada, ŭatïile mema, unine, rusumo ŭarutekele pa meža; čadi čikasa čïeï čibulile[1] *mu rusumo i ôru ŭahŭa paxi i ŭafŭa.*

O branco escrevia uma carta, pediu agua, bebeu, e poz o copo em cima da mesa; depois o seu braço bateu no copo, este cahiu em terra e quebrou-se (morreu).

murudanámi, mujada ŭámi, ačialejele: nañi ukusota, ŭaža; ači kajana, ŭatuma.

Meu amigo, na minha terra diz-se: — quem quer, vae; senão, manda.

akŭarudа ni ahinaŭ aleja: — ukusota čioŭma čimŭè? kaxalape mu jila kutala učimane, muloja ŭajoxalele mačiko maôso kučitala.

Os Lundas tambem dizem: — queres uma cousa? não fiques no caminho esperar vê-la, porque ficarias todos os dias esperá-la.

ačioko atapajanéne mŭéne pada[2] *mu polo peï, i mačiko masato masuta amutapañi.*

Os Quiôcos desafiaram o sr. Panda na sua residencia, e tres dias depois o mataram.

éne atapa ikuji iŭape ivudi, eči asalele ni ŭape ni kaxi a tuzŭeje.

Elles mataram muitos bons homens que protegiam os pobres.

mu čikubo čïedi aïu aôso adïile ni anine ni ŭape ni kaxi.

Na casa d'elle toda a gente come e bebe muito bem.

lelo naladele mojŭa muvudi kudi ikede[3] *rŭada iñi useža ŭafile.*

Hoje comprei muito sal por quatro pyramides de tabaco. O negocio está morto (é caro).

ŭakata kŭiza maxika.

Faz frio.

ŭakata kŭiza malujula.

Faz calor.

---

[1] De *kubula* «bater», mas este é empregado no proposito de dar pancadas, e «tocar» num instrumento em que o som é devido a pancada, é tambem *kubula*. Neste caso seria melhor *kubaxika* «empurrar», mas para elles é indifferente.

[2] Nome de homem.

[3] Dão ao tabaco de fumo formas diversas, a de pyramide conica pequena, e a medida mais vulgar a que chamam *čikede*.

maxika ŭeza.	Chega o frio.
dičiko diŭape, dičiko dĭipe.	Bom tempo, mau tempo.
ŭakata kŭeza rukid̃o.	Faz vento (está a vir vento).
eĭé ŭovŭa ač̃i maluǧula ač̃i maxika?	Tu sentes calor ou frio?
novŭa mačika mavudi.	Sinto muito frio.
muloǧiki kaunape čĭoŭma čisŭana čĭa kusŭanex' eĭ?	Porque não bebes uma cousa quente para te aqueceres.
nikŭete ŭoma eči kuǧusala ni ip̃e.	Tenho medo que me faça (fazer-me) mal.
dičiko edi didi ec̃ike?	Que tal está o tempo? (Este dia está como?)
musase oŭ ŭejile maxika mavudi.	Esta manhã fazia (veiu) muito frio.
mutena muhuro ŭejile rukid̃o ruvudi.	Ao meio dia (sol no alto) fazia muito vento.

Interpolações

Para intelligencia do que sobre este assumpto ficou exposto a pags. 14, 15 e 16, faço uso de varios signaes, que correspondem aos gestos e movimentos que entre aquelles povos substituem vocabulos. Assim:

→ Uma pequena flecha — indica o braço, que pela sua posição e curvatura nos mostra o seu movimento.

≋ Vibração dos beiços.

⌈⌉ Estalido com os dedos.

⌖ Palmadas.

⊲ Bater no peito com a mão.

∞ Esfregar o peito com a terra.

⊔ Deitar-se no solo de costas.

⦶ Rebolar-se no solo.

● Apagar o que se riscou.

Riscar qualquer com o dedo index da direita, na terra, traços direitos a si indica numero.

Vocabulario

di-tikita, pl. *ma-*, «floresta».
ka-tadã[1], pl, *tu-*, «fructo que cozinham».
di-tama, pl. *ma-*, «face».
ru-paĩo, pl. *ji-*, «especie de bengala».
mu-soĩo, pl. *mi-*, «dôr».
lu-nimo, pl. *ji-*, «mendoim».
ka-ĭala[2], pl. *tu-*, «fructo».
ka-laĩe,[3] pl. *tu-*, «bicho do salalé».
di-kine muxiĩo, pl. *ma-*, «collar».
ka-kudĭba, pl. *tu-*, «pombo».
ka-loĩo, pl. *tu-*, «papagaio».
mŭ-eĩe, pl. *mi-*, «canna».
mu-joka, pl. *mi-*, «braça».
ka-ŭaza, pl. *tu-*, «massango».
mu-sani, pl. *mi-*, «peixe miudo. sp.».
di-sese, pl. *ma-*, «lagarta d'arvore. sp.».
di-kudĭ, pl. *ma-*, «feijão miudo, sp.».
či-bŭko, pl. *i-*, «tapa peitos».
ka-čikuĩo, pl. *tu-*, «farrapo».
či-bele,[4] pl. *i-*, «retalho».
lu-kaĩe, pl. *ji-*, «gallinha de mato».
ka-tŭi, pl. *tu-*, «coelho».
mu-ĭa, pl. *mi-*, «espinha».
di-vuĩa, pl. *ma-*, «duas braças».
mu-taro, pl. *mi-*, «golpe».
di-vu, pl. *ma-*, «terra».
mŭ-eĭne, pl. *mi-*, «vida».
lŭ-idã, pl. *ji-*, «necessidade».
dĭ-ebe, pl. *ma-*, «faquinha para rapar cabello».
di-jiba, pl. *ma-*, «cheiro».
bula, pl. *ji-*, «largo á frente da residencia».
ŭoki, pl. *ma-*, «mel».
xiĩo, pl. *ji-*, «pescoço».
ĩaru, pl. *a-*, «gafanhoto».
soso, pl. *ji-*, «faisca».
ĩŭadi, pl. *ji-*, «perdiz».
mŭeĩe ŭa ŭaro «ananaz».
bado[5], pl. *ji-*, «unidade de comprimento».

---

[1] Fructo amarello, redondo, do tamanho de uma maçã grande; tem o gosto a berinjela.

[2] É redondo e tem casca como o amendoim e o gosto d'este. É fructo de arvore e cozinhado faz lembrar feijão.

[3] Bichos pequenos, que comem em substituição de carne e de peixe.

[4] É o retalho com que as mulheres cobrem os orgãos genitaes.

[5] É a unidade de medida de comprimento de fazenda, que fazem variar de 0m,80 a 1m,40.

b̃abu, pl. *ji-,* «costella».
môŭha «palanquim».
z̃eg̃i, pl. *ji-,* «feijão».
moĭo «vida».
ulog̃o, pl. *ma-,* «cumprimento».
pŭila, pl. *ji-,* «sêde».
mukaxi «dentro».
kulab̃ula «presentear».
kupote «torcer».
kŭag̃a «cantar».
kubaba «esfolar».
kuxa «deixar, largar».
kŭopata «enxotar».
kupog̃a «advinhar».
kudima «lavrar».
kuĭa mahŭè «correr».
kupepa «assoprar».
kŭizula «inchar, encher».
kudĭoxa «tirar».
kŭaka «entregar».
kuhuma «seccar, emagrecer».
kumukisa «zangar».
kŭileb̃a «rogar, pedir».
kunona «escolher».
kutab̃ula rukid̃o «constipar-se».
kupud̃a «cavar».
kukalala «tossir».
kusepudĭa «ajoelhar».
kŭikuta «fartar, encher a barriga».
kukusula «enxugar, limpar».
kŭisĭa «nadar».
kučiluka «virar, voltar-se, tornar a apparecer».
kŭemixa «occupar, emprenhar».
kulota «sonhar».
kutalala «molhar».
kuneneta «socegar».
kuzela «embebedar-se».
kuṽŭa «pertencer».
kudĭoka «sahir para longe.
kupŭita «puxar».
kukila «cortar o cabello».
kuzod̃ama «agachar-se, acocorar-se».
kukag̃a «torrar».
kŭohixa «lavar um objecto».

Exercicios

kalob̃o ✢ *tátuko* ✢ *mŭêči noéji* ✢ *ŭalak̃a!*	Grandeza! pae! superior! cumprimento-o!
ued̃i!	Bem vindo!
vŭdĭê, mukŭá bag̃o ∞ *selej' ámi* ∞ *vudĭê* ∞.	Obrigado, fidalgo, meu amo, obrigado.
aká lele! ačĭoko aejile ag̃ada amukurup̃i ŭámi, ni axexéne aôso?	Então os Quiôcos foram ás terras dos meus velhos e estragaram tudo?

mŭanĭê ⦶ *mŭéne g̃ad̃a, najib̃ule* ⦶.

Sim senhor (é verdade), senhor da terra (que) eu falle.

texaṅi, lod̃a.

Attenção, falla.

ah! ká! ačĭoko, či noéji, palepa kad̃i atumine mulŭa čĭa mŭéne pad̃a, mŭanĭê či noéji, kŭipana milab̃o čĭahŭi, mŭanĭê či noéji, mŭéne pad̃a ač̃i kag̃ana; ámi mukurup̃i ŭa mŭatĭaf̃v..., mŭê či noéji, ač̃i ačĭoko akusota kŭeza kuĭata ag̃ad̃a ámi? kŭeza, či noéji, kakŭetepe ŭôma, mak'uámi ŭafŭa kali, kalob̃o!

Os Quiôcos ainda longe mandaram um portador ao sr. Panda dar-lhe tributos para elles; o sr. Panda diz que não: eu sou um grande do soberano, se os Quiôcos querem vir buscá-los que venham não tenho medo, minha mãe já morreu! com a breca!

učuko ŭeza mulŭa učiruka, mŭanĭê či noéji, mŭéne pad̃a aĭu aôso ŭed̃i kulala mu tulo, bŭate; selej' ámi, kŭate mata, či noéji, učuko ŭôso kŭimane mu čipag̃a, mata mu ikasa, ačĭoko axika.

Á noute regressou o portador, e a gente do sr. Panda não dorme; foi buscar as armas e toda a noute esperam na residencia, com as armas na mão, a chegada dos Quiôcos.

dičiko d̃ieza mutena ← ah! kaká! j̃ita ačĭoko ŭakéne aeza, či noéji, mata pum, pum, pum... mŭéne pad̃a ač̃i: tŭafŭa pane nalike, či noéji, tŭad̃ioka, tuĭaṅi kutŭimane poli, kutala ab̃aje ačĭoko, mŭanĭê či noéji. akŭá mŭéne pad̃a ač̃i: mŭanĭê, tuĭaṅi, či noéji, kufŭa lumŭè, či noéji.

Ao romper do sol a grande guerra dos Quiôcos chega fazendo muito fogo. O sr. Panda diz: morrermos aqui não quero; saiamos, vamos esperá-los fora, ver o animo (coragem, valentia) dos Quiôcos. A gente do sr. Panda diz: sim senhor, vamos, morre-se só uma vez.

ačĭoko aed̃a mahŭè, axika, akulŭaj̃ita, ah! mŭake!

Os Quiôcos avançam rapidamente, chegam, combatem, oh! homens!

akŭá mŭéne pad̃a apalaĝana ≈ *kutapa ni kutapa ni kutapa, mata pum, pum, pum..., či noéji! ačĭoko akŭataṅi akaje, akŭata ni akŭataṅi, ka! ka! ka! akaje mičima ahinaŭ ačina kudi ačĭoko, či noéji, mamé! eču tub̃aje tŭaôso tŭafŭa! mŭéne pad̃a ač̃i: akalele ámi nikusota kufŭa kudi akaje, či noéji, akaje aĭaṅi ni mičima kudi ačĭoko? nafilekĭé! kaĭad̃a, ámi ni kuĝumujipe ámi, ah! ka! ačĭoko kuĝumane ŭámi, kaĝane... pŭi...*[1] *pŭači*[2]*!*	A gente do sr. Panda corre em debandada perseguida a faca e a tiro; os Quiôcos prendem as mulheres seguidamente (grande espanto); as mulheres por sua vontade vão para elles, (minha mãe!) nós todos os valentes morremos! O sr. Panda diz: então eu quero morrer por causa das mulheres e as mulheres vão por sua vontade para os Quiôcos? morro porquê? (praga) eu mato-me, não quero que os Quiôcos me vejam; e executou, morreu.
nikŭete pŭila ni kaxi.	Tenho muita sêde.
nŭa mema.	Bebe agua.
kakŭetepe ŭoma ač̃i kutab̃ula rukid̃o?	Não tem medo de constiparse?
loloj'[3] *elu ulod̃a čakéne?*	Este relogio está certo? (falla verdade?)
ia sabel' ako.	Está adeantado (vai primeiro lá).
nikŭete usaṅi kuĝulala mŭamo bŭididi.	Tenho vergonha (de) deitarme tão cedo.
mŭéne uleja ámi čĭiĝilepe.	Elle diz (que) eu não tenho razão.
čĭia eči čĭakuzulula ou *čĭapatununa.*	Esta porta estava aberta.

---

[1] Indica um facto consumado.
[2] De *kupŭa* «acabar, desfallecer», etc.
[3] Vocabulo novo «relogio».

ukusota ğağa[1]*, ači xibo*[2]*, ači čita*[3]*, ači isekado*[4]*?*	Quer algodão, ou xadrez, ou chita, ou riscado?
činôvŭilepe čieči ŭalej' edi.	Não percebi o que lhe estás dizendo.
mulog' eči ŭalalele mu tulo, katataka ŭapŭixile dia kudia dia urŭele?	Porque dormiste depois do jantar (logo que acabaste de jantar).
nalele kakiepe ni kiepe.	Dormi muito pouco.
kumusala ni ipe čiŭapelepe ači kulala pakŭeza pa kudia.	Faz-lhe mal deitar-se depois da comida.
či kuğŭôvŭilepe? matŭi maadi → ←.	Não me ouviu? tenho dois ouvidos (apontando).
nakadileja ni kaxi i nakaloda rŭa[5] *ruda rŭapexe.*	Estudarei muito e fallarei depressa a lingua da Lunda.
novŭa niŭape murudaneĭ ĭavo ači mŭéne uloda pakiepe pakiepe; suka, ači uloda sŭapali ni eié, činovŭilepe ni ŭape mazŭi maôso.	Eu percebo bem o teu amigo Ianvo quando falla devagar, mas se falla depressa comtigo, não comprehendo bem todas as palavras.
čieči eié ukŭete, čidi ŭoma kudibajana.	O que V. tem é medo de enganar-se.
mutena pa ulo ↑ *ŭejili malugula mavudi, čieneči kali ŭeza mačika. mahŭi pa urŭela* → *rukida rŭezile rŭasŭeji.*	Ao meio dia fez muito calor, porém agora faz frio. É assim porque de tarde soprou vento rijo.
kakuğuvulukape, kuğukŭata pŭila avudi mu mŭeni ŭámi, mudi lelo mutena →.	Não me lembra na minha vida ter tanta sede como hoje ás tres horas da tarde.

---

[1] Tambem o applicam ao panno de algodão e por analogia ao de linho branco.

[2] *xibo* «chumbo», nome que os ambaquistas dão ao xadrez (fazenda).

[3] Vocabulo novo «chita».

[4] Idem «riscado».

[5] Subentende-se *rudimi* «lingua».

mačiko maip̃e eču tŭasutile mŭa čibag̃o.	Maus dias nós passámos no Chibango.
kanŭadilipe pa musasa kad̃i?	V. não almoçastes ainda?
kakad̃ipe, mŭatu.	Ainda não, senhor.
čĭaŭape, ni kudĭa ni murud̃anámi, mutena ŭasŭeji kali činĭĭape katata ku čikub̃o čĭámi.	Muito bem, eu almoço com o meu amigo, o sol já está muito quente, não vou agora para casa.
pa dizŭi, uleje zuzé sŭakeji kudĭa pa musasa, ŭakid̃a ni murud̃a kamo ni êtu.	Basta, diga ao José: o almoço depressa, conte com um amigo mais comnosco.
mačiko maôso ámi nikusota kudĭoka, dičiko dĭipe.	Todos os dias (que) eu quero sahir, o tempo (está) mau.
ač̃i g̃od̃e ŭabudika, nĭia ni kulala mu tulo.	Quando a lua apparecer vou dormir.
g̃od̃e ŭiza kali.	Já appareceu a lua.
kŭeza g̃od̃e kŭatoka ni ŭape.	Faz luar bonito (claro).
g̃oloxe ŭakula dikiji[1]*? bŭate.*	Hontem ceou? Não.
eĭé ŭôv' eki? (eči?).	O que sente?
luṽula lŭeza.	Que vem chuva.
luṽula lŭadika ku dĭamačiko.	A chuva dorme para ámanhã (Hoje não chove).
naileb̃el' ed̃i kug̃uleja ači mŭéne ŭakusota kŭikama kakĭepe.	Pedi-lhe para me dizer se queria encostar-se um pouco.
mŭéne ač̃i, kag̃ana, tŭab̃ab̃a kad̃i kujiko dĭa kasŭè[2] *(kajolo xipo).*	Elle disse que não, quer ainda que conversemos juntos do braseiro.
ač̃i bŭididi kamo, eču tŭaile kŭed̃ag̃ana, katataka kag̃ana kudĭa kŭasŭa kali.	Se fosse mais cedo iamos passear; agora não (porque) o comer está prompto.

---

[1] *kukula dikiji* «cear», termo especial para indicar o «comer á noite».

[2] Tambem termo especial «o logar onde está o fogo para se aquecerem.

lelo tuovŭa maluğŭila kamo kağana ğoloxe, pakŭeza katudĭokape kali, dĭamačiko tŭakaedağana.

Hoje sentimos mais calor que hontem, por isso não sahimos já; ámanhã passearemos.

kağana ŭa palağexe ĭoŭma ĭoŭ, mak' ŭámi ači kumukixa.

Não espalhe essas cousas, que minha mãe zanga-se.

kuğukŭatexe kuteka ĭoŭma oĭo, čakadi tátuk' ŭámi kuxika.

Ajude-me a guardar estas cousas antes de meu pae chegar.

eĭé kaukunenetape, uvudağexe mu ĭoŭma ĭôso, čadi ámi nikuxala kunoŭko čĭa kovŭa ğaka ŭeĭ.

Tu não estás quieto, mexes em todas as cousas, depois eu cá fico para ouvir teu avô.

činĭijikape mudi mŭéne kakŭetepe usaĭi ŭa kulada jinama eji, kajimenepe jiĭvudile, dijiba dĭedi kaso diŭapelepe.

Eu não sei como elle não tem vergonha de comprar esta carne, não a viu pôdre, só pelo cheiro não presta.

čidijiĭape dĭipe ku ámi.

Não me cheira mal.

eĭé ukŭete muzuro muŭape ni kaxi, kĕjikape dijiba dĭipe.

Tens muito bom nariz, não conheces o mau cheiro.

dičikodĭá tŭakumana, dičiko diŭape, tukutabuka ni tukŭauka ŭito, mŭamo?

Depois de amanhã, se estiver bom tempo, levantâmos e e passâmos o rio, não achas?

učuko ŭajadile ni kaxi, nitoğa aĭvula avudi akaeza pamaki; či noéji čiŭakusotape kutŭôvŭa.

A noite está muito escura, penso que virá muita chuva; o nosso superior (Deus) não está (querendo) para ouvir-nos.

ači kutumana dičiko dĭipe kağana kuğusala nĭipe ni kaxi, nikŭete mujikita mu čikubo.

Se estiver mau tempo não me faz muito mal, tenho serviço em casa.

ğoloxe čĭa nabudikile kuğuvulama čiseke, ŭanokéne ni kaxi i kuğutalala avudi.

Hontem quando saí esqueceu-me o chapeu (de chuva), choveu muito e molhei-me muito.

ipuĝ' ĭeĭ ačĭ kajibalape kali, dičiko dikŭaŭ dĭeza.

Os seus conselhos não se perdem já, outro dia veem (ficam para outra vez).

pakĭepe ni pakĭepe tŭakaxika mudi edĭ.

A pouco e pouco nós chegaremos como elle.

ačĭ mŭéne kadĭokenepe[1] kadĭ, muloĝa eĭé uĭa mahŭè ni mahŭè, ukusota kumŭimane pa mutena?

Se elle ainda não saíu para que vaes com tanta pressa; queres esperá-lo ao sol?

ŭaiĝa, mu bula[2] mŭikile urŭele umŭè kaso.

Tens razão, no largo não ha uma só sombra.

ŭape kamo kumutala[3] kunoŭko mu čipaĝa čĭa buĝulo.

É melhor esperá-lo aqui na residencia do Bungulo.

naovile lusaĝo lukŭaŭ lŭadĭokele lŭa muxidi[4].

Ouvi outra noticia (que) veiu do Muxídi.

loda kadĭ.

Falla ainda.

kaĝana, učuk' u čĭôso ĝoda ŭajiĭama, aĭanĭ ni kuĝusakana mu musulu[5] ŭa ŭito, tŭaidama kuloda čakadi muĭu kutŭovŭa.

Não senhor, esta noute quando a lua se esconder vão encontrar-me na nascente do rio, precisâmos fallar sem que ninguem nos ouça.

mŭéne ukusota aôso amuleje, ačĭ mŭatĭaĭŭa uĭa polo pedĭ i kŭa kulŭaĵita lŭa ačĭoko arudanedĭ; mŭanié či noéji, čieneči eču kaĝana kutŭixa kuloda ma ŭseĭa ŭa mŭatĭaĭŭa. akalele mŭéne ačĭ, ačĭoko akusota ámi

Elle quer todos lhe digam se o soberano vae para a côrte a guerrear os Quiôcos, amigos d'elle; porém, nós não podemos fallar em negocios do soberano. Então elle diz: os Quiôcos querem (que) eu, Muxídi, eu, re-

---

[1] *kudioka* é empregado no sentido de «sair para fora da residencia».

[2] É o largo onde se effectuam as audiencias publicas.

[3] *kutala* é empregado no sentido de «estar demorado a olhar».

[4] Cognome de guerra de um filho de Xanama.

[5] *musulu* «nascente» é só empregado áquem do Cassai; para lá é *kururu*.

muxidi nitaƀula rukano ni rubeƀe eči muriba[1] *ŭajibanéne mu ǰita; mŭaniê či noéji, ámi nalike, ŭata ŭavŭa ǧaka ni mat' ŭámi ŭavo sŭana mulopo muteba, či noéji, ǧaka ŭámi ŭeza kali, mŭéne ŭataƀula rukano ni rubeƀe i ŭakaifuta ni ŭape. selej' ámi, ámi činitŭixape kudĭa ŭata ŭa mŭatĭavŭa ŭasaƀele; mŭén' eđi i ámi čieči eđi ukusota.* A[2]	ceba bracelete e lubembe que Muriba perdeu na guerra; eu recuso; o Estado pertence ao meu tio avô Ianvo, o herdeiro de Muteba; o meu avô vem já, elle recebe o bracelete e lubembe e pagá-los-ha bem. Eu não posso (comer) governar o Estado do soberano: primeiro está elle, e eu, o que elle quizer.
mukaxi mu čikuƀo mačika kamo, kaǧana poli.	Dentro de casa está mais frio que fora (na rua).
ana kaki akalalele ni kaxi pe oso[3]*. ovŭilepe?*[4]	As crianças tossiram toda a noute. Ouviu?
novile.	Ouvi.
čikuǧubaxikape. ŭalek' ámi.	Não me empurre. Deixe-me.
mŭamo eči aĭoko axikile, akŭaruđa aôso ačinine uxadi ŭa muluǧo.	Assim que chegaram os Quiôcos, todos os da Lunda fugiram para a outra banda (margem) do Mulungo.
eĭé ukŭete maxi mu ikasa, muloǰ' eči?	Tens sangue nas mãos, porquê?
đieƀe ou *rieƀe*[5] *kugukatula.*	A faca do cabello cortou-me.

[1] Cognome de um Muatiânvua.

[2] *A* indica um recado que Mudíxi mandara a seu tio Ianvo, e que eu consegui escrever.

[3] *pa aôso* «até toda», que dizem *pe ôso.*

[4] *pe* final, parece ser para chamar mais a attenção da pessoa a quem se dirige a pergunta.

[5] Faz lembrar a folha de um machado em ponto muito pequeno, tendo tambem o gume no rebordo exterior, a que dão fio para raparem os cabellos da cara e cabeça.

ia ni kutete rŭada[1] *rŭámi.*	Vá picar tabaco para mim.
aĕi énu apŭita kadi disuna mŭamo, adixexe aôso.	Se V. continuam a puxar a fazenda assim, estragamna toda.
mŭén' edi ŭijika kukila jisuki?	Elle sabe rapar os cabellos?
kusula ikasa, ijala mavu.	Limpe os braços, (estão) sujos de terra.
tujile tŭa atŭikile peúro, ni aĭañi palepa ni kaxi.	Aquelles passarinhos voaram alto, e vão muito longe.
muloĝiki tubada etu aĕi asapudinine?	Porque se ajoelharam estas raparigas?
ĕidi ĕifŭè[2] *ĕia ĝada ĕiedi kujikitixa mŭamo ĕivŭma ĕimŭè ĕia mŭata ĕiaŭ.*	É costume da sua terra agradecer assim uma cousa ao seu soberano.
ĕiamipe mŭata ahinaŭ.	Eu não sou soberano d'ellas.
ĕidi murudanedi, ĕidi mŭamo.	É amigo d'elle, é o mesmo.
aĭu aôso a kaĵana aloda, kaĵana asala ĕioŭma ĕimŭè ĕakadi ŭasabele azodaméne.	Todos estes povos não fallam, não fazem uma cousa sem primeiro se pôrem de cocoras.
tubada tŭaile mutena mŭa ← kupoda mavu.	As raparigas foram ás seis horas da manhã cavar as terras.
naméne kali mona maku mubada mŭana kata[3] *aisĭile ni ŭape.*	Vi já as filhas da sr.ª Cata nadarem muito bem.
urŭel' oŭ ŭadimine ni kaxi.	Esta tarde tem trovejado muito.
ĕaje ŭauhile, ni ŭabarulile mitodo ĭavudi.	Um raio caiu e quebrou muitas arvores.

[1] *kutete* como está antes de «tabaco», está empregado no sentido de «picar».

[2] Não se deve confundir com *ĕifŭa*, de *kufŭa* «morrer».

[3] Nome de mulher.

činamenepe, i ŭape kaḏi ni-kŭete ŭôma.	Não vi, e ainda bem (porque) sou medroso.
mŭari ỹuvo ŭabula[1] *ni bula mutena ŭaĭa → ỹoloxe ka mutena kŭeza kaḏi ← lelo.*	O tocador do anguvo tocou sempre desde hontem ás seis horas da tarde até hoje ás seis horas da manhã.
čoŭačoŭa ŭaḏĭa jibeḏebeḏe jĭaôso eḏi ukŭata.	O pato d'agua está comendo todos os bendes (que) póde agarrar.
ŭato ŭa kalaṅi amusalele ŭa kafumofumo.	A canoa do Calânhi é feita de mafumeira.
tuḏaje tŭakutojoka mata mahi-naŭ.	Os guerreiros limpam as suas armas continuadamente.
akaje ámi akutajana tusaỹa-saỹa.	As minhas amazias acham (sempre) missangas.
éne kuỹŭijijikile ni ŭape ni kaxi; čĭeneči nasotele kuji-tuna tubŭa čakadi kukatu-luka jibaḏo, čĭahuĭ nasutile i kaỹana kuloḏa nĭaŭ.	Elles reconheceram-me muito bem; mas eu queria soltar os cães sem tornar a arre-bentar as correntes, por isso passei e não lhes fallei.
jikulula ĭia ĭaôso.	Abra todas as portas.
najikulile kali!	Já abri!
ijikula kaḏi kamo.	Abra-as ainda mais.
čĭia čia čĭajikuka.	A porta abriu-se.
naṅi ŭajituna kabŭa?	Quem soltou o cão?
eḏi ŭajituka.	(Foi) elle (que) se soltou.
eĭé ŭalemana?	Tu feriste-te?
kaỹana, seleỹ ámi.	Não, meu amo.
naṅi ŭamulemeka?	Quem o feriu?
kabŭa keĭ.	O seu cão.
tukuỹi apeỹekele mutoḏo omu, i kaiji naṅi ŭakatekama.	Os rapazes entortaram este pau, e não sei quem o en-direitará.

[1] *kubula*, neste caso, «tirar som, tocar».

ažaje akusota mačiko maôso itikite ĭa mitod̃o ijima.	Os raios procuram sempre as florestas de grandes arvores.
ač̃i eĭé ŭatana ŭoki, kulad̃a kŭámi; nikŭete mučima dĭa kudĭa ni kaŭaza.	Se achares mel, compra para mim; tenho apetite de o comer com massango.
ag̃ab̃a ec̃ike aneta mažêu?	Quantos carregadores trazem o marfim.
tala bili, xamuteba |||||| musâb̃año, b̃aža kig̃uri ||||| katano, b̃aža žaji |||| kaṅí, b̃aža zaža || kaadi, aôso ● dikumi ni sab̃ŭari.	Espere um pouco: (conta pelos chefes) Xamuteba, seis; Ambanza Quingúri, cinco; Ambanza Zánji, quatro; Ambanza Zanza, dois: (somma e apaga os riscos) ao todo dezesete.
mačiko ec̃ike éne akŭed̃a mu j̃ila.	Quantos dias de viagem fizeram (andaram).
adĭokéne mu kabaŭ ↙ ≋ ≋ tó, pa mu isuko, mutena ŭa ⊼ ↗ kulala; pamaki aejile ↓ ≋ pa kasaĭ, mutena mu huro ⊼ ↑ kulala, dičiko dikŭaŭ kŭauka ni kulala, či noéji, atab̃ukaṅi ↘ ≋ ≋ ≋ kŭed̃a kučikume kŭa mema pa kilŭata mutena ŭa ⊼ → kulala, mŭanĭê či noéji, kŭed̃a, kŭed̃a ↘ ≋ axika na b̃aža mutena mu uro ⊼ ↑ dičiko kamo akŭauka kaso čikapa uxadi ŭa xa muteba mona ŭed̃i ŭaĭele, či noéji; g̃oloxe kŭed̃a → ≋ ≋ pa lŭačimo, mutena ŭa ⊼ ↗ akŭauka lŭačimo ni atekele, kulala, mŭa-	Sahiram de Cabau no rumo SW. andaram até ás 2 horas da tarde e dormiram no mato; de madrugada seguiram no rumo S. até ao Cassai onde chegaram ao meio dia; no outro dia passaram o rio e descançaram; partiram no immediato no rumo SSE. acompanhando o rio até ás 3 horas da tarde; ficaram no Quiluata; marcharam depois no rumo SE. até Anguina Ambanza onde chegaram ao meio dia; no outro dia passaram apenas o Chicapa para a outra margem, por estar doente

niê či noéji, lelo atabukile bũididi → *axikile mutena* → *či noéji,* *lusaĝo*[1].

um rapaz do superior Muteba; hontem marcharam no rumo E. até ao rio Luachimo, onde chegaram ás 11 horas; passaram este rio e acamparam; hoje partiram muito cedo no rumo E. e chegaram aqui ás 3 horas.

[1] Neste exercicio indiquei os rumos suppondo a N. o alto da pagina; na pratica elles apontam com o braço o rumo que seguiram.

Como, em media, se pode considerar geral, principalmente entre os Bângalas, a partida das jornadas ás 7 horas da manhã, os estalidos indicam horas de manhã; e como elles nas suas narrações não occultam as demoras e os motivos d'ellas e todas as occorrencias durante a viagem, o que eu não fiz para não complicar o exercicio, muito approximadamente se pode calcular pelas suas informações o itinerario que fazem, com os rios, linhas de aguas, serras, montanhas, povoações, etc.

Do caso sujeito conclue-se que partiram de Cabau oito dias antes do dia da chegada, perdendo dois de marcha, um na passagem do Cassai, e outro na povoação de Anguina Ambanza por causa de ter adoecido um rapaz de uma das commitivas, e nos seis dias andaram 203,5 kilometros, os quaes se distribuem da seguinte forma:

Dias	Rumos	Horas	Kilometros	Acampamentos	Observações
1.º	SW.	7	38,5	Mato.	Partida de Cabau.
2.º	S.	5	27,5	Margem D. do rio Cassai.	—
3.º	—	—	—	Margem E. do rio Cassai.	Passaram apenas o rio.
4.º	SSE.	8	44	Povoação do Quiluata.	Foram seguindo com o rio pela margem E.
5.º	SE.	5	27,5	Povoação de Anguina Ambanza.	Na margem E. do Chicapa.
6.º	—	—	—	—	Passaram apenas o rio e acamparam na margem D. por causa de um doente.
7.º	E.	4	22	Margem D. Luachimo.	Passaram o Luachimo.
8.º	E.	-	44	Chegada.	Suppõe-se no ponto em que estão os que fallam.

aedele ni ababa čiaŭape.
Andaram, com cargas, muito bem.

ačibagala aejile ŭa lubuko aneténe mazéu mavudi ni makéne, mŭamo → ← čikĭepe[1].
Os Bângalas (que) chegaram do Lubuco, trouxeram muitos dentes de marfim e grandes, assim (indicando) pouco.

énu mŭijika nĭ edi, kudĭa masese ni rruka.
V. tambem sabem comer lagartas com a massa do amido.

tudĭa tuŭape kamo tulajo.
Gostâmos mais dos bichinhos do salalé.

lelo, énu akudĭil' eči?
O que comeram V. hoje.

misani ni dĭagŭa ni rruka.
Peixinhos com abobora e infunde (de amido).

divumo dĭaikuta, ámi čiagukata.
A barriga está cheia e eu contente.

apotele xiĭjo ŭa žolo.
O pescoço da gallinha está torcido.

muŭada nani ŭajéne pamaki apa čiaŭape čivudi?
Que mulher cantou esta manhã tão bem?

musoni ĭetu palaja, koŭa ŭaxikile mačiko maadi mŭa xakaŭuje.
Nossa prima Palanga, que chegou ha dois dias de Xacambunje.

ači éne aselemukinepe, ámi nĭedi činaselumukinepe, čieneči aŭle kulutŭè i ámi naile mujil' aŭ.
Se elles não escorregassem eu tambem não escorregava; porém elles foram adeante e eu em seu seguimento (no caminho d'elles).

kŭiji kŭeĭ, muloj' eči ŭaitĭile, éne aĭa kulutŭè, eĭé mukurupi?
A culpa é sua, para que consentiu que elles fossem adeante sendo o senhor o mais velho.

[1] A grossura de um dente de marfim variando entre a do delgado da perna até ao joelho é por elles considerada de insignificante.

éne akudĭile apũka?
Elles comeram os ratos?

bŭate, éne akudĭa tubŭa, kaj̃ana apũka.
Não, comem cães, não (comem) ratos.

mŭéne j̃ada kututumixa čipaĭa čĭa kaŭaza musasa oŭ.
O senhor da terra mandou-nos que trouxessemos esta manhã uma cesta de massango.

mu polo pa kauj̃ula naméne žej̃o ŭatoka, i naladele ku asad' ámi.
No sitio do Caungula vi feijão branco, e comprei para os meus rapazes.

ámi ni edi naméne masese mavudi, i mačiko maôso an' ámi aile kŭimane (kŭisota) ni aneténe mavudi.
Eu tambem vi muitas lagartas, e todos os dias a minha gente ia procurá-las e traziam abundancia.

aikudĭile ni mataba ači ni tutada.
Comiam-nas com folhas da mandioca ou com os fructos (semelhantes á berinjela).

čid' iki?
O que é isto?

jipasu jĭa kŭoxa.
Gafanhotos para assar.

mona maku mubada ŭámi ŭakata kuĭela ni misoj̃o mavudi mu mutŭè, ni dĭiele dĭa tátuko.
Minha irmã está doente com muitas dores na cabeça e no peito direito.

nĭeza ŭa ŭito, kŭiso naméne ŭato kučilulula ni tukuj̃i tusabŭari, mŭanĭê či noéji, | | tŭadi mema ŭibaxikile suka éne, aijikile kŭisĭa ni ŭape ni kaxi i aile uxadi ŭa, mŭanĭê či noéji; tŭakŭaŭ | | | tusato akŭatajana mu ŭato i kakĭepe ni kakĭepe, či noéji, amubaxikile ku pačaŭ, mŭanĭê či noéji; ni aixala | | tŭadi kadi mŭéne pačau ŭa mu-
Venho do rio, onde vi a canôa virar-se com 7 rapazes (risca): 2 a agua levou-os, mas elles sabiam nadar muito bem e foram para a outra margem; (risca) tres outros agarraram-se á canoa e pouco a pouco a empurraram para o porto; o resto (risca) 2 ainda, o dono do porto atirou-lhe cordas que elles agarraram bem, e assim (apaga o riscado) to-

čibulile mĭoji ečí éne akŭatañi ni ŭape, i ● mŭamo tŭasâbano tŭaôso ačí alupadele, mŭanîê či noéji: atuxala kŭa mu mutena.

dos os sete se salvaram: deixei-os ao sol.

kabada ŭakudilañí?

Rapariga, porque estás a chorar?

kañana nikudila, mukŭabañjo.

Não choro, meu fidalgo.

nimana nĭ ŭape musoji umŭè mu disu dĭeĭ.

Eu vejo uma lagrima num dos teus olhos.

čidi čĭa mŭixi.

É do fumo.

ukusota kuñudibana? ŭasala nĭipe.

Queres enganar-me? Estás fazendo mal?

kalobo! mŭanîê či noéji, činitŭixape kumudibana, selej' ámi, lelo tátuk' ŭámi, či noéji, nĭijika tátuko, eĭé ŭĭa polo peĭ i ukusota kuñuxa pane, či noéji, muñada oŭ ni akaje ŭeĭ, či noéji, čiahŭi nikudila; ámi nĭedi nasotele kuĭa ni eĭé tátuk' ŭámi, či noéji.

Grande! sim descendente do grande! não posso enganá-lo meu amo; agora meu pae, eu sei, pae, V. vae á sua terra e quer deixar-me aqui nesta terra com as suas amazias, por isso choro; eu tambem desejava ir com V., meu pae.

ačí eĭé ukŭete muxima ŭa kuĭa ni ámi, kañana ŭidama kudila, mŭanîê či noéji; usala musase[1] *ŭeĭ ni utŭixa kŭeza ni ámi, či noéji, ečú tŭakatabuka dĭamačiko bŭididi ni bŭididi.*

Se tens vontade de ir commigo, não precisas chorar; arranja a tua mala e podes vir commigo, nós partiremos amanhã muito cedo.

nisala musasa sŭapali, kakŭetepe ĭoŭma ivudi ĭa kuseda.

Arranjo a mala depressa, (porque) não tenho muitas cousas a transportar.

---

[1] *mussase* é uma especie de canastra onde acommodam as cargas que transportam. Pesa, quando cheia, pouco mais de 15 kilogrammas.

tŭamana mujĭl' oŭ utadi kamo kag̃ana dĭala.	Estamos vendo neste caminho mais ferro do que pedra.
jib̃ab̃u jĭa mukoko, ac̃i ajikŭoxele ni ŭape, mudi ukŭete maṅi čidi kudĭa kŭape ni kaxi.	As costellas do carneiro, se as assarem bem, como teem gordura, são uma boa comida.
čĭag̃ukata kamo, jĭa jib̃ab̃o jĭa čibod̃e jĭa maṅi kamo.	Gosto mais das costellas de porco, teem mais gordura.
masese ma lutob̃e dijina dĭaŭ didi ap̃ulo.	As lagartas do bordão chamam-se (nome d'ellas é) ampulos.
ŭadĭile kali?	Já comeu?
kali, ni čĭag̃ukata ni kaxi.	Já, e gosto muito.
eču tŭaxikile mŭéne masaka g̃oloxe mutena ⊼ ← *i mŭéne, mŭamo eči kutumana, ŭadĭoka ni makumi maadi mata ni kaṅí ŭaezile kupana ulog̃o mŭata uêtu ĭ umuneténe saba ŭakéne ŭa marufo ŭape čĭa ned̃i*[1] *ni at̃u an' ed̃i.*	Nós chegámos hontem (ao sitio) do sr. Massaca ás 9 horas, e este assim que nos viu saíu com 24 (pessoas) armadas, veiu cumprimentar o nosso chefe e trouxe-lhe uma bilha grande de bom vinho de palmeira, para elle e para sua gente.
g̃aka ŭeĭ, kulakaje mudi mŭéne udi, či noéji, ŭasala mujikita muvudi mačiko maôso, nimumana ŭa musasa ŭa urŭele ni ŭa učuko, kag̃ana ac̃i kup̃ŭa.	Seu avô, velho como está, faz muito trabalho todos os dias; vejo-o de manhã, de tarde e á noute (a trabalhar) sem se cansar.
mŭén' ed̃i kuxa kaso mijikita čĭa kudĭa ni kulala, či noéji; ac̃i dičiko dimŭè katumumenepe kusala mujikita, či noéji, aka mŭéne	Elle só deixa o trabalho para comer e dormir; se de dia o não vimos trabalhar então está doente, e entristecemo-nos porque está mui-

[1] Além do Cassai usam muito collocar *n* antes de *ed̃i*.

kuĭela i eču tŭajimana muloğa mŭéne kaxinakaje i tukŭete ŭôma kujib̃ala moĭo ŭed̃i.	to velho e temos receio de perder a sua vida.
mautadi jĭa jikasu jĭa mŭari jĭa čibağo jĭakéne jĭavudi.	Os ferros das enchadas da primeira mulher do Chibango são muito grandes.
alejel' êtu eči ačĭoko ačinine kulutŭè mŭéne masaka, kob̃a ni at̃' ŭed̃i alozele nĭahinaŭ pum pum pum i aijip' at̃u avudi, mŭanĭê, či noéji; ačĭoko eči axalele, akŭaŭkile mu kasaĭ uxadi ŭa ni kuĭa ku mahŭè polo paŭ, mŭanĭê či noéji.	Disseram-nos que os Quiôcos fugiram adeante do sr. Massaca, o qual com o seu povo fez fogo sobre elles e lhes matou muita gente; os Quiôcos que restavam passaram o Cassai para a outra banda e correram para o seu sitio.
mŭamo mŭape, mŭéne masaka mut̃u ŭakéne.	Assim (é) bom, o sr. Massaca (é) pessoa capaz.
kağana kupŭita mŭamo kudi čikasa čĭa kab̃ad̃a.	Não puxe assim pelo braço da rapariga.
amuleja čĭeči énu amusota mŭéne usale ni mŭéne ŭakakusala; ači kağana kusala kuğulej' ámi eči nituma kumona malu.	Digam-lhe V. o que querem que ella faça, e ella o fará; se não fizer digam-me que eu a castigo.
kusala ŭape čakadi kumana kŭa naṅi.	Fazer bem sem olhar a quem.
jikasu jĭid̃ama kukŭete mautadi maŭape, muloğa kŭa kupud̃a mavu atŭixa kutana maĭala i kubukuka.	As enchadas precisam ter bons ferros porque no cavar da terra podem encontrar pedras e quebrar-se.
ağad̃a aôso eču tutŭixa kumana dĭa kunoŭko aṽŭa anaṅi?	A quem pertencem todas as terras que podemos ver d'aqui?
mŭata kitažo, kárula ŭa mŭatĭaṽŭa.	Ao sr. Quitanzo, tio avô (descendente) do soberano.

ditame dĭeĭ ŭaizula, ŭovŭa čĭoŭma mu ditame?
A tua face está inchada, sentes (alguma) cousa na face?

novŭile misoǧo mu mazeŭ.
Dores de dentes.

lelo, rukidŏ čiŭapelepe ku kŭoxa masuko, ŭatŭixile kubaxika kasŭè kŭa ipaǧa.
Hoje o vento não deixou queimar o capim, (porque) impellia o fogo para as residencias.

eču tŭakaloda urŭele kamo, éne ŭaiǧa i eču kaǧana, pakŭeza tukŭete kufuta, či noéji, ŭape kamo kuifuta kali, kakutŭitĭape miloǧa, mŭanĭê či noéji, ači tumŭitia tŭakaifut' ahinaŭ kadĭ kamo.
Nós fallaremos depois, elles teem razão e nós não, por consequencia temos de pagar; (é) melhor pagar-lhes já, não acceitarmos demanda, se a acceitâmos, pagar-lhes-hemos ainda mais.

čieči murudanami kutoǧa čieči tŭakasala, ečé ŭijika ni ŭape ifŭa ĭa jiǧada eji.
O que o meu amigo julgar é o que nós faremos (porque) V. conhece bem os costumes d'estas terras.

činitŭixape kŭitia ana mak' ŭedĭ, ači alekele dĭa kusala, čieči mŭéne tátuk' ŭaŭ ŭaitumine, ni ači ačinine čĭa ačĭoko.
Custa-me a acreditar que os filhos d'elle deixassem de fazer o que o sr. seu pae lhes mandou, e fugissem para os Quiôcos.

anonéne masuna eči mak' ŭenu lelo ŭakŭitĭile ači nunonéne? (kŭa kumona?)
Escolheram as fazendas que sua mãe hoje lhes pediu para escolherem?

ači ikuǧ' ĭa kučiluka panapa činikusotape kumumana; nikumŭijijika kali mudi mŭiji, ŭasotele kuǧuhĭa mu useĭa ĭa ǧobe.
Se aquelle homem aqui voltar não quero vê-lo; reconheço-o já como um ladrão, queria roubar-me no negocio dos bois.

ači ečé ŭaile mu ilŭa ĭeĭ nakŭetile mučima kumutŭale čĭa kumana tubada tŭeĭ akudibène.
Se fosses ás tuas lavras tinha vontade de acompanhar-te; queria ver (veria) as tuas raparigas lavrarem.

čïeči katusalape lelo, ači usala dïamačiko.
O que se não fizer hoje faz-se ámanhã.

tŭakakuŭa dïamačiko.
Iremos ámanhã.

lelo tuḃaḋa tŭakubŭita mikaka ni jiğuba.
Hoje as raparigas estão colhendo mandiocas e amendoim.

ğoloxè aneténe avudi, nitala lelo aneta ni vudi mudi ğoloxe; nitŭixa kali dïamačiko kutuma mu xiko kuladïxa ipaŭa ŭa mikaka ni jiğuba.
Hontem trouxeram bastante, espero (que) hoje tragam tanto como hontem; posso já ámanhã mandar ao mercado vender cestos de mandiocas e amendoim.

nŭileḃ' eŭ, kağana kubula kamo mu kakuği, kakŭijipe kŭeḋi, musoṅi ŭeḋi, omu ŭapeğana ni uná, koḃa ŭačinine i ŭahŭa paxi ni ŭaipulile divuğa dïeḋi.
Rogo-lhe que não bata mais no rapaz, não foi culpa d'elle mas sim do primo; este estava brincando com elle, e fugiu e rasgou-lhe o seu panno.

tŭaiḋama kuloḋa mŭari ğoma, ŭeza čikubo čïêtu kubula mu ğoma, ni mŭari kisaje, pamŭè čïoŭma čiŭape ámi nŭijika.
Precisâmos fallar ao tocador de tambor (para que) venha á nossa residencia tocar no tambor, junto com o tocador de marimbas (de ferrinhos), uma cousa bonita que eu sei.

ukusota kuladixa čikaraḃolo eči?
Queres vender este gallo

kučiladïxa.
Vendo-o.

ečike?
Quanto (queres por elle)?

mujoka ŭa xiḃo.
Uma braça de xadrez.

čivudi. nipana baḋo[1] ni kasaxi.
É muito. Dou metade e mais um quarto.

---

[1] O *baḋo* é metade de uma braça; porém, devo advertir que se tem abusado d'esta medida entre algumas tribus, fazendo-a o maior que lhes é possivel obtê-la.

mŭata ukusota kusala useĕa dizeŭ ĭedi kudi masuna.

O senhor quer negociar essa ponta marfim por fazendas?

nimuladĭxa; nikusota mata masâbaño, jiĭoma jĭa difada jiní, ni ŭaxala ŭa masuna nĭimona ni kunona.

Vendo-a; quero seis armas, quatro barris de polvora e o resto das fazendas queroas (ver) escolher.

mata ni difada, makumi masato mixini masuna ni kaadi; aka ečike masuna kamo ukusota kunona?

Armas e polvora (são) 32 peças de fazenda; então que mais fazendas quer escolher?

makumi maadi ni činane.

Vinte e oito.

aôso pamŭè asala amixini makumi masâbaño, činitŭixape kŭitia useĕa mŭamo.

Tudo junto faz sessenta peças, não posso acceitar tal gocio.

kuĝuleja: mŭata ŭapana ečiki?

Diga-me o senhor quanto dá?

dikumi ni dĭadi kaso kamo.

Só mais doze.

ŭajika; tuĭa kunona kali masuna.

Está fechado; vamos agora escolher as fazendas.

selej' ámi, ačioko asato aejile ni jidudo kŭa kujiladĭxa, i ăipule ači mŭata ukusota kujilada?

Meu patrão, chegaram tres Quiôcos com borracha para vender, e perguntam se o senhor quer comprá-la.

éne akusot' iki?

O que querem elles?

difada.

Polvora.

eči adama.

Que entrem.

akujiladĭxa ečiki?

Vendem (a borracha) por quanto?

tŭaseda misase masato ma izula, tŭakusota jiĭoma jĭadi jimŭè.

Trazemos tres cargas cheias, queremos agora dois barris de polvora por cada uma.

dičiko lelo, useĕa ŭa dudo ŭaipe, ŭafŭile; čiahŭi kupana kaso ĝoma umŭè kumi musase.

Presentemente o negocio da borracha está mau, morreu; por isso vou dar só um barril (de polvora) por uma carga.

ŭakapana kadi tusaŋgasaŋga čia akaje aêtu.
Dará ainda missangas para as nossas raparigas.

nakapana ni kaxi, bŭate.
Darei, muitas não.

ŭaméne kali mutaro mŭakéne mŭéne ŭasalele mu čikasa?
Viu já o grande golpe que elle fez (tem) na mão.

ŭasaleʼ iči ečiki?
Como fez isto?

ŭasotele kukatula mŭeŋe mŭajima →←, ŋaka utŭikéne mu čikasa, i zá! maxi mavudi.
Queria cortar uma canna grossa e a faca resvalou na mão, feriu (fez) e muito sangue.

mŭana kaki ŭámi ŋoloxe ŭahŭa mu paxi ŭa ditada, ditada dibulile mutŭè ŭedi, i lelo čitata čijima ečŭ tŭamana.
O meu filho mais novo hontem caiu do banco, o banco bateu-lhe na cabeça, e hoje tem a ferida grande (que) nós vemos.

itata mu mutŭè ŭaipe (čiŭapelepe).
As feridas na cabeça são más (não são boas).

ana abada atŭaŭŭa ači akubŭika kali ni tučikuŋo; mive masuta aseba kaezape kali kŭa musuba.
As filhas dos soberanos tapam-se (cobrem-se) com farrapos; ha annos (annos passam), e os negociantes já não chegam á capital.

akŭaruda amana kali malu ŭaŭ; ači mŭatŭaŭŭa ni éne kaŋana mŭiji ni kaxi, i niŭaŭ ači aijikile kudŭa ni ŭape ŭata ŭainaŭ ni kaŋana kusala matedu kudi ačŭoko, asŭiŋe paŭ kamenepe malu mŭamo.
Os da Lunda estão soffrendo o seu castigo; se os soberanos e elles não fossem ladrões, e tambem se soubessem governar-se e não fizessem desordens com os seus vizinhos Quiôcos, não soffriam como soffrem.

kasŭè ŭasŭeji, isoso itŭika! tala bili, isoso kaŭape mu ikubo isŭiŋa.
O fogo é demasiado, as faiscas voam, repare não vão as faiscas para as cubatas proximas.

učukʼ u naméne (nataméne) peúlo (bu) ulalo ŭámi ŋoka
Esta noute encontrei (vi) sobre a minha tarimba uma

ŭajima; mŭamo ← → ŭakĭepe, naid̃améne katažuka tuxalapoli tŭezaṅi kuḡŭanexe kumujipa.	grande cobra; precisei chamar os meus servos para que viessem todos ajudar-me a matá-la.
tukŭete maĭala ma kasŭè[1]*, kaḡana p̃aka ŭa kasŭè*[2]*; suka éne jip̃aka jivudi i atŭixa kusŭipa ni êtu.*	Temos pederneiras e não temos fusis; mas (como) elles (teem) muitos fusis, podem trocar comnosco.
tupana ač̃i tuṅí ač̃i tutano tuĭala i tutab̃ula p̃aka umŭè, mahŭi?	Damos quatro ou cinco pedras e recebemos um fusil, não é assim?
lod̃a mŭari mŭixi kujipa ni ŭape, lelo, žala ŭêtu.	Diga ao cozinheiro (para) matar hoje bem a nossa fome.
mŭéne ŭaleja kud̃ia kŭapŭa kali.	Elle diz (que) a comida está prompta.
ixi eĭ idi iŭape, čĭeneči ikŭete miĭa mivudi, katŭatŭixilepe kumud̃ia.	Este peixe é bom, mas tem muitas espinhas, não pudemos comê-lo.
naṅi uneténe lukaḡe ôlu?	Quem trouxe esta gallinha de mato?
musoṅi ŭeĭ ŭalutabulile kudi alŭa ŭa mŭéne luhad̃a kŭa kulŭakexe ku eĭé.	Teu primo recebeu-a dos portadores do sr. Luhanda para t'a entregar.
čĭaŭape; čĭaḡukata ni vudi lukaḡe kumŭoxa.	Muito bem; eu gosto muito da gallinha de mato assada.
ia kuná mukaxi i neta ŭámi mŭeḡe ŭa žâvo ni ŭape.	Vae lá dentro e traz um ananaz bom (maduro).

---

[1] «Pedras de fogo» (pederneira). As das espingardas teem vocabulo especial.

[2] «Facas de fogo» (fusis). Tambem os das espingardas teem vocabulo especial. Tanto estas pedras, como as facas, indicadas uma vez na conversa que são para fazer fogo, se entende serem pederneiras e fusis.

kuñupŭa lelo avudi, muloña naïile palepa naeḏele diči-ko ḏiôso čadi kŭimane ku jiñŭadi.

Fatiguei-me hoje muito, porque andei todo o dia sem parar a procurar perdizes.

mŭéne masaka ŭalañixa muruḏaneḏi énu mŭata, i mŭéne ukusota ámi nilej' énu: ámi mŭéne masaka nilaḇul' énu jimana eji jĭa ñoluño ni jisaba jisato jĭa marufo kŭénu, ni čipaïa eči čĭa uña čĭa kabaka kudi ana ŭénu.

O sr. Massaca cumprimenta o seu amigo, senhor, e quer (que) eu lhe diga: eu sr. Massaca vos offerto esta carne de veado e tres bilhas de vinho de palmeira para vós, e este cesto de farinha de milho para vossos filhos.

akačilula mŭéne masaka eči ámi, kiñuri, čiañukata ni vudi mŭéne kuñuvulukama ḏiámi ni an' ámi ni milaḇo ŭape.

Responderão ao sr. Massaca que eu, Quingúri, muito folgo de elle se lembrar de mim e de meus filhos com um bom presente.

xa muteba utumix' eĭ katŭi aka čĭa kuḏĭa pa urŭel' ŭeĭ, ni kaloño aka čĭa mŭana muḇaḏa ŭeĭ.

O superior Muteba manda-te este coelho para o teu jantar, e este papagaio para tua filha.

akaloḏa[1] *xa muteba: murudanámi najikitixa jivudi kaloño ni katŭi, i mŭana muḇaḏa ŭámi ŭaileḇele xa muteba kŭitia mukudikine omu ḏia xiño, mŭén' eḏi ŭasalele čĭa mŭari čĭa muruḏanámi xa muteba.*

Vão dizer ao superior Muteba: meu amigo, eu agradeço muito o papagaio e o coelho, e minha filha roga a Muteba acceite este collar (que) ella mesma fez para a senhora do meu amigo, superior Muteba.

ačĭoko aḏĭokene polo paŭ ni aitĭajana ači kumŭañexe mu

Os Quiôcos sairam dos seus sitios e combinaram re-

[1] Elles empregam o futuro quasi sempre no sentido de acção immediata.

kaŭeda, ni dĭa aeda aôso pa kalaṅi, tumŭè ku muŭuda, tukŭaŭ ku mŭuro.

unir-se em Cauenda, e d'ahi todos marcham (seguem) para o Calânhi, uns para baixo (norte), outros para cima (sul).

kaĝana kuxakama, maṽula kakutulekape kali. kŭeda ni ŭape, ači kuxakama kadi čiaipe.

Não se demore, (porque) as chuvas nào nos deixam já; andar bem, demorar-se (é) ainda peor.

nikusota kumona ači nikutuƀuka pa kŭaluka ĝode, aĩu aôso ŭámi akudila ni žala.

Quero ver se parto para o mez que vem, (porque) toda a minha gente chora (padece) com fome.

iči čieza kŭiji kŭedi, namulejel' edi čikuro eči tuĭa ni kŭeda, mŭamo kuxakama mačiko maôso, katŭatŭixilepe kumutŭala.

Isto succede (vem) por culpa d'elle, eu disse-lhe antes (ha muito tempo) que a demorar-se assim sempre (todos os dias) nós não podiamos acompanhá-lo.

mona kiseĕe ŭita murudanedi mŭata lufuma umutumixa pŭelete ni mono, mŭéne ači ŭaĭela polo pedi nŭa.

O sr. Quissengue pede ao seu amigo o sr. Lufuma que lhe faça enviar uma garrafa com remedio para, quando elle está doente no seu sitio, tomar (beber).

iki kiŭapelepe padi, uĭeji ni mono ŭedi.

Isso não (é) bom (não pode ser), para cada doença seu remedio.

nitoĝa eči kakima ŭemixa.

Julgo que a macaca está prenha.

činĭijikape ači ŭemixa ači ŭaĭela, čieči nĭijika činimana divumo dĭedi dĭajima, mŭamo dĭoke dĭa čibaĝo.

Eu não sei se está prenha ou doente, o que sei é que vejo a barriga d'ella grande, assim saiu do Chibango.

dĭa uruda ŭape katŭixape kudĭoka dizŭi dĭipe.

Da boa amizade não pode sair uma palavra má.

nïitïa mazŭi maôso maŭeï, adïokele mukano dïa murudïa mŭape.
Acceito todas as tuas palavras, sairam da bocca d'um bom amigo.

ulek' ámi ači mu mazŭi ama ámi ŭatana (ŭamana) umŭè kaŭapelepe kudi eï; činikusotape čïa murudïanámi.
Desculpe-me se nestas minhas palavras está encontrando (está vendo) alguma não boa (que não é do seu agrado) para si; eu não quero mal ao meu amigo.

tala, kumaṅika uxadi ŭa. ah! mŭake! nimana ažaje ïa maṅika[1].
Veja, relampejar na outra banda. Ah! senhores! vejo linhas de fogo.

mu itikita eï rukidïo rŭapepe ni usŭa uvudi.
Nestas florestas o vento sopra com muita força.

učuk' u kabŭa kakïepe kafŭa!
Esta noite o cãozinho morreu!

mŭake! čïipe! tažuka ğağa ŭakéne ŭa kukoïba pa dïoda pa ôso pa fil' aï[2].
Oh! senhores! isso é mau! Chama um bom curandeiro para limpar todo o logar onde elle morreu.

ŭaïjika ni ači kabŭa kakïepe kaṽalele muloga ŭačilumén' edï?
Quem sabe se o cãozinho nasceu porque tem inimigo d'elle? (por conta d'algum inimigo?)

ah! ka! ka! ğoloxe nalotele kabŭa kakïepe kafŭa, čïoŭma čïipe čikusota kuğutana ku mujïba kŭámi.
Com os diabos! (praga) hontem sonhei (que) o cãozinho morreu, cousa má quer achar-me no meu corpo (está para me succeder).

pekila muṽu katataka ŭamusal' eï nïipe, urŭele kamo
Não ha pessoa agora que te faça mal, depois se entras a

[1] «Raios de alumiar». Entre elles não ha vocabulos especiaes, como entre nós, para designação de coriscos, faiscas electricas, etc.

[2] Phrase especial para indicar onde jaz o corpo insepulto.

ači ečé ŭaḏama kudĭa ŭata utale bili ălolo à koli kŭeĭ éne akŭete ifŭa, akakusota katataka mŭana mŭatĭaṽŭa kumusŭanexe mu ŭata i lele aitĭajanene kudiḏan' eĭ i kujip' eĭ.

governar o Estado, repara sempre nos grandes da tua côrte, elles teem o costume de procurar immediatamente um filho de soberano para o fazer herdar o Estado, e então combinarão enganar-te e matar-te.

čiakéne, mahŭi, kaĝana ni kŭeḏa kupolo čakadi ŭasaḏele kuloḏa ni ălolo aôso, ači éne asotele kuĝusŭanexe katataka akataẑuka kali, mŭana mŭatĭaṽŭa mičima ahinaŭ.

É verdade, é assim, não dou um passo sem primeiro fallar com todos os grandes, se elles querem substituir-me vão já chamar (chamarão) o filho de soberano da sua vontade.

amučibŭile maĭala, ni mŭéne ni ŭoma ŭačinine.

Apedrejaram-no, e elle com medo fugiu.

mŭeḏu ŭa ditaḏa ŭakubukuka.

A perna (pé) do banco quebrou-se.

PARTE III

SYNTAXE

I

RESUMO SYNTHETICO

Regencia

Se examinarmos as phrases isoladas, ou melhor, as suas curtas locuções, vemos que observam uma certa regularidade. Ex.: *ámi nĭia kŭa ruda* «eu vou para a Lunda»; *ečŭ tŭadĭa xitu ni jĭjĭlo* ou *jixia* «nós estamos comendo carne com um fructo[1]», etc. Fora d'isto, porém, é sempre muito irregular.

Se ás ligações dos seus vocabulos, que variam segundo os prefixos d'estes, podemos chamar, como eu suppuz, preposições, teem elles todos os complementos que nós temos, porque dizem o que comem, o que bebem, o que fazem, a quem dão de comer e o que dão, e porque o dão; etc. Ex.:

noeji ŭasalele (ŭasala) ditada dimŭè kŭa mŭata.
Noéji fez (está fazendo) cadeira uma para o senhor.

mŭéne ŭabujile mutŭè mŭa mona mak' ŭedi.
Elle quebrou a cabeça do irmão d'elle (seu).

ečé ŭabudikile ni pupo ŭámi.
Tu saiste com o barrete meu.

---

[1] Fructo acido, da grandeza de uma ameixa, amarello claro, rijo e que cozem; tem um sabor que lembra o das azêdas.

Concordancia

Os adjectivos concordam com os substantivos em classe e numero, como já se viu na morphologia, e os verbos com os sujeitos em numero e pessoa pelos seus prefixos especiaes, e tomando os dos substantivos se se trata de objectos. Ex.: *čĭoŭma eči čidi čiŭape* «cousa esta é boa».

Se houver dois ou mais sujeitos pronominaes, contrahem estes no plural, segundo a preeminencia determinada pela ordem das pessoas grammaticaes, e assim dizem: *ečŭ* «nós» em vez de *ámi ni eĭé* «eu e tu» ou «eu comtigo», tomando o verbo o prefixo correspondente; *énu* «vós» em vez de *eĭé ni mŭéne* ou *eĭi* «tu e elle», ou de *mŭéne ni eĭé* «elle comtigo», tomando então o verbo o prefixo correspondente á 3.ª pessoa do plural, por ser mais de um (vocês); *ámi ni énu* «eu comvosco» e *énu ni ečŭ* «vós comnosco», como o primeiro caso; e *énu ni éne* «vós com elles» e *éne ni énu* «elles comvosco» como no segundo caso, que elles representam quasi sempre por *aéne* ou *éne aôso*.

Quando se trata de diversos nomes de pessoas, depois de os declarar, ligando-os por *ni,* collocam o verbo na terceira pessoa do plural antepondo-lhe *aôso* (todos). Ex.: *muteba ni muhoŋo ni ĭavo aôso akumukŭataṅi mukaža* «Muteba e (com) Muhongo e (com) Ianvo todos prenderam o Mucanza».

Sempre que se indica a occasião, o tempo em que se pratica a acção de que se dá conta, o adverbio respectivo occupa o primeiro logar na oração. No exemplo anterior collocando antes do primeiro sujeito *ŋoloxe, lelo, dĭakŭadĭa, učuk' u,* etc., indicar-se-ia que aquelles tres individuos effectuaram a prisão: «hontem, hoje, ante-hontem, esta noite, etc.».

Sempre que ha complementos terminativos seguem estes os verbos e succedem-lhes os objectivos; nos circumstanciaes, não ha ordem fixa, é o que primeiro lhes occorre que se vae juntando áquelles.

Nos exercicios praticos se tem feito conhecer todas as regras de syntaxe, e por isso, e porque ainda em novos exercicios estas se tornarão salientes, ocioso seria apresentar agora novos exemplos.

Construcção

Quando se trata de orações isoladas, pode dizer-se que a construcção usada é a directa, como entre nós; porém nos seus discursos, descripções e noticias reconhece-se bem ser a construcção indirecta a mais usual.

Pode dizer-se que a sua construcção não é mais que juxtaposição de orações e de vocabulos, sendo preciso muitas vezes grande pratica para se conhecer de quem se trata, que é geralmente quem falla, porque demais é frequente o emprego de todas as figuras que conhecemos em portuguez: ellipse, syllepse, pleonasmo e hyperbato.

Sirva de exemplo o seguinte commentario[1] de uma occorrencia que se deu:

---

[1] É necessario que se saiba que o Ambanza Madamba acompanhava com a sua comitiva o Muatiânvua, e uma parte d'ella, sem licença e mesmo sem conhecimento d'este ultimo, num dos acampamentos anteriores procurou um caminho mais pelo sul (lado de cima) e foi passar um rio, aquem do qual estava o Muatiânvua acampado com sua gente; e tambem que além d'esse rio eram as terras dos Tabas, que se consideravam em guerra com os Lundas, defensores do governador d'estas terras, que aquelles haviam derrubado do poder e assassinaram, prendendo toda a gente que lhe pertencia e que não poude escapar-se, e fazendo prisioneiros que depois vendiam.

As compras eram feitas em troca de polvora e armas, e portanto os que acompanhavam o Muatiânvua, que seguia para a Côrte, queixavam-se da parte da commitiva do Xa Madamba, que se adiantára ás occultas, não só porque ia fornecer aos inimigos dos Lundas armas e polvora, mas ainda porque levava para as suas terras gente Lunda, por suppor que nesse numero entravam parentes dos que acompanhavam o Muatiânvua.

UM GRANDE DA CORTE

xa madaba[1] *ŭasala ni ipe, aka mŭéne ŭasuta kunoŭko*[2]*, ŭalek' an' edi*[3]*, ači akasutani*[4] *ululo, makauke čiubŭè makaĭ é*[5] *ku mataba, kŭa biji ni kauza ni kŭilad' atu*[6]*?!*

O Superior Madamba está fazendo mal, então elle está passando aqui, está deixando filhos d'elle, passarem em cima, atravessarem (rio) Chiúmbue, irem até Mataba para o Ambínji e Caunza, comprar-lhes gente?!

aka mŭitia ôvŭa ači, kamuleja mŭatĭaŭŭa kutumixa alŭa zakó[7]*, eči ačilŭixa aibagala kagana aĭa ni kuladixa difada ni mata kudi mataba*[8].

Então o Muitía, ouve, diz: eu direi ao Muatiânvua para mandar portadores, vir aqui, que façam voltar os Bângalas, não vão vender polvora e armas aos Tabas.

RESPOSTA DO MUATIANVUA

kumutazukani mem' tudo[9] *ni ĭavo a ŭane*[10]*, akamutane za-*

Chamem o Agua-Amarga e o Ianvo de Uane, vão en-

---

[1] Era um grande, potentado chefe de uma commitiva de Bângalas.

[2] «Junto de nós». No caso sujeito era comnosco.

[3] Comprehende-se bem que são tres vocabulos *ŭaleka ana edi.*

[4] Futuros do subjunctivo indicados no primeiro por *ači* e nos outros pela letra *m* antes do prefixo, o que lhes evita a repetição do *ači*. Devia o primeiro terminar em *e*, porém o *ani* «indicando todos», fê-lo desapparecer.

[5] *té* abreviado em *é*, fazendo-se a contracção do *e* final do futuro.

[6] São dois vocabulos *kŭilada alu* (*atu*, pron. diversa «gente»).

[7] *zakó* abreviatura de dois vocabulos — *kŭiza* «vir», *kunoŭko* «aqui». Subentende-se — para receberem as suas ordens.

[8] *kudi mataba* «pelos Tabas».

[9] Nome de guerra de um chefe de diligencias *(kakŭata)*, que tem esta interpretação.

[10] *uane* é o nome da mãe d'este individuo que se chama Ianvo, e que fica sendo o appellido de familia para destaque de outros que tenham o mesmo nome.

vo[1] *buǧulo, akaičilŭixi aibaǧala, ači aleka kŭiz' ako čilŭixani mulŭa, eza kuno aǧuleje ni mŭažuka*[2] *maǰita akŭikasa.*

contrar o grande Bungulo, para fazer voltar os Bângalas; se recusam (deixam de) vir aqui, façam voltar um portador, para dizer-me, e eu mando-os com guerras, para os prender.

O AGUA-AMARGA (Apparecendo)

mŭéne maǧada, namutažukine murudaneĭ xa madaba mulej' eǰi atŭažuke mŭan' eǰi muloǧa p' adi[3] *umŭè, an' eǰi asutil' a*[4] *dialulo.*

Senhor das terras, convidei o seu amigo o Superior Madamba, fazer-nos acompanhar de um filho d'elle, para buscar os filhos d'elle que passaram lá em cima.

RESPOSTA DO MUATIANVUA

mŭaniê, čiaŭape.

Sim senhor, muito bem.

Na interpretação livre em portuguez, vê-se bem que a construcção seria muito diversa.

Outras narrações fidedignas de diversos Lundas, que consegui escrever e de que darei conta, são os melhores exemplos da sua construcção.

---

[1] *žavo* «elephante» como é o maior animal que conhecem, adoptam o vocabulo para indicar grandeza, superioridade. Como houvesse duas auctoridades, ambas com o titulo de *kalala*, o principal era *žavo* e como seu estado era do *buǧulo* por isso o denominavam *žavo buǧulo* «Anzavo Bungulo».

[2] *kuažuka* «acompanhar, soccorrer», *mi* em logar dos encarregados da diligencia que esperam a volta do portador.

[3] *p'adi umŭe* em logar de *pa adi umŭe* «de dois um; algum», porque se trata de um numero indeterminado.

[4] *asutil'a*, contrahiram-se as duas vogaes mudas *e* e *u* (*asutile ŭa*) «passaram lá».

O narrador colloca-se sempre no logar das pessoas a quem se refere, e por isso, depois de as indicar, diz *ac̃i,* e o que se segue, é como se fosse dito pelo proprio.

Exemplo:

tŭaméne sŭana mulopo kuxika pane, ac̃i: ŭeza kŭipula kudi mŭata lusag̃o lŭa muruḏaneĭ čiseg̃e; eču tŭovŭa ana čiseg̃e; ac̃i: tŭakusota kŭez' ako kulŭaj̃ita niat̃' ŭa mŭatĭaṽŭa; ámi lufuma namučilŭile: kag̃ana, at̃' ŭa čiseg̃e kŭiz' ako kuloḏa mŭata muruḏanéne, kutumixa alŭa akuĭa kudi b̃ij̃i ni xa ṅaṽŭa, kanovŭape mazŭi mateḏu ni mona mak' ŭeḏi mŭatĭaṽŭa.

Vimos o principe herdeiro chegar aqui, diz: venho perguntar ao senhor noticia do seu amigo Chissengue; nós estamos ouvindo filhos de Chissengue; dizem: queremos vir aqui combater com o povo do soberano; eu Lufuma (o que falla) respondi: não senhor, o povo de Chissengue vir (veiu) aqui fallar ao senhor (o patrão) amigo d'elles (povo) fazer mandar (mande) portadores vão ao Ambínji e Superior Nhanvua; não ouço palavras de desordem (más) com seu irmão o soberano.

Para quem pela primeira vez visita estes povos, tal forma de construcção dá motivo a confusões, que augmentam segundo o numero de pessoas que se querem apresentar ao mesmo tempo, accrescendo as interpolações especiaes ou referencias incidentes, e succedendo varias vezes tornar-se difficil a ligação do assumpto.

Em geral, mesmo entre elles, só no fim de longos periodos se pode bem comprehender o assumpto de que se trata, porque além das juxtaposições, elles, ouvindo um áparte, respondem a este e só tarde voltam ao assumpto.

Não devemos esquecer ainda que limitam as respostas, na maior parte dos casos, a repetirem os verbos nos mesmos tempos e pessoas em que se faz a interrogação, como se disse na morphologia. Ex.: Já comeste hoje? Comeste. Chegaste hontem? Chegaste. Fallaste a F...? Fallaste.

Tambem *kadi* (ainda) é empregado para confirmar acção passada. Ex.: Foste ao Muatiânvua? Ainda. Já levaste as cargas que mandei? Ainda.

Syntaxe figurada

Todas as figuras são por elles muito usadas, como está dito; porém accrescem além d'estas as abreviaturas, que mais concisas tornam as suas respostas. A extensão dos discursos é devida ás juxtaposições, repetições e rodeios de que se servem para attingirem o seu fim. Entre elles é considerado bom narrador o que se tornar mais extenso.

Exemplos de figuras:

ikuj' iŭape «É um bom homem»;

mŭata ... ŭaxal' eči? «o sr. F... está ficando como?»;

ŭaxala ŭape «está ficando bom, está de saude»;

novŭile ni matŭi maadi «ouço com os dois ouvidos»;

dizŭi dimŭè «uma palavra, só tenho uma palavra»;

tŭaĭaṅi luṽula lŭeza kali ŭasŭeji, tubŭikaṅi čikubo, tŭajiĝama mumu «vamo-nos, a chuva vem já impetuosa, tapemos uma cubata, escondamo-nos dentro (vamos concertar uma cubata para nos abrigarmos da muita chuva, que é de esperar que vá chover muito)»;

kima ŭamona mukila ŭa mukŭaŭ kulepa «o macaco está vendo comprido o rabo do companheiro (vês defeitos nos outros, não conheces os teus)»;

ŭadimuka kuloda, kutula paxi, kaĵana kuloda kasu dizŭi dia mŭamo «o esperto fallar, por alguma cousa no chão, não fallar só palavra de bocca (se queres ser attendido faze-te recommendar).

OBSERVAÇÃO. — É costume, nas assembleas, os que teem demandas a apresentar para o potentado as resolver collocarem no chão deante de si o que trazem de presente ao potentado, para este lhes conceder a palavra e attender á sua queixa.

Muitos exemplos de comparação e figuras vamos encontrar na parte pratica e por isso terminâmos esta secção com este:

ãĉi ixidi ivudile katusotelepe kutuxakama ni aruda.
Se cargas abundam, não queremos demorar-nos com amigos.

II

DESENVOLVIMENTO PRATICO

Phraseologia

Phrases vulgares

malugŭila mavudi.	Faz muito calor.
mačika mavudi.	Faz muito frio.
luṽula lŭeza.	Vae chover.
unoka luṽula kali.	Está chovendo.
kunoka luṽula.	Chove.
kusaxiña ou *kumañika žaje.*	Troveja.
nañi?	Quem é? (Quem bate á porta?)
čioŭm' eči?	Isto para que serve? O que é isto?
eié nañi?	Quem é V.?
nivudi eči nikŭete muxima.	Com tanto que eu seja livre.
eči muxima ŭovŭa.	Que o coração sinta.
čimŭine	Não me importa.
dizŭi diêtu.	O nosso dialecto.
texa bili.	Attenção.
ôvŭa kŭámi.	Protege-me.
diámi dieči?	O que pretendes de mim?
katatak' eči namane muxima ŭatoka.	Fico satisfeito quando vejo.

mësu akuméne čia muxima kunona.	Com os olhos se escolhe.
utal' ámi.	Conte commigo.
čimŭamo.	Seja como dizes.
mŭape muču kŭeč.	Estou á sua disposição.
muxima ŭape kŭeč.	De boa vontade.
novile kali.	Fico sciente.
eč mahŭè.	V. está com pressa.
čidil' eči?	O que se passou?
namane mŭamo.	Sou franco.

Phrases para offerecer

usot' eči?	Que quer? Que pretende?
muxima ŭeč uman' eči?	O que deseja?
mijikita ečike nitŭixa kumusala.	Em que posso servi-lo?
nakamŭakexel' eči?	O que posso offerecer-lhe?
nimŭakexe umŭitia.	Offereço-lhe para que acceite.
nimŭitia ku eč.	Acceito para ser-lhe agradavel.

Phrases para conceder

nëtia mu iki.	Consinto nisso.
ni muxima utoka.	Com muito gosto.
mŭamo nikumusota.	Estou ao seu dispôr.
ku eči kŭeza nitŭixa.	Farei o que possa.
čiakéne ači nitŭixa kumusala.	Farei se puder.
kŭituna čioŭma čimŭè nalike.	Não posso negar-lhe cousa alguma.
čiaôso čiámi čieč.	Tudo que é meu está ao seu dispôr.
ači kusota kŭámi ŭafa usani.	Se precisar de mim não se constranja.
nidi dizŭi dieč.	Fico ao seu dispôr.

dizŭi dimŭè dĭeĭ divudi.	Uma só palavra sua é bastante.
či eĭé kusota nasŭapali.	Estou prompto para o que quizer.

Phrases para pedir

čisaĭo čĭa kŭiĭ' eĭ.	Tenho um favor a pedir-te.
nĭileĭ' eĭ kuğulek' ámi.	Supplico-te que me desculpes.
novŭa ni kaxi kumulabexa.	Sinto muito importuná-lo.
nital' eĭ ači kağana?	Posso contar com V. ou não?
bai kutuna iki.	Não me recuse isto.
kuğŭaka čisaĭo nĭiĭ' eĭí?	Concede-me o favor que lhe peço?
utoka muxima kŭámi.	Seja benevolo para commigo.
jikitixa ivudi.	Muito agradecido.
mutena kŭiso nimumane ni kuloĭa?	A que horas lhe fallo?
tumana apala mixima bŭate.	É difficil distinguir os bons dos maus.

Phrases para recusar

iki nalike.	Isso de modo nenhum.
iki čĭamipe.	Não me pertence.
kovŭa mŭamo kaĭí mudi mŭata.	Sinto tanto como o senhor.
nĭileĭa kuğuleĭa ni kaxi.	Peço muitas desculpas.
kağana lelo, dičiko dikŭaŭ.	Fica para outra vez.
kadipe kŭiji kŭámi.	Não é por minha culpa.
kadipe kŭámi.	Não depende de mim.
novŭa kulek' eĭ.	Sinto deixar-te, abandonar-te.
ŭaxala ŭakéne čĭámi čĭeĭ.	Fique certo, o que é meu está ás suas ordens.
nasotele kusala ači ŭatŭixile.	Faria se pudesse.

Phrases para dar e receber agradecimentos

vudîê, tátuko.	Muito obrigado, senhor.
nëjikile muxima ŭeĭ ŭape	Sei que tem bom coração.
kanikutŭixape kuvulama muxima ŭeĭ mŭamo mŭape.	Não posso esquecer a sua bondade.
čiasala kŭámi ni ŭape kuğuvulama bŭate.	Não me esquecem os beneficios que recebo.
nidi eĭé jikitixa ni kaxi.	Estou-lhe muito obrigado.
nakata muxima ŭámi makasa ŭedi.	Fico-lhe eternamente reconhecido.
iki kiŭapelepe.	Isso não vale a pena.
čiahŭi bŭate. kŭikil' eči.	Não por isto. Não ha de quê.
mŭata čiakéne čiaŭape.	O sr. é verdadeiramente bom.
ŭitia kumuteka mu muxima ŭámi.	Receba os sentimentos da mais profunda gratidão.
nikumusudioxa ni kaxi.	Dou-lhe demasiado incommodo.
kaijipe mudi nitŭixe kujikitixa kŭámi.	Não sei como possa agradecer-lhe o que tem feito por mim.
čiağukata kumusal' eĭ ni ŭape.	Folgo de lhe ter sido agradavel.

Phrases para consultar

ŭasalel' eči ači ámi?	O que fazia se estivesse em meu logar?
ámi ači eĭé nasotile kusala.	Eu em logar de V. fazia...
nisal' eči?	Que é preciso que eu faça?
ači ŭitia nakaleja kali čieči nitŭixa kusala.	Se me quer acreditar, eis o que eu faria.
kaijipe, čia mujikita.	Não sei, é difficil.
namane bai manağ' oŭ.	Ha um unico meio.
utoğa bu čioŭma eči?	Que pensa a este respeito?
muxima ŭeĭ ulej' eči?	Qual é a sua opinião?

ŭaiĕga.	Creio que tem razão.
ámi mudi eĕé.	Sou inteiramente do seu parecer.
kumŭeza kusala mŭamo?	Faria o mesmo?
naméne ni ipe ni kaxi.	Procedi muito mal.
tala bili, nimane manaĕo.	Espere, resta um meio.
kuĕulej' iki iŭape.	É este o seu conselho?
čiakéne čiakuloďa čiaŭape.	Com effeito a sua idea é muito boa.
umana jike?	Que lhe parece?
nikusota kusala mudi eĕé umuleja.	Estou resolvido a proceder como me aconselha.
muxima ŭámi umŭovŭa mŭamo.	Esta é a minha opinião.
kŭikila manaĕo mukŭaŭ.	Não ha outro meio.

Phrases para affirmar

katumenepe kaďi čioŭma čiakéne mudi eči.	Nada ha mais verdadeiro.
nakamusala kumana ni ŭape.	Eu lhe apresentarei as provas.
kaŭaďa, čiakéne kamo.	Juro-lhe que é verdadeiro.
nikŭete kaso dizŭi dimŭè.	Dou-lhe a minha palavra de honra.
niloď' eĕ kŭapŭa.	Prezo-me de ser verdadeiro.
iki idi ìakéne.	Isto é certo.
ovŭa ni ŭape činileja.	Fique bem persuadido.
utŭixa kuĕŭitia.	Affianço-lhe.
aĕi usutile mudi naméne.	Garanto-lhe o facto.
nĕijika ni ŭape činimana.	Posso asseverá-lo.
nileja kaso čieči nimane.	Affirmo o que vi.
nidikija ŭaiĕga muxima ŭa toka.	Tenho provas convincentes.
aĕi kinamunenepe bai namulejele.	Asseguro-lhe porque vi.

Phrases para negar

kakenepe.	Não é verdade.
ačí udiba.	Engana-se.
čidip' iki.	Não é isso.
čimŭamope.	Não é assim.
iki makaso.	Isso não é verdade.
nikuleja kamo kaǧana.	Asseguro-lhe que não.
namuleka ni usŭa.	Nego-o formalmente.
kanitŭixape kumŭitia.	Custa-me a crê-lo.
kanamenepe makaso mŭamo.	Não ha nada mais falso.
ŭaméne ni ipe.	Está em erro.
čiŭakuleja nalike.	Não acredito.

Phrases de duvida, surpreza, admiração, etc.

mŭamo ǰike!	Como assim!
mŭake! čakéne mŭamo!	Oh! essa é a verdade!
mŭam' iki! mŭamo ǰike!	Pode ser isso!
mŭata kuǧŭixímukine!	O sr. surprehende-me!
čid' iki čikuǧuximuka!	Eis ahi o que me espanta!
nĭitia ni mujikita mudi ŭakéne!	Duvido que seja verdade!
ŭitia ŭape čiŭaleja?!	Está bem certo d'isso?!
čeneĕ čidi kuximuka!	Isso admira-me muito!
iki kanitŭixape kumusala!	Para mim é impossivel!
čioŭma mudi eči kanamenepe!	É uma cousa inaudita!
čiaŭape čivudi!	É admiravel!
kali kamo naméne čioŭma mŭamo!	Nunca vi nada assim!
mud' iki ikakupŭixa!	Como isto acabará!
čiakéne čivudi!	É uma grande verdade!

Phrases de alegria

ahuhé! čiaŭape!	Oh! que felicidade!
mudi ámi naiǰuluka!	Como eu sou feliz!

zaḑi či noéji! čiaǧukata čivudi!	Por Deus! Como estou contente!
naiḑuluka ni kaxi mŭamo!	Estou satisfeito com a minha sorte!
kaiǰiape kujiǰixa čisaḑo natabulile!	Não posso occultar a minha satisfação!

Phrases de afflição

ŭaiḑama namukasa.	Opprime-me a desgraça!
iki ŭa ipe ivudi.	Isto é muito triste!
čiaǧuxima ni kaxi!	Dá-me muito pesar!
kuǧumana ni muxima ujala!	Vê-me muito afflicto.
muxima ŭámi ŭakasa.	Estou desanimado!
muxima ŭámi umane kaso musoǧo!	Soffro muito!
čioŭma čiipe mudi eči muču kanamenepe!	Nunca se viu tanta maldade!
aôso amona, malu musoǧo ŭámi ukusota mausŭa majima kaǧana ŭámi!	Soffre-se muito, mas a minha dôr é superior ás minhas forças!

Phrases de colera, exprobração, etc.

nixakama ŭasŭeji.	Estou desesperado.
kanidipe ni ŭape nĭeĭ.	Estou descontente comtigo.
muloǧ' eči ači ŭasŭeji ni ivudi?	Porque se zanga tanto?
aǧusalana ni kaxi.	Offenderam-me muito.
eĭé muxima ŭajala.	V. é um malvado.
čakadi usɛĭne.	Não tem vergonha.
ači akŭaxidi ĭavudile mu kuṗata maruḑa mafŭa.	Se os invejosos augmentassem acabavam os amigos!
usɛĭne ŭafŭa muxima ŭajimane!	A sua consciencia accusa-o!
mutŭè ŭeĭ udi kŭiso?	Perdeu a cabeça!
ah! ka ka! kaĭaḑa! ači amukŭatani, amujipani katataka!	Com a breca! se o agarrarem matem-no immediatamente!

Dialogos

Para conversar

ia kumana naṅi poli pa.	Vá ver quem está ahi fóra.
mŭata buĝulo ukusota kulod' eĭ.	O sr. Bungulo que pretende fallar-lhe.
mŭata kiseso eči ŭeza kumulaĝŭixa.	O sr. Quissesso que vem cumprimentá-lo.
mulŭa eči uxikile ĝoloxe ŭa rŭebe.	O portador que chegou da margem do Luembe.
umutuma kŭadama kŭa čiota[1] ni lej' edi ámi nŭia kali kŭa.	Mande-o entrar para a sala grande (locutorio), e diga-lhe que eu já lá vou.
amŭata ámi, amŭari ámi, mučima ŭámi ukusot' énu dičiko diŭape.	Meus senhores, minhas senhoras, desejo-lhes um bom dia.
neza ni kŭilaĝŭixa.	Faço-lhe os meus cumprimentos.
uloĝo, mŭéne ĝada, ∞ tátuko, ✝ tátuko vudiê, neza kumutuma mŭata kapeda, selej' ámi, kalobo ∞ ači nikusota kŭijika ači mŭata ni mŭari, mŭanŭê či noéji, ⓘ ŭalala učuko ŭape, ∞ kaluĝa! kuĝutŭixa kumana lelo mu tetame; lusaĝo ✝.	Viva, dono da terra, pae, pae a quem somos agradecidos, venho de mandado do sr. Capenda, meu amo, grande, elle me encarrega de dizer-vos: eu quero saber se o potentado e a senhora, por tudo que ha de superior! tem dormido muito bem, fortuna! se me puder ver hoje em audiencia; tenho dito.

[1] *čiota* é uma grande casa abarracada (a maior que fazem) para conversar, beber com amigos, receber visitas, etc.

čaŭape, ŭeďi; ŭaxakama. — Seja bem vindo; sente-se.

ačí kuğusota ni muxima ŭaxakama[1]. — Tenha a bondade de sentar-se.

muruďanámi lelo ačí kovŭa ǰike? — O meu amigo como se sente hoje?

ulej' eďi najikitixa ni kaxi kua žaďi, či noéji, tŭaxike[2] *ni ŭape, ni tŭakamumana ni muxima mutoka mačiko maôso mŭén' eďi ŭez' ako.* — Diga-lhe que graças a Deus estamos bons, e recebê-lo-hemos com grande alegria sempre que queira vir aqui.

ámi luŭa, či noéji, ŭaiďuluka nidi ni ŭape, nĭita kujikitix' eďi mazŭi maŭape mŭén' eďi čĭuloďa kudi ámi. — Eu felizmente estou bom, agradeço-lhe a sua attenção.

akŭénu[3] *adi ni ŭape?* — Os sêus companheiros estão bons?

naixalele ni ŭape, najikitixa muruďanámi kŭipula kudi éne. — Ficaram de saude, agradeço ao meu amigo perguntar por elles.

kinĭimanepe kali mačiko mavudi. — Ha muito tempo que os não vejo.

akata mu mačiko ama kali kusala mijikit' aŭ, čiahŭi katŭixilepe kŭeza kumulağixa. — Elles teem andado nestes dias occupados com os seus trabalhos, por isso não teem podido vir cumprimentá-lo.

---

[1] Entre elles o tratamento de superior para inferior ou de igual é de «tu», o de inferior para superior é de «vós». Para com o europeu são as phrases de mais attenção as que apresento.

[2] *tŭaxiki* (*tŭaxiči* ou *tŭačiči*) expressão auxiliar muito usada, denotando a existencia do individuo no logar em que falla. Só encontrei este verbo na primeira pessoa do plural do presente do indicativo e não me foi possivel conhecer do seu infinito. Cheguei a convencer-me de que seria contracção de varias abreviaturas e que teria uma tal ou qual relação com *kuxa* «deixar de proposito, collocar, pôr em qualquer logar», vocabulo que tambem só ouvi empregar no infinito.

[3] *akŭénu* (*akŭa énu*) «os de V., seus companheiros».

ni murud̆anámi, ŭaid̆uluka kudi eči tumana kŭikila nŭipe čiŭez' eĭ.

Ao meu amigo, pelo que vemos, não ha mal que lhe chegue.

kaĝana mŭamo mudi uleja, mačiko makumi maadi ni tano masuta nakŭokéne rukid̆o natab̆ŭile, či kuĝuleka kud̆ioxa bu čikub̆o mačiko mačinana kamo.

Não é tanto assim, ha vinte e cinco dias que curei uma constipação, que não me deixou sair de casa mais de oito.

kanaijikilepe ači ŭaxakaméne kuŭela, naileb' eĭ[1] kuĝulek' ámi kakuŭape kumumana.

Não soube que estivesse doente, rogo-lhe que me desculpe não ir vê-lo.

kinikŭetepe kumuleka, muloĝa nŭijikika ŭape mauseĭa avudi aŭeĭ kamulekape kŭbudika akuso aôso eĭé ukusota.

Não tenho de que o desculpar, eu sei bem que os seus muitos negocios não o deixam sair quando quer.

ŭakéne[2].

(Isso) é verdade.

nëzako dičiko dimŭè ni dičiko dikŭaŭ, nikusota kumana mŭari ĝuža, bŭate.

Tenho vindo aqui varias vezes e não consigo ver a sr.ª Angunza.

ŭaile kolo kŭa mŭatĭaĭvŭa muĝod̆e ŭasutile kaĝana kad̆i kučirukine, natab̆ŭile jisaĝo jiŭape, i pa luse ulej' etu kutal' ed̆i kudi mačiko ama.

Foi no mez passado á côrte e ainda não voltou, tenho recebido boas noticias, e por ultimo diz-nos que a esperemos por estes dias.

čiŭeza čiŭape ni usale ŭed̆a mu ĵila ni ŭape, čieči ana mak' ŭed̆i[3] *ni arud̆aniaŭ tŭakusota.*

Que venha de saude e faça boa viagem, é o que nós todos, parentes e amigos, desejâmos.

vud̆iê, kudi ed̆i ni kudi ŭámi, tátuk' ŭed̆i.

Muito obrigado, por ella e por mim, seu pae.

---

[1] *kŭileb̆a* «pedir» no sentido de sollicitar, rogar desculpa, perdão, etc.

[2] Subentende-se *iki*.

[3] Outro modo de dizer «parentes».

mŭata tátuk' ŭeĭ ŭaxala jike?
O senhor seu pae como está?

mu mačiko ama kedipe ŭape (kaŭapepe), ŭaxalele mu ulala.
Acha-se incommodado e está na cama.

novŭa nĭeĭ.
Sinto tanto como V.

nitala kuŭela kŭoka kali.
Espero que seja doença ligeira.

či noéji, mŭamo umutumine.
Deus assim o permitta.

čioŭma čikepe, čieneči ni mive ŭeďi aôso tŭakusota kumumana kŭape.
É pouca cousa, mas na edade d'elle tudo nos dá cuidado.

ŭaiĭga.
Tem razão.

mŭata mona mak' ŭeĭ uxala ŭape?
O senhor seu irmão passa bem?

mŭéne usŭakéne[1] *ni utadi; uŭa ni kŭeďa mačiko maôso kužoďa, ači kunoka luũula ači ŭasala maluĭila.*
Esse tem uma saude de ferro; todos os dias vae caçar, quer chova quer faça calor.

mŭéne usala ni iṕe ni kaxi; musoṅi ŭámi ukŭetile mŭeĭṅe muvudi mu mŭana kaki kaďi; kasotelepe kŭitia jisaĭo jiámi, lelo tŭamumana mudi kaxinakaje ŭafuďamo[2] *ni misoĭo mu mujiďa ŭeďi.*
Elle faz muito mal; meu primo tinha bastante saude quando era novo; não quiz attender aos meus conselhos e agora parece um velho corcovado com dores no corpo.

mačiko mavudi mujiďa ŭeďi ŭafŭa muťu kakutŭixape kuďioka pa ulala.
Ha dias que está como um entrevado sem poder sair da cama.

eču aôso tudi mŭamo, tŭijika kasu kutala moĭo ni ŭape, čieču tŭamuméne pasŭipa pa kufŭa.
Nós somos todos assim, só sabemos apreciar a saude quando a perdemos.

---

[1] Tambem se emprega *ukasakéne* «rijo, duro, de boa saude».

[2] De *kufuďa* «arquear».

uleja ŭape ni kaxi; moĭo čidi čipeto čĭakéne čivudi čĭeči eču tukuteka čĭip̃e čikamo.	Dizes bem; a saude é um thesouro que nós não sabemos conservar.
ninaṅi ukulod̃a! nikŭete mŭeĭṅe mŭape, ni mačiko masuta, ámi novŭa nĭipe ni kaxi, čĭoŭma čĭakepe kuḡusala ni ipe.	A quem o diz! eu tenho muito boa saude, e dias ha que estou indisposto e qualquer cousa me faz mal.
mut̃u kaḡana ukaleja, eču aôso tumumana ni p̃ala čifŭa ni ŭape ni ivudi.	Ninguem o dirá, porque o vemos com bom parecer.
iki ileja murud̃anámi kuḡusota ni ruĭa kulod̃a mŭamo, i ámi kinikutŭixape kuxa kumujikitixa ŭeĭ.	Isso da sua parte é um cumprimento que só tenho a agradecer-lhe.
bŭate kŭitia mŭamo, ŭijika ŭape tudi tŭarud̃a tŭaxikulo, ni arud̃a kaḡana aijika kusala mujikitixa.	Não acceite como tal, bem sabe que somos amigos velhos, e entre amigos não ha cumprimentos.
tukukŭata ikasa ni kŭapŭa.	Um aperto de mão e basta.
urŭele kali ni kaxi, ámi kuḡulekako kučiruka ni ámi.	É muito tarde, dê-me licença que retire.
čĭeči! ukusota kali kuḡuleka usŭapali ni kaxi?	O quê! quer já deixar-me tão depressa?
ukusote kŭitia, novŭa kakutŭixape kuxalako mutena mavudi mu munana ŭeĭ.	Queira acreditar, sinto não poder ficar mais tempo na sua companhia.
nikovŭa ni ámi ŭeĭṅe ŭeĭ ukĭepe ni kaxi.	Sinto tambem (egualmente) que a sua visita fosse tão curta.
ac̃i kadilepe ŭoma kumulabexa, nëjile kuso kamo ni kaxi.	Se não receiasse de incommodá-lo, viria mais vezes.
tátuk' ŭámi ukakŭete čisab̃o čĭa kumumana.	Meu pae terá muito prazer de o ver.
ukusota kusala mŭéne ac̃i kuvuluka d̃iámi.	Queira tornar-me lembrado.

kañana nakañuvulaméne čiaôso kumuloďa eďi.	Seu sobrinho mora muito longe?
mŭepŭa ŭeĭ utuña palepa ni kaxi?	Em que rua mora?
mukoďel' eči utuñ' eĭ?	Na rua principal da povoação do potentado.
mu mukoďele mujima ŭa čipaña.	Mora ali? Sim senhor, mora.
utuña kŭa? čaxa.	Quanta população fazes a esta terra?
aĭu ečike utoña mu ñaď' oŭ?	Mais de quinze mil.
kŭiji tununo dikumi ni katano ni kamo.	Engana-se; vinte e quatro mil duzentos cincoenta e tres.
ači ŭadiďa; tununo ni makumi maadi ni kaĭi ni itota ĭadi ni makumi matano ni kasato.	Não imaginei tantas.
kanatoñilepe mŭamo muvudi.	Oh senhores! é possivel que seja tão tarde.
mŭake! čidi mŭamo urŭele ni kaxi?	Preciso retirar-me.
naiďama kuĭa ku ámi.	Fique com Deus.
uxala ni ñaďi.	Até nos tornarmos a ver.
uxala ŭape ni ñaďi pa kutumanajana kaďi.	Retiro-me. Fique bem com todos os seus é o que eu estimo.
nĭia nĭámi čĭuxalape. (uxala ŭape) ni ana aôso nikusota.	Que Deus o acompanhe.
ñaďi či noéji ukusota kumumana ŭape.	Que Deus nos proteja a todos.
ñaďi či noéji eču aôso mŭéne kutumana ŭape.	Que Deus me guie.
eči ñaďi kumutŭale mu ñila ŭámi.	Venha outra vez para se demorar mais commigo.
ŭeza dičiko dikŭaŭ kuxakama kamo ni ámi.	Espere-me o mais tardar oito dias.
kuñutala munumo urŭele kamo mačiko mačinana.	Não se esqueça do que está promettendo.

kakuvulamenepe ɖieči ɖiakinine. — Não me esquecerei quando lhe fallar.

čikuğuvulamenepe, bŭate. — Não me esqueço, não.

nalike, muruɖanámi muxima ŭámi umumana. — De modo algum, o meu amigo está sempre na minha lembrança.

či ŭasakane aôso aŭape mu čikuɓo čieĕ mudi eĕé ukusota, čidi čieči muxima ŭetu tukusota. — Que encontre tudo em casa como deseja, é o que nós queremos.

vuɖîê, najikita ni kaxi. — Obrigado, agradeço-lhe muito.

Do tempo

dičiko ɖienedi ǰike? — Que tempo faz? (Como está o dia?)

lelo mutena mŭape ou *dičiko diŭape.* — Hoje faz bom tempo. (Temos bom dia.)

mŭamo ŭape mačiko ama. — Conserva-se bom.

mudi lelo ŭape kamo, dičiko ɖia ǰoloxe ɖiipe ni kaxi, ači muten aŭasŭeji, ači kunoka luṽula, čieči čiakusala čiipe čivudi mu mijiɓa ĭêtu — Tanto melhor, porque o dia de hontem esteve muito mau, ora o sol quentissimo ora aguaceiros, o que faz muito mal aos nossos corpos.

natalele ni ámi, muloǰa luṽula lŭaǰunokéne mu ǰila lŭaǰubukujuna mafupa. — Tambem notei, porque a molha chegou-me aos ossos.

akalele kakŭetilepe čiseke? — Então não tinha chapeu de chuva?

dihulo ɖiatoka ni kaxi, kinatŭixilepe kuğuvuluka ɖia luṽula, čiahŭi kaseɖelepe čiseke čiámi. — O ceu estava tão limpo que não podia lembrar-me da chuva, por isso não levei o meu chapeu.

mŭanĭê, čieneči lelo dihulo dijika ni maulo makĭepe ni — Sim senhor, mas hoje o céu está carregado de nuvem-

maǰala, ŭaluǧile ŭasŭeji, i aôso ŭalejel' êtu dičiko dĭipe; nitoǧa čaŭape, ač̃i eĭé uĭa kudĭoka ač̃i kudibŭika ni ŭape i kakuvulamenepe čiseke čĭeĭ.	zinhas escuras, o calor é demasiado e tudo nos annuncia mau tempo; é bom, se sair, abafar-se bem e não esquecer o chapeu de chuva.
kaničilulepe čipuǧi čĭeĭ.	Não desprezo o seu conselho.
mačiko ama, aôso, mŭamo kututala.	Tudo agora é de esperar.
katataka rukid̃o rŭeza, kĭepe ni kĭepe ŭaxika sŭeji kali ni kaxi, dihulo ač̃i kudibŭika dĭa maulo majıma, ni luṽula lŭakéne lŭeza pa ṅima.	De repente levanta-se o vento, pouco a pouco se torna rijo, o céu cobre-se de espessas nuvens e chuva grossa cae depois.
ŭakata kunoka?	Está chovendo?
ŭanokéne kali.	Choveu ainda agora.
nimana luṽula lŭeza.	Creio que vai chover.
nikŭete ŭoma luṽula lŭakaeza.	Receio que chova.
iseke ec̃ike tukid̃a mu čikub̃o čĭêtu?	Com quantos chapeus contâmos em casa (temos em nosso poder)?
ĭadi, čĭeneči čimŭè čĭamipe.	Temos dois, porém um não é meu.
čĭa naṅi?	De quem é?
čĭa musoṅi ŭeĭ.	De teu primo.
kŭiji kŭed̃i, nakased̃a eči.	Não me importa, levo esse.
ŭanokéne ec̃i eĭé ŭejile?	Chovia quando V. veiu?
ŭasab̃exéne kunoka luṽula činaxikile mu čĭa čĭeĭ.	Principiava a chover quando cheguei á sua porta.
ŭakata kunoka luṽula čĭa sab̃exe čĭa ǧod̃e.	Tem chovido desde o principio do mez.
ŭovile jimino učuk' oŭ?	Sentiu os trovões esta noite?
akajile jimino učuk' oŭ?	Teremos trovoada esta noite?
ukŭete ŭoma ĭa jimino?	Tem medo de trovões?
čaxa, mŭana.	Tenho, sim senhor.

tala bili, ŭakusaxiña žaje ou *ŭakumañika žaje.*
Repare, estão fazendo relampagos.

luṽula lunoka kad̃i? lukĭepe.
Chove ainda? Pouco.

kad̃ioxape mŭamo čakadi kabŭiko kakŭaŭ.
Não saia assim sem outro casaco.

kuj̃usal' ámi maluj̃ila mavudi kabŭiko kŭakŭaŭ.
Faz-me muito calor aquelle outro casaco.

ŭasalele ni ipe ni kaxi mu kubudika ni dičiko edi mŭamo.
Faz muito mal em sair com este tempo.

mŭata ači ŭaxakam' ŭa?
O senhor demora-se?

kaj̃ana, načiluka kali.
Não, volto já.

murud̃anámi udile kŭiso pamaki apa čia luṽula čiejile?
Onde estava o meu amigo esta manhã quando chovia?

palepa ni kaxi dĭa pane, j̃ila umŭè pa kused̃a misasa mu kĭana kŭiso, ači kaj̃ana kumana mutod̃o umŭè kaso kutubŭika.
Muito longe d'aqui, caminho para um dia de viagem de cargas (2 a 3 horas) num descampado onde não havia sequer uma arvore para nos abrigar.

aka luṽula lŭaôso lŭanoka ŭamukat' eĭ.
Então toda a chuva lhe caiu no corpo.

čidi mŭamo, ni luṽula lŭa kukumŭaj̃ana ni mañika žaje ni j̃imino kŭeza umŭè kuñima ni akŭaŭ, i rukid̃o rŭasŭeji rŭaj̃udĭoxéne mupupo ŭa mutŭè ŭámi, muloj̃a nĭia mahŭè ni kaxi pa ñima mŭed̃i, ni luṽula lŭaôso lŭa kunoka mujib̃a ŭámi.
Está entendido, e á chuva ajunte os relampagos e os trovões que se succediam sem interrupção, e o vento impetuoso que me arrancou o chapeu da cabeça e me obrigou a correr atraz d'elle sempre debaixo de chuva.

čioŭma čĭipe kakŭezape kaso.
Uma desgraça nunca vem só.

čiakéne kamo, čidi čieči ači ŭasutile kudi ámi; nasotile kukŭata mupupo, natekele mŭedu bu dĭed̃i i katataka namŭapŭile.
É mais do que verdade, foi o que me succedeu; quiz agarrar o chapeu, puz um pé sobre elle e logo o rasguei.

mŭata ači ŭasepa, čieneči ámi lele kanasapelepe natoǧile, ámi naiḏaméne ni kaxi.

O senhor ri-se, porém eu na occasião não ria, pensava na minha desgraça.

pakŭeza maulo ači apalaǧana, dihulo dïatoka, mutena ŭeza kaḏi, mema masuta mahŭè ni mahŭè, jïǰila jïuma, ni muruḏanámi ŭejile ku čikuḏo čïeï čïamukata ni kaxi, kali muloǧa kaǧana kumukŭata ŭaiḏama ŭakéne kamo, kaǧana mŭamo?

Depois as nuvens espalharam-se, o céu limpou, apparece de novo o sol, as aguas correm, os caminhos enxugam, e o meu amigo chegou a sua casa muito contente por não lhe succeder uma desgraça maior, não é assim?

čidi mŭamo ou *mudi mŭata ŭamuleje.*

É assim mesmo. Como o senhor diz.

mu mačiko ama, jiṽula jïasŭeji, maŭito mezula kali i pasŭipa ni ahŭi miji jïa mema makuro tŭamana kali ni kaxi.

Tem chovido muito, os rios já trasbordam e proximo d'elles já se encontram muitos charcos de agua fétida.

iki idi ipe kamo, jimema jïama kutusala ni ipe mijiḃa jïêtu.

Isso é o peior, porque essas aguas fazem-nos mal á saude.

lelo ŭijile maxika?

Faz frio hoje?

avudi.

Muito.

ači eïé uïa kudïoka, ači kabŭika mu mujiḃa ŭeï ni divuǧa diŭape, maxika mavudi.

Se vai sair, cubra-se com um bom panno, porque o frio é muito.

čidi čiaŭape kuïa kŭeḏa mu mačiko mudi dičiko dïa lelo.

É muito bom caminhar em dias como o de hoje.

nikusota kamo mačika mŭamo kutuma, kaǧana ŭakutalala.

Eu quero antes frio do que humidade.

kaovilepe čijimana čïa luṽula učuko ŭasutile?

Não sentiu a trovoada esta noite?

nalaǧele ni ŭape ni ivudi, čikuǧulaǧukape?

Dormia muito bem, porque não me acordou.

ŭijika kuğukŭatexe ni ŭoma.
Saiba que foi de respeito.

ukŭete kumañika ni ivudi ku muŭada, i kŭaôso mauro maeza mŭa luṽula lŭaxika katataka lŭañima.
Tem fusilado muito para o norte, e quando as nuvens correm de lá a chuva não se demora.

rukido rŭasabele kupepele ni dihulo dĭajala, luṽula lŭaxika katataka.
Começa o vento a soprar e o ceu a escurecer, a chuva não tarda.

tumixa kudĭoxa ŭoŭma ŭaôso eči axakaméne kuhuma mu mutena.
Mande tirar todas as cousas que estavam a seccar ao sol.

tala bili, kusala kadi kumañika uxadi uná.
Repare, tambem fazem relampagos d'aquelle lado.

ah! mŭake! kŭiji kutumana jĭžaje jĭapŭa paxi.
Oh! senhores! parece que vemos cair raios.

asabexe kali kŭapula mitodo mu itikita.
Já começam a estalar as arvores nas florestas.

pa doda apa, kŭaôso rukido rru...u...u...kaniusŭa, tŭovile kuso ni kaxi kŭapula mitodo, ači akubukuna ni atujika maĵila.
Neste logar, quando o vento sopra rijo rijo, é frequente o estalar das arvores que se partem e nos tapam os caminhos.

naméne mitodo ni vudi ŭakŭibukine ni ŭaŭile paxi mu itikita ia ğuža mukiĵi.
Vi muitas arvores quebradas e derrubadas nas florestas de Angunza Muquínji.

polo iopo ači kaĵana kŭixímukina kali ŭoŭma eji, polo iopo pa zabukine, mitodo ikulo ivudi, ni rukido mačiko maôso masŭeji; ači umŭè ŭakubukuna ŭan' u uŭa kuhŭa kululo, i kŭaŭ ni kŭihŭa mu paxi.
Nesse sitio não se admira isso porque o logar é muito elevado, as arvores são muito velhas e o vento é sempre rijo; basta quebrar-se uma para essa cair sobre outras e derrubá-las.

jiṽula jĭa puda mavu miji ŭabudikine poli; mitodo ilepa ivudi ni izulile, kausŭa
As chuvas teem posto a descoberto as raizes; as arvores são muito altas e co-

kakĭepe ka rukid̃o ŭaminikixa ni ŭaibukuna.	padas, e qualquer força de vento as abala e parte.
ak! kaka! lužaje lŭasŭeji kufŭa mësu!	Oh! com a breca, que raio tão forte, quasi que cega!
ač̃i ukŭete ŭoma, ač̃i kubŭika ni dĭud̃a ni kaxike uviji.	Se tem medo cubra-se com um panno que tenha felpa (um cobertor de lã).

Levantar da cama

naṅi poli pa?	Quem está ahi fora?
ámi.	Eu.
utŭixa kujikula. jikula.	Pode abrir. Abra.
dĭoxa mutod̃o; ad̃ama.	Tire a tranca; entre.
tub̃ŭixa mutod̃o.	Faça cair a tranca.
ĭen' ej̃ike?	Como é isto?
čidi mutulo kad̃i?	Ainda está deitado?
mutena muĭa kali muhuro?	É muito tarde?
uĭa kali.	Já é muito tarde.
kanatoǧilepe mutena kali mŭamo!	Não suppuz fosse tão tarde!
laǧuka bili; mutena eči tŭajib̃alele katumanape kali kamo.	Levante-se; tempo perdido não se repara.
ŭaiǧa; laǧuka kali.	Tem razão; levanto-me já.
mŭata kačirŭilepe kŭámi?	O senhor não me responde?
ŭačilukine kad̃i mu tulo?	Tornou a adormecer.
mačiko maôso, eĭé ŭazežalele ni kaxi!	Sempre é muito perguiçoso!
murud̃anámi, ač̃i ulaǧuka.	Meu amigo, acorde.
nezile kumutažuka čikulo kali.	Estou a chamá-lo ha muito tempo.
mŭéne ǧad̃a ŭabudikine kali (ŭa poli), ni utumixine: atažukaṅi ailolo aôso.	O potentado está fora (saiu para fora da habitação), e determinou: chamem todos os dignatarios.

ŭaxiktele pa kaxalapoli kŭedi, Aqui está o familiar d'elle
ŭeza kamulej' eié mŭata ači que vem dizer-te para ou-
kŭivŭa jisağu eji esile kolo vir as noticias que chega-
kedi. ram á côrte.

tulo tŭa pamaki čiaŭape. O somno da madrugada é bom.

čiağukata ni kaxi kulala mu Gosto muito de dormir de
tulo tŭa pamaki. madrugada.

niámi čiağukata; čieneči tala Eu tambem; mas repare que
bili katudipe polo pêtu, i não estamos na nossa terra,
munumo muruda nani uku- e aqui na Lunda, quem
sota kusala ioŭma eči ŭai- quer fazer alguma cousa
dama ia ana ağada, ukŭete que dependa dos naturaes,
kumusala pamaki mutena precisa fazê-lo cêdo antes
ŭasŭanexe bŭididi ni kaxi. do dia começar a aquecer.

kinŭijikape mudi mu ğada oŭ Eu não sei como nesta terra
ači utŭixa kuxakama mu se pode estar tanto tempo
ulalo ni kaxi! na cama!

činovŭape maluğŭila kamo mu Afflige-me menos o calor na
ulalo nidi kŭámi niŭape, cama do que quando ando
kağana kali, čiaôso ni kŭeda por fora de um lado para
poli ŭa mutaba ni mutaba. o outro.

ači činikŭetepe selej' êtu, tu- Quando se não tem amo po-
tŭixa kulala ni ŭape. de-se dormir tranquillo.

amŭata ajima (amutajima) Os grandes senhores dormem
akulala mutulo ni kaki. pouco.

jiğada jiaôso, nani ukusala Em toda a parte quem tra-
mujikita ači ukulağuka bŭi- balha levanta-se cêdo.
didi ni kaxi.

čiamipe mŭana xidi. Não sou ambicioso.

eié ŭaloda mŭamo, kaidamene- Está fallando assim porque
pe kusala mujikita. não precisa trabalhar.

niijikape mudi kusuta dičiko Não sei em que passar o tem-
diôso ači kuğulağuka bŭidi- po quando me levanto cêdo;
di, kuŭa pa musasa paôso já me aborrece ir todas as
kŭa bula kuğupŭixa mau- madrugadas ás audiencias.
sŭa kali.

usala mŭamo mudiámi, kadipe kusuĝirile kali.
Faça como eu, que já não se aborrece.

čieči mŭata ŭasala?
O que faz o senhor?

nikŭaĝana dičiko dia mutena, mutaḃa umŭè čia kusala mujikita, mutaḃa mukŭaŭ mukŭeḋaĝana, i kaḋi akŭaŭ küimŭixa aruḋanámi aŭape.
Divido o dia, parte para trabalhar, parte para passear, e ainda outra parte para visitar meus amigos.

eié ŭitia ŭape mu aruḋa maĝaḋa ama?
Acredita em amigos nesta terras?

muloĝ' eči nalike?
Porque não?

muloĝ' eči éne aĭu, ni eču miḋele?
Porque elles são pretos e nós brancos?

ŭitia, éne mudi eču; mixima diéne ači atana ŭape ni vudi mu miḋele.
Acredite, elles são como nós, entre elles existem tão bons sentimentos como nos brancos.

aĭu aôso kakutoĝape mudi mŭata utoĝa.
Nem todos pensam como o senhor.

kŭiji kŭaŭ, kakusalape mudi ámi, eči niia ikuḃo ĭaŭ kuloḋa ni éne, ni akaj' aŭ ni ana ni ahŭi; i niijika niŭape jike akuxike ni uruḋa ŭape i ači alele tumŭè ni tukŭaŭ, akŭaĝana čieči akŭete (akuvŭa) kudi akŭaŭ, aidaméne kamo čakadi aloḋele kamo mu iki.
Pouco me importa, não fazem como eu, que vou ás suas habitações fallar com elles, com as suas mulheres e filhos; e sei bem como elles vivem em boa paz e se estimam uns aos outros, repartindo o que teem com os necessitados sem d'isso fazerem alarde.

mŭata niia ni küimŭixa aruḋaneĭ pa musasa?
De manhã é que o senhor faz essas visitas?

ači tŭakusota küisakana (küitana) ni kŭaḃaḃa niéne aôso mŭamo čiaŭape kamo bŭididi ni kaxi, muloĝa pa-
A melhor occasião para os encontrarmos a todos e conversar com elles é de madrugada, porque depois

kŭeza muŭu ni muŭu uĭa kusala mujikita ahinaŭ.	cada um vae tratar dos seus serviços.
eĭé ŭabudika ni kaxi kuso pa musasa?	Sae muitas vezes de manhã?
mačiko maôso, ŭadĭoxa ači ŭasala dičiko dĭipe.	Todas, excepto quando faz mau tempo.
eču tŭaxakama kakĭepe kuso mu čikuo ači usala dičiko diŭape, mŭamo kamo pakŭeza ŭakudĭa pa urŭela.	Estamos poucas vezes em casa se faz bom tempo, principalmente depois de jantar.
usal' eči?	O que faz?
ači ŭaoaó' eči?	Em que se entretem?
ulala mu tulo ečike?	Quando se deita?
ači kŭikila ǧoe, katat' eči kŭasaoexe dĭa kujala; ači ǧoe ŭeza, nisala mudi éne ana ǧada, ǧoe mu huro nĭia katataka kuǧulala.	Se não ha lua, logo que escurece; se ha, faço como os indigenas, espero a lua no alto para me deitar.
nikusota kali lelo kusala mŭamo.	Vou passar a fazer o mesmo.
usala ni ŭape.	Faz bem.
dĭoka dĭa ulalo katataka; tuĭa ku poli.	Sae já já da cama; vamos para fora.
tala, kuǧulaǧuka kali.	Espere, levanto-me já.
nidi pane usŭa pali.	Eis-me prompto.

Deitar

ŭapudile dičiko dĭeĭ dĭa lelo?	Estás satisfeito com o teu dia?
čivudi, čieneči nilej' eĭ ni ŭakéne čikuǧŭapŭa ni kaxi.	Bastante, mas confesso que estou muito fatigado.
nĭia ni kuǧulala kali, paxala pakĭepe nidi mu tulo kaiji ǧata kŭa žaoi ŭa naĭi.	Vou deitar-me já, e d'aqui a pouco durmo e não sei o que se passa no mundo de Deus.

ukukŭatexe kuğujola.
Ajude a despir-me.

nĭia ni muxima ni ŭape.
Da melhor vontade.

ŭapatele ĭia?
Fechou as portas?

mŭanĭê, kŭiji kuŭape kuxa čia čimŭè čakadi kupata.
Sim senhor, mas talvez fosse bom deixar uma aberta.

muloğ' iki?
Porque?

utala mutena čia budika.
Porque vê o sol quando apparece.

kağana, ĭeneĭ nalike; pata ĭaôso, pata ĭaôso ni čia ŭape čivudi.
Não, isso de modo nenhum; feche tudo, feche tudo muito bem.

čieči pa musasa uloďel' ámi uxala ĵike?
Diga-me em que ficaram os projectos d'esta manhã?

činĭijikape čieči ukusota kuğuleja!
Não sei o que me quer dizer!

kaovilepe ámi nidi ni kufŭa mu tulo?
Não percebes que estou a cair com somno?

ukusota ámi neza ni kumaluğixa?
Quer que eu venha acordá-lo?

ačĭ eĭé ŭeza kuğulağixa, kŭiji nikučibula ni čioŭma ni čikukŭata pa čikasa.
Se vieres acordar-me, arriscas-te a apanhar com a primeira cousa que eu encontre á mão.

čieneči selej' ámi kuğuleje musasa ôu čiŭasotile kudĭoka ďiamačiko pamaki bŭididi!
Mas o patrão disse-me esta manhã que queria sair amanhã de madrugada.

eĭé ukusota kŭaďaďa, ni ámi ukusota kuĭa mu tulo; uĭa ni eĭé.
Tu queres conversar e eu quero dormir; vai-te embora.

tala ačĭ pata dipana odi, kudi kŭa ŭeza rukiďo kŭa mutŭè ŭámi, ni kuğusala ni ipe.
Vê se tapas aquelle buraco, que por ali vem vento para a cabeça, e faz-me mal.

ukusota čioŭma kaďi kamo?
Quer mais alguma cousa?

bŭate, ia ni či noéji; tŭakuladika.
Não, vae com Deus; boas noites.

Vestir

mŭata ukuğutumine neza kumulağixa nëjile kumutažuka.	O senhor ordenou-me que o acordasse, por isso venho chamá-lo.
dičiko didi ǰike? mutena ejile?	Como está o dia? O sol appareceu?
diŭape ni kaxi; dihulo dïatoka, karukido kasuta.	Muito bom; o ceu limpa, corre alguma aragem.
nïia ni kuğulağuka.	Vou levantar-me.
ǰala ečí? ečé mŭata ukusota kujal' ečí?	Que roupa veste? O senhor o que quer vestir?
mukozo ŭajala ni itadi ïa ulo, ni kabŭiko kakuleğa kasuža, kuğutumixa tátuk' ŭámi mŭéne puto, ni ibolokoto ni tupağa tumïedu tukuleğa.	O panno grande azul com galões dourados, a farda encarnada que me mandou meu pae o Rei dos Portuguezes, sapatos e polainas agaloadas.
ukusota mupoda usuža ači ujala?	Quer a facha encarnada ou azul?
usuža.	A encarnada.
kakusotape kujala čioŭma mu xiğo?	Não põe nada no pescoço?
žabi ïa ulo čikuğŭakexe murudanámi mŭata...	Ponho a cruz de ouro que me deu o meu amigo o sr. F...
kŭa mutŭè čïeči ou *čïakusota?*	O que quer para a cabeça?
sala usuža mujima.	O penacho grande vermelho.
let' ámi dileso dïa sê, xibata ni mukŭali.	Traze-me o lenço de seda, a espada e a faca.
tuxalapoli aseda poli čičita čïa tabu, ditada ni uta ŭámi mazuro maadi.	Os familiares que levem para fora a pelle de leão, a cadeira e a minha arma de dois canos.
aïu avudi akata kuğutala ou *kuğŭimane?*	Está muita gente á minha espera?

naméne ailolo aṅi ni mata ahinaŭ maŭata.

Vi só quatro dignitarios com a sua força armada do costume.

kuǧuneta mema kŭadikila kuhohila makasa ĭámi.

Traze-me agua quente para lavar as mãos.

čieǧa čĭa foĭa čidi kŭiso?

A bacia de folha onde está?

nĭia ni kučĭata.

Vou procurá-la.

bŭate, tažuka kaxalapoli umuneta; mŭéne kakŭetepe mujikita kusala kadi, eĭé katŭixape kudĭoka sŭipa ŭámi.

Não, chama o servo que a traga; elle não tem agora serviço, e tu não podes sair de junto de mim.

tala bili, ači milŭina adi tetama.

Repara, se as miluínas estão direitas (symetricas).

ŭakuki maku ukusota kuzabula; mŭamo, čidi čiŭape.

A da esquerda precisa levantada; assim, está bem.

mana ači mŭari udi kali ni usŭa kali.

Vê se a senhora está prompta.

mŭéne kadi utažukine muloḃe ŭedi čĭa kumukŭatexe kumujala.

Ella ainda ha pouco chamou a sua aia para a ajudar a vestir.

pata musete ĭa ijala aíji atŭixa kŭeza.

Fecha a mala da roupa por causa dos ladrões.

mu ǧaḋa ŭa mŭata aíji aeza?

Na residencia do senhor apparecem ladrões?

panapa nĭaŭ padi aíji?

Tambem por aqui ha ladrões?

padi ḋoḋa ukusakana pa umŭè; taḃula ŭoǧo ni pakŭeza ŭa kumupata kuǧumŭakexe.

Em cada canto encontras um; toma lá a chave, e depois de fechar a mala dá-m'a.

kuǧuleja kadi, ači ukusota kauta ka mazuro matano?

É verdade, quer o revólver.

mŭanĭê, kumuseḋexa kaxalapoli kakŭaŭ.

Sim senhor, entrega-o a outro criado.

ukŭete pane ŭoǧo.

Aqui tem a chave.

musete kumupata kuŭape?

Fechaste bem a mala?

utala bili, ači čidi čiŭape.

Veja ainda se está bem.

tuĭañi poli kali. leja kanapuĭa utuma kuloza mata maŭata.

Vamos já para fora. Diga ao Canapumba que mande descarregar as armas do costume.

kŭijilele mŭéne kusota difad̆a.

É possivel que elle precise polvora.

aĕi mŭéne ukusota mŭéne kŭijika kud̆iita.

Se elle precisar sabe pedi-la.

tala bili, mukozo omu čikŭapepe ni kabŭiko aka, kuĝuneta kad̆i mukozo usuža ni tutuĭo tŭa ulo.

Olha, este panno não vae bem com esta farda, dá-me o outro encarnado com estrellas de ouro.

katata ukuŭa kuxakama kad̆i kŭisŭiĭa mikozo, i poli pa aĭu avudi kali kŭiman' eĭé, mŭata!

Agora vae demorar-se muito a trocar os pannos, e lá fora já está muito povo á sua espera, senhor!

kŭiji kŭaŭ, kinaituminepe kŭeza bŭididi ni bŭididi.

Não me importa, não os mandei vir tão cedo.

mukozo omu, mŭanĭê či noéji, ujala ni ŭape ni kuleĝ' aka; eĭé ŭasŭiĝile kaíji kujala kudi ifŭa.

Este panno, sim senhor, veste bem com a farda; tu és tolo, não sabes vestir segundo as côres.

tuĭañi, tukubudikaĝañi.

Vamos, saiamos.

Comer

ŭaxika mŭata; čiŭeza kusala munuma?

Seja bem vindo, senhor; o que o traz por cá?

čiaĵukata kumumana kŭez' ako.

Alegro-me da sua visita (de vê-lo por aqui).

neza kulod̆a nĭeĭ d̆ia useĭa ŭape, čikulo (čiasaĭele) nikusota kud̆ia čikud̆ia pa musasa čieĭ, lelo kanakudilepe kad̆i.

Venho fallar com V. (comtigo) de um bom negocio; mas antes aproveito-me do seu almoço porque ainda hoje não comi.

mutena poli pa mŭamo ǰike? kadipe čifŭa čieĕ!

Como assim? tão tarde não é o seu costume!

čaxa, nadĭokéne pamaki bŭididi, katata kŭeda čĭa kunuko, čĭa kŭéne kŭa, kuloda kadi nĭoŭ, urŭele kamo ni mukŭaŭ, i mŭamo ni musasa (mutena uĭaile) kinaǧuvulukinepe dĭa kudĭa ni ačĭ kanamenepe murudaná-mi kudĭa ni sŭapali ni kaxi ni muxima mutoka ǧŭadi oŭ.

É verdade, saí de madrugada, e depois anda para aqui, anda para acolá, falla agora com este, logo com aquelle, assim se passou a manhã, e não me lembrava de comer se não visse o meu amigo com tanto apetite devorando essa perdiz.

ačĭ uxika kuno ni kuxakama.

Chegue-se para cá e sente-se.

mu mesa omu mačiko maôso padi doda umŭè, ačĭ kaǧana kamo čĭa aruda ečĭ žabi či noéji ukusota kutamuma ĭêtu.

Nesta mesa ha sempre logar, ao menos para os amigos que Deus nos quer mandar.

kuǧulek' ámi, ačĭ ámi neza ni kumulabexa.

Perdão, se venho interrompê-lo.

kaǧana kĕjilepe, ŭitia ŭape; čĭaǧukata kamo kudĭa ni mukŭêtu kaǧana ámi ni ámi.

Não veiu, não, acredite; estimo mais comer acompanhado do que só.

ukusot' ečĭ ŭasabele? ečŭ tukŭete kaso kali čidi bu mesa (čidi mu mĕsu).

O que quer primeiro? Temos apenas o que está sobre a mesa (o que está á vista).

mudi naman' aíxi, nikusota kusabexe kudi aíxi.

Como vejo peixe, principío por elle.

tala; tudin' akĭo: kasaŭ, ǧaje, žada, bŭaje, rubebe ni kaloĭ.

Attenda; temos ahi: cassau, angaje, anzanda, buaje, lubembe e bagre.

kaloĭ kakuǧŭapelepe, nikusota kamo jibebe; jidi jikĭepe jikamo čieneči jiŭape jikamo mu mukano.

De bagre não gosto, prefiro os bembes; são pequenos mas são mais gostosos.

ŭaiĝa; čĭeneči bed̃ebed̃e ŭape kamo kad̃i kumidĭa ni moĝŭa, ahinaŭ ataala.	Tem razão; mas os bendebendes ainda são mais saborosos comendo-os com sal, porque são doces.
ukusota kali jinama jĭa baŭ?	Quer agora carne de bufalo?
čisapŭilo čĭuná ukŭet' eči?	Aquelle prato o que tem?
ĝuvo, čidi kumŭisuka čĭaŭape kudi mŭari mŭixi ŭámi.	Cavallo marinho, que está muito bem cozinhado pelo meu cozinheiro.
kad̃i kali nakudile; nikusota kumupaka.	Nunca comi; vou prová-lo.
mŭanĭê; čĭaŭape, kadipe mačiko maôso.	Sim senhor; é bom, mas não para todos os dias.
niŭapele kamo činama čĭa palaĝa, i muxima ŭeĭ ŭape kuĝŭakexe čisapŭilo čĭa či namane nied̃i ŭa kumuzuza.	Gosto mais de carne de palanga, e é favor dar-me aquelle prato que eu vejo com ella assada.
kakuĝi, dĭoxa čisapŭilo eči čĭa mŭata, let' ed̃i p̃aka umŭè čĭa ukatula ŭape.	Rapaz, tira este prato ao senhor, e traze-lhe uma faca que corte bem.
naméne kali ač̃i ači baĝala akudile činama čĭa kabŭa.	Eu já vi os Bângalas comerem carne de cão.
čikuĝŭiximukine dĭeneĭ nakata kali kuxiki ni at̃u akŭaŭ nĭaŭ akŭijikile kudĭa tubŭa, ni akuĭéne akusota kamo tubŭa tŭakŭete rudimi rujala.	Não me admiro d'isso, porque já estive entre outros povos que tambem a comem, preferindo os cães que teem lingua preta.
muloĝ' eči mŭamo?	Porque preferem esses?
činĭijikape kučilul' eĭ, kali kamo naĭpŭile muloĝ' eči.	Não sei responder-lhe; nunca me informei do motivo.
kakudĭape imuma?	Não quer fructas?
muloĝ' eči kaĝana kusota!	Porque não hei de querer!
čĭaĝukata kumona imuma, i kaxi kamo imuma ĭa ĝad̃' oŭ ĭa sasa.	Gosto muito de fructas, e muito mais das d'estas terras porque são acidas.

kakuǧi, ďioxa isapŭilo ťaôso, ni leta imuma ťaôso čitukŭete lelo mu čikuǰo.
Rapaz, tira todos os pratos e traze todas as fructas que hoje temos.

kumana kaso, bŭate; tŭaiďuluka kuna rŭaǰa rŭape.
Aproveitemos o intervallo a fumar bom tabaco.

rŭaǰa rŭeĭ rŭeza kŭiso?
D'onde lhe vem o tabaco?

rŭakudima mu ilŭa ťámi; una saka, pakŭeza ulej' ámi ači urŭatana rŭape rŭa mukano.
É cultivado nas minhas lavras; fume primeiro, e diga depois se o acha saboroso.

padi kasŭè.
Aqui tem fogo.

tala bili, kaǧana kŭoxa ŭêvu ŭeĭ.
Repare, não queime a barba.

rŭaǰa rŭape rŭakéne! kaloǰo! mŭaňê!
Excellente tabaco! sim senhor!

umana utŭè ŭatoka ni kaxi!
Veja que cinza tão clara!

čiakéne! ači nakŭetile čilŭa čia rŭaǰa mudi ŭeĭ, kanasotilepe kufŭa ni žala.
É verdade! se eu tivesse uma lavra de tabaco como a sua, não morreria de fome.

kali kamo nina rŭaǰa rŭape mudi oru mu jiǧaǰa eji.
Nunca fumei tão bom tabaco nestas terras.

ŭijika imuma ťaôso čiadi ku mësu ni eĭé?
Conhece todas as fructas que vê deante de si?

bŭate mŭane; ňijika kaso kali, muĕeǧe ŭa žavu, makoďi, jiǧiǰo ni makalibane, akŭaŭ (ťaxala) kaiji majina ďiahinaŭ.
Não senhor; apenas conheço ananaz, bananas, anguindos e o macalibane; as outras (o resto) não sei os nomes que teem.

nikusota kuleja eĭ majina ďiaôso, kusaǰexa pa makoďi mutaǰa kŭa.
Vou dizer-lhe os nomes de todas, a principiar das bananas para lá.

aka ňiita kutala kakĭepe, nikusota kŭisaňika mu mikaǰa mikĭepe ťámi.
Então espere um pouco para os escrever na minha carteira.

saňika: majiloǧo, čilolo, xuruǰo ni kabuǧo.
Escreva: majilongo, chilolo, xurundo e cabungo.

mačiko maôso mŭamo; pa musasa ni kudĭa niŭape ni kaxi, pa urŭela pakĭepe.

É sempre assim; como muito bem de manhã, mas muito pouco de tarde.

ŭačifŭa čĭa kudĭa ŭa učuko?

Costuma cear?

činikutŭixape kuxala čakadi kudĭa pa učuko.

Não posso passar sem ceia.

aka lej' ámi mŭamo; kudĭa pa urŭela pa mŭata kaso kali, kusakula ŭakéne kudĭa pa urŭela ŭeĭ čidi čĭa učuko.

Então diga-me isso; o jantar para o senhor é apenas entretenimento, o seu verdadeiro jantar é á noite.

kakudĭape rruka?

Não come infunde?

nikusota kamo dikodi dĭakŭoxa, ači kadĭĩja usŭana pa kasŭè.

Prefiro antes banana assada, ou bombó passado pelo fogo.

mu čikubo eči mutu mŭikila kakudĭape čakadi rruka. kukŭêtu mačiko maôso.

Nesta casa ninguem pode passar sem infunde. É o nosso principal alimento.

kakuĩji, pĩaka apa kakutetape; tala ači dĭamačiko ukutuma dĭa kŭisekula jĭpaka jĭôso.

Rapaz, esta faca não corta; vê se amanhã mandas afiar todas as facas.

mŭaniê, selej' ámi.

Sim senhor, meu amo.

kŭomixe ni ŭape rusumo eru, či nikusota kuruteka kasolo, niijika eié ŭapele ni kaxi.

Limpe bem este copo, que quero deitar-lhe hydromel, de que eu sei que gosta muito.

mŭaniê, mukŭá bañgo, italala ni kaxi ni mŭape mu mukano.

Sim senhor, meu fidalgo, é muito fresco e muito agradavel.

lele, kakudĭape ĭoŭma kamo?

Então, não come mais nada?

umona kŭa kažolo ka kŭisuka mu maxi, ŭape kŭa kudĭa ni rruka; kañana kusota?

Temos ali frangão de cabidela muito bom para comer com infunde; não quer?

nikŭete muxima mulobe ŭa ñobe ni ubŭa nimona ni pala ŭakéne.

Tenho apetite ao lombo de vacca com cogumellos, que tem uma apparencia excellente.

maubŭa mŭamo kaĭekape kolo kŭêtu.

Cogumellos como estes não apparecem nas nossas terras.

mazeĭo ni mutŭè ŭa čiboĭe ukusota?

Quer feijão com cabeça de porco?

ŭajikitixa, ŭadĭile kali ni kaxi.

Agradecido, já comi muito.

činidipe ŭasŭeji ukudĭa, mŭari mŭixi ŭámi bŭate kŭijika kŭisuka kudĭa oko mudi kolo kuêtu.

Não teimo em que coma, porque o meu cozinheiro não sabe fazer este prato como na nossa terra.

kŭiji lele kŭibula miluĭo.

Talvez por falta de temperos.

nitoĭa aiboĭe bŭate mañi mudi kŭa.

Eu creio, porque os porcos não são tão gordos como lá.

kŭiji mŭamo.

Pode ser.

ači kaĭana ŭaxalele čiaŭape ni kudĭa pa urŭela naileĭa kuĭuleka, muxima ŭámi ukusota kusala niŭape kudi muruĭanámi.

Se não ficou satisfeito com o jantar queira desculpar-me, porque o meu desejo era ser agradavel ao meu amigo.

muruĭanámi kuĭŭakexe kudĭa pa urŭela kŭa mŭana mŭata; mŭamo eči ámi natŭixile kutala kamo?

O meu amigo apresentou-me um jantar de principe; que mais podia eu esperar.?

mu čikuĭo čiámi kanikŭetepe mačiko mudi lelo eĭi.

Em minha casa não tenho dias como este.

nakačiruka kamo kakŭaŭ, nikusota kulejana mazŭi ma ámi mudi muxima mutoka ŭámi ŭovŭa.

Voltarei mais vezes para provar-lhe que as minhas palavras exprimem o meu sentir.

eĭé, ŭamujika muxima ŭámi.

Fico-lhe muito reconhecido. (Está sepultado no meu coração.)

mazŭi maŭape namaovile kali kamo nakavulaméne.

Jamais esquecerei a sua benevolencia.

Passear

katataka tuĭaṅi kŭed̃ag̃ana tŭisedexe ĭa kudĭa mu ivumo.	Vamos agora passear para fazer a digestão.
pa dizŭi kamo; nĭia ni kumutŭala ni muxima mŭape.	Está dito; vou acompanhá-lo com muito prazer.
kutukuĭa kŭiso?	Aonde vamos?
té (pá) kučikulo kŭa ŭito, kŭa mačiko maôso kusuta kačipepele.	Até á margem do rio, que ali corre sempre fresco.
mŭéne g̃ad̃a kakatape kusuta munumo, ač̃i mŭamo ŭasotele kali kutuma aŭed̃i kuseĭa maǰila ama, mŭéne ukŭete čiṅig̃o ni kaxi mudi ĭeneĭ.	O potentado não tem passado por aqui, aliás já teria mandado os seus rapazes limparem estes caminhos, porque elle tem muito cuidado nisso.
mŭén' ed̃i ŭaid̃améne mul̃u mŭakéne kŭijika kaso kumona mujikita omu.	Elle devia ter um homem especialmente encarregado d'este serviço.
mŭéne ukŭete, čĭeneči ikugi oŭ pekila, umutumine ṅi alŭa ŭa mŭata ... kulod̃a ni ana kŭed̃i uxadi ŭa čikapa.	Tem, mas esse homem está ausente, porque elle o mandou com os portadores do sr. F... fallar aos seus parentes na outra banda do Chicapa.
mutod̃o mŭa čĭakéne ŭajib̃a ni kaxi, ni ulepele ujima.	Aquella arvore é na verdade muito frondosa, e de uma grande altura.
ŭijika dijina dĭed̃i?	Sabe o seu nome?
mujag̃ama.	Mujangama.
i mukŭaŭ ŭa maijima ámi nimana mu iad̃a?	E aquell'outra de folhas largas que eu vejo em baixo?
mukab̃a.	Mucamba.
nikata ni kumana munoŭmo mitod̃o ĭape ivudi, kakŭite-	Tenho visto por aqui muitas arvores boas, mas não cui-

kañipe muxima ŭahinaŭ, axakama ni afŭa čakadi muŭu kutoŏja dïaéne.

dam d'ellas; vivem e morrem sem que a mão do homem as encaminhe.

aĭu kakutoŏjape mu ïeneĭ, aĕi akuteka ikasa ïedĭ mu mutoĎo umŭè čidi kaso čïakumusala kumuxexa, aĕi kusala jikuni jïa kasŭè mu ikuŎo ïaŭ.

Esta gente não pensa nisso, e se tocam numa arvore é só para a destruir, fazer lenhas para aquecer as habitações.

aixexa akusüiĭja akŭaŭ, kakutoŏjape mŭamo an' aŭ dičiko dimŭè kakŭezıı éne akŭete kŭovŭa kusota pekila.

Estragam-nas por innocencia, não pensam mesmo na falta que seus vindouros hão de encontrar.

akusala nïipe čakadi amŭijika; akŭitia aĕi kaĭjana kunoŭko kulutŭè kamo pakïepe mačiko maôso atana ĎoĎa kutuŏja ulo.

Fazem mal sem o saberem; suppõem que se não fôr aqui, um pouco mais longe sempre encontram sitio para fazer uma povoação.

éne akuŭa ni kuxikumuka ni maŭito, akŭitia jinama jïa kuloza ni mitoĎo kali kamo akakŭapŭixa.

Vão descendo (caminhando para o norte) acompanhando os rios, e crêem que a caça e as arvores nunca acabarão.

mŭamo aĕı akudiŏa nïéne!

Como se enganam!

tala bili; kamenepe kuhulo ŭa mutia ŭa mutoĎo kadïaĭja kakïepe mudi kima?

Repare; não vê no ramo d'aquella arvore um animalzinho que parece um macaco?

čidi, amutazuĎka buĭi.

Vejo sim, é o búnji.

čikita čïa čima čidi čïaŭape! ŭa sečïaseči ni mukilo ujala!

Que bonita pelle de macaco! é cinzenta e a cauda preta!

munumo mu kačimi ukŭete ivudi.

Aqui no (rio) Cachimi ha muitos.

nikŭete muxima kuseĎa čimŭè kuŭa kolo kŭêtu.

Faço empenho em levar uma para a minha terra.

utŭixa kučitana katataka, mŭamo eči ámi nalode mŭata ...
Pode obtê-la facilmente logo que eu falle ao sr. F...

najikiť eĭ kali jivudi.
Desde já lhe agradeço muito.

natoỹile ŭiť oŭ ŭajiba kamo ni kaxi.
Pensei que este rio era muito mais largo.

kakadipe ŭamuméne?
Ainda não o tinha visto?

bŭate; lelo dičiko disaka kŭiza pa.
Não; hoje é a primeira vez que venho aqui.

tuĭa kutuxakama pasŭipa mu čilalo, mu mutia ŭa mutodo udi paxi pa mačiko mavudi usŭapali kuzabula čilalo.
Vamos sentar-nos ao pé da ponte naquelle tronco de arvore, que jaz no chão ha muitos dias, prompto para reforçar a ponte.

učikusota ni ŭape, čilalo eči čijika, ni ači ukubukuka čiaôso mema kučibŭika.
Bem precisa, porque esta ponte é um perigo, e desconjuntase logo que a agua a cubra.

čieneči čidipe čilalo, ačilubika mitodo ivudi kuhulo diakŭaŭ čakadi kŭikasa, mŭamo mema ači masŭeji, akučina čia kŭiza mačiko maôso luṽula lŭasŭeji, aôso mitodo akŭikaka mema mu ĭada.
Aquillo não é ponte, é um amontoado de troncos sem ligação, de modo que sendo a corrente forte, o que succede sempre depois das grandes chuvas, todos os paus são levados para baixo (na corrente).

katataka kaso nimane ŭito kakŭetepe dijia divudi.
Só agora reparo que o rio tem muito pouco fundo.

mahŭi; mŭamo kadi ači akata kuloza uỹuvo ni ači kumana aỹado.
Tem; mas ainda assim nelle se teem caçado cavallos-marinhos, e vêem-se jacarés.

mudi mŭamo!
Como assim!

aikŭeza ŭa rŭebe, pa kŭiso ŭiť oŭ uĭa kusakana pasŭipa pakŭaŭ.
Veem do Luembe, onde este rio encontra aquelle perto d'aqui.

novŭa kali.
Já percebo.

mutena ŭafŭa kali, ŭajala; tuŭañi kutuḏuka ni kučiluka ukŭete ŭoma kamukaḏo kukanunuka ŭakusala ni kaxi ni luṽula lŭanokéne mačiko ama, ĵila kulutŭè čĭoso mujika ni mitoḏo.

O sol já se escondeu e principia a escurecer; vamo-nos retirar por causa da ladeira que temos a subir e está muito escorregadia com as ultimas chuvas, e o caminho para deante está todo obstruido com troncos.

uloḏa ni ŭape; tuŭa ni kŭeḏa niêtu.

Diz bem; vamo-nos embora.

kutoka kŭaki kulutŭè kŭa?

Que clarão será aquelle lá adeante?

kŭiji ači kuoxaṗata čieneči lelo kuĝŭiximukine masuko matalala ni kaxi.

Talvez seja alguma queimada; mas hoje admira-me, porque o capim está muito molhado.

kaovilepe kŭiĝila mudi kudila?

Não sentiu gritos, que parecem de chôro?

čĭa kaĝana kŭoxaṗata.

Aquillo não é queimada.

kutŭeḏa tusŭakali; kutala ŭape kaĝana kŭipŭa kali.

Apressemos o passo; tome sentido, não dê alguma topada.

ah! ka! uloḏele kali palepa ḏinuĝuna ḏiabula kali ni usŭa.

Ui! já fallou fora de tempo; apanhei uma pancada rija no joelho.

muruḏanámi ŭaméne niŭape, čidi mutaḃa muvudi ŭa kalala ŭakata kutema.

O meu amigo calculou bem, é parte da povoação do Calala que está a arder.

ukusota kuŭa kŭa.

Quer lá ir?

tuŭañi; kŭiji lele mijikita ŭêtu ŭape kudi éne, ači kaĝana mŭamo tuŭa kŭitala ni kusuta n' aio.

Vamos; pode ser que os nossos serviços sejam precisos, e quando mais não seja vamos animar os afflictos.

atema kali ikuḃo isato, čimŭè čipaḏelepe ŭoŭma.

Arderam já três habitações, e de uma nada se poude salvar.

axona ab̃ad̃a, akudile mudi ana kaki.	Desgraçadas mulheres, choram como creanças.
ipula mut̃u mulog̃' eči aéne akudile.	Pergunte a alguem porque choram ellas?
axona! kŭiji ajib̃alexa ičidi ĭaôso čidi ĭoŭma ikĭepe, tusag̃asag̃a, manug̃o maadi ač̃i umŭè, divug̃a dimŭè ni tupaĭa ni tukag̃a ni misasa ĭa kadig̃a ni či noéji ŭijika pakĭepe kamo.	Coitadas, talvez perdessem toda a sua fortuna, que consiste em pouca cousa: missangas, uma ou duas panellas, um panno, cestos, esteiras, e sabe Deus se alguma cousa mais.
ač̃i mŭamo tumix' aŭ musub̃a ŭámi, nakaipan' ahinaŭĭeneĭ ni kamo čĭoŭma čikŭaŭ. ač̃i či noéji kutupana čidi čĭa aôso.	Se é só isso mande-as á minha residencia, dar-lh'o-hei e mais alguma cousa. Quando Deus dá é para todos.
murud̃anámi, nakalej' aŭ; čĭeneči kusala mŭamo mudi muxima ukusota, tukamana kutema kad̃i ikub̃o ikŭaŭ.	Meu amigo, vou dizer-lh'o; mas um beneficio como esse, anima a repetirem-se os fogos.
bŭate kutog̃a mŭamo; kusala ni ŭape kag̃ana kutala mut̃u, aleja mŭamo mu kolo kŭêtu, ač̃i kuvulaméne kali?	Não pense assim; faze bem não olhes a quem, dizem lá na nossa terra, não se lembra?
murud̃anámi ŭaxikile panapa jig̃od̃e j̃iadi j̃iasutile, ni ámi nikuxakama kali kunoŭko mive mivudi.	O meu amigo chegou aqui ha dois mezes, e eu já por cá estou ha alguns annos.
čĭaŭape, tuĭaṅi kali ku ilob̃o ĭêtu.	Bem, vamos agora para os nossos acampamentos.
ŭijika j̃ila kŭeĭ? tala, eĭé ukusota nĭia kumutŭale?	Sabe o caminho para o seu? Se quer vou acompanhá-lo.
vudĭê; mŭamo kŭajala nitala kug̃udib̃a bŭate.	Muito obrigado; apesar de escuro espero não me enganar.

lele, kuladika; kulaĝala ni ŭape, mŭamo muxima ŭámi umukusota.
Então, boas noites; durma bem, é o que eu estimo.

nĭia kad̆i kusaṅika mu mukad̆a ŭámi jisaĝo jĭovŭa naijikile lelo ačí asutile.
Vou ainda escrever no meu livro as noticias de que hoje tive conhecimento.

pa d̆iamačiko; čiuxika čakadi ni ipe.
Até amanhã; que chegue sem novidade.

mŭamo kŭeĭ; tuladika.
Egualmente; boa noite.

tuladika; tuĭaṅi ni žab̆i.
Boa noite; vamos com Deus.

O doente

čiovŭa murud̆anámi?
O que sente o meu amigo?

nikovŭa mutŭè kuĭela, mukano kuĝuma, pakĭepe ni pakĭepe, mutab̆a ŭa tátuko kubusa ĭakata, kuĝuĭela čitoĝa kŭĭji muxima.
Sinto dores de cabeça, muitas seccuras, de quando em quando doe-me o lado direito acima do ventre, onde julgo ser o figado.

misoĝo ŭa mutab̆a, ačí ikulo ačí ĭiso?
As dores do lado são antigas ou modernas?

novile kali ikuso kamo, kaĝana masŭeji mudi lelo, čiahŭi naitile musoṅi ŭámi kutažuk' eĭ, mŭéne ĝaĝa.
Tenho-as sentido mais vezes, mas não tão fortes como hoje, por isso pedi a meu primo para chamar o senhor curandeiro.

mŭén' ed̆i ĝoloxe ŭaxakaméne kunoŭko, ačí kuĝuleje eĭé mŭéne ĝaĝa ŭakéne či ŭaxika polo pêtu muve omu, čiahŭi nakŭetile muxima kumumanajana mŭata ni ámi kŭĭjika ipuĝi ŭeĭ.
Elle hontem esteve aqui, e disse-me que o senhor é um curandeiro capaz que chegou ao nosso sitio este anno, por isso tive vontade de o consultar.

ačí ŭasab̆exele kŭovŭa kuĭela mu dičiko ečike ou *jike?*
Quando principiou a sentir-se doente?

mačiko masato novile mutŭè kuŭela, ni kudi pa mutŭè kuğusaɓexe kuŭela; najiɓalele muxima ŭa kudĭa ni kulala mu tulo pakĭepe ni kaxi.

Ha tres dias que as dores de cabeça me não deixam, e por ahi começou o meu mal; perdi a vontade de comer e pouco tenho dormido.

nimana kali kuŭela kŭeĭ čĭipe kamo kŭa muxima, ni omu nikusota kali kŭikexa; čiŭasaɓele muruɗanámi unŭa mono ŭakusuka, dĭamačiko nikŭiza pamaki.

Vejo que a sua principal doença é do figado, e é essa que vou tratar de combater; mas antes de tudo o meu amigo vai tomar um vomitorio e amanhã virei cedo.

kŭiji nitala ukalala mu tulo ni kĭepe, muloğa mutŭè mŭape kamo.

Eu espero que dormirá um pouco porque a cabeça ha de alliviar.

či noéji umŭovŭa. naileɓa kuĭa katata kumana mŭan' ámi ŭakata kuŭela ni kaxi mu mësu.

Deus o ouça. Rogo-lhe que vá ver agora o meu filho, que está muito doente dos olhos.

mŭanĭê, nĭia kali.

Sim senhor, vou já.

lelo, čiağukata kamo kumana ƥala ŭeĭ.

O seu parecer é hoje melhor.

mono kuğusala ni ŭape, nëile mu tulo pakĭepe kamo, nikŭete kali muxima ŭakudĭa.

O remedio fez-me bem; dormi um pouco e tenho apetite de comer.

kudĭa kali, čiŭapelepe.

Comer já não é bom.

lelo utŭixa kunŭa kaso misağe ŭa žolo, dĭamačiko nakakŭijika kuloɗa ači utŭixa kudĭa čĭoŭma ači kağana.

Hoje só pode beber caldos de gallinha, amanhã eu direi se pode comer alguma cousa.

mutŭè ŭeĭ kuğulej' ečike?

Da cabeça nada me diz?

kiŭapelepe kaɗi mudi nakŭetile muxima.

Não estou ainda bom como desejava.

nĭia ni kusala mono umŭè dĭeči eĭé ukakunŭa rusumo

Vou preparar-lhe um remedio de que tomará um copo

rukĭepe katataka, rukŭaŭ pa urŭela, ni rukŭaŭ kaďi ŭa učuko, čikulo čĭa kuĭa mu tulo.

pequeno immediatamente, outro á tarde, e ainda outro antes de se deitar.

kululo kŭa mutaďa mŭeči ŭaovile misoŋo kumŭixiŋuna ni mono ŭa kapelete aka, pakŭeza kubŭika kŭape mutaďa omu, ni čibele čĭa uvije ŭasŭanexe.

Sobre o lado em que tem sentido as dores friccionará com o remedio que está neste frasco, e depois cobre esse lado com um pedaço de baeta quente.

vudĭê, vudĭê, muruďanámi. mon' ámi, mësu ŭeďi axala ečike?

Obrigado, meu amigo. Como está meu filho dos olhos?

ŭamuxele ni ŭape kamo ni kaxi; ŋoloxe eďi ni eďi kuŋuloďa ĭa misoŋo mu ditŭi akadila, nitoŋa mŭéne ŭataďulile rukiďo mu čikuďo čĭaôso ŭaile mu tulo.

Deixei-o muito melhor; tambem hontem se queixou de dores no ouvido direito, e julgo que apanhou uma constipação na cubata, quando estava dormindo.

čikuďo čĭeďi kačibŭikilepe čiŭape.

A cubata d'elle não está bem coberta.

naméne ĭeneĭ kali, nalejele kaxalapoli keďi ačĭ utuminine kuča masuko kubŭika čikuďo čiŭape kamo.

Nisso reparei logo, e disse ao creado d'elle que mandasse buscar capim para a cobrir melhor.

mukaje ŭeĭ ŭajiďa ni kaxi, nitoŋa ŭape umutuma kudĭoxa lusele kumukaďa eďi ŭapŭidile.

A sua companheira é que está muito nutrida, e é conveniente sangrá-la para lhe evitar algum ataque.

mŭén' eďi ŭaloďele ĭa misoŋo mu miñi ŭeďi.

Ella queixa-se de dores de garganta.

kuŋŭiŋixa kamo kumudĭoxa maxi mu mujiďa ŭeďi.

Mais um motivo para lhe tirar sangue do corpo.

mŭata ŋaŋa ukasala či kŭovŭa kŭape.

Faça o senhor curandeiro o que entender.

umana kali maĭeji mavudi?

Tem já muitos doentes?

bŭate, muĝad' oŭ pekila maĭeji; nimana kaso ŭakuĭela tukĭepe, či nitana kamo itamu mĭedu ni idĭatelo.

Não, nesta terra não ha doentes; só tenho visto ligeiras doenças, e o mais frequente feridas nas pernas e em baixo nos pés.

akuĭoka ĵike?

Como as cura?

kuĭoxese.

Fazendo-as queimar.

ačí ŭakŭĭximukine? mŭamo manaĝo akŭĭipŭixa usŭa kali ni ahinaŭ.

Admira-se? É o meio mais prompto de acabar com ellas.

muĭeji kumana malu kakĭepe, čieneči mŭamo mu mačiko matano ačí masâbaño uxala ni ŭape.

O doente padece um pouco, mas d'este modo em cinco ou seis dias fica curado.

ĵoloxe afile aĭu adi mu čipaĝa čia mŭéne ĵada akata kuĭela mu mavumo akŭetele usŭa, maĭela mamŭaka ma ĝode ama kunoŭko mu ulo.

Hontem morreram duas pessoas na residencia do potentado com doenças de barriga e fraqueza, molestias frequentes estes mezes cá no sitio.

ačí mŭéne ŭakuĝutažukile, kŭiji lele ačí natŭĭixile kŭipada ni mono ĭêtu; éne aitia kamo mu mono ĭa amukatu, eči kaijikape ni ŭape maĭela ama.

Se elle me tivesse chamado, talvez as pudesse salvar com os nossos medicamentos; mas elles acceitam melhor os remedios do gentio, que não conhece bem estas doenças.

ŭisedixa katataka; ukusota kuĭa mu tulo ni katataka eči kulaĝuka ukusota kudĭa kakĭepe ŭa žolo.

Vá descansar agora; veja se pode dormir, e logo que acorde faça a diligencia de comer algum pedaço de gallinha.

mačiko maeza ŭaidama kudĭa, ni dĭamačiko ačí utŭixa kubudika ŭa ulalo ni kutabula rukido rŭakĭepe.

Agora é tratar de ir comendo, e amanhã ja se pode levantar e tomar um pouco de ar.

mŭata ğağa, nidi kali niŭape. Senhor curandeiro, estou já bom.

vudîê mujikita ŭeĕ kudi ámi, naileb̆a kali kulej' ámi mačiko maôso kŭeza kunoŭko, nikusota mutena ŭa lelo kufuta kali mijikita ŭeĕ ŭape. Obrigado pelos muitos serviços que lhe devo; rogo-lhe me diga quantas visitas fez, porque desejo hoje mesmo pagar os seus bons serviços.

tukakuleja dičiko dikŭaŭ. Fallaremos outro dia.

Comprar e vender

kakuğı, ažolo ama akumaladĭixa. Rapaz, essas gallinhas são para vender?

mŭanîê, selej' ámi. Sim senhor, meu amo.

zakó, leka bili useĕa ŭaleta nĭeĕ? Vem cá, deixa ver o negocio que trazes?

tulob̆olo tŭakéne ni tužolo tusâb̆año. Dois gallos grandes e seis gallinhas pequenas.

aôso uladĭixa ečike? Por quanto vendes tudo?

kalob̆olo kamŭè mujoka ni tužolo tŭaôso divuğa. Um gallo por dois bandos, e as frangas por um panno.

ah! ka ka! ŭita nivudi, masuna mafŭa kali, nifuta kudi aôso rupasa rŭa difad̆a. Oh! com a breca! pedes muito, a fazenda já acabou, dou por tudo meia libra (peso) de polvora.

mŭata ufuta ni ŭape mudi nĭita, čieneči nĭia kŭijika mak' ŭámi kusota difad̆a. O senhor paga tanto como eu peço, mas vou saber se minha mãe quer polvora.

akaĭa lusolo, atŭixa kŭimeka ažolo kamo kŭa kuladĭixa kŭiji mutu kŭileta ŭasota difad̆a. Então vae depressa, podem apparecer mais gallinhas para vender e quem as trouxer procure polvora.

mŭéne ŭaxala kunima, nĭia nikumutažuka. Ella ficou atrás, vou chamá-la.

kakuğı ni mak' ŭed̆i aeza kali kŭa. Lá vem o rapaz e a mãe.

mak' ŭeĭ čiŭleja, ači kusota difada ači kaĝana?
O que diz tua mãe, quer polvora ou não?

difada bŭate. ači mŭata ukŭete tusaĝasaĝa kasaï, usala useĭa ažolo adi.
Polvora não quer. Se o senhor tem missangas miudinhas sarapintadas, faz negocio por duas gallinhas.

mŭéne ukusota ečike kudi ažolo adi?
Quanto quer ella pelas duas gallinhas?

tubeže tukumi ni tŭadi.
Vinte fios.

eh! eh! idi ivudi! nifuta dikumi kaso. ači mŭéne ukusota kuladixa tulobolo tŭadi nakafuta tubeže tukumi ni tŭadi.
Oh! é muito! só dou dez fios. Se ella quer vender os dois gallos pagarei os vinte fios.

ači mŭata ulada ažolo asâbaño mu divuĝa, uleka kuxala tulobolo nĭaŭ kudi tubeže tukumi ni tŭadi.
Se o senhor compra as seis gallinhas por um panno, deixo ficar tambem os gallos pelos vinte fios.

pa dizŭi. nitažuka kali mŭari mŭixi ŭámi čia kufut' eĭ.
Está dito. Já chamo o meu cozinheiro para te pagar.

ŭape. uleja mak' ŭeĭ eči kalodape ni ámi, či kuĝuleta uĝa ŭa kabaka ni maí mažolo, eči ámi nikulada.
Prompto. Diz a tua mãe que não falla commigo, que me traga farinha de milho e ovos de gallinha que eu compro.

mŭéne kaĝana kuloda ni eĭé, ukŭete ŭoma, dičiko dimŭè kali kamo ŭaméne mudele kusuta maĝada ama.
Não falla comvosco porque tem medo, nunca viu passar um homem branco nestas terras.

ulej' edi midele aikuĝi mudi aĭu kasalape, ni ipe muĭu mukŭaŭ.
Dize-lhe que os brancos são homens como os pretos, não fazem mal a ninguem.

ači namulejel' edi kali, čieneči ukŭete ŭoma kadi.
Já lhe disse, mas ella ainda tem medo.

mŭéne kamenepe či mudele ŭeza akumutŭale ni aĭu
Ella não vê que o branco vem acompanhado com pretos,

akŭeďi, ni eči tuďaďa ŭa ulo aeďaĝana mu čiloďo čia muďele čakadi ŭoma.

e que as raparigas do sitio andam pelo acampamento sem medo.

eči uleta ďiamačiko ači urŭeľ' oŭ kaďi uĝa ni maí mažolo nikŭisota, ni čilula dičiko dikŭaŭ kusala mauseŭa meŭ, i kaĝana ukakŭete ŭoma ŭa miďele.

Que traga amanhã ou ainda esta tarde a farinha e os ovos que eu pedi, e que volte depois outro dia a fazer o seu negocio e perderá o medo dos brancos.

tala bili, mukaje ŭa mŭata... ŭeza kunet' ámi daŭa, mŭéne eči umane ači mukaje ukŭete ŭoma ďia kuloď' ámi.

Olha, ahi vem a companheira de F... trazer-me mudianhoca[1]; que veja se esta tem medo de fallar commigo.

mŭata, nasotile kabeže kasuža malia ŭajima čieči kuĝŭiĝilile.

Senhor, eu queria um fio de Maria II grossa, que me prometteu.

ŭasaďele nikusota kumana eŭé uleť ámi.

Quero ver primeiro o que me trazes.

taďulu kabeže naŭĝiľ' eŭ.

Aqui está o fio promettido.

mŭanŭê, tátuko, seleĵ' ámi vuďiê či noeji.

Obrigado pae, meu amo, muito agradecido por Noéji.

kaďaďa, imana bili; uleja muďaďa omu ači eŭé ukŭete ŭoma ŭa miďele.

Espera, rapariga; dize a esta mulher se tens medo dos brancos.

ámi!? muloĝ' eči kukŭete ŭoma ŭa miďele? ahinaŭ asala ni

Eu?! porque hei de ter medo dos brancos? elles tratam

[1] Planta alta, que dá uma vagem delgada com sementes de forma de grão miudo, as quaes, torradas e moidas como o café, e como elle preparadas adquirem aroma e gosto e chegam a illudir como se fosse esta excellente bebida. Fizemos muito uso d'ellas e podemos corroborar a illusão, já notada pelo Dr. Welwitch. Tambem das raizes fervidas obtivemos uma bebida amarga, que por muito tempo nos suppriu a falta de sulphato de quina, o que tambem foi notado pelo mesmo doutor.

ŭape aĭu aôso, aleť êtu tusaĝasaĝa ni masuna eči tŭajala! kutusoť eči kadĭ?

bem a todos, trazem-nos as missangas e fazendas que nós vestimos! Que mais queremos?

katata nĭia čikubo čia mŭata ... kumana mujoka kudi ixi eĭ, mŭéne ulodĭeľ ámi kuleť edĭ.

Agora vou á habitação do sr. F... para me dar dois bandos por este peixe, que me disse lhe trouxesse.

ači mŭéne kakumusotape, bŭate kujibala dičiko kŭeza kunoŭko lelo, ámi nimuladĭa.

Se elle o não quizer, não perdes o teu tempo de cá vires hoje, porque eu compro-o.

čiaĝukata kali.

Já estou satisfeita.

makť ŭámi ŭaĭa ni edĭi.

Minha mãe vae-se embora.

kakusotape kutabula ámi niladĭ eĭ?

Não queres receber o que te devo?

mŭata ukafuta čieči ni čiaôso eĭé ukusota.

O senhor pagará o que e quando quizer.

iki mŭamo čiŭapelepe; eĭé usala useĭa mudi muxima ŭeĭ ŭakusota.

Isso assim não me agrada; V. deve fazer o seu negocio como é da sua vontade.

mŭata kuĭjŭoka ŭape ni ivudi, čiámi nĭileba dĭa kŭitia maí mažolo ni uĝa mudi milabo ŭámi.

O senhor tratou-me tão bem, que eu rogo de acceitar os ovos e a farinha como uma lembrança minha.

čiaŭape lelo nakasala ĭeneĭ ĭakusota, dičiko dĭasaka ŭezile kuĭumana, kamo bŭate ukasala useĭa ĭike ukusota, eču aôso tukusota ni ŭape ŭêtu.

Sciente. Farei o que me pedes por ser a primeira vez que vieste ver-me, mais não farás negocio como quizeres, porque nós todos procurâmos o nosso bem.

vudĭê milabo ŭeĭ, tabula divuĭja dĭa maleso ni čibabe nikusota uruda ŭámi; loda muxima ŭeĭ ŭovĭa ŭatoka.

Muito obrigado pela tua lembrança, recebe um panno de lenços e coral; quero a tua amizade e diz se ficas contente.

čaxa, selej' ámi.
Muito satisfeita, meu amo.

tátuko, mŭata ŭámi, ŭaxikile kačŭoko kipoko ni dizêu, mŭéne ǰoloxe uleja ŭasotile kuladĭx' eĭé mŭata.
Pae, meu senhor, chegou o quiôco Quipoco com uma ponta de marfim, que hontem disse que lhe queria vender.

akamulĭbe bili, ni atala ačí ukŭete mŭaǰe.
Vão pesá-la primeiro, e vejam se tem alguma raxa.

ŭa mulĭbe čitota ni makumi madivala maadi, i tuméne kali ŭape.
Pesa cento e vinte libras e é boa.

umutuma kŭadama panapa. mŭén' edi ukusota kumona masuna, ni kaǰana tukusota kŭeda kŭa ni kuno; uxakamako kali.
Manda-o entrar para aqui. Elle ha de querer ver fazendas, e não é conveniente andar de lá para cá; ficamos já aqui.

murudanámi, akakŭita mu dizêu ečike?
Meu amigo, quanto quer pela ponta.

makumi manana amŭixi ŭa kaeǰa.
Oitenta peças de lei.

čidi čivudi. nitŭixa kŭika kaso makumi masâbaño.
É muito. Só posso dar sessenta.

mŭeči mŭéne ukatoǰa?
Em que estará elle pensando?

ačí utŭixa kuta useĭa čĭa kuladĭxa.
Pensa se pode vender por esse preço.

kaǰana; ukŭijita kufuta makumi masâbano ni kañí ni mukala useĭa.
Não; tem de pagar sessenta e quatro e o arremate (gratificação final).

čaŭape, tusala useĭa makumi masâbano ni kaadi, i mukala uleja kali eĭé ŭakusota.
Bem, faço o negocio por sessenta e duas; emquanto á gratificação diga já o que quer.

čieǰe čĭa foĭa, ǰeže, kabŭiko, čitadilu, čĭsapŭilo ni rupasa rŭa mutena.
Uma bacia de folha, uma campainha, um casaco, um espelho, um prato e uma caneca dourada.

mụdi nitala kuta useĭa kamo kaḏi ni eĭé, ukamŭikisa čieči eĭé ŭita.

Como espero ainda fazer mais negocio com V., dar-lhe-hei o que pede.

katata uleja čieči ukusota pa ḏoḏa ĭa makumi masâḏano ni kaadi kaeĭa.

Agora diga o que quer em logar das sessenta e duas peças de lei.

nikŭete mata manama jiĭoma jĭa difaḏa jisâḏaño, mĭixi ma pata maadi, mĭixi ma'ĭaĭa maṅí, ma risekado ma xibŭari ni mikozo iŭape iṅí.

Quero oito armas, seis barris de polvora, cinco peças de chita, duas peças de zuarte, quatro de algodão, sete de riscado e quatro pannos bons.

tala bili eči axala miĭixi sâḏaño kaso.

Repare que só faltam seis peças.

pekila kamo?

Não ha mais?

ukiḏa ni ŭakatala, mukozo umŭè mĭixi misato.

Conte e verá; um bom panno são tres peças.

mŭanĭè; kuĭŭakexe ḳamo kikoxi ḳĭa kasŭè, i čiakuxala aôso tusaĭasaĭa imame suža ni mesuĭeji.

Sim senhor; conceda-me mais um cobertor de lã encarnada, e o resto em missangas Maria II e Cassai.

uĭŭete panapa aôso ni kamo mukala; umana ači čidi čiakéne.

Eis aqui tudo e mais o arremate; veja se está certo.

nɑméne kali, muruḏanámi, aôso aŭape; nikŭete kaḏi dizêu dikŭaŭ nĭia ni kuḏiala dikĭepe kamo, i nikŭete muxima kudisŭiĭa mu difaḏa kaso.

Já vi, meu amigo, tudo está direito; tenho ainda outra ponta mais pequena que vou buscar e desejava negociá-la só por polvora.

kudimana bili, ni tukatŭixe kuta useĭa.

Só vendo-a poderemos fazer ajuste.

nĭia mu čikuḏo, i mačiko masato nakaxika panapa nĭeḏi.

Vou a casa, e só passados tres dias aqui chegarei com ella.

uĭa ni žaḏi či noeji.

Vá com Deus.

Caçar e pescar

muruḏanámi, ŭejile mu dičiko diŭape; eču tuxakama, ámi ni aruḏa ama, kutŭovŭajana kutuĭa ni kusala ŭamuzoƀa ŭakéne čĭa kalaƀa kaseǧa, kŭa pasŭipa mu rŭeƀe; i mudi čĭa kuzoƀa akuǧutan' ámi mačiko maôso maŭape, čĭeneči čĭeči naiḏama kŭijika dičiko mŭeči aruḏanêtu akŭete muxima kutuƀuka dĭapane, čĭámi ŭape kali.	Meu amigo, veiu em boa occasião; nós estavamos combinando, eu e estes amigos, ir fazer uma grande caçada para lá do sr. Cassenga, perto do rio Luembe; e como para caça encontram-se sempre promptos, mas o que eu preciso é saber o dia em que os nossos amigos desejam sair d'aqui, para eu me preparar.
čikaḏipe tukŭetile kuleja dičiko diŭape, čĭaôso muruḏanámi ŭaḏaméne.	Ainda não tinhamos marcado o dia quando o meu amigo entrou.
tukutŭixa kutuƀuka dikĭaḏĭa bŭididi ni bŭididi?	Podemos partir depois de amanhã de madrugada?
kudi ámi ni ŭape kakŭetepe čĭoŭma kuǧukŭata; mŭari mŭixi ŭámi ŭijika kali ni ŭape, čĭeči mŭéne ukŭete ŭa kusala mu aǰila ama, mŭamo, nikŭete kaso kutala ni ŭape mata mámi.	Pela minha parte não tenho impedimento algum; o meu cozinheiro já está acostumado a estas viajens e sabe o que tem a fazer, e eu só tenho de revistar as minhas armas.
mŭata ŭatŭale mata naṅi?	De quem são as armas que o senhor leva?
ŭa musoṅi ŭámi.	As do meu primo.
niseḏa maadi makulo ni umŭè ŭiso, či akuǧŭakexe ŭa milaƀo, ŭa kumusomena kuṅima.	Levo duas antigas e uma nova, que me deram de presente, de carregar pela culatra.
ah! ka! uta u čĭoŭma eči muĭu čikaḏipe uméne mu jiǧaḏa eji.	Oh! uma arma assim é cousa que nunca ninguem viu nestas terras.

mŭamo amulejel' ámi; ámi saka či kŭeka uta mudi oŭ.

Assim m'o disseram; sou eu o primeiro que apresento uma arma d'estas.

ámi niseda ŭámi ŭa mazuro maadi, ni ŭi eči udi uta ŭape. namuladele mivi miní misuta, i aôso akuso ŭazoba nalozele ni ŭape. dičiko diñima nakuzoba natapele ağuvo adi mu čiubŭè.

Eu levo a minha de dois canos, e esta que tem sido uma boa arma. Comprei-a ha quatro annos, e todas as vezes que a levo á caça são bem empregados os tiros que faço. A ultima vez que a levei á caça matei dois cavallos marinhos no (rio) Chiúmbue.

nikŭete muxima ni čiağukata kumumana katata kutapa sŭida ači ğoluğo.

Desejo ter o prazer de o ver matar um porco silvestre ou um veado.

ači eču kŭimana, nitala kakuğulekape kuxala ni ipe ku mësu ŭeči.

Se os encontrarmos, espero que não me deixe ficar mal na sua presença.

tukŭağana kŭiso?

Onde nos encontraremos?

mu čikubo eči čidi mu ĵila, nimutalako, tŭakasakula čioŭma čikŭepe ni tuŭani kutubudika kali.

Nesta casa que fica no caminho, eu espero-o aqui, petiscaremos qualquer cousa e seguiremos logo.

mŭanŭê, padizŭi.

Sim senhor, está dito.

ŭape kamo kutulodula mu ĵila mun' oŭ koba tuŭa ditikita kakadipe ŭa kumŭijika, ni tŭakatana jinama jiŭape.

É melhor seguirmos por este trilho que vae a uma mata não explorada, e encontraremos alguma caça boa.

kaovŭilepe čijimino čia loza?

Não sentiu um tiro?

novŭile, nitoğa čiakéne čidile akŭetu ŭêtu akuloza.

Senti, e certamente foi algum dos nossos companheiros que fez fogo.

katata, murudanámi, kuloda bŭate, tuŭani čia čieči tŭejile; nalŭeza kali, i kağana

Agora, meu amigo, nada de fallar, vamos ao que viemos; já errei uma vez a

nikŭete muxima kulŭeza kukŭaŭ.
pontaria e não desejo errar outra vez.

pum... ŭafŭa! čieči ŭaloza? ǧoluǧo ači kabaje.
Caiu! O que foi? Veado ou antilope.

i mŭata ŭaloza anaṅi?
E o senhor a que atirou?

ƀaŭ, i nitoǧa kumutota; niia ni kumumana.
A um bufalo, e julgo que o feri; vou ver.

muvud' eči asaƀa aia kukŭata jinama jiámi, niia munumo čia ŭito ni kŭa, naiman' eĭ.
Emquanto os rapazes vão apanhar a minha caça, eu vou por aqui ao rio e lá o espero.

xaŭape; naṅi ŭamutapele ǧuvo?
Muito bem; quem matou o cavallo marinho?

ŭta ŭámi. kaǧana ači nalejel' eĭ či uta kuǧulek' ámi ni ipe, bŭate? kaǧana ukŭete makasu.
A minha arma. Eu não lhe disse que ella nunca me deixou ficar mal? nunca me foi falsa.

xaŭape; ǧuvo ni ƀaŭ kutukŭete kali.
Muito bem; um cavallo marinho e um bufalo já nós temos.

mŭanĭê, aôso tukŭete kumusala kuvudi, kuzoƀa kuŭape. ámi ni ámi nileta ŭámi iteǧo i kaǧana kakĭepe.
Sim senhor, todos temos feito uma boa caçada. Eu tambem trago um antilope que não é pequeno.

tukŭaǧana tŭaôso ni tuŭaṅi tŭêtu.
Reunamos tudo e vamo-nos embora.

aruƀanámi akata kuŭape ni kuzoƀa kŭeĭ, čieneči ámi čikaƀipe ni kataƀa kŭámi.
Os meus amigos estão contentes com a sua caçada, mas eu não estou com a minha pesca.

naileƀ' eĭ kuǧukŭatexe kuta ŭaƀa ŭámi, paeči mipeto ači akŭizula.
Peço-lhes que me ajudem a deitar a minha rede emquanto se vão enchendo as armadilhas.

niŭapele kamo kutaƀa ku loŭa, čieneči mudi adi kali
Eu gosto mais de pescar com anzol, mas como estão com

ni sŭapali kŭa kučiluka čiahŭi, nikusota kamo aka kutaɓa kŭa ŭaɗa.

pressa de voltar, por isso prefiro pescar agora com a rede.

muteba ŭeza ŭa ni asaɗa ŭeɗi, anetani misasa ĭa axi.

Lá vem Muteba com os seus rapazes carregados com peixes.

mŭén' eɗi ŭijika ni ŭape aɗoɗa ama, čiahŭi ŭaiɗuluka ŭape kamo mutena kaĝana čiámi.

Elle conhece bem estes logares, por isso aproveitou melhor o tempo do que eu.

nĭia kumana čieči mŭéne ŭataɓéne.

Vou ver o que elle pescou.

lelo nimana kali čiŭaiɗuluka ni ŭape kaxi. čieči ŭamutanéne?

Então já vejo que foste muito feliz. O que pescaste?

čieči uĭa kumana. tala bili. misasa mu paxi. tala: jima, tuloĭ, ɓuko, bŭaje, zaɗa, žuɓo, mijiji mivudi, kasaŭ, mubaɓala ni mutebo.

O que vaes ver. Espera. Arreiem as cargas. Repara: jima, bagres, ambuco, buaje, zanda, anzumbo, muitos miudos, cassau, mubambala e mutembo.

mŭanĭê, čaŭape, kaloɓo! čiakéne! muruɗanêtu kaxavala ŭatele kali ŭaɗa, ečU tŭimane kutala ači leta aíxi.

Sim senhor, muito bem! grande pesca! O nosso amigo Caxavala deitou agora a rede, e nós esperamos ver se traz algum peixe.

pa ɗoɗa apa čidipe iĭpe, utŭixa kŭiɗuluka, kaɗieči mema mahŭè, čieči čiŭapelepe čia kutaɓa ni ŭaɗa.

Este logar não é mau, talvez seja feliz, ainda que a agua corre muito, o que não é bom para pescar com rede.

aka muruɗanámi adi pa kusal' eči? kaĝana atelele eči mipeto adi mŭizula ni axi avudi?

Então os meus amigos o que fazem aqui? não viram que as armadilhas se encheram com muito peixe?

tukuĝi, atŭika; aĭaĝe tukŭata aíxi.

Rapazes, saltem; vão apanhar peixe.

ah! ka! eči aíxi aŭape tukŭete kŭa!

Oh! com a fortuna! que magnificos peixes que nós ali temos!

čijima kamo dijina dieḑi?

Como se chama aquelle grande?

niḑo, čiukŭete mĭi kavudipe, niŭapele ni kaxi dieḑi.

Nhimbo, que tem poucas espinhas, e eu gosto muito d'elle.

aruḑanámi, akuǰukŭatexe ni kupŭita ŭaḑa, čidi ŭalemena ni ivudi.

Meus amigos, ajudem-me a puxar a rede que está muito pezada.

kaḑi ŭape; muruḑanámi ŭabulile kaso kutuleja ŭamupŭixa mijikita ŭeĭ.

Ainda bem; faltava só o meu amigo mostrar-nos o resultado dos seus trabalhos.

akupŭita kakĭepe ni kakĭepe, muloǧa muno ukŭete maĭala mavudi, i utŭixa kufŭa ŭaḑa, tujiḑala kaǧana kaso aíxi kaḑi kamo, nikŭete mujikita kamo dĭa kutexika.

Puxem vagarosamente porque ha aqui muitas pedras e pode romper-se a rede e perdermos não só alguns peixes mas ainda ter o trabalho de a concertar.

nakiḑele kali makumi maadi muíxi ni kasato!

Eu contei já vinte e tres peixes!

nitala eči tukŭete ŭa kukiḑa kamo ni kaxi.

Espero que contaremos muitos mais.

makumi masato ni divŭa nakiḑele kali.

Trinta e nove já eu contei.

makumi mañi... eĭé ači ŭadiḑele kali.

Quarenta... enganou-se já.

kŭa čimañika mudi kasŭè, dijina dieḑi?

Aquelle que brilha como fogo como se chama?

kile.

Anquile.

čiaŭape. asaḑa a ibiḑa čiaseḑa kali, jinama jĭa kulutŭè, ni akŭaŭ ailoḑula ni misasa ĭa aíxi.

Muito bem. Os rapazes dos caçadores transportam já a caça para deante, e os outros seguem-nos com as cargas de peixes.

eču tuĭaṅi kuṅima, kŭiji lele kutumana ajila kŭaloza.	Nós vamos atrás, talvez encontremos alguns passaros para lhes atirar.
xakéne.	Tem razão. (Diz bem).
tŭaid̃uluka ni ŭape d̃ičiko diêtu, ni ŭab̃ab̃a ŭêtu mutu kakutalape polo pêtu.	Aproveitámos bem o nosso dia, o nosso divertimento vae causar admiração no nosso sitio.

Proverbios

atuzŭeg̃e hakud̃iape ikala, ni aéne apêtu kakufunepe kŭapana čĭoŭma čimŭè kaso.	Aos pobres não comas dividas, aos ricos não promettas dar-lhes uma cousa só que seja. (A pobre não devas, a rico não promettas.)
kazŭeg̃e ulala mu tulo mutena mu huro, mudi čibod̃a čĭafila mu id̃a.	O pobre fica no somno sol alto, como porco que morre na pocilga. (Quem muito dorme pouco aprende.)
kujala divug̃a d̃ia ĭéne, akumujola mu j̃ila.	Vestir panno de outros (alheio), o despem no caminho. (Quem o alheio veste na praça o despe.)
pakĭepe ni pakĭepe ač̃i ŭakuĭa kulepa ni kaxi.	A pouco e pouco se vae muito longe. (Devagar se vae ao longe.)
ŭabula kabŭa ka murud̃a, murud̃a ŭamubula.	Bater no cão do amigo, o amigo é batido. (Quem meus filhos beija, minha bôcca adoça.)
ukusota? nuĭa eĭé mŭén' eĭ; ač̃i utuma, ŭaxala kutala mu j̃ila.	Queres? vae tu mesmo; se mandas, ficas a esperar no caminho. (Quem quer vae, quem não quer manda.)

ŭeda ni mukano, kajibirilepe. Andar com bôcca não perder. (Quem tem bocca não se perde.)

padi mulu, ukŭita mukixi ŭedi. Cada pessoa pede para o seu idolo. (Cada um pede para o seu santo.)

nibŭika dijina diámi, disuna dikŭapuka. Se cubro nome meu, o panno romper. (O habito não faz o monge.)

mulu kaijikape čia ukŭeza kuñima. Pessoa não sabe o que vem depois. (Ninguem é propheta na sua terra.)

mazŭi makuŭa ni rukido. Palavras vão com o vento. (Palavras leva-as o vento.)

tukŭepe ni tukŭepe kŭizalixa kapaŭa. Poucos com poucos fazer encher cesto. (Muitos poucos fazem muitos.)

ŭajutalakexe pa čitata. Me fez olhar para a ferida. (Quem tem mazella tudo lhe dá nella.)

amubula kima, muŭeje usepa. Batem num macaco, o companheiro ri-se. (Rir-se do mal d'outrem.)

ači mudile, ŭadile. Se comeu está comido. (O que não tem remedio, está remediado.)

mona mŭiza usŭipa, ŭaloda kali miloja; ŭaxapo. A creança cresce, já falla em demandas; deixá-la para ahi. (Cresça e appareça.)

kaji uŭa ni kamoja. Cáji vae com Camonga. (Maria vae com as outras.)

tužo kakŭetepe mapane maadi, katataka mudi mukŭata. Rato que não tem, que não conhece, dois buracos é logo agarrado. (Cautella e caldo de gallinha nunca fez mal a doentes.)

aruďa ni aruďa, padi muĭu ni sapo ŭeďi.	Amigos com amigos, cada um com bolsa d'elle. (Amigos, amigos, negocios áparte.)
usala ulalo ŭape, ŭakusota kulala ŭape.	Fazes boa cama, estás querendo deitar bem. (Quem boa cama fizer, em boa cama se deita.)
mukoko ni iďa ďieďi.	A ovelha no seu curral. (Cada um no seu logar, ou, cada um sabe de si e Deus de todos.)
ďičiko dimujikita divudi, ďičiko diŭape.	Dia de muito trabalho, bom dia. (Bom dia, boa obra.)
mĭeďu amutala muina.	Os pés olham para a cova. (Estar com os pés para a cova.)
mazêŭ ma kabŭa akumŭoka ni uvije ŭa mŭéne kabŭa.	Dentes de cão tratam-se com o pello d'elle cão. (Mordedura de cão cura-se com o pello do mesmo cão.)
ŭakusota kumuleja akumulej' eĭ?	Queres ensinar os que nos ensinam? (Queres ensinar o padre nosso ao vigario?)
ači čivudi ukŭete, čivudi učikumŭaĝa.	Se muito tens, muito espalhas. (Se muito tens muito gastas.)
ukusala ni ŭape, kaĭana kutala muĭu.	Faze bem não repares pessoa. (Faze bem, não olhes a quem.)
ŭakumusotele mŭamo, kŭiji kŭeĭ.	Quizeste-o assim, culpa tua. (Assim o quizeste, assim o tenhas.)
kuďia ni kŭikula udi pa kusaďele.	Comer e coçar está no principiar.
iki ŭaďama mu ditŭi eďi ŭabudika kudi adi.	Isso entra por este ouvido, sae por aquelle.

ukusala ŭakéne dijina dieĭ kuĭa mu tulo, ŭamusedina.

Faz grande nome teu ir no somno, és feliz. (Cria fama, deita-te a dormir.)

divumo dĭa ẑala, kadipe čisaḑo.

Barriga com fome não está graça. (Barriga vazia não tem alegria.)

kusota kusŭana ĭa mifŭa, ŭaxala kŭimane.

Queres ir herdar dos mortos, ficas a esperar. (Quem espera por sapatos de defunto toda a vida anda descalço.)

mona xona ukuloḑa ni musaŭ, ačĭ ŭaloḑa ni muĭu ukučibula mu kasŭè.

O orphão falla só com o travesseiro, se fallar com alguem lança-se no fogo. (Mais vale só do que mal acompanhado.)

muĭu ni mujikita ŭeḑi.

Pessoa com trabalho d'elle. (Cada um no seu officio.)

dĭoxe muxima kudi mŭata, miloẑa ĭeĭ afile kali.

Arranca o coração ao potentado, as tuas demandas morrem já. (Antes uma ruim composição do que uma boa demanda.)

ḵaĭ nalike kuṽalele mu p̃ala taḑu.

A corça nunca pariu na frente do leão. (Quem tem um segredo não o divulga.)

mona ẑoluẑo mu divumo ačĭ: maku, tala dibuko.

O veado na barriga da mãe, diz-lhe: mãe repara na cova.

mŭana mŭeĭńe mulaḑudi, čikuḑo čĭa kutuẑila mu ẑila, aḑaḑa kusota dikumi.

A visita mulambúdi (passarinho) construe sua cubata no caminho e chama dez mulheres. (Procura um logar no caminho; falla muito bem a todos os que passarem, e todos te procuram.)

nipŭa kali mujĭla ni ipe.	Já topei no mau caminho. (Torta vae ella.)
eďa ni ŭape, kaĝana ŭajipe.	Anda bem, não és ferido. (Se bem fizeres, bem acharás.)
ĭkala betame mema masuta.	Caranguejo esconde-se para a agua passar. (Contra a força não ha resistencia).

Advinhações

ŭapakata seĝu ŭakadi pé... pé... pé?	Quem traz comsigo apito e não toca nelle?
muleďo.	A flor do mulembo (forma de apito).
mŭata ŭalala paxi ikaĝa ubaďele ku huro naŋi?	Quem é o muata que dorme na terra e as esteiras por cima?
ďiaĝŭa.	A abobora (as folhas são as esteiras).
čiakuseďa? ŭakadi kutula?	Quem carrega (cargas) sem nunca arrear.
lutala.	A prateleira (tarimba).
eči ŭasuta ni učuko ŭakadi kusula?	O que passa de noite sem parar?
mema ma ŭito.	A agua do rio.
nama ŭakasa ĝaďa ŭakaŭila ĝaďa iĭje? mixita.	Qual a caça que atirada por terra vae cair em outra terra? O pó.
imam' iki ukŭete ikita ivudi? kabaka.	Qual é o animal que tem muitas pelles. É o milho.
kaďiape ča pa urŭa čiĭje čieza načio naŋi?	Quem é o amigo que nos visita e só come o que traz comsigo?
uta ŭa mŭéne puto, uďia difaďa ďieďi.	A arma de Muene Puto, que só come a sua polvora.

Contos

kajila ni kajila kakŭaŭ, ĭaĵe ĭa p̃eb̃e ni kakuĭakuĭa, maí ma tujila ma ip̃e, ni makŭaŭ maŭape, aĭa mu dikikita ni kukŭata isadi.

kakuĭakuĭa ŭezile ni ŭačine ni maí makŭaŭ, ni ŭaseb̃ele mu dĭ̃ala; mukŭaŭ ŭeza, ŭasota an' eb̃i aŭape: bŭate, aĭa ni ačine ni kajila kakŭaŭ, ĭaĵe ĭa p̃eb̃e toka toka ŭaĭa ni ŭadile.

kakuĭakuĭa dizêŭ dizozozo ŭamutane muĭu umukusota ak̃use, uĭaĵe mu dĭ̃ala dĭ̃a, ŭataz̃uka ŭa tujila tŭaôso.

muĭu ŭaĭa, anama aôso kŭeza, tab̃u dikaza ŭaxala ku dĭ̃ala, čibuĵo ŭeza makasa maxala ku dĭ̃ala, kŭeza z̃aĭ̃u mŭilo mŭaxala ku dĭ̃ala, akŭaŭ aezile aôso ajib̃irila inama ikĭepe ĭa mujib̃a ĭahŭi.

pakŭeza kajila kačiči kŭeza dibarula dĭ̃ala pakaxi, ak̃use bŭate mŭadoka ana ĭaĵe ĭap̃eb̃e.

INTERPRETAÇÃO LIVRE

Um passarinho com outro passarinho, iangue-ampembe com cacuiacúia, este tinha bons ovos, aquelle maus, foram ao mato para apanhar tuberculos (batatas selvagens).

Cacuiacúia voltou e fugiu com os ovos do outro e transportou-os para uma pedra; o outro veiu procurar os seus filhos, não os encontrou, desappareceram com aquelle passarinho. O iangue-ampembe retirou a chorar.

O cacuiacúia de bico muito comprido encontrou uma pessoa que procurava peolhos, mandou-a para aquella pedra e que chamasse todos os passarinhos.

A pessoa foi, todos os animaes vieram, o leão deixou ficar a pata na pedra, o lobo as mãos, o elephante a tromba, emfim todos os que vieram deixaram uma parte do seu corpo na pedra.

Chegou depois o passarinho *cachíchi,* partiu a pedra ao meio e em vez de peolhos sairam de dentro os filhos de iangue-ampembe.

makuǧi maadi aĭa ni kuzob̃a kŭa mak' ŭéne: kŭeza ṽula, mukŭaŭ mukŭidika kačikub̃o pa kumujidik̃e mak' ŭed̃i, mukŭaŭ mak' ŭed̃i ŭafŭa ni ṽula, i mŭéne ač̃i nĭia ni kumujika mak' ŭámi, ŭakafud̃a mama mu ijia dĭa kaluǧa.

umutana disusubole ŭaǧŭita čikasa, ŭamŭik̃e; uĭaǧe ni umutana disusubole dikŭaŭ ŭaǧŭita mŭed̃u, ŭamŭik̃e... paluse ŭamŭik̃e itulo disusubole dikŭaŭ. ŭaxala mutŭè kaso. disusubole dĭakuṅima ŭamuleja, ĭaǧe mu ŭito ač̃i akŭele lete tŭale, eĭé ŭtŭale ku kŭelaŭ ač̃i tŭale.

mŭéne ŭaĭa ni mutŭè mu mema ku kŭelaŭ ač̃i tŭale, kŭabudika tusupa tŭadi, kamŭè abudika anama, kakŭaŭ ana mak' ŭed̃i.

mŭéne ač̃i ámi naĭa ni ámi ni aôso abudika ĭa tusupa, ŭamana mukŭetu ŭajipa mak' ŭed̃i.

mukŭetu ŭed̃i ukusota nĭed̃i kujika mak' ŭed̃i, ŭaĭa ni used̃' ed̃i, ni ŭaitana à masusubole ŭeĭik̃ixe jinama jĭa mak' ŭed̃i, ŭaĭa kamo ni ed̃i ŭibŭixe, ŭamutana disusubole dijina eči ŭamuleja, ĭaǧe mu ŭito akŭele leta kŭa used̃a, kŭa kaǧana kukŭelaŭ ač̃i tŭale.

uĭaǧe ni ŭasala disusubole dĭamulejel' ei, kŭabudika tusupa tŭadi abudikaṅi aĭ̃u aip̃e ĭakŭaŭ asalukimi amujip̃e.

Dois homens foram caçar acompanhados de suas mães. Como chovesse, um arranjou uma pequena cubata só para abrigar a sua, e a mãe do outro ficou á chuva e morreu; e o filho disse que ia sepultá-la, carregando com ella para a ir lançar no fundo de um lago.

Encontrou um phantasma que lhe pediu um braço, deu-o; seguiu e encontrou outro que lhe pediu um pé, deu-o; encontrou outros que lhe fizeram tambem pedidos foi dando... finalmente deu os peitos ao ultimo phantasma.

Ficou só a cabeça e aquelle phantasma disse-lhe no rio: Se lhe disserem traz, traga; V. leva (o que lhe restar) aos que lhe disserem leva.

Elle foi com cabeça para a agua; no logar em que lhe disseram leva appareceram-lhe duas cabaças, de uma sairam animaes e da outra os seus parentes.

Elle foi-se embora então com tudo que saiu das cabaças (riquezas), e o seu companheiro por inveja matou a mãe.

Este quiz tambem enterrar a mãe e carregou com ella. Encontrou phantasmas e recusou-se a dar parte do corpo d'esta, continuou com esta (corpo inteiro); encontrou o mais poderoso dos phantasmas que lhe disse: vae ao rio e carrega com o corpo para aquelle que te dissera traz e não para os que te disserem leva.

Foi e fez como lhe ensinou o phantasma, appareceram duas cabaças de onde sairam muita gente feia e doidos, que o mataram.

---

tŭanakaki tuvudi aĭa ni tusupa mu kuvete mema: kŭa mukŭaŭ mŭavete mema ai kakŭaŭ kad̆i ŭaĭa ŭavete mema, kasupa diak' eĭ kačina mu mema.

mŭéne ŭaĭa ni ŭipule aíxi, kasupa kami? amučilulile ĭag̃e mu ĭad̆a. mŭéne ŭaĭa ŭamutane g̃uvo, ač̃i, ŭaméne kasupa kami? ĭag̃e mu ĭad̆a. ŭipule kaloĭ ŭaméne kasupa kami? ĭag̃e mu ĭad̆a.

ŭaĭa kamo ni ŭamutanéne ž̃ab̆i ĭa mema, ni ŭipule ž̃ab̆i kalug̃a ŭakéne vud̆iê muxima ŭape mŭata ĭa amŭata eĭé kalug̃a či noéji améne aôso uleja vud̆iê ŭaméne kasupa kámi? nikŭete kŭad̆ama mu mema kŭata tusupa; kumana ikeĭ, kauĭaka.

mŭéne ukusota kubudika ked̆i. ž̃ab̆i ač̃i bŭate, ŭaxala. ana kaki ed̆i adi kujala mŭéne kasupa ni masuna ni mazŭela ni tusag̃asag̃a. ž̃ab̆i ač̃i ĭag̃e pa d̆iala ni anakaki ed̆i, mŭéne pa kaxi ni ana kaki kuse.

kŭediĝe muĭu kukatula jixiĝe, mukŭá kasupa ač̃i, eĭé kusala ikeĝe ĭoko, čo... čololo, ĭag̃e ŭab̆ili mak' ŭámi, mŭan' eĭ ŭaĭa mahili mu ijiĝa d̆ia mukixi čo... čololo.

muĭu kamenepe nań i ukŭete kulod̆ixi, ač̃i, nĭia kamo ni kutalula jixiĝe, ŭaĭa kujikatula ovŭa kamo pa d̆iala, eĭé kusala ikeĝe ĭoko čo... čolólo, ĭag̃e ŭab̆ili mak' ŭámi, mŭan' eĭ uĭa mahili mu ijiĝa d̆ia mukixi čo... čololo.

mu̅tu ukutaz̃uka ag̃ag̃a aĭag̃aṅi pa mema pa ukŭete kamo naṅi ŭakulod̃a ni ámi, énu nŭajig̃ama, ámi naĭa kukatula jixig̃e, nŭovŭag̃aṅi ni ŭape naṅi kulod̃a ni ámi.

mukŭá kasupa ŭačilula, eĭé kusala ikeg̃e ĭoko, ĭag̃e mŭab̃ili mak' ŭámi mŭan' eĭ ŭaĭa mahili mu ijig̃a d̃ia mukixi čo... čololo.

ag̃ag̃a amŭasa mono mu mema, mŭéne kasupa ŭazala ni ŭazala kamo, amukŭate, tŭana kaki tŭačine mu mema, akamŭab̃ili tátuk' ŭaŭ mŭéne amukŭata.

tátuko ŭad̃ioka mu mema ŭa učuko, ŭaĭa ni ŭakumusota kamo mŭéne, eči ubudika tuĭêtu, mŭéne ŭalod̃a bŭate, kag̃ĭape kamo.

z̃ab̃i ac̃i ŭag̃ŭik̃e ĭoŭma eĭé ŭased̃ele, utŭixa kuxala kamo, kaud̃iape čĭoŭma, ac̃i ŭad̃ia čĭoŭma, ŭafŭa.

Muitas creanças foram com as pequenas cabaças encher de agua. Estava uma a encher a sua e chegou ainda outra para encher a d'ella, e a sua cabaça foi levada na corrente.

Esta foi perguntar pela sua cabaça aos peixes, que lhe responderam que fosse para baixo. Foi e perguntou ao cavallo marinho que lhe disse o mesmo. Perguntou ao bagre que lhe respondeu o mesmo, e assim perguntou aos outros.

Continuou marchando e encontrou o Deus das aguas e perguntou ao Grande Deus humildemente como ao Senhor de todas as grandezas, que tudo vê, lhe dissesse por muita graça ondo vira a sua cabaça? e este responde: Tenho-a eu, entra na agua e agarra as pequenas cabaças; e vendo a sua foi a que apanhou.

Queria retirar com ella e Deus disse-lhe que não, que ficasse. Os filhos de Deus foram vestir o dono da pequena cabaça com fazendas, guizos e missangas.

Deus ordenou que fossem para uma pedra, o dono da cabaça sentado no meio e os filhos d'elle de um e outro lado.

Estava uma pessoa a cortar angôa na margem, e o dono da cabaça diz: tu que cortas esse capim... chô chô chô, vae dizer a minha mãe que seu filho vae-se embora para o esconderijo do idolo... chô chô chô.

A pessoa que não via quem lhe fallava, disse, vou outra vez cortar angôa e foi; continuou a ouvir fallar da pedra: tu que cortas capim na margem... chô chô chô, vae dizer a minha mãe que seu filho vae-se embora para o esconderijo do idolo... chô, chô, chô.

Então aquella pessoa chamou os mezinheiros e disse-lhes que entrassem na agua, onde estava alguem que fallava com elle, e se escondessem emquanto elle ia cortar angôa, que ouvissem bem fallar com elle.

O dono da cabaça voltou: tu que cortas capim na margem, vae dizer a minha mãe que seu filho vae-se embora para o esconderijo do idolo... chô chô chô.

Os mezinheiros lançaram remedio na agua, o dono da pequena cabaça tremeu, tremeu muito, agarraram-o, as creanças fugiram e foram para a agua e disseram ao pae que foi agarrado.

O pae saiu da agua de noute, foi procurar aquelle, a quem disse que voltasse para o logar onde esteve, e elle disse que não, que não ia mais.

Deus exigiu as cousas que elle trouxera comsigo e (disse-lhe) que podia ficar, mas não comesse cousa alguma, porque se comesse morria.

---

kabuĵi ni ĝŭadi aĭa ni kŭoxa masuko akŭata apŭko.

ĝŭadi ŭamuleja kabuĵi eči tuĭañi, eĭé ĭaĝe mu kaxi mu masuko, ámi ni kaxi lamo.

mukaxi kabuĵi kaĭa mu dibuko kujiĭamamo, mukŭaŭ mukoxi masuko kumŭipule; kabuĵi ŭatema? kabuĵi ači, bŭate.

apŭixa masuko ĭaĝe eĭé ĝŭadi. ĝŭadi ŭaxika mu isuko ŭajiĝama mutŭè masuko. kabuĵi kaĭ koxi kakŭate kumŭipule, ĝŭadi ŭatema? ĝŭadi ŭačilula, bŭate murudanámi.

aka kabuĵi koxi kamo maôso ma isuko ko, ni kŭa ni kuna ta, ta, ta, ta... aôso amukŭoxa ni ipula; ĝŭadi ŭatêma?

ŭaneneta, ĝŭadi ŭafŭa, ŭamuteméne mu kaxi.

kabuĵi kamunona kumuxa mu sapo, kumuseda.

Raposa e perdiz vão queimar o capim para apanharem ratos.

A perdiz disse á raposa vamos, tu vaes para dentro do capim e eu queimo-o de fora.

A raposa lá dentro procurou uma cova e escondeu-se emquanto largava fogo ao capim aquella, que depois lhe pergunta, rapoza queimaste-te?

Não, lhe diz aquella.

Apaga-se a queimada e a raposa disse á perdiz: vae agora tu. A perdiz chegou ao meio do capim e escondeu a cabeça entre elle. A raposa que estava fazendo arder o capim, pergunta: perdiz, queimaste-te?

Não minha amiga, respondeu a perdiz.

Então a raposa corre todo o capim em roda queimando-o e pergunta: perdiz, queimaste-te?

Silencio.

A perdiz morreu, estava queimada no meio do capim.

A raposa apanhou-a, deitou-a na bolsa e carregou com ella.

---

ikuĝi ĭakŭetile kajila, mŭan' edi ŭediĝe ni žala, ŭakakŭate kajila, ŭakauminina, ŭadĭoka kudĭa, ŭadĭile, kajila kačine.

tátuk' ŭedi ŭeza, ŭediĝe ni žala, ači mŭan' eĭ, leta kajila; mŭana ŭaloda kamo kajila kačine; tátuk' ŭedi uleja, ĭaĝe ni kukŭata kajile kámi, mŭana ŭadile, eĭé tátuk' ŭámi, kajila kačine, ámi katuĭape kumukŭata.

tátuko ŭaloda hadi, ĭaĝe katataka ni kukŭata kajila kámi.

mŭana uaĭa ni ĝoma ni kabŭa kedi mukuêtu dĭedi mačiko maôso kŭa maisuko, ŭaxakama ni kabŭa pasŭipa pedi, ŭatažuka tujila tŭaôso, keza kajila bŭate, ŭatažuka kamo, keza kajila, bŭate, ŭatažuka kadi kakŭaŭ, keza kakó.

ŭakumŭata kumuxa mu ĝoma, edi ŭaloda, nafile kŭé?

naidama kajila tátuk' ŭámi: ŭatažuka kŭedi. kakó ŭatažukine, ŭatažukine, pi, pi, pi; kajila keza, mŭane akaŭile kamo, ŭaleka kakó.

učuko ŭajala, mŭéne ŭaméne kačikuḃo kŭa; ŭaĭa katata, ŭaḋama, ŭakixile kaxinakaje eči ŭaloḋa, mujikuḷ' ŭámi, ŭaxakama.

mŭéne ŭaxakaméne, kajinakaxi ači, taḃula luğaje ôlu. mŭéne ŭadile ni ŭamŭapele ni kaxi.

ŭaipulile kamo, kŭebe kŭadĭoka luğaje ôlu?

ğaka ŭámi dĭamačiko mulej' ámi ku mutoḋo kŭa luğaje ôlu?

lağala, dĭamačiko kutuloḋa.

mŭane ŭaĭa mu tulo, kaxinakaje ŭaxakama utadi mu kasŭè, kabŭa ukŭete kumana kali čŕeči kusala kaxinakaje.

mŭén' eḋi ŭakŭata utadi usŭanine ukŭete kumujipa kali mŭane, kabŭa ŭatŭike kaxinakaje, či ŭamutažuka mujikulu kudila kabŭa kuğusuma.

mukŭá kabŭa ači, vuğama; kabŭa ŭavuğaméne.

kaxinakaje kuxa kamo utadi mu kasŭè, ni ŭaĭa kamo ku mujikuḷ' ŭeĭ, kabŭa ŭatŭika kamo, kaxinakaje ŭaloḋa kamo, mujikuḷ' ŭámi, kabŭa kuğusuma kaḋi.

mujikulo kuvuğama kabŭa, mutena ŭabudika, i eḋi ači, ğak' ámi kuğuleja mutoḋo ŭa jiğaje?

eza námi, kaḋama ka mutoḋo kŭa. mŭane xaŭape ámi nĭia, ğak' ámi taḃula museğ' ŭámi, kaxinakaje kumuta pa xiğo peḋi.

mŭana ŭaĭa ni kukaḋama kŭa mutoḋo, ğaka ŭaloḋa, eĭé mutoḋo eh! ĭağe kamo kuiulo; mujikulu ŭaloḋa nĭeḋe, eĭé museğu ŭeh! mŭile mŭape kaxinakaje pa xiğo.

kaxinakaje ŭañika aôso, ŭakudila, mutoḋo eh! ŭeza paxi, ŭeza paxi, mujikuḷ' ŭámi, mujikuḷ' ŭámi dĭoxa museğu mŭipe ômu pa xiğo ŭámi.

eh! ğaka ŭámi, imana bili, ŭadile, ŭadile, či ámi ni kata kukatula jiğaje jĭa mutoḋo, nĭia kali kutaḃula museğu ŭámi ŭape.

ŭakatula ni ŭakatula jiğaje, po, po, po, jiğaje jiŭahŭa paxi čo čo čo, mŭane ŭatuluka, ŭaĭa kŭa kaxina kaje ŭamudĭoxene museğu mu xiğo muŕeḋi, ŭaleja: ğaka ŭámi ŭajikitixa ni vudi ŭaxala ni žaḃi. ŭakŭata jiğaje ajikuxa mu ğoma ni kajila, ŭaĭa mujila nĭeḋi ni kabŭa ku rutŭè.

mŭana ŭaḋama ku čikuḃo čĭa tátuk' ŭeḋi, namana tátuko ŭaloḋa, tátuk' ŭámi taḃula kajila keĭ ni aďĭa aeḋi.

tátuko ŭapatunine ĝoma, kajila ŭeza, jiĝaje jivudi ĵiahŭa paxi, tátuko kujidĭa. xaŭape xaŭape mŭan' ámi.

mŭana aĉi, tátuko ĕié ŭapedile? akadĭoxa jiĝaje eji mitoĎo ĵieĎi. tátuko aĉi kaĝana kajila kámi ŭamulej' eĭ kŭebe mujitana; ĭa ĕié mŭane, ámi kaĭaĝepe, mukurupi, naxala, ĕié mŭana kaki xaŭape, kukaĎama kŭa mitoĎo: ámi nataĎula ni kudĭa ĕié kukatula ni kuleta.

Um homem tinha um passarinho, e o filho que tinha fome agarrou-o, apertou-o, saiu comida, comeu, e o passarinho fugiu.

Veiu o pae que estava com fome e disse ao filho que trouxesse o passarinho e elle respondeu que fugira; o pae insistiu para que o filho o fosse agarrar e este chorou dizendo ao pae que não podia agarrar o passarinho.

O pae tornou a insistir que fosse immediatamente agarrar o seu passarinho.

Foi o filho com um tambor e o cão seu fiel companheiro para o mato, onde se sentou com o cão junto de si, e chamou todos os passarinhos que não vieram, tornou a chamar e ainda não vieram, chamou mais uma vez e apparece o *kakó* (ave pequena).

Agarrou-o, metteu-o no tambor, elle disse porque me mata?

Preciso do passarinho de meu pae, chama por elle. *Kakó* chamou, chamou (imita: pi pi pi); veiu o passaro, o rapaz apanhou-o e deixou fugir o outro.

Era já noute, e o rapaz vendo uma pequena cubata dirigiu-se para ella, entrou, e estava dentro um velho que lhe disse: meu netto sente-se.

O rapaz sentou-se, e o velho deu-lhe um fructo da palmeira, que elle comeu e muito gostou.

Perguntou depois, d'onde saira aquelle fructo?

Meu avô, amanhã diga-me de que arvore é este fructo?

Deita-te e amanhã fallaremos.

O rapaz foi dormir, o velho foi aquecer um ferro no fogo, o cão esteve vendo o que o velho fazia.

Este tomou o ferro já quente e com elle queria queimar o rapaz. O cão salta para o velho, que gritou pelo netto para que lhe accudisse, porque o cão o queria morder.

O dono do cão procurou socegá-lo e socegou.

O velho volta a aquecer o ferro e torna a querer queimar o rapaz, o cão torna a saltar de novo sobre o velho e este chama outra vez o rapaz para que lhe accuda, porque o cão ainda o queria morder. O netto socegou o cão, e como era dia, pediu ao velho que lhe ensinasse onde encontraria a arvore que tinha o fructo que lhe dera.

Vem commigo e sobe áquella arvore, lhe disse o velho. O rapaz muito satisfeito respondeu que ia, e entregou-lhe o seu amuleto, que o velho collocou no pescoço.

O rapaz subiu pela arvore e o velho gritava: olá arvore! faze-te mais alta, e o rapaz gritou tambem; olá amuleto! aperta bem o pescoço ao velho.

O velho treme todo, grita: oh! arvore, abaixa-te, abaixa-te; meu netto, meu netto, tira este maldito amuleto do meu pescoço.

Eh! meu avô espere um pouco, grite, grite, que eu tenho de cortar os fructos da arvore e depois vou receber o meu bom amuleto.

Cortou, cortou fructos (imita) os fructos caem no chão (imita) desceu, foi ao velho tirou-lhe o amuleto do pescoço e disse-lhe: meu avô muito agradecido, fique com Deus. Apanhou os fructos, metteu-os no tambor onde estava o passarinho e retirou para casa com o cão, que ia adeante.

Entrou em casa do pae, e vendo-o, disse-lhe: meu pae receba o seu passarinho com a comida d'elle. O pae abriu o tambor, o passarinho saiu e os fructos cairam no chão; o pae comeu d'elles e ficou muito satisfeito com o filho.

O filho disse ao pae: V. gostou? Vamos obter esses fructos nas suas arvores. O pae disse que não, que fôra o seu passarinho que ensinára onde havia de encontrá-los, e por isso fosse, pois elle estava velho e ficava; tu és ainda rapaz e podes muito bem subir ás arvores: eu recebo e como, tu cortas e trazes.

Narrativas

Uma pergunta de um dignitario a seu amo

mŭata, selej' ámi, utuleja bili, dičiko di kuĭa alŭè kŭa b̃iĵi, čiŭape kŭikana dĭamačiko, en' ezile katataka ni eču tŭijika dĭa kutub̃uka tuĭaṅi nĭêtu kŭa kaug̃ula tŭakamutana mŭata kakuruba.

xaŭape. alŭè adi kali pa, dĭamačiko akŭauka ni ačiluka katataka.

Senhor, meu amo, queira dizer-nos (diga-nos ainda) o dia em que vão (dia de ir) os portadores para o Ambínjí (nome do governador de Mataba), sendo bom que os despaches amanhã (bom despachá-los amanhã) para voltarem depressa, e nós marcarmos o dia da nossa partida (e nós sabemos o de partir, irmo-nos embora) para o Caungula, onde vamos encontrar o potentado dos Lubas.

Sciente. Os portadores estão promptos (estão já aqui), amanhã passam o rio e voltam depressa (immediatamente).

O Muatiânvua Muteba e seus dignitarios na audiencia[1]

M.—*ač̃i énu ag̃aka muméne aseba axikile lelo munumo, aseḋele ičidi ivudi?*

I.—*čĭakéne, mukŭábag̃o, čitota kamo makumi maadi.*

M.—*ah! ká! ká! makasu!*

---

[1] Dei a esta narrativa a forma de dialogo para melhor comprehensão do leitor; mas devo advertir que me foi feita por um velho Lunda, que pretendia provar-me a esperteza d'aquelle Muatiânvua, que conhecendo os exageros dos que o rodeavam, estava sempre prevenido para lhes mostrar que o não enganavam; e fazendo a narração principiava por: *mŭatiaṽŭa muteba ač̃i:* e transmittia tudo seguido, sem fazer os destaques do que era dito pelo Muatiânvua ou pelos dignitarios.

I.—*kag̃ana mŭane ivudi kamo dĭoke ku mazeb̃e ni ku mësu kamuxé.*

M.—*kag̃ana, makasu, ámi ṅakid̃ile kali, makúmi masato kaso ma ičidi ni tŭana tŭaŭ aseḋele tumisasa tu madĭaje.*

M. — Se V., avós, viram hoje chegar aqui os negociantes digam quantas cargas trariam?

D. — Com verdade, grande senhor, mais de cento e vinte.

M. — Qual historia! isso é falso!

D. — Não senhor, trazem muitas mais, formavam uma linha maior que o comprimento da sua residencia.

M. — Não é verdade, eu contei-as, só chegaram vinte cargas de negocio, o mais que viram, eram cargas de mantimentos para a Expedição.

Noticia

kaŭag̃a ĭaṽo mulaji ŭaxika lelo, ŭadĭoka ŭa kaug̃ula kŭa mataba, ŭaleja, jisag̃u j̃iaj̃ita j̃ia b̃ij̃i ni mŭatĭaṽŭa, ac̃i kŭikila. kaug̃ula ac̃i kamuleja, tatuk' ŭámi, kŭeza kunoŭko kŭijika kuĭa kolo kŭed̃i, b̃ij̃i naleta j̃ita ni mŭatĭaṽŭa, palepa pa xakama mu čibag̃o. ailolo á kolo mësu mu j̃ila akumutala mŭéne mag̃ad̃a ŭaruḋa kŭikila mŭana mukurup̃i ukutama ana akŭaruḋa.

Cauanga Ianvo Muláji chegou hoje do Caungula de Mataba e diz que não ha noticias de Ambínji querer guerrear o Muatiânvua. O Caungula encarregou-o de dizer a este que fosse para a sua terra para combinarem a partida para a côrte, porque o Ambínji não quer guerras com elle, que se tem demorado muito no Chibango, e os dignatarios da côrte já o esperam como seu soberano, pois não ha outro filho de Muatiânvua em que possa recair tal cargo.

Uma visita de Tâmbu de Cabongo ao chefe da Expedição

pa urŭela tŭaĭmene tab̃u ŭa kabog̃o ni mŭan' ed̃i, ezile kudi mŭéne puto, kob̃a ac̃i: tŭeza ni kulag̃ixa mŭéne puto, tŭaijika mŭéne puto ŭakéne čĭatumixe id̃ele ĭa ku mema, akeza kutug̃a

čipaka mu ulo ŭámi ni akaxakama; aĝŭikapo akŭete ma useĭa akŭilada, kamakŭetepe akuxakama kaso mŭamo čikalo, ana mŭéne puto akuĝuludikile ĝada muloĝa aĭoko aĝukasa, ana ni akaj' ĭámi.

mŭéne puto aĉi čaŭape, nĭia bili ni kumutŭale mŭa tĭaĭŭa pà kalani, čadi, kučiluka pana nikuleja anámi iaôso akusotele kuxala ni eié mŭéne aĭaĝe ni kutuĝa mu ĝad' eĭ.

INTERPRETAÇÃO LITERAL

De tarde vimos Tâmbu de Cabongo e filho d'elle; vieram pelo representante do Rei de Portugal o qual disse: viemos cumprimentá-lo. Sabemos Rei de Portugal grande, que faça mandar brancos da agua, construir recinto fortificado no sitio meu e permanecerem, dão-me, se teem negocios que lhes compram, não os teem permanecem só assim, ficam ahi, os filhos do Rei de Portugal governarem as terras, porque os Quiôcos amarram-me os filhos e minhas companheiras.

O representante disse: muito bem, eu vou ainda acompanhar o Muatiânvua ao Calânhi, depois voltar aqui eu digo filhos meus que quizerem, vão morar na terra de V.

INTERPRETAÇÃO LIVRE

De tarde vimos Tâmbu de Cabongo e seu filho, que vieram procurar o representante do Rei de Portugal, a quem aquelle fallou: nós viemos cumprimentá-lo; sabemos que o Rei de Portugal é poderoso, sollicitamos-lhe que mande europeus estabelecerem-se em um recinto fortificado no meu sitio, dar-me-hão alguma cousa se effectuarem transacções commerciaes, se não forem negociantes é o mesmo, contento-me que governem as minhas terras, pois os Quiôcos levam comsigo o meu povo e as minhas amasias.

O representante respondeu-lhe que ficava sciente; que ia acompanhar o Muatiânvua ao Calânhi e na volta dizia aos que quizessem ficar com elle que fossem estabelecer-se nas suas terras.

Diversas opiniões por causa de um falsario

tŭadi panapa, kutala mona uta ukŭez' oŭ ni kaxalapoli kedi ni mukada ku čikasa, eki ŭadioka kŭa mŭéne kibudo, ŭamŭika, ku mŭata kubana.

mŭata kutala mu mukada eči ağaba aleka kŭeda, mŭéne kibudo lele ŭasanika inaï, i mukada ŭakumuleja mŭata kubana čiaoso čiavudi čiasuta, kŭiji kunima kudi muruda nedi.

mŭata kubana ŭatağa mukada xamukixi, ŭatažuka muzubo, eči eié muzubo ŭaïa katataka mŭéneğada kamuleja: ači edi ŭatumixi čiajika kŭimika, mŭéne kibudo ŭa kakulej' ámi diamačiko bŭididi; nŭijika kuŭa kumučilulixa mŭéne kibudo pa kŭeza panapa, tŭijika dia kuŭa akŭêtu ku kŭilu, nimana muxima ŭedi kasotelepe kuŭa ku polo

mŭéne ğada ači: ŭaloda mŭéniumu nani? kumukasa mŭén' edi, mŭéne kibudo ŭaleka amutumixa kunoŭko ni miôj' edi kŭa mŭéne puto, murudanámi, amuteka mu kaleï, ači kumutapa. tumutapa, ukŭete mafefe.

ná mutèba ači, čiadi kolo kŭêtu tŭamutapa ni katataka: mulu ŭakumutapa čiŭakŭete mazŭi maadi.

sŭana mulopo ači: mŭéne ğada diamačiko nileka kŭámi, nŭia ni muxaela tŭakamukaie pa mioŭji pa kučilukape, ni sutile kali ia rŭana, ni kŭibŭitile tudiğa.

INTERPRETAÇÃO LITERAL

Estavamos aqui, ver filho da arma vem cá com servo d'elle com carta na mão que sae do sr. Quimbundo lh'a dá para o sr. Cumbana (potentado d'aquelle).

Este ver na carta que carregadores recusam andar, o sr. Quimbundo então está escrevendo isto e carta está dizendo sr. Cumbana tudo quanto se passa, culpa atrás pelo amigo d'elle.

O sr. Cumbana está lendo carta, zangado, está chamando interprete, que V. vai immediatamente ao senhor da terra, dirá se elle está fazendo mandar que suspendam marcha ao

sr. Quimbundo o diga a mim, amanhã de madrugada eu sei fazer voltar o sr. Quimbundo vir aqui, nós sabemos ir nossa terra no Cuílo, eu vejo coração d'elle não quiz ir para deante. O senhor da terra diz: Está fallando isto quem? o amarrem a elle; que o sr. Quimbundo deixe o tragam aqui amarrado com cordas que o ponham na cadeia do representante do Rei de Portugal ou o matem. Nós o matamos tem traição.

A sr.ª Muteba diz: Se nós estivessemos na nossa terra o matavamos immediatamente; matamos a pessoa que tem duas palavras.

O principe herdeiro diz: Se o senhor da terra (dá licença) amanhã eu vou com o Muxaela amarrar (falsario) nas cordas para voltar aqui, e passamos então no Luana (rio) e apanhamos (arrancamos) as mandiocas.

INTERPRETAÇÃO LIVRE

Nós vimos chegar o filho da arma com o seu criado, que trazia uma carta do sr. Quimbundo e a entregou ao seu potentado, o sr. Cumbana.

Participa-lhe que os carregadores não queriam andar, desculpando-se serem as ordens do seu amigo potentado que estava com elle atrás.

O potentado Cumbana, ao ler tal noticia, zangou-se, chamou o interprete e ordenou-lhe que fosse immediatamente dizer ao senhor da terra (o amigo) que se fôra elle que fizera suspender a marcha do sr. Quimbundo o declarasse, porque então amanhã de madrugada iria fazer retroceder o sr. Quimbundo e seguiriam para a sua terra na margem do Cuílo, visto elle (senhor da terra) não querer avançar.

O senhor da terra, admirado, perguntou quem dissera tal cousa, que o fossem prender; e o sr. Quimbundo que consentisse que o trouxessem preso com cordas para entrar na cadeia do seu amigo o representante do Rei de Portugal, ou para ser morto. Na sua terra matam-se os traiçoeiros.

A sr.ª Muteba disse: Se estivessemos na côrte o matariamos immediatamente, porque ahi matam-se os falsarios.

O principe herdeiro pediu ao senhor da terra que o deixasse ir amanhã com Muxaela (um caçador conhecido) prender com cordas o falsario para o trazerem, e no regresso, passando o rio Luana, colhiam mandiocas[1].

Recordação de uma irmã de Muatiânvua

kañapŭa ŭamujipa mŭitia ni sŭana muruda ni kanapuba. akaruda amupuñana ači kadimukinepe, ŭata ukŭapele ailolo ajima. aka lele ečé kañapŭa añak' eĭ ŭata ukudĭa n' edi ini? mahŭi mamulekele mukŭata kudi kariba.

amutapa kañapŭa, kariba ŭa musŭana, čieči akŭaruda eči kañana ŭata ŭaéne ŭa xamadiaba, iê kariba ŭadi kŭedi edi xanama kakusŭanape mŭatiavŭa.

aká ŭatiavŭa ŭakumusŭanéne ku kŭedi eči kŭa mŭana mak' ŭedi mŭari? čiahŭi čia mulekele u akŭaruda kumŭata kudi ačioko čiamutapa.

ah! ka! ka! ná mŭane! tátuk' ŭeĭ mŭatiavŭa muteba ŭalejelo ni ŭape: dičiko diafŭa diámi, ruda rŭafŭa.

INTERPRETAÇÃO LIVRE

Cangápua (Muatiânvua) ordenou que fossem mortos o conselheiro do Estado, a senhora das terras e o chefe das forças que sempre acompanham o soberano. Os Lundas aconselharam-no que não continuasse a proceder d'aquelle modo, porque ser soberano era bom quando houvesse harmonia com os maiores dignitarios. Matando elle os dignitarios de maior grandeza, seus parentes, com quem havia de governar. Elle não attendeu aos conselhos e por isso o entregaram a Cariba.

Assassinaram Cangápua, succedeu-lhe Cariba, o que alguns Lundas não queriam por a successão pertencer a Ianvo (Xa

[1] A epocha em que se passára este facto era uma epocha de fome, e pensava-se em colher mandiocas onde as houvesse, e por isso a razão do ultimo querer aproveitar no regresso trazer mandiocas para o acampamento, que ficava a dois dias de distancia do rio Luana, onde as havia.

Madiamba) e Cariba pelo facto de ser cunhado de **Xanama** não tinha direito á successão.

Nunca, dizem elles, a successão no Estado do **Muatiânvua** teve logar pela linha materna e por isso alguns **Lundas** o abandonaram, entregaram-no aos Quiôcos, que o **mataram**.

Oh! que fizeram! senhora! seu pae o Muatiânvua **Muteba** dizia bem: — quando eu morrer morre a Lunda!

Noticia

ac̃i ĭav̄o ŭeza, ŭaile pa xakusaĭ ukŭitanéne ac̃ĭoko atatakéne at̃u á mŭatĭav̄ŭa kŭikasa mata, ac̃ĭoko atab̃ŭile makog̃o kudi ana mŭata majolo.

xakusaĭ ac̃i kag̃ana akasa ana arud̃anámi mŭéne puto ni mŭatĭav̄ŭa. ŭad̃ĭoxa masuna ned̃i, ŭafutile kudi aned̃i, ac̃i ĭag̃aṅi pa, kučiluka či amulejaṅi tatuk' ŭed̃i, g̃ana majolo, kug̃ŭĭčilŭixa masuna mami čiŭafutile.

Dizem que chegou Ianvo, que fôra ao sr. Cussai, porque os Quiôcos (povos d'este) exigiram á gente do Muatiânvua que lhes entregasse as armas, por causa de abonos que teem feito á gente do sr. major.

O sr. Cussai não consentiu que se fizessem taes exigencias á gente de seus amigos Rei de Portugal e Muatiânvua. Foi buscar fazendas d'elle e pagou á sua gente aquelles abonos e disse aos que seguiam que no regresso dissessem ao seu chefe, o sr. major, para ser reembolsado dos pagamentos que fez.

Outra noticia

tuxike ni mŭata kad̃ala, kutumona mŭata musev̄o ŭaxika; ac̃i neza ni kŭab̃ab̃a, nikŭete z̃ala ĭa kab̃iji, ac̃i nĭia ni ámi kudi tátuko mŭata kad̃ala, ac̃i ŭa kŭete kab̃iji ŭakata kud̃ĭa ed̃i, kug̃ukexe aka nisukile ni rruka, munumo mŭikila b̃iji.

jikŭaŭ, musev̄o ac̃i, tŭovŭa jisag̃o j̃ĭa d̃ĭoka kŭa čiseg̃e, čiseg̃e eči uxamukixa dizŭi d̃ĭa muleja mulŭa ŭed̃i kumubula kudi akaje d̃ĭa kaŭg̃ula.

edi čiseje, ŭasotele kŭiza kunoŭko, ŭovŭile kadi či ana kaŭjula aloza mŭana ŭa mukaža, čieči makasu, matedu ahŭi kalala ni ana kaujula.

mŭata kalala, ači, kajana, čiseje murudan' ámi, ŭajika kali, ni ioŭma ŭasutile i mŭén' edi ŭakusota kaso, akaje ŭa kaŭjula amufuta kubula mulŭa ŭedi mŭeči asalele ni ipe, ni kaxi ni ámi novŭa ŭape kaŭjula amufuta.

Estavamos com o sr. Candala, quando vimos chegar o sr. Mussenvo que disse vinha conversar, pois tinha appetite de um pedaço de carne e lembrou-se de vir procurar o seu protector o sr. Candala, que se a tivesse para o jantar lhe cederia uma porção para comer com o seu infunde, pois de outro modo não o podia conseguir na localidade.

Depois disse que tivera noticias de que Quissengue estava muito zangado, porque o portador d'elle lhe contára que fôra maltratado pelas amasias do Caungula.

Soubera mais que Quissengue queria vir aqui, porque lhe disseram tambem que a gente do Caungula ferira a fogo um rapaz de Mucanza, o que é falso porque a desordem (que houve) deu-se entre a gente do Calala e Caungula.

O sr. Calala disse: não é assim, o meu amigo Quissengue sabe muito bem, como as cousas se passaram, e elle quer apenas que as amasias do Caungula lhe paguem o crime de espancar o seu portador, no que fizeram muito mal; e eu entendo que lhe devem pagar.

Uma diligencia frustrada

kapeda ni ŭavu axikile kŭa bujulo kŭaile mu musuba ŭa mŭéne bujulo amulejele eči kasŭaja tŭamutana, tŭamŭakexe, mukada, tŭamuloda mutu á mubada bamona ni mŭan' edi ebu, tŭezile ni kumŭata.

kasŭaja ŭamulej' êtu eči kajana, akuxala nŭámi, énu mukuŭa ni kŭiladixa kudi aŭôko, aileka, selej' énu pa kučiluka kŭa ruda kŭijika kŭezako akŭiseda nedi polo pedi malaje; kajana kuŭa

ni aéne abada ruda, bamona ŭakŭete an' adi, nañi ŭaseda mŭana mŭiso ni musasa ŭa madiaje ahinaŭ?

kapeda ni bavu ači kañana tŭakŭete kuŭata, dizŭi dia seleǰ' êtu, amukŭata bamona mu čikasa, ŭapŭita čikasa ŭaŭa mahŭè ma isuko, kujiñama, ŭalala.

pamaki ŭaxika polo kasŭañ ači muxañi nŭámi, kŭeda, akaleja selej' enu, akŭiza ku ruda ŭaijika ni kŭiseda maku ni an' edi.

Capenda e Ambanvo, que foram á principal povoação do Bungulo, de lá regressaram e disseram que encontraram o Cassuanga, a quem deram a carta e lhe fallaram com respeito á mulher Bamona e sua filha Ébu que iam buscar.

Cassuanga disse-lhes que as não deixava vir com receio que elles as fossem vender aos Quiôcos, por isso ficavam ainda e o patrão d'elle quando voltasse da Lunda podia lá ir buscá-las e levá-las para Malanje; que não podiam ir agora á Lunda, porque Bamona tinha dois filhos, e quem havia de transportar o de mamma e a carga de mantimentos?

Capenda e Ambanvo, que tinham ordem do patrão para as acompanharem, prenderam Bamona por um braço (com cordas) mas ella poude safar-se, correu para o capim, lá se escondeu e dormiu.

De madrugada Cassuanga disse aos rapazes que a deixassem, se retirassem e dissessem ao patrão que, voltando da Lunda, fosse la buscar a mãe e os filhos.

Um combate de Lundas com Quiôcos

mulaji ni kapeda atuleja lusañjo lŭa buñulo kabobo ukŭete mŭan' edi ŭatabŭile ŭiañja ŭa kačioko, mufuta kañana, kačioko čamukisa ni ŭakŭata mukaje ŭa buñulo.

buñulo ni edi ŭatažukine tubaje ni mata, ači: tuŭañi tŭakutabula mukaje ŭa mukakasa kudi ačioko, ni éne akŭeda, akŭeda ni akŭeda... tó, kuxika kŭa čiteđe čiasŭeji.

ana buñulo, umŭè ŭasŭiñile, kaimanepe, ŭabula uta pa bula dia čiteđe. ana čiteđe nŭaŭ asŭejiji ni vudi abudika ni mata

akŭatape kuloza, loza... bum... bum... bum... pum! amubukuna mŭana buğulo mŭed̃u... ti... ti... ti..., bum... bum..., pum! amutapa kad̃i kŭaŭ... bum... bum... bum... xate!

an' ed̃i buğulo apalağana maŭ i maŭ i maŭ, i kamo ni polo paŭ... ah! ká! ká! aéne aôso ačinine, ačĭoko aṅime akukasa ab̃ad̃a atanéne ni mata tub̃aje tŭahŭa paxi, éne akujiğama mu čipağa čĭa buğulo ŭed̃i, ni ačĭoko ana čited̃e ačilukaṅi akata mixima atoka ni akaje amused̃ele.

Muláji e Capenda disseram-nos que um filho (rapaz do povo) de Bungulo Cambombo recebeu um remedio de caça de um Quiôco a quem não o pagou, e este zangado levou comsigo amarrada uma amasia de Bungulo.

Bungulo mandou armar todo o seu povo para ir buscar a amasia e pozeram-se em marcha, que foi de algumas horas, para chegar até á residencia de Chitende que estava desesperado.

Um dos rapazes de Bungulo, tolo, que não quiz esperar, dispara a arma no largo á frente da residencia. A gente da Chitende muito bravia, saem para fora da residencia, cercam aquelles e disparam logo sobre elles, quebrando uma perna a um dos rapazes de Bungulo. Continuou o tiroteio, mataram um outro, e acabou-se!

Os rapazes de Bungulo debandaram e deitaram a correr o mais que podiam para a sua terra, e oh! senhores! fugiram, e os Quiôcos que os perseguiam foram amarrando as mulheres que encontravam e apanhando as armas que elles iam deixando cair na terra. Aquelles esconderam-se na residencia do seu chefe e os Quiôcos de Chitende voltaram muito contentes com as mulheres que prenderam.

Um muata que falla com o Muatiánvua

kaŭağa ŭamutanéne panapa mŭatĭaṽŭa, ač̃i: — eĭé tátuko! mŭatĭaṽŭa! nëza, mŭanĭê či noeji, kumulağixa. eĭé, tátuko ana aôso akŭarud̃a, mŭanĭê či noéji, nikuleja ámi mŭan' eĭ nikusota

kumikana ni muruda neĭ mŭéne puto; ámi kaŭaga či noéji kinajilepe ni kuxakama pa mŭanĭê či noéji nëzile ni kumisakana tuĭañi ku kaugula či noéji, tŭakapŭixe makasu ma biji ni ana mak' ŭedi či noéji tŭakuxika kolo kŭakata mŭanĭê či noéji, kumituna kutažuka. eĭé, tátuko, mŭéne agada aôso ŭaleka či noéji; ámi ni kuĭa kŭámi kŭa kaugula či noéji, nakamuleja: eči eĭé, tátuko, ŭaleka kuĭa ku polo mŭanĭê či noéji; ukusota kufixa agaba á nuruda neĭ mŭéne puto ni žala či noéji, nakŭaruda akŭaŭ akata kali kuloda ni ipe mŭeči noéji.

—xaŭape. kaŭaga, učuko ŭeza, tŭalala mu tulo, diamačiko tŭalodañi.

Cauanga encontrou aqui o Muatiânvua e disse-lhe:

—Oh tu! pae Muatiânvua! eu venho cumprimentar-te. Pae de todos os Lundas, eu, teu filho, vou despedir-me do teu amigo o representante do Rei de Portugal, porque eu Cauanga não vim para ficar aqui e sim para te encontrar e irmos todos para o Caungula, acabarmos as intrigas com o Ambínji e seu povo e seguirmos para a côrte, onde estão os grandes que nos mandaram chamar. Tu que és senhor de todas as terras, recusas; e eu vou-me embora para o Caungula e dir-lhe-hei que tu, pae, não queres ir para deante; queres fazer morrer de fome os carregadores do teu amigo representante do Rei de Portugal, e tambem os Lundas que já se queixam.

—Sciente. Cauanga (diz o Muatiânvua), é noite, vamos dormir e amanhã todos fallaremos.

Opinião de dois potentados Lundas sobre os Uandas

mŭéne pada ni mŭéne ĝuĝo ači tŭeza pane kumulagixa eĭí mŭata, tŭejile kudi mŭéne koĝo ŭamŭakexe kačibele ka disuna disuža, ŭamutana pekila, čiahŭi tŭasutile mŭa mŭata tŭamuleja jisagu jia mŭéne beza ni mabaza, majala mavumo nakŭaŭ ijala ičita.

atŭipule mŭata ači enou akata kumulabŭila mŭatiavŭa ači kagana

mŭéne paḏa ni mŭéne ǰuǰo ači adi kali čikulo čialaḏŭil' aŭ, katata ŭaleka čiadi akatu i mulŭa ŭa mŭatĭaṽŭa kaso, kakatape kuxikako.

ahŭi ikuḏo ĭa tuǰ' aŭ ĭa kudila kaso, kaǰana kulal' ama akata kulala mu makako čia kaǰanape kutuminako alŭè akutaḏula dĭahinaŭ milaḏo.

mŭata ači, mŭatĭaṽŭa kuĭa ni kŭitapa ŭailekelaki?

mŭéne paḏa ači, kuĭako kŭaŭape pa kučikulapa ukutana amijikila kali mu ǰila kudi akŭaŭ akata ni kumičina pa kuĭa aôso mukuǰiila kŭéne kŭa.

mŭata ači, mŭatĭaṽŭa kutuma mulŭa ku tučilaǰe ajike muĭaḏa ḏúm, mŭatĭaṽŭa mŭén' eḏi kudĭoka ni aruḏa aĭsakéne pa kaxa pe kakutŭixape aŭihinaŭ kŭijipa.

mŭéne paḏa ači akŭijipe kaḏi.

O sr. Panda e o sr. Angungo foram procurar o representante do Rei de Congo para lhes dar um pedaço de fazenda encarnada e como não o encontrassem, passando por aqui, cumprimentaram o senhor do sitio e deram-lhe noticias dos chefes Beza e Mabaza e dos (povos) que se cobrem com a propria pelle da barriga e dos que se cobrem com pelles de animaes. Aquelle perguntou-lhes se estes eram ou não tributarios do Muatiânvua.

Responderam-lhe que antigamente eram, porém agora tornaram-se selvagens, e um portador do Muatiânvua isolado teme-se de ir ter com elles.

Porque não vae então o Muatiânvua submettê-los? perguntou o senhor do sitio.

Para lá todos podem ir, diz o sr. Panda, mas na volta já encontram os caminhos cortados pelos que fogem adeante dos primeiros que lá entram.

Se o Muatiânvua, diz ainda o senhor do sitio, mandasse ordem aos Chilangues para lhes tomarem o caminho pelo norte e partisse com os seus Lundas ao encontro d'elles, cercava-os e já não podiam ser mortos por elles.

Ainda assim os matavam, respondeu o sr. Panda.

Um alvitre dos Quiôcos

pinape jisaǧo jïakata čïa katau kuïaŭ mu buǧuro ajïbura ecike kŭena kŭa tŭovire: eči mŭatïaṽŭa ŭejile mŭén' edï čitŭarŭixe nedï jïta muloǧa xanama noéji ŭatŭïka kali ṗaka ïa kŭitapa aïlolo aôso a mŭatïaṽŭa; ê katata xamalïaba čïeza ni mŭéne puto muruda ŭa mŭatïaṽŭa ni čiseǧe, eču tŭakaǧana kuloda tutala dizŭi dïa mŭéne puto ni dïaôso dïa kuloda ni dïa čiseǧe ni dïa xamalïaba kamo, atureja kudi mŭéne puto ŭakŭete arudanedï, tukaôvŭa čïaôso čïa kuloda mŭéne puto ni čiseǧe ni mŭatïaṽŭa či ačïitïa atu aôso ni jïǧada jïaôso akôvŭa.

Vou dar-lhe noticias que muito em particular ouvimos communicar a Bungulo por gente que lhe era extranha: Chegou o Muatiânvua a quem podiamos fazer guerra, porque Noéji, governador do Tengue, nos deu uma faca para matarmos todos os dignitarios da Lunda; mas como Xa Madiamba (mestre em fumar liamba) veiu com o representante do Rei de Portugal, amigo do Muatiânvua e do Quissengue, nós não fazemos cousa alguma sem primeiro sabermos o que delibera aquelle representante e em que concordam os seus amigos Quissengue, Muatiânvua e todos os que tomarem a palavra na entrevista entre elles.

Quissengue participa a sua chegada

ïaǧe eïé, mon' ámi, ŭakamutana mŭatïaṽŭa kamuleja: eči ámi, čiseǧe, ŭaxika kali ku lŭana pa kaïeḃe nikusota kovŭa dizŭi dïa mŭatïaṽŭa kutŭïxi ni kuïa mŭa kauǧula čilolo čïa mŭatïaṽŭa čadi mŭén' edï kusaḃele kuxika, kuǧutumixa kŭeda kulutŭè, tuḃaje tŭámi akusota kuïa kŭedï apẽḃe ači iboḋe ači mikoko éne akumana, ači mŭatïaṽŭa kovŭa mŭamo ŭakaloda ni ipe, eči mŭana mak' ŭámi ŭeza ni kulŭa aïlolo ámi.

kaǧana ŭaxakama kadï mačiko mavudi ni mŭéne puto, bïjï ŭasŭeji kasotelepe kuloda mukano, ŭasota kamo kuloza, i ámi čiseǧe, mŭana amukŭaruda kudi čïoko ku kamaku, kaǧana ku-

xexa jĭĝaḏa jĭa mak' ŭêtu, ŭakadi mŭatĭaṽŭa kuĝuleja čiaôso čĭeči ečU tŭakasala.

ači ḅiĵi ukŭiza ni kukŭata mavu čioŭma čimŭè, ači kaĝana čikŭaŭ; ámi, mŭéne puto pamŭè, tŭaijika ḏia kalŭa neḏi.

či mŭatĭaṽŭa ni mŭéne puto murudanêtu, aeza katataka mu mačiko masato, kaĝana kuxakama kaḏi mačiko kamo, mu jila ačioko ámi kanimanape axakama akŭete muxima akulŭaneḏi ḅiĵi jita.

mŭatĭavŭa ŭaovile ači: čiaŭape mukŭaḅaĝo, tŭatala ḏiamačiko kaseĝa kalaḅa, kŭeza dikĭaḏia tŭijikaṅi kŭeḏa.

Vae tu, meu filho, ao encontro do Muatiânvua e dize-lhe: que eu Quissengue já cheguei ao Caiembe, na margem do Luana, e sem ordem d'elle não vou para o Caungula, que é seu subdito, onde elle deve entrar primeiro para me ordenar que avance, porque a minha gente pode roubar-lhe algumas cabras, porcos ou carneiros que encontrem, e depois o Muatiânvua censura-me, dizendo que eu, seu parente, lhe vim fazer guerra nos seus subditos.

Não se demore muitos dias com o representante do Rei de Portugal, porque o Ambínji está muito atrevido, não quer conversas, prefere combater, e eu Quissengue sou filho de Lunda e de mãe Quiôco, não quero portanto estragar as terras dos meus patricios sem que o Muatiânvua me diga tudo quanto eu devo fazer.

Se o Ambínji vem pedir perdão é uma cousa, se não outra; e eu e o representante do Rei de Portugal juntos, saberemos dos motivos.

Que o Muatiânvua e o representante do Rei de Portugal nosso amigo, venham dentro em tres dias, não se demorem mais, porque não me responsabiliso pelos Quiôcos, que já se preparam para fazer guerra ao Ambínji.

O Muatiânvua, que ouviu o portador, respondeu: que ficava sciente e só esperava no dia seguinte que chegasse Cassenga Calamba (potentado do sitio em que estava), e todos partiriam com elle.

Quissengue cede aos seus conselheiros

kaka kazari ŭamutana mŭata majori ači: xakadaje murŭa ŭa mŭatĭavŭa ŭaile kŭa čiseje, ŭaxikile lelo ni ŭamulej' edi, dičiko ditŭaxikile murŭa ŭedi, čiseje ŭamuloděle kali matedu ŭasotele panapa ni abada a kaŭjula ni mulŭa ŭedi, čĭamusakana kabama mu disu, ni čiseje muleje eči naĭa kali kulŭajana ni kaujula, kusala ni ipe ni mŭéne ukŭete puji imŭè ni biji.

aĭlolo a čiseje amučilŭixa kajana, eči kutusala mŭamo uku, mukŭatexe ŭoma mŭatĭavŭa či ukamuleja kĭujilepe kaujula ači kujupeka kŭámi mŭatĭavŭa.

čiseje ači: mŭamo.

O potentado Cazal encontrando o sr. major disse-lhe: que Xa Candanje, portador que o Muatiânvua mandou ao Quissengue já ahi está, e participou-lhe que no dia em que se avistaram com o seu amigo Quissengue, este já sabia das desordens das mulheres do Caungula com o seu portador, que lhe bateram num olho com uma chibata, e Quissengue queria fazer guerra a Caungula, porque o suppõe mal aconselhado com o Ambinji.

Os seus conselheiros contiveram-no, lembrando-lhe que, se procedessem assim, o Muatiânvua receoso diria que Quissengue queria guerrear com elle e não com o Caungula.

Teem razão, disse o Quissengue.

Uma desordem

joloxe nadile panapu kumona akaje ĭa kalala žavu, akata kusuta mahŭè ači kalala mujipa. abada kuxika kŭa atana mŭepŭa ŭedi kalala koba edi, amubuja mutŭè ni mitodo.

éne kaujula niaĭ aovile ači mŭana mak' ŭedi kaujula amujipa kudi kalala, čiahŭi čiakumajanene majita mutaba ni mutaba kuxika pa matedu; kumutana kalala, ači lekaĭi, kutapajana tŭa muneta.

mŭatĭavŭa ni mŭéne puto kajana ajita dia kutap' atu ni mata miloja ŭa mubada uná kŭatele pebe.

Hontem estive aqui e vi passar correndo as mulheres do Calala superior, gritando que tinham morto o seu Calala. Suspenderam a corrida no logar em que encontraram um sobrinho d'aquelle com a cabeça partida com uma paulada.

Os de Caungula e outros ouviram dizer que um irmão d'este fôra morto pelo Calala, e por isso se reuniram forças de parte a parte, e já estavam em conflicto quando appareceu Calala a socegá-los para que se não matassem uns aos outros.

O Muatiânvua e o representante do Rei de Portugal não querem que os seus povos se matem com as armas d'elles, por causa da questão de uma mulher de quem eu amarrei a cabra.

Um conselho de Caungula ao Muatiânvua

mŭatĭavŭa! ámi, kauĵula, neza kunoŭko kŭa kutuleja miloĵa ŭa bĭĵi nana mak' ŭeďi akusota kŭiza kukŭata mavu.

čaŭape kutumixa kŭa mulŭa êtu ŭaĭa ni mulŭa ŭa mŭén' eďi bĭĵi ni fana akaileja eči mŭatĭavŭa ŭaxika kali mŭa kauĝula aeza pane, akŭata mavu muloĵa alŭè a čiseĵe uĭa kali ni kŭisakana. čaŭape kusaďele kŭiza tŭaludika nebi miloĵa ni mŭatĭavŭa čiakuxika čiseĵe kututana tŭaludikile čiaôso čia tukufuta čiseĵe, mŭatĭavŭa ejika kŭeďa kolo keĭ mŭaĵaba a mataba italale ni ŭape.

ači bĭĵi, ŭaleka dizŭi diŭape dĭa muleja mŭatĭavŭa ni ámi kauĵula mŭan' eĭ, kŭiji kŭeďi mukŭaŭ ĵŭeji ĭa muĭba ŭasotele kuĭa kudi budi buďabéle eči akuĝujijika. buďa nalike, eči čiluka uĭa kudi bĭĵi ŭatapa nebi mukaža, ečU á tulaďa tŭaôso katŭijikape jipuĝi jĭa kumutapa mukaža muloĵa bĭĵi nana mak' ŭebi ahŭi afixa kali anêtu kuĵita ĭa buďa xanama.

mŭén' eďi uaile kali kolo ni buďa, ači ŭeza kali ni kahusa amutuma ni dizŭi diŭape dĭa kutapa mukaža či amulekele mŭén' eďi mŭana mŭatĭavŭa umutapa čilolo čiakéne čia mŭatĭavŭa tátuk' ŭeďi, kaĵana kumutapa.

eié ĵŭeji eči čilolo čia sŭana mulopo čia mukaža ŭaketĭa dizŭi dĭa mukŭenu dĭipe i ámi buďa nalike mudi mŭamo. eié bĭĵ eza kaiataka tuloďa ni tátuk' ŭêtu mŭatĭanvŭa tutalalexa maĵaďa ĭêtu.

Muatiânvua, eu, Caungula, venho aqui para fallarmos das questões de Ambínji e seu povo, que querem vir pedir-vos clemencia.

É bom nós mandarmos um portador que vá com o de Ambínji e Fana dizer-lhes que o Muatiânvua já aqui chegou, e podem vir porque os portadores do Quissengue já para la seguiram. É conveniente antes da chegada de Quissengue o Muatiânvua pôr termo a estas questões. Quando este vier paga-se-lhe, e o Muatiânvua segue muito sossegado pelas terras de Mataba para a sua côrte.

Se o Ambínji não fizer caso d'este nosso aviso, queixe-se então de si.

Emquanto ao outro Anguéji de Muiamba, quiz ir esconder-se nas terras de Ambumba Bele.

Este recusou-se a recebê-lo e disse-lhe que voltasse para o Ambínji, a quem auxiliou na morte do Mucanza, á qual elle e todas as auctoridades subalternas foram extranhas, e não queriam agora envolver-se nessas questões, pois por causa do irmão do Ambínji e dos seus já elles soffreram uma guerra do Muatiânvua Ambumba (Xanama).

O proprio Ambínji foi mandado para a côrte, e se agora veiu com Cahunza e trouxe ordem de matar o Mucanza, que deixasse este, que é filho de Muatiânvua, matar um grande dignitario da côrte do seu pae e não fazê-lo elle.

Anguéji, que é subdito do herdeiro do Mucanza, aceitou os maus conselhos, e eu Ambumba não quero proceder assim.

Manda dizer ao Ambínji que venha immediatamente para fallarmos com o nosso pae Muatiânvua, afim de sossegar as nossas terras.

Um desculpa de Caungula

kauǧula ac̃i: namutaz̃ukine eĭé, muruḋanámi, tŭakumuleja ĭa miloǧa ĭa ǧoloxe, kukana alŭè kŭa xaṅaṽo.

nalekele kupana mulŭa muloǧa, ámi natumine kali mulŭa ŭakaĭauĭau, ŭakadi kŭivŭa at̃u avudi, čĭahŭi čĭaǧutumixine kuleja xa ṅaṽo, mŭén' eḋi ukŭete ŭoma ŭakŭaŭ xamuhoǧo.

ači mulŭa ŭaile ni mutena, xamuhoŋo eči evŭa ŭaŭa kŭikasa aɓaɗa polo peɗi čia nalekele kupana mulŭa čiadi tumutala bili ŭasaɓele mulŭa ŭaile.

ŋoloxe kinatŭixilepe kulej' iki eŭé, mŭata muruɗanámi, muloŋa padile aŭu avudi pa ɗoɗa êtu.

čaŭape mŭéne ŋaɗa, čiaŋukata kumovŭa ŭaiŋa kuloɗa mŭamo.

Caungula disse: chamei o meu amigo para conversarmos sobre as questões de hontem, com respeito a despachar um portador para o Xa Nhanvo.

Recusei-me a fazê-lo porque já tinha mandado um portador muito em segredo, sem que pessoa alguma o percebesse, porque Xa Nhanvo me mandou dizer que receia muito do seu companheiro Xa Muhongo.

Se o portador fosse de dia e Xa Muhongo desconfiasse, mandava logo prender as mulheres do Estado do companheiro, por isso recusei mandar um portador sem que voltasse primeiro aquelle.

Hontem não podia dizer isto ao senhor, meu amigo, porque estava muita gente junto de nós.

Muito bem, senhor do sitio (dono das terras, soberano), alegro-me, estou satisfeito de o ouvir, porque tem razão de ser o seu procedimento.

Resolução de um potentado Quiôco

kačioko lukokexe ulej' etu; eči nezile kŭa rŭana, ni kuŭa kudi čiseŋe, kuŋutažuka čiŭeza kunoŭko kutuŋa čibeŋe: eŭé tátuk' ŭámi, kaŋana ŭatuŋa čibeŋe čialepa nana mak' ŭeŭ, tŭaxakama neŭ pasŭipa kutŭijika kuŭa ni kuloɗa ni ŭape miloŋa ŭa ɓiji.

ámi, lukokexe, nŭia ni kumulaɓŭila kŭijika kutuŋa čibeŋe, ničiluka kusakana anami axalele polo pêtu, ači nikŭete žolo nimunete kudi mŭata.

lelo nitala mŭéne čikala čiámi ča muŭu nakalaɓŭile muruɗaneŭ čiseŋe, kugŭijika tátuk' ŭeɗi udimukine, mŭén' eɗi kuxala ni muxima ŭatoka ni vudi.

O Quiôco Lucoquexe disse-nos: venho da margem do Luana e vou para o Quissengue, que me chamou para ir construir um acampamento perto do d'elle, porque me considera seu pae, e um pae não deve estar longe dos filhos, e proximos podemos melhor resolver as questões com Ambínji.

Vou pois, eu Lucoquexe, presenteá-lo e saber onde quer que faça o acampamento; voltarei ao meu sitio para chamar o povo e se lá encontrar gallinhas trago uma para o senhor (á pessoa a quem falla).

Disse ainda que esperava hoje um devedor que lhe devia pagar um servo, que desejava levar de presente a Quissengue, para este o reconhecer como um pae intelligente e ficar muito satisfeito com elle.

Como respondemos aos receios de Caungula

kauǧula ač̃i: čĭasalele mŭéne puto čĭaŭape, kutab̃ula p̃aka makasa ŭa čiseǧe.

ečŭ tŭaleja kad̃i, anakarud̃a kaǧana kali, dĭamačiko kuĭa kutažuka ačĭoko, muloǧa ahŭi akata kuĭa kudi ačĭoko, ê dĭamačiko kŭeza, kutulod̃a kad̃i dikŭaŭ.

mŭéne puto ač̃i; kaǧana, nitab̃ula p̃aka ni kŭia naĭo ni koli kŭámi, kaǧana kumŭakexe énu akarud̃a, dĭamačiko dĭeza kusalumune kad̃i mated̃u ni ačĭoko.

čĭaôso nixika kŭa mŭéne puto, ač̃i novŭa akŭarud̃a asala mated̃u ni ačĭoko, ničiluka; nakakuĭa kŭik̃a p̃aka kakŭaŭ kudi čiseǧe i ač̃i novŭa eči akŭačiseǧe ŭasota kad̃i mated̃u nakŭarud̃a ŭámi, neza kad̃i pa, napŭixile kali mated̃u pakaxi.

Caungula disse: o que fez o representante do Rei de Portugal é muito bom, receber a faca dos mãos de Quissengue.

Nós diremos agora á gente da Lunda que não vá amanhã convidar os Quiôcos, como é do seu costume, para nos guerrearem e depois fallarmos contra elles.

O representante do Rei de Portugal disse: não ha de ser assim, porque eu recebo a faca e levo-a commigo para a mi-

nha terra, não a entrego á gente da Lunda, porque mais tarde principiavam novas questões com os Quiôcos.

Quando eu chegar ás terras do Rei de Portugal, se ouvir que os da Lunda contendem com os Quiôcos, volto e irei entregar outra vez a faca a Quissengue; e se ouço que os de Quissengue querem mais luctas com os meus Lundas, venho logo para aqui, porque as questões ficaram terminadas.

Um recado de Quissengue para o Muatiânvua

čiseǰe kutŭita: akaleja mona makʼ ŭámi mŭatĭaṽŭa, kunoŭko bĭǰi, ŭalekele, ukafuta pa makasa pa mŭatĭaṽŭa, kaǰana ku mulŭaǰita. mŭénʼ eḏi mŭatĭaṽŭa kuǰulejʼ ámi paôso ni kuxakama tŭijika kuloḏa ni ŭape ni miloǰa dĭa p̃aka kuǰupana xanama.

mona makʼ ŭámi ŭijika kuŭa kolo kŭeḏi ukasŭana ŭatĭaṽŭa, ni p̃aka ŭaleka? ači mŭamo uleja, diamačiko čilukaṅi kuǰusakana ni eḏi.

akŭaruḏa čĭaovile lusaǰo lŭa muzuḏo ahŭi akalumuna kali makasu, eči čiseǰe, ukusota kŭiza kulŭixa ǰita ni mŭatĭaṽŭa.

muzuḏo ači kaǰana, čiseǰe kačiloḏelepe mŭamo, usota kŭiza ni kovŭajana ni mŭatĭaṽŭa ni mŭéne puto ŭaiḵixe naŭ p̃aka čidi mu makasa nʼ eḏi ni mŭatĭavŭa kumŭiḵa čiseǰe ŏoŭma imŭè mu ǰila mutoke.

mŭata majolo ači, muzuḏo kučiluka ni mulŭa ŭa mŭatĭaṽŭa, akamuleja čiseǰe eza, kutuǰa čibeǰe uxaḏia ŭa kačime pa sŭana mulopo ŭa kauǰula, xakama pa, kutŭijika kuloḏa nʼ eḏi miloǰa aǰaḏa aôso kutoka maǰila.

Quissengue pediu-nos: «Vão dizer ao meu parente Muatiânvua que o Ambinji, que está proximo de mim, pede perdão, pagará voluntariamente, não quer guerras. O Muatiânvua que me mande dizer onde eu devo acampar para conversarmos bem sobre a questão da faca que me entregou Xanama.

O meu parente não deve ir para a côrte herdar o Estado dos seus antepassados sem resolver esta questão. Se assim fizer terei de voltar então á côrte para me avistar com elle.»

Os da Lunda, que ouviram este recado do interprete, principiaram logo deturpando como é de seu costume, dizendo: que Quissengue queria fazer guerra ao Muatiânvua.

O interprete disse que não era assim, que Quissengue não fallára d'esse modo; queria vir conferenciar com o Muatiânvua e com o representante do Rei de Portugal para lhe entregar a faca que estava em poder d'elle, pagando o Muatiânvua alguma cousa para se limparem os caminhos.

O sr. major disse: que voltasse o interprete com um portador do Muatiânvua, e dissesse ao Quissengue que viesse acampar na margem direita do rio Cachime, em terras do herdeiro de Caungula, e esperasse ahi para fallar com elle sobre o modo de todos ficarem em paz.

Um conselho bem acceito

mŭatĭavŭa, murudan' ámi, ukusota puĝi ŭape? tŭakatuma alŭê aŭape kŭa xa ñavo kumuleja eču tŭaxikile panapa ni tŭakatala mačiko masato masuta, kuĭa ni kŭahuka rŭeḃe mu pa čaŭ pedi, eči mŭén' edi utuma mazŭi m'edi akŭaŭixa akatŭaŭixe ni muvudi mŭêtu aôso.

xa ñavo ŭakačilŭixa dizŭi dimŭè dieḋi alŭè aêtu, eči ukutŭixa diŭape ači dĭipe ni mŭamo tŭaijika kali čieči tukŭetu dĭa kusala, kaĝana mŭén' edi ŭakamudiḃa kamo, aĭu akŭiza kulej' êtu, xa ñavo kĕjikape tŭadi panapa, mŭéne ŭitile tátuk' ŭedi kauĝula katataka kutuxikako, polo pedi umutumixin' edi mulŭa nikumumana, bŭate (kadi).

mŭatĭavŭa ači, murudan' ámi, uleja čaŭape ni kaxi, tŭaitĭajana kali, kŭapŭa, dĭamačiko dieza, tŭakaloḋa ni an' ámi aôso.

buĝulo ači, puĝi ŭape, akumŭijika kumŭitia ni ŭape.

Muatiânvua, meu amigo, quer um conselho? Vamos mandar bons portadores ao Xa Nhanvo dizer-lhe, que chegámos aqui e esperâmos em tres dias estar promptos para passar o rio Luembe no seu porto; que dê elle ordem aos seus pilotos para nos proporcionarem a passagem e ás nossas comitivas.

Xa Nhanvo ha de dar uma resposta aos nossos portadores, que pode ser boa ou má, e assim já nós sabemos como havemos de proceder, e não nos enganam mais as pessoas que de lá chegam, dizendo-nos que Xa Nhanvo não sabe que nós estamos aqui, porque pediu ao seu pae Caungula que, logo que nós chegassemos ao sitio d'elle, lhe mandasse um portador a avisá-lo, o que até agora este não fez.

O Muatiânvua disse: «Fallou o meu amigo, muito bem, está combinado; acabou-se, fallaremos amanhã ao meu povo.

O Bungulo disse: — O conselho é bom e todos o acceitam bem.

Deliberação tomada depois de acceito o conselho anterior

mŭamo mudi ǧoloxe tŭaitĭajanéne natažukile pa musasa a n' ámi aôso ni ahinaŭ atab̆ŭile ni ŭape naitĭile puǧi ueĭ, tŭamutana kali mulŭa uêtu ni tŭatala kaso kumana ŭeĭ murud̆an' ámi, kutŭijika kulod̆a nĭaŭ kŭilej' aŭ čieči ečU tŭakusota éne akaleja mŭata xa ñavõ i katataka kŭikana ni ŭape ači akulabexéne kaǧana puǧi ŭeĭ ŭape katŭakujib̆ilepe dičiko kumusalexe kali.

čaŭape, čiaǧukata an' eĭ ači atab̆ŭile ŭape čipuǧi, mulŭa ŭámi ejile mĭámi, čidi kab̆aje kŭa énu kumŭijika kali kudi mu ǧila ni ŭape mŭéne ŭaed̆ele ku kalani.

mŭan' ĭê ečU aôso tŭaxala muxima ni ŭape ni kaxi ni ed̆i, čiŭaĭa, ŭaijika kulod̆a ni ŭape kakŭetepe makasu, čaŭape murud̆anámi, kab̆aje mŭén' ed̆i, kadipe ŭoma, ukŭete muxima, čieči tŭakusota kutuma kudi éne ĭa akatu á mataba.

ovani! alŭe tŭakŭijika ámi mŭatĭavŭa ni mŭéne puto kutuma akumulejani xa ñavõ.

texani bili! aôso texani! mŭatĭavŭa tátuk' ŭêtu ŭalod̆a uhá! uhá! uhá!

akaleja xa ñavõ ámi ni mŭéne puto dĭamačiko tab̆ukani ni atuĭani kŭed̆a pa ŭito dikĭadia kŭed̆a kamo, dičiko dĭkŭaŭ kŭahuka, xa ñavõ kŭimana kudi êtu kutŭijika ni kuĭa ni mŭéne čipaǧa čied̆i.

aĭani nĭaŭ ni či noeji, ǧab̆i.

Assim como hontem combinámos, chamei esta manhã toda a minha gente, e elles receberam bem e acceitaram o seu conselho; já nomeámos o nosso portador e só esperâmos o do nosso amigo, para lhe fazermos saber o que queremos: que digam a Xa Nhanvo, e immediatamente os despacharemos bem para se não demorarem.

Foi bom o seu conselho, e não percamos tempo em o fazer executar.

Muito bem, alegro-me de que acceitassem o conselho; o meu portador veiu commigo, é aquelle rapaz já conhecido pela sua boa diligencia ao Calânhi.

Sim senhor, ficamos muito satisfeitos de que elle vá; sabe fallar, não é mentiroso. Muito bem meu amigo, elle é um rapaz destemido, tem animo, e são portadores como este que precisâmos mandar áquelles selvagens de Mataba.

Ouçam o que eu Muatiânvua e o representante do Rei de Portugal vamos dizer aos portadores, para o transmittirem ao Xa Nhanvo.

Attendam um pouco! Attenção! O Muatiânvua nosso pae está fallando, eh! eh! eh!.

Vão dizer ao Xa Nhanvo que eu e o representante do Rei de Portugal ámanhã partimos e seguimos para o rio; que no dia seguinte continuâmos a marcha e no outro queremos passar o rio; por isso, que elle Xa Nhanvo nos espere para nos acompanhar para a sua residencia.

Vão-se embora, que Deus os acompanhe.

Boatos falsos que se propalam como verdadeiros

leto axikile panapa makasu, makasu mavudi. bŭididi mukŭaruda ŭaile kuleja mŭatĭaṽŭa, aĉi mŭén' eḏi ŭaijikile kali xakileḇe ŭahukile rŭeḇe ni ǰita, miloǧa ĭa mateḏu mŭéne ŭakŭetile ni ana mak' ŭeḏi i aĉi ŭapekele polo opo ni kulŭa êtu.

urŭela kali akuǧulej' ámi eĉi tuḇaḏa tŭa mŭatĭaṽŭa ŭakudile, ŭovile jisaǧo ĉi mŭana ŭa mŭatĭaṽŭa amukasele uxadi ŭa kudi ŭtu a mataba.

mudi ámi ači naméne kusuta munumo mŭatĭavŭa, namŭipulile ači eďi ŭaijikile čioŭma mŭamo? an' eďi eči ejile akumusota alej' eďi eči akŭovile, kalala ŭeďi, ŭaĭa uxadĭa ŭa, kuĭa ni kuneta mak' ŭeďi amukasa aĭu a mataba.

mŭatĭavŭa pakŭeza ŭakovŭa ĭeneĭ uĭa mahŭè maôso.

čieči čiôso makasu ni makasu kamo!

mukŭaruďa mŭén' eďi uleja, aĭu akaruďa akŭete makasu, ači avulaméne eči mŭén' eďi ŭaloďa makasu ni muĭu či kumŭovŭa, kumŭijika ŭape.

aôso mŭamo, amane akŭaŭ akŭete makasu, kaĭjana aimana ahinaŭ.

Hoje correram por aqui muitos boatos falsos. De madrugada um Lunda foi dizer ao Muatiânvua se elle já tinha conhecimento que Xa Quilembe passára o rio Luembe com uma guerra, por causa das questões que teve com os irmãos, e se dirigia para este sitio para nos atacar.

Já de tarde, deram-me parte que as raparigas do Muatiânvua estavam chorando, porque tiveram noticias de que um rapaz do Muatiânvua fôra preso na outra banda (do rio) por gente de Mataba. Como o Muatiânvua passou por aqui, perguntei-lhe o que havia de verdade a tal respeito; e alguma gente do seu povo, que veiu procurá-lo, interrompeu-nos, dizendo-lhe que ouvíra que o seu Calala tinha ido á outra banda para ir buscar a mãe, que fôra presa por gente de Mataba.

O Muatiânvua, depois de ouvir isto, retirou a toda a pressa.

E afinal tudo o que se disse era uma fabula!

O proprio Lunda diz que a gente da Lunda mente sempre; os Lundas quando fallam esquecem-se de que estão mentindo, e quem os ouve sabe perfeitamente que elles mentem.

Todos são assim, conhecem as mentiras dos outros e não se apercebem das suas.

Uma participação

nejile kŭa kiseĭe, mŭéne saďa kaďi, čikuĭukatel' ámi ni vudi. čiakéne ečU tukumana jiĭala mixima bŭate. mačiko masuta

kadi kamo kutusabexe kuloda miloga kŭeči tŭamutažukine mŭéne ŭejile pane kaso kadi, akatumana ači mŭén' edi čidi ečí tŭatoga ači bŭate.

lelo kumulagixa mŭéne ŭaxika, čieči mŭéne ŭajikitile ni kaxi; diamačiko pa maki nakačiluka kŭa kutŭijika kali kuloda miloga.

novile ni ŭape ni kaxi, murudan' ámi kugulej' ámi, jaje ia jaje[1].

ači ečú katŭaijikilepe muxima ŭeĭ ni ŭape ni kaxi kŭêtu, tŭakamŭijika kali tumumana.

Lá estive com o Quissenge; é ainda um rapaz que me encantou sobre modo. Em verdade nós vemos caras não vemos corações. Mais tarde quando principiarmos a tratar das questões para que o chamámos e elle veiu até aqui, veremos se é o que parece, ou não.

Hoje apenas fizemos cumprimentos por elle ter chegado o que agradeceu muito; amanhã de madrugada lá volto para principiarmos as negociações.

Ouvi muito bem o que o meu amigo me participa e aos meus o transmitti.

Se não soubessemos quanto tem sido bondoso para comnosco, tinhamos agora esta prova.

Um alvitre para obter fazendas

tŭakuxakama ni ipe tukumona malu kakŭetepe kudiu, bavu ŭamulej' ámi kamenepe ažolo mu ulo.

ači nitumixa mu ačioko asŭipa, éne akusota kaso masuna, ni tukŭete kaso mixi ĭadi ači isato.

---

[1] O Muatiânvua e em geral os Muatas, sempre que ouvem uma pessoa de consideração, logo que esta acaba o seu sângu (recado) volta-se para os que o rodeiam, bate as palmas e diz: *jaje ia jaje*, o que quer dizer: «ficam certos do que ouviram?» e todos respondem batendo tres palmadas e dizendo *žabi či noeji*, «por Deus sciente».

tŭakata kutuxakama ni kaxi čidipe čĭa kŭiximukine ŭakazŭeg̃e ŭa masuna kinijikape čĭeči kutŭixa kusala nimona čĭoŭma čĭipe.

natumine kali mulŭa kumana ač̃i ŭakusakana munana umŭè či asota kuseĭa ni ámi masuna, difad̃a, mata ni tusag̃asag̃a aôso aleta, čĭeneči mŭéne ŭaĭa kali ni lelo kusuta mačiko matano, ni kŭiza kag̃ana kad̃i, mŭamo ukumutana mut̃u mu čibag̃o nitŭixa kaso kŭijika lusag̃o, mačiko masato kamo.

ač̃i umana kali, malu ŭakéne kutŭimane panapa mudi nikuleja kali.

ŭaig̃a xakéne, kutala bili, nĭijika xa madab̃a an' ed̃i kakutŭixape kasŭip̃e masuna maôso éne aseḋele kŭa kasaĭ, kŭiji akusota kŭilad̃ix' eĭ murud̃an' aŭ. nĭia katataka ni kulod̃a xa madab̃a murud̃anámi.

Estamos muito mal com respeito a sustento, porque o Ambanvo disse-me que não ha gallinhas no sitio.

Se mando aos Quiôcos, vizinhos, elles só querem fazenda, e eu não tenho senão duas ou tres peças.

Temo-nos demorado muito e por isso não é para estranhar que estejamos pobres de fazendas.

Eu já mandei um rapaz ver se encontrava alguma comitiva que queira negociar commigo fazendas, polvora armas e missangas, emfim o que tragam; mas elle já fez cinco dias que anda por lá, e mesmo que encontre alguem no Quibango, só posso ter noticias d'aqui a tres.

Já se vê que temos muito a soffrer nesta terra, como disse.

Tem muita razão, mas espere ainda, porque eu sei que os rapazes do sr. Madamba não puderam negociar toda a fazenda que levaram para o Cassai, e como são seus amigos talvez lh'as vendam.

Eu vou immediatamente fallar com o meu amigo sr. Madamba.

Uma diligencia que teve bons resultados

g̃oloxe kutexiko, eči ač̃ioko aĭtane kudi fa ĭleg̃a. amutane kŭiso? auxad̃iape. eču tuĭa bili kumana ab̃ab̃a kŭahŭi kŭail' oŭ.

tulod̃uluka bili ac̃i tŭaitanaṅi keza n' aŭ. tŭabudike kutane mukŭa musuto kaŭito zoŭ!

aĭso? imane. tŭed̃exe, kutala maĭaŭ, nab̃akéne kulod̃ula éne avudi, xalaṅi pinape, rrbú, rrbú, rrbú, nukuĭag̃e, nubudika, aŭap̃aṅi.

ikĭéne xiči kinaṅi? tŭezile kusota kaubo, luṽula lŭa sŭeji, mačiko maṅika; ĭahŭi kamine log̃ejaṅi, tŭokŭaṅi poli. mŭata karukane ŭasŭeji.

tuĭag̃aṅi kakug̃i panape kŭaŭ, tŭeza kali, kamuleja karukane. xate. eči čiaŭape.

Ouvimos aqui hontem, que os Quiôcos amarraram o sr. Ilenga, e perguntámos onde o prenderam. Do outro lado do rio, nos disseram, e nós continuámos o nosso caminho em procura das mulheres que fugiram.

Seguimos na intenção de as encontrar-mos e voltarmos com ellas, por isso fomos até ás nascentes d'um pequeno rio, sem ver ninguem.

Nâo sabendo para onde tinham ido, demorámo-nos a procura-las em outros portos; como eram muitas, seguimos as pegadas que conhecemos d'ellas correndo, e encontrámo-las todas.

Que fazem aqui, lhes perguntámos? Viemos procurar cogumellos, nos responderam, e desculparam-se, que chovendo muito não voltaram para casa, esperavam melhor tempo. Dissemos a Camina que nos seguisse, mas ella recusava-se com receio de que o sr. Rocha (*carucano* «o do annel») estivesse muito zangado.

Vamos, lhe retorquimos, elle não mata ninguem. Viemos logo, ella fallou ao Rocha e acabou-se, tudo ficou em paz.

Uma resumida narração feita por um amigo

g̃oloxe tuxike paxi tukate kuna rŭad̃a, kutala makala ŭeza.

ac̃i nezile mu kaseji, tŭezile kŭahuka mu kajidixi ni mŭatĭâṽŭa tŭatala kuṅima mulŭa a mŭéne kalab̃a eči mŭatĭaṽŭa čĭaruka, mŭéne kalab̃a nalike, eči kaĭape kali pa kalaṅi.

ámi kalaba nôvŭa či ačioko axika, kaŭlepe kali.

čadi ubala ači, čaŭape kŭaŭ, tŭokŭani éne akaruda.

ah! ka! ámi makala kaŭlepe kadi kŭámi niedi mŭatiavŭa, naŭa kali kŭámi kŭa mŭéne puto nakaxakame ni murudanámi iluŭa.

čaŭape, abada axala mu jila, diamačik' ŭa nailodule nakeza naŭ tŭasabe kutexaŭe eči nikovŭa lelo, či ačioko aŭa.

ámi načiruke kuñima ŭa, kumŭata kamo mŭatiavŭa, kumŭiñixe murudanedi iruŭa. čaŭape.

Hontem estavamos descançados fumando, quando chegou o Macala.

Disse, venho do Casséji, passámos o rio Cajidíxi com o Muatiânvua, e veiu atrás de nós um portador do sr. Calamba pedir em nome d'este ao Muatiânvua que retrocedesse, não fosse já para o Calânhi.

O sr. Calamba tinha noticia de que os Quiôcos ainda não tinham retirado.

Umbala (o Muatiânvua) disse que se não importava com isso e seguia com a gente da Lunda.

Eu Macala fiquei surprehendido com tal resolução e não fui com o Muatiânvua, resolvi-me a vir para o acampamento do Rei de Portugal e ficar com o meu amigo Ilunga.

Cá estou, as mulheres ficaram no caminho e amanhã vou ter com ellas depois de saber o que ha acêrca dos Quiôcos.

Amanhã irei então para acompanhar o Muatiânvua fazendo-lhe saber o que me disser o amigo Ilunga. Está dito.

Umbala impõe-se para Muatiânvua

tuxike mŭane pinape, čitumenepe čioŭma, kutexaŭi učuko ŭaŭi paxi bŭi! ŭeza palaŭa ači: nezile mu katadame nedele karŭada. ilako lelo useča, seŭj' ámi ni kŭeta. čiaŭape.

akeč kŭéne ŭadiokoko, ŭax' uko mazŭi maki? kinijikape. kŭiji ŭavo čiámi nakudia mŭatiavŭa iŭetu tumutexe ubala čadi edi čiámi niia kali.

mŭéne ŭimini mŭa kamŭixi. ámi kŭahŭi nadĭokele, nalaĝala katadama pahŭi namutanéne kalala eči mutumaĝ' eĭ mŭana ĭaĝe dĭa mŭatĭaṽŭa, kamuleje, eči kalala namuxe katadama či tŭaile kŭa mŭata ĝuža ači ŭalike, mŭatĭaṽŭa ueza, eči ačioko kakadĭipe aĝe eĭé ŭeza kuxakama pane! ŭamuleja mŭatĭaṽŭa didi ôso dĭa mŭatĭaṽŭa edi kučurŭix' ĭa nakumane kamo.

edi mŭane ni kuĭaĝe ĭámi ni ámi nikŭeza kuno. čaŭape.

Viemos aqui senhor por termos ouvido dizer (não vimos) que alta noute veiu o Palanga, e disse que viera Catandama onde fôra á procura de tabaco, e lá disseram-lhe que fizesse ali o seu negocio, e como acceitassem as flechas, de que elle só podia dispor, ficou. Perguntaram-lhe d'onde vinha e o que se dizia por lá; e como respondesse que nada sabia, disseram-lhe que Ianvo queria succeder no estado do Muatiânvua.

Umbala que estava comnosco disse, antes d'elle vou eu já.

Ficou no Camuíxi, e eu segui e fui dormir no Catandama, onde encontrei o Calala, que tinha mandado um dos seus rapazes dizer ao Muatiânvua que elle estava em Catandama; tinha ido ao sr. Angunza, que reprova a vinda do Muatiânvua, porque os Quiôcos ainda não retiraram d'aqui, e lhe fizesse constar tudo quanto tinha em projecto para elle saber o que tinha a fazer.

O filho foi, e eu vim sózinho para aqui. Tenho dito.

Consequencias das gazivas dos Quiôcos

ŭalaka! mŭane čitumenepe kamo eči čioŭma čimŭè, kutexe eči kalala ŭezile, amutume eči ĭaĝe kudi mŭéne puto, ĭa, amutume, eči dĭamačiko dikŭeza kudi mŭéne puto.

ečU tuelaṅi kuĭa tŭačiruke kali, tŭamusakane kalala, dĭamačiko dĭahŭi dikŭezi kŭakĭato kukaxumuka kalala ŭeza uloĝo, namutŭale kudi mŭéne puto kŭmulaĝixa.

ŭeza kali, ŭaxika eči ečU tŭalaĝukine.

tŭakatukine mataba mŭa kutexaĝaṅi eči mudibi ŭafŭa, ečU tŭeza, tŭaxike, mu rurua ŭeza mukaža, amuseda mŭatĭaṽŭa

ámi naxika pa museje eči texâñi eči mũéne puto ũezile. aká! čiaũape, čidi mũap' o!

tutexe kuñima eči ačiôko, aeza uhá! mũake! jike tũovũa eči mũéne puto ũalamun' aũ jaka ũakoli kudi a čiseje? jike ačioko aeza ečike atoũ nakabujikañi? tũakuĭañi kudi mũatĭavũa, tũakafile kũéne hũa.

mačiko maadi pa kalañi, tũalajala, mũéne puto mũén' edĭ tũamanejan' edĭ čaki tuv... mukaža imana lele, kajana, akaruda aôso apalajana, čo, čo, čo, pũi! texañi mũéne puto bũate aôso ačinine.

tũokuĭañi kaso, tũaĭa kali muĭada, tũaxike kudi á mũéne kanokéne.

tũačimane akačaũ jikuñi amujipe, akavite mema amujipe. iki bũate, tũokũañi ruda rusota ni pũa, tuĭa kumukanéne mũéne kanokéne.

eči čiaũape ámi nelaje eié ubala imana bili. bũate, ruda rũaĭéne rũapũa! ečile kulele dikumi dĭaĭu. ũadĭikixe. ači bũate, nikusota kadĭ dikumi kamo, ũapanéne kadĭ

mũéne kanokëne edĭ ači, kučibode tabula bala edixa ruda.

nĭia kali mũa kapababe akadilumu čiboď eči. kajode kũa tũadikine mũinoũmo, eié kalala ĭa pa mukaba kamũaje.

nalale mačiko maadi kutala aĭlolo bũate. ah! ka! ámi nĭia na čiruke kũámi kudĭoko mũatĭavũa aĭlolo kuĝũike xaĭ, činamenepe kadĭ.

naĭa kali kudi mũéne puto, načiruke lele kadĭ? bũate. žala ĭa sũeji. nakuxakama kaso pa dĭa mũéne puto pa, sũapele kumekana ibobo tũakadĭaje kadĭ. tũamutexe lele mũatĭavũa ači kasũapelepe, naleka murũa akamutane.

ũaxemunuka mũa mũata itaje, ake čiahũi nezane, nalodele kudi mũéne puto rusajo.

ak' edĭ, mũéne puto ni edĭ, ũajučuruxiji rusajo, ači ah! kuxala pane, bũate, ubala ukimane bili, ámi mũéne puto kunoũko ni an' ámi akata kũeda, eči ačioko iminá, kadĭ kali aĭa! eié kalula ĭaje, ámi pane bũate. nalike. ah! ka! čiaũape kũaũ akaruda, puhá edĭ mũéne puto palode ĭape, ačioko aimenepe kadĭ. mudi ũalodaje?

naĭa kali. iĝe eĭé muzub̃o ŭalike kuloĝile kudi ai mŭéne puto mŭamo ŭape kamo, naloĝele učuko, dĭamačiko nasab̃e kuĭ lele.

čadi êtu ni muzub̃o mŭinaŭ ukŭelaṅi eči arud̃a kamo dimŭè kakuramŭaĝape naĭa kali, sedaṅi. eĭé ukŭele akŭopat' eĭ dad̃e kéne panapa? nikuĭaĝe mŭane. čĭa čalaĭ mŭéne puto kuno, ahŭ aeza, axadile pa.

kalala ŭaĭa kali, mŭéne puto ŭaxala, ed̃i kunoŭko ŭasŭeji ač̃i, ámi dĭamačiko nelaĝ' ámi, kutala luṽula, luvala masuta, asab̃e kuĭa lele, ahŭi akuĝusudixe kumuxima čĭahŭĭ ŭasŭejiji ni kaxi.

Bons dias sr., nós vimos aqui apenas porque o Calala se apresentou dizendo-nos que o Muatiânvua lhe ordenára hontem que viesse fallar com o representante do Rei de Portugal.

Logo que nos encontrámos dissemos-lhe que retirasse, e hoje de madrugada admirámo-nos de o tornar a ver; mas como diz que veiu para dar noticias ao senhor, por isso o acompanhámos para o cumprimentar.

Aquelle, feitos os comprimentos, disse: chegámos (hontem) e dormimos (bem).

Quando estavamos no mato em Mataba ouvimos dizer que tinham morto o Muatiânvua Muriba, por isso saímos d'ali, e quando chegámos ao Lulúa soubemos que foram buscar o Mucanza para lhe succeder.

Seguimos para o sitio do Mussengue e ahi soubemos que tinha chegado o representante do Rei de Portugal. Muito bem, é bom que assim seja, dissemos nós.

Ouvimos depois que os Quiôcos vinham atrás delle, ficámos surprehendidos. Como é isto? o representante do Rei de Portugal acabou as nossas questões com os Quiôcos, resgatando a faca das mãos de Quissengue, e aquelles voltam de novo a perseguir-nos? Vamos para junto do Muatiânvua, morremos todos com elle.

Dois dias depois chegámos ao Calânhi; dormimos, e no outro dia avistámos o representante do Rei de Portugal e depois

puf... grande balburdia, Mucanza não quiz esperar; todos os Lundas debandaram cada um para seu lado; não havia ordem, não prestavam attenção ao representante do Rei de Portugal, todos fugiram.

Nós fugimos com os que foram para o norte, para a terra do sr. Canoquene.

Aqui os Lundas, que iam ao mato buscar lenha, eram mortos; os que iam ao rio buscar agua eram mortos; vimos que estavam os de Canoquene dispostos a matar os Lundas a eito e deliberámos despedir-nos do sr. Canoquene.

Este queria que o nosso amo Umbala se demorasse ainda, e elle recusou, allegando que, se continuasse ali, todos os filhos da Lunda que o acompanharam eram mortos. Então pague-me dez pessoas disse aquelle, o que Umbala lhe entregou. Quero ainda mais dez, exigiu elle; e Umbala não teve outro remedio senão dar-lhas.

Satisfeito Canoquene, deu um porco a Umbala, dizendo-lhe que dividisse pela sua gente para comer.

Vamos para Campambambe respondeu Umbala, e lá comerão o porco (o que se fez); e chegados aqui ordenou-me que eu Calala quando apparecesse a lua nova partisse para o sitio do Mucamba Camuangue.

Dormi aqui dois dias, e admirado porque se não me apresentaram as auctoridades que Umbala disse viriam ao meu encontro, resolvi retirar-me.

Lembrei-me de vir procurar o representante do Rei de Portugal, no proposito de não voltar sem primeiro, havendo aqui mandiocas de as pôr de môlho para comermos, por termos passado fome. Mas antes quizemos saber se o Muatiânvua (Umbala) se apressava a vir, ou não, e mandámos um portador para ir ao seu encontro.

Já havia mudado de sitio para a terra do sr. Itaje, por isso vim então (com a minha gente) dar noticias ao representante do Rei de Portugal.

Este respondeu logo: não consinto que fiquem aqui; Umbala que se deixe lá estar com a sua gente, que eu fico aqui com

os meus companheiros. Os Quiôcos que aqui vieram não se re tiraram e eu não quero envolver-me em questões. Vossê, Calala parta já, vá dizer-lhe que eu não consinto que venham par aqui. Isso é o que os Lundas queriam! ala! ala!

O representante do Rei de Portugal fallou bem: os Quiôco ainda cá estão, elle não podia fallar d'outro modo.

Vou-me embora, V., interprete, não queria que eu fallass com o representante do Rei de Portugal; assim foi melhor durmo cá esta noute e amanhã regresso.»

Depois eu com o interprete fomos dizer aos da comitiva que fossem obedientes, que não alterassem o que se havia determinado.

—Eu retiro, disse o Calala aos seus, levantem as cargas.— V., lhes responderam aquelles, se quer ir para o mato, para que exigiu vir para aqui? eu vou, pois o representante do Bei de Portugal não nos quer cá, porque prejudicâmos os que estão com elle.

Calala partiu já, e o representante do Rei de Portugal ficou muito zangado e disse que amanhã, se não chover, retira, porque os Lundas o estão incommodando muito.

Ultimos momentos do Muatiânvua Muteba

tuxiki mŭatĭaṽŭa muteba amutane kudi ai kasako či ŭato pa mema, ŭato bŭate ni ezañi kumulejimo.

čaŭape. natabuka ni kuĭaja mŭa mŭilabe; kutana mukaba, apane ipebe, aŭase tusoke, ŭahŭa.

ámi činovilepe ni ŭape kuĭele ĭa mulemine, tŭokañi, ŭato ŭaxala kali, kupŭixa kadi, bŭate. ŭeza mu čimane, ŭalale, ŭasŭeji kamo musoŏe, kaĭatañi ĭaja.

ŭezile ĭaja kumŭikixi mono kŭape, bŭate.

ači lekañi, nafŭa kali kŭámi, sukulañi, aiañi kumutažuka katataka sŭana muropo ĭaṽo, akamulej' edi ŭeza kali kudĭa ŭata, ámi nafŭa kali.

arobeka kali, mŭéne ači, amutane sŭana muruda. sŭana muruda ŭezile, muteba ŭaloda kadi, tubule rukano, čiamukixe xa

[illegible]adĭaba ači énu ailolo amutažukine xanama, ŭata ŭafŭa, aka-[illegible]da aôso akapalaĝana kali.

[illegible]ámi nafŭa kali kŭámi, žabi utala ni mĕsu mŭape ĝada edi [illegible]a ruda.

[illegible]ah! ka! ka! mŭén' edi ŭafŭile kali!

[illegible]ake muteba ŭafŭa kali kakutŭijikape xa madĭaba udi kŭiso?

[illegible]mŭamo sŭana ukŭaŭ kudi iso?

[illegible]tumŭelaṅi uḃala, eié mŭatĭavŭa iŭamusota, amuseda sŭana.

[illegible]tŭakuŭaṅi pa kalaṅi, tŭauka, tŭaxike pa kalaṅi.

[illegible]uḃale ŭadaméne. mŭén' edi muteba amusutixe kužene pa žaĭ, [illegible]amutŭale pa žaĭ amujikaṅi. amujika kali.

tŭokaṅi pa kalaṅi kudi eĭ sŭana.

[illegible]ŭa ŭafŭa kali, mŭatĭavŭa ŭêtu čidi eié uḃala. loda ečU aôso aruro eĭ eh!

[illegible]mŭatĭavŭa ači muletaṅi mŭana uta dĭure, eči amutapele, aĭaĝe, nedi ni tátuk' ŭedi.

mŭéne riṅiĝa ŭasŭeji ači bŭate, mŭéne ulele ŭafil' iki? eči ahŭi asediŭa ni adile pamŭè? čiaôso mŭatĭavŭa kakumutapelaĝape mudu, čiĵe rukokexe ĭaŭ ukutapalaṅi mudu.

Viviamos aqui no tempo do Muatianvua Muteba, e um dia encontrámo-lo no Cassaco (embarcadouro do Calânhi), onde lhe deram parte de haver falta d'uma canoa.

Bem, disse elle, eu parto, e foi para Muilambe (residencia d'elle), escolheu uma mucamba (arvore), e depois de umas ceremonias do rito, cortaram-na a machado e derrubaram-na.

Não me sinto bom, disse Muteba, a doença atacou-me, deixem agora a canoa, acaba-se depois.

Recolheu á sua residencia em Chimane, deitou-se, mas o padecimento augmentou e elle ordenou que chamassem um curandeiro.

Veiu este e deu-lhe um remedio, que não fez effeito.

Que me deixem, disse elle, vou morrer, deitem isso fora e vão chamar immediatamente o meu successor Ianvo, digam-lhe que venha depressa para tomar posse do meu cargo, porque eu estou prestes a morrer.

Aspergiram-no ao seu uso, e elle ordenou que chamassem a senhora das terras. Vendo esta, determinou-lhe que recebesse o lucano e o entregasse a Xa Madiamba dizendo: Se vós, dignitarios da côrte, chamardes o Xanama (governador do Tenga) o estado acaba, e toda a gente da Lunda terá de debandar.

Eu morro já. Que Deus olhe com bons olhos para estas suas terras da Lunda!

Todos ficaram surprehendidos de que elle morresse em seguida.

Não sabendo ninguem onde estava Xa Madiamba, trataram de escolher outro successor.

Recaiu a escolha em Umbala, a quem foram procurar, e disseram-lhe: És tu o Muatiânvua que queremos, e transportaram-no como successor para o Calânhi.

Umbala entrou na mussumba, e o corpo de Muteba foi levado para fora da residencia, para o logar em que se depositam as reliquias do Muatiânvua, afim de o enterrarem.

Os que o acompanharam voltaram á mussumba para junto do herdeiro.

—Aquelle morreu já, lhe disseram os que o rodeavam, tu Umbala és agora o nosso Muatiânvua, falla que todos te obedecemos; és o senhor, nós somos teus servos.

O Muatiânvua respondeu: Tragam-me aqui o filho da arma Diúre, matem-no e levem-no para junto de seu pae.

O grande dignitario Dinhinga, desesperado, retorquiu: Não, senhor; porque o matam? Então porque elles se estimavam e viviam como bons amigos querem juntá-los mortos? Quando tem morrido um Muatiânvua nunca se matou pessoa alguma, essa honra só se tem concedido a Lucuoquexe.

Traição da côrte

mŭatĭaṽŭa muteba, musoǧe ŭamutane, kuĭela, ŭafŭa! eči mona mŭatĭaṽŭa naṅi tŭakumusŭanexe, ači aôso kadimukinepe? kŭiji ub̆ala čied̃i ĭaŭ mona mŭatĭaṽŭa tŭamana. mused̃aṅi, tŭokuĭaṅi pa kalaṅi. namuſi uĭa mu ǰila imŭè, muſi ŭaxala kuṅima, mu-

sŭana ŭatakeleko, tŭa mufuedi muteba. sŭuna mu ǧada kutexeko, eči xanama ŭeza, koba rukokexeuŭa ukase manaǧo čiakeza xanama. xanama ŭata ufile, akadŭa ubala muloǧ' eči? kutumixi xanama, ači naleka, koba ŭasŭiǧile, akezo kŭeda čibubo. čadi xanama ukŭeza kal' aŭ, rukokexe namubutule ubala, kumŭikixi xanama ačilolo ači čiaŭape turan' edi kamo ŭakŭata difada ni mŭitia ni rukokexe.

ubala amukaǧaňi, ŭamŭaǧa dŭače mu čaŭ, ŭajile rukano ma tulo, ŭadŭoxe čipale, ŭakume mu čikakaǧo, mukŭahukaǧe.

mŭitia ŭadame mu ǧada, eŭé murŭa ŭaǧaňi kali kamusŭapejaňi xanama, ámi kuno, naran' edi ubala ŭaŭa kali mahŭê, ŭamŭipule, ečike amuxixi kadi? eči ámi nitala mu ǰila aŭaǧaňi éne arŭè.

xanama ači nixala bila, aeza arŭè kumuleja rukokexe eči ŭataňi maí' ŭedi, koba makasu, ŭakata ŭoma.

ečike? ŭuleja rukokexe, čirukaňi kali, éne alŭè kumutane mŭa pa mŭatiaŭŭa xanama, koba ači, tŭokaňi kali, nikŭezaǧe, utule pa kasakakale.

ŭaǧaňi alŭè kamuleja rukokexe maí' ŭeŭ ŭaxika panapa, asute pa muruḑanámi karukano, eči muruḑaneŭ oŭ pahŭi tŭamuxa kŭačŭa ŭasemine nu kusutaňi, ŭaŭa muruḑanedi karukano kudilaǧixa nedi.

čaŭape kali, nakutana kali eŭ, eŭé ŭadixe ŭat' o, kuǧurukixa či namučuruxa niče, nakutana kali, nŭia bili kŭahukaǧe nakutulaǧepe pa kalaňi. ǧaŭ êtu čaŭape kali, ubala, tŭamuleke, mŭana tŭakusotele ŭaeza, čaŭape

kŭafŭa, xâte.

O Muatiânvua Muteba atacado repentinamente d'uma dôr, adoece e morre. Os da côrte procederam á eleição do filho de Muatiânvua, porque nem todos estavam no caso de succeder-lhe e a escolha recaiu em Umbala, a quem foram buscar para entrar na residencia do Calânhi.

Entrou este para poder sahir o corpo do fallecido, que foram enterrar. No entanto ouvira Umbala que a Lucuoquexe era de opinião que se tivesse chamado Xanama (sobrinho d'ella),

porque este tinha soffrido por causa do estado e não havia razão alguma para ser preterido por Umbala. Ficou assente que se mandasse chamar Xanama, e se este não quizesse vir, Chibumbo (irmão d'elle). Xanama acceitou, e a Lucuoquexe dispoz-se a combater com o Umbala para o entregar a Xanama. Os dignitarios approvaram que se guerreasse Umbala, e Muitía e Lucuoquexe distribuiram a polvora para esse fim.

Umbala, ao facto das combinações, conseguiu evadir se da residencia e dirigiu-se para o embarcadouro do rio, tirou o *lucano* (do braço) e escondeu-o numa cova, que fez na praia com a lança, e onde ficou esta espetada, e passou o rio.

O Muitía entrou na residencia e ordenou que um portador fosse a toda pressa chamar o Xanama, lhe dissesse que elle Muitía não ia (ao seu encontro porque ficava combatendo com Umbala, e que o prevenisse se alguma cousa o impedia ainda de marchar, pois elle ficava esperando a resposta pelos portadores.

Xanama resolveu fazer regressar os portadores para dizerem a Lucuoquexe que seu tio ainda não podia seguir por estar doente, o que era pretexto, porque tinha medo.

A Lucuoquexe, suprehendida, manda voltar os portadores, que foram encontrar Xanama já no caminho, o qual disse — vamos seguindo — e vieram dormir em Cassancale.

Ordenou Xanama aos portadores que fossem participar á Lucuoquexe que seu tio chegára a este sitio, e passassem pelo Rocha, seu amigo, para lhe dizerem, onde de madrugada deixaram o amigo d'elle, que, continuava a sua viagem passando pelo seu sitio, pois o queria cumprimentar.

Seguiu; e avistando-se com o Rocha disse-lhe: Ainda bem que encontro ainda por cá o meu amigo, a quem devo o succeder no Estado dos meus avós, por causa das fazendas que (em tempo) me forneceu. Vou já passar o rio e continúo para o Calânhi. O povo aqui recebeu-o com grande alegria, dizendo: Ainda bem que chegaste, repellimos Umbala, porque o filho de Muatiânvua que queriamos eras tu; chegaste, ainda bem.

Acabou-se, nada mais.

Um encontro com duas velhas

g̃oloxe tŭokaṅi pa uxadi pa kalaṅi, tŭakutala bili, tŭabudika, kutane aĩu afŭa. tŭokaṅi pa z̃aĭ, tŭabudika panapa, kutane map̃ala maadi ači ečŭ tujipe kad̃i.

eči mŭène puto pa uxadi, kŭijike bŭate, mudi tŭaile kali, akatudi panapa! lukŭokexe ŭakata kulekako aĩu akutexaṅi ači ačĭoko ači aĭa kali, tuĭa kaso, tŭamana maru z̃ala, čĭakutubaxike, tŭakafile kali polo pêtu, kutukutadixa.

lelo tŭasab̃e kŭeza, tŭakurumuka, tŭahuka ku kalaṅi, tŭaxika kamo, učuko ŭajala.

Hontem fomos ao outro lado do rio Calânhi para obtermos noticias do que se lá tem passado; chegámos e vimos muita gente morta. Entrámos no recinto reservado ás reliquias dos soberanos, e encontrámos duas velhas, que nos disseram que estiveram prestes a serem mortas.

Não sabiamos, nos disseram, que o representante do rei de Portugal estava do outro lado; se soubessemos não estavamos aqui.

A Lucuoquexe deixou-nos ficar sós, para sabermos o que se passa; se os Quiôcos já retiraram, o nosso padecimento foi só a fome; se não que nos maltratem, morremos na nossa terra observando os acontecimentos.

Hoje retirámos, descemos pela margem do rio (Calânhi) atravessámo-lo e chegámos aqui já noute fechada.

Morte por traição do Muatiânvua Cangápua

tuxike mu čikub̃o, tutexe eči ačĭoko aeza. eĭé, mŭatĭaṽŭa kag̃apŭa, čĭovilepe mŭéne diṅig̃a eči ačĭoko amutane?

arŭè aeza kumuleja mŭatĭaṽŭa, mŭéne diṅig̃a ĭaŭ ŭatutuma, eči mŭatĭaṽŭa akeza kunoŭko ačĭoko asŭeji.

čadi mŭatĭaṽŭa, čaŭape. tekelaṅiko alŭè a mŭéne diṅig̃a. ámi nilod̃ula paṅima ŭatab̃uka kag̃apŭa, akuĭag̃e, axikile mu kaŭed̃a, axakama mačiko mavudi.

mŭatĭavŭa ači, éne ačioko axika iso? ači pasŭipa kamo, nakuĭaǰe, ámi mŭatĭavŭa, čiabudikani, kŭiji nikŭimana kadi ačioko, koba muriba ni an' edi.

tŭalalani. kŭačia ŭasabuka mata... ta, ta, ta, pum, pum, pum..., eza kali ǰita mudibe kumujibe pum, pum..., ŭamukŭata kaǰapŭa, ŭamukŭata kudi mudibe.

akaruda apalaǰana, koba mŭéne diniǰa adi a pa kata. ečŭ ŭatudibelani kudi ačioko, koba mudibe, ah! ka! akamukŭata kaǰapŭa! kŭeza mŭéne diniǰa mukŭakuni ŭatudibelani, ŭamujiǰikine mudibe, murudanedi, ači čieza, tŭovŭa eči kŭeza ačioko, tuĭa pa kadi, kutudiba, ŭakata kujiǰika ana mŭatĭavŭa, edi kutudiba čikŭeza ačioko. kufŭa kŭafaĭ kaǰapŭa, mŭéne diniǰa ŭedi tukumujipe ni edi.

akŭaruda amuseda mudiba, tŭokani pa kalani. kaǰapŭa ŭafa kali, ečé mudiba mŭatĭavŭa ŭêtu, tŭokani kali pa kalani.

Foram dizer-nos a casa que os Quiôcos vinham ahi. Tu soberano não ouviste dizer que o fidalgo Dinhinga foi preso pelos Quiôcos ?

Chegaram portadores do mandado d'este para o soberano, pedindo-lhe que fosse em seu auxilio porque os Quiôcos estavam attrevidos.

O soberano respondeu que ficava sciente, que regressaram os portadores e que ia segui-los. Partiu Cangápua com a sua gente, e chegando a Cauenda accamparam por muitos dias.

Onde estão os Quiocos? perguntou o soberano. Se elles se approximam, digam que eu soberano vou ao seu encontro. Elle estava enganado, era Muriba (filho de Muatiânvua) com a sua gente.

No dia immediato, ao romper da madrugada, começaram a disparar as armas... era já a guerra de Muriba que chegava disparando as suas armas e matam Cangápua.

Os do Muatiânvua debandaram, tendo tomado parte na conspiração o fidalgo Dinhinga, e diziam: Nós fomos enganados com guerras dos Quiôcos quando eram de Muriba para matarem o Cangápua. O fidalgo Dinhinga tornou-se um traidor que nos

enganou, dizendo que era uma guerra de Quiôcos, tendo elle escondido Muriba para o fazer succeder no Estado a Cangápua, a quem mataram. Engana-nos com os Quiôcos escondendo os filhos de Muatiânvua. Ha de ter morte tambem como teve Cangápua, e seremos nós que o havemos de matar.

Os conspiradores transportaram Muriba para o Calânhi, dizendo-lhe: Cangápua já morreu, tu agora és o nosso soberano, vamos para o Calânhi.

Um alvitre tomado por alguns Lundas, que estavam escondidos na mussumba

aĭag̃aṅi kali, tŭakuĭaṅi ni êtu, rud̃a rŭafa, tukŭiza lelo, tŭaxike pane.

amukŭata, amŭaj̃ike mu čikub̃o tekeko kasŭè mŭana b̃uba ĭate ni mŭadi ĭaṽo, čĭahŭi čikub̃o čimŭè čĭamôx' ilaŭ.

nu kuĭag̃e ni êtu, tŭel' ec̃ike?

lukŭokexe kututexe či ŭiminá mu kalab̃a kaseg̃a, mudi ai lukŭokexe akata kumŭopata eči ĭaṅi kafilaṅi kolo kŭed̃i.

eči tukuĭa aketukufile muno, kutexike bili, ac̃i tŭovile ac̃ioko aĭa kali tŭasab̃e kuĭa ni ŭape.

kŭapŭa.

Foram-se já (os Quiôcos), vamo-nos embora, a Lunda morreu, partimos hoje e aqui chegámos.

Prenderam Iate, filho de Ambumba (Muatiânvua Xanama) e da mulher Ianvo, metteram-no dentro de uma cubata, a que largaram fogo.

Nada podiamos fazer em seu favor, retirámos.

Ouvimos dizer que a Lucuoquexe estava aguardando os acontecimentos no sitio do fidalgo Cassenga; faremos como esta, vamos para o mato e morreremos na nossa terra.

Estamos dispostos a morrer ahi esperando saber se os Quiôcos nos deixam de todo, porque sendo assim podemos regressar sem receio.

Está combinado, é o que vamos fazer.

Guerra do Muatiânvua Muteba contra o governador do Tenga no Cassai

tuxike mŭatĭaṽŭa mulaji ac̃i, eĭé muteba ĭag̃e mudi xanama mŭa teg̃e, kudĭa ŭata, mŭéne uĭa, ŭaxike mu teg̃e.

čadi kali aseba a mŭéne puto axikileko akusotele kuĭa kŭa musub̆a, akalele xanama alej' aŭ, eči kakuĭag̃e kudi mŭat' ĭči? ámi mŭatĭaṽŭa, amutŭadile naṅi difad̆a?

umŭovŭa mŭamo muteba i ah! ká! mut̆u omu, aseba akulod̆ul' ámi, ig̃' ed̆i ŭakata kŭixixik' ike? naĭa kali kamo kŭa.

ŭatab̆uka katataka muteba aôso akumutalaṅi, kŭikila kuxala.

at̆u aôso tŭokŭaṅi kamo naôso ni kuĭag̃e, tŭakakuĭa ni kulŭaǰita kali ni ed̆i xanama.

tŭabudike mŭa teg̃e k' uxadi unu a kasaĭ. muteba ŭamudoxi murŭa kudi a xanama, ac̃i ŭele udi ikug̃i, ámi nahuka tŭakafŭe kamŭè.

mŭéne ac̃i bŭate, ámi ni mŭana, ed̆i tátuko, nukurape tátuk' ŭámi mated̆u, bŭate muteba aci, čaŭape, akafuta lele kŭed̆a dĭed̆i.

xanama čaŭape akimane, nimutexa bili useba ŭezele, dijina dĭed̆i karukano kug̃ŭik̆ixe masuna nilala niči paxi, makubi masato, tŭailaṅi kŭa muteba.

muteba ŭalod̆ele ailolo aed̆i, tuĭa ni tŭamuleka lele, mŭéne useba ŭeza ni êtu pa rud̆a. karukano ŭaxikile, utule panapa, ŭalale. ah! ká! rukid̆o luvala lŭakéne ni lŭasŭeji, z̃avu ŭahŭa, eči naxime!

kututub̆ukaṅi dizŭi dĭa muteba, kuĭag̃aṅi mu čimane. éne akarud̆a, ámi naile kali. natub̆ukine, ámi mŭatĭaṽŭa kamutane xanama, akutŭeza kali, čadi z̃avu ŭahŭa, ulaji uĭnu ŭed̆i xanama ĭaŭ ŭalub̆ile kali.

Sabemos que o Muatiânvua Muláji nomeou Muteba para Xanama (governador) do Estado do Tenga, elle foi e tomou posse.

E depois d'este tempo que os negociantes, que de Angola seguiam para a residencia principal do Muatiânvua, eram impedidos pelo Xanama, no Tenga, de continuar a viagem, dizendo-lhes que não havia outro Muatiânvua senão elle e que para elle queria a polvora.

Muteba (Muatiânvua), sabendo d'isto, extranhou que tal auctoridade se atrevesse a impedir a passagem dos negociantes que se dirigiam para elle, e disse: «Vou já até lá!» Partiu immediatamente e todos sem excepção o acompanharam.

Foram todos animados para fazerem guerra a Xanama (ao governador do Tenga).

Dirigiram-se ao Tenga e acamparam na margem direita do rio Cassai, de onde o Muatiânvua fez logo partir um portador para dizer áquelle: «que, se era homem, tivesse a coragem de passar o rio, para um dos dois morrer (o Muatiânvua e o Xanama)».

Xanama respondeu: «De modo nenhum, eu sou o filho, elle é o pae, não quero fazer desordens com meu pae».

—«Nesse caso, diz Muteba, está bem, que pague as despesas da nosssa viagem.

—«Sim senhor, respondeu Xanama, espere um pouco, que está a chegar um negociante chamado Rocha, que me ha de abonar fazendas» (subentende-se que este chegou) e mandou-lhe tres fardos.

Muteba satisfeito disse aos seus fidalgos: «Vamo-nos embora e deixemo-lo, se elle não impedir que aquelle negociante venha comnosco para a capital». O Rocha viera sem encontrar difficuldades e dormiu (no acampamento do Muatiânvua). Foram surprehendidos por um vento forte e rijo, que derrubou o grande barracão das recepções (o que era de superstição) e logo disseram: «Cousa má está para succeder».

Retiremos, foi a ordem de Muteba, vamos para Chimane (capital). Todos os da Lunda sabem que eu, o soberano, vim aqui para me encontrar (bater-me em guerra) com Xanama. Chegámos, o barracão em que fazia as minhas audiencias caíu, foi feitiço que elle me enviou.

Umbala faz-se Muatiânvua

g̃oloxe tŭovile eči ub̃ala kudi ai ač̃i, nĭia ni kudĭa ŭata i lukŭokexe ač̃i, nalike ni mŭaj̃ike muteba xa mŭana.

ub̃ala ač̃i, čaŭape, muteba mŭana kaki, baĭ kŭad̃ama, mukurup̃i dĭámi nadĭa kali tokeleĭ mŭéne čĭab̃a, mŭéne kapag̃a, ni amukŭaŭ aĭag̃aṅi kimanaṅi ámi, nixala bili.

nalod̃ule pa mŭéne čilad̃e umulej' ed̃i, ač̃i ŭaxike murŭa ŭa mŭatĭaṽŭa čĭezile kuṅima oŭko, nailaṅi kudi ai mŭéne puto, kamuleje mazŭi mapane mŭatĭaṽŭa ub̃ala, akela mupod̃e, čijid̃ixe ŭa mŭéne puto i ámi nĭijike kob̃a murud̃anámi nĭij̃ike učixe kamo, činikuĭa nakamutane.

kŭiji lele, ač̃i kuxik' ai murŭa lelo, tumôvŭa lele, ni kulod̃' aĭ mŭa mutumin' aŭ kudi ai ub̃ala.

Hontem ouvimos que Umbala, lá por onde está disse: «Eu vou governar o Estado de Muatiânvua, e a Lucuoquexe oppõe-se querendo fazer entrar o Muteba seu amasio.

Umbala, ao facto d'isto, disse que Muteba é ainda muito novo para governar, que elle é mais velho e vai tomar já posse do cargo e ordenou aos grandes do Estado, Chiamba, Capanga e outros que adeantassem a marcha e fossem esperar por elle ainda que tinha alguma demora.

Eu segui até ao sitio do sr. Chilande e disse-lhe que se chegasse um portador do Muatiânvua Umbala, que vinha atrás de mim para aqui, lhe fizesse saber que eu avançára a dar parte ao representante do Rei de Portugal do que me ordenou Umbala, e receber d'este um signal para elle saber que o seu amigo ainda cá está para vir ao seu encontro.

É possivel que hoje chegue o portador e nos dê mais algumas noticias do que se tem passado com Umbala».

Como o Lunda Cabeia se livra da prisão dos Quiôcos

g̃oloxe ŭatutana kabeĭa, ač̃i, atukŭata ač̃ioko muĭad̃a. kanapub̃a ŭaĭle ni eču tŭaile ni ač̃ioko a čisŭasŭa, tŭahuka kalaṅi,

tŭapŭile ku masaĵe. čisŭasŭa ŭeza kudi mŭéne puto ači, nakumukanéne, ámi naña kali, tŭatuḃukaṅi mu kabebe. tŭalale, kŭa čña luñaĵe mu kaŭeḋa.

muḋu ŭafŭa, ačioko ačine ni učuko, amuxa kŭeḋi mu čikuḃo.

tŭeḋa učuko trru... trru... trru... ê... ḋé... nu ku rŭiza.

ámi kabeña, naŭpuḷ' ñaŭ, muloĵ' eči tŭačine mŭamo trrruu... ŭa učuko?

muf' ñaŭ. tŭačine dači čipaga pa kase.

ačioko ataẑuka, eñé kalala kabeña muruḋan' êtu, čiruke kŭeč, tŭalike ku êtu, kuŭela kutatana kali, ači kadipe eñé, naṅi? ñaĵe, eñé muruḋan' êtu, xaŭape palepa ni kaxi.

čiahŭi nejile kali kudi mŭéne puto tátuko akaruḋa aôso, mŭéne puto uxixi, kanapuḃa eḋi muñaḋa mŭa ŭalepe, kusal' eči? kañijikape naxakama kali pinape, tutexaṅi ahŭi xakéne, ači amŭimike akŭa uḃala.

ači kutŭovŭa mŭéne ŭeza, eču tŭasaḃa kŭahuka akŭetu aôso adi pane.

Hontem encontrámos Cabeia que nos disse: «Eu fui preso pelos Quiôcos no norte; o Canapumba safou-se, e eu e outros, conduzidos pelos Quiôcos de Chissuássua, depois de passarmos o rio Calânhi fomos descançar no mato.

O Chissuássua veiu visitar o representante do Rei de Portugal por despedida, e deu ordem de marcharmos para Cabebe (uma mussumba), onde fomos dormir, e de madrugada fomos para Cauenda (outra extincta mussumba).

Tinha morrido uma pessoa, e os Quiôcos fugiram de noite deixando o morto numa cubata.

Marchámos toda a noite até ao rio Luíza.

Eu Cabeia perguntei aos Quiôcos porque fugiamos a correr de noite e elles responderam-me: «por causa do morto», e fugimos sempre até á residencia do sr. Casse. Os Quiôcos chamaram-me: Oh lá! Calala Cabeia, nosso amigo, vá-se embora, não o queremos comnosco; as doenças já vieram ao nosso encontro e não sabemos se és tu ou não o culpado, retira, tu és um bom amigo, mas muito longe de nós».

Por isto eu vim logo procurar o representante do Rei de Portugal, pae de todos os Lundas, e aqui o encontrámos; e como não sabemos se o Canapumba está para o norte, muito longe, nem o que havemos de fazer, ficamos aqui na incerteza se elle estará doente ou impedido por Umbala.

Se tivermos noticia que elle se aproxima, passamos o rio com os nossos companheiros, que por aqui estão, e vamos com elle.

Um reconhecimento feito por Lundas

tŭalaka mŭane, tulakedine mŭinumo, tuŭani ni kusota kaubo mu čimane tŭokuŭani ni kuŭaje. tŭaxika kutala aču iná anani, imanane bili, kaje ačioko bŭate, aruda éne xalani pinape ni à kubilame.

ámi mudu ikuji kubudika kŭitana, koba arudan' akŭêtu, ezani ni kusota maubo. tŭokuŭani, luŭula lŭeza kali lŭasŭeji, tubŭikani čikudo tujiŭa mumo. luŭula ači lŭasuta, eču tŭasaba kuŭa lelo, kolo ku êtu, čiahŭi čiezajo učuko.

ak' éne ŭa ilani maubo ŭaimana n' iso ačioko? bŭate, aile kali kuŭaŭ, aôso kâmo, xâte.

Saudamo-lo, senhor. Nós amanhecemos cá no sitio e fomos procurar cogumelos em Chimana (ex-mussumba). Combinámos ir e fomos. Quando ali chegámos vimos gente desconhecida acampada, que desconfiámos serem Quiôcos; mas eram Lundas que por lá ficaram escondidos.

Eu sou homem e não devo ter receios, fui reconhecê-los e eram nossos patricios que foram áquelle logar apanhar tambem cogumelos.

Como chovesse muito tratámos de reparar uma cubata para nos abrigarmos, na intenção, logo que cessasse a chuva, de recolhermos ao nosso sitio e aqui chegámos de noite.

Então os que foram buscar cogumelos não encontraram Quiôcos?

—Não senhor, todos os Quiôcos já se retiraram, já se não vê nenhum.

Os Quiôcos libertam todos os presos Lundas que lhes não convem

g̃oloxe mŭane tŭaile ac̃i kŭeza aĭu uxadi, tŭaĭa tŭaitana, eči alog̃aṅi tŭakata ku lusag̃o, eču tŭaile kali muĭad̃a, ac̃ioko atubutula akŭata i kŭata i kŭata ámi ni kug̃ukŭataṅi ni ámi aôso.

eh! tŭokŭaṅi! eh! uhé! êṅi? ĭámi kanpub̃a o mŭatĭaṽŭa.

eh! tŭaxika, ac̃i bŭate, tŭakuleka kunoŭmo aĭxalaṅi tŭakulekele čĭahŭi tŭazelá, kŭiji ub̃ala ia tŭovŭa naĭa kali ni kŭad̃ama kŭiji lele mŭéne kanokéne ĭaŭ ŭamŭimika, a kêtu tŭaĭa kali kolo kud̃ia mŭéne puto, tŭamutexe ub̃ala čĭahŭi tŭezelá akŭuso tŭakug̃upŭa.

nalale kạli pane, d̃iamačiko nahuka ĭámi nakabukune kisalu, lusag̃o.

Hontem senhor, fomos ao outro lado rio por nos terem dito que de lá vinha gente, que de facto vimos e cumprimentámos. Deram-nos noticia de terem ido para o norte, onde foram atacados pelos Quiôcos, que prenderam muita gente, entrando nesse numero o que nos fallou e os seus companheiros.

—«Quem é V., lhe perguntaram aquelles», ao que elle respondeu ser Canapumba do Muatiânvua.

Caminharam debaixo de prisão com os Quiôcos, mas estes em certa altura disseram: «Não continuêmos, vamos escolher a gente que queremos, o resto pode ficar aqui, libertâmo-la; por isso os que vimos (os que tinham sido rejeitados) vieram até ali saber se Umbala tinha ou não entrado no Estado de Muatiânvua.

Como fosse possivel que o sr. Canoquene e os seus lhe tenham impedido a marcha, por isso resolveram-se a vir procurar o representante do Rei de Portugal para saberem se haveria algumas noticias do Umbala, e como viessem correndo e estão fatigados desejam dormir aqui.

Amanhã passam o rio e fazem accampamento. Foi isto, o que nos disseram.

Umbala antes de ser Muatiânvua quer ouvir a opinião dos da côrte

kŭiji lele ub̃ala, nakadĭa kali mŭatĭaṽŭa kuǧŭik̃ixe ailolo, e tŭokŭaṅi kamo nakadĭahŭi amakurup̃i; ĭená kulej̃aṅi ed̃i m kaž̃a, tŭaĭa kali kŭed̃a ámi ŭata ŭámi.

akaed̃i dijina ŭadi mŭata ŭaĭa ned̃uṅi? ámi ilolo ĭaôso al d̃elaṅi, hŭiji lele éne makurup̃i kuǧumŭik̃ixa.

amakurup̃i eči tutexeko bili ape ačĭoko aiminá eči tŭamôvŭ ač̃i aĭa kali tŭijika lele tumused̃a, tukutŭale ŭa kŭad̃ama kam ŭakadĭa kamo ŭat' ŭedi, kufila kali palepa, mu ku p' op̃ata.

ŭeĭé ŭab̃ala ŭéne ŭat' oŭ! ah! kŭiji lele, éne aǧaka alod kamo dimŭè; ač̃i ŭape ŭad̃ama, pakŭeza kikŭedelepe pe čaden ač̃i kimŭatepe, pa čidi apa kali, ač̃i, alod̃a[1].

Umbala dispoz-se a ir governar o Estado de Muatiânvua co o apoio dos dignitarios da côrte que o acompanham, e ordenc que fossem participar a Mucanza que elle ia já tomar posse d seu Estado.

Elle (Mucanza), que era Muatiânvua interino, não tinha n occasião quem o apoiasse, emquanto que o Umbala contav com o apoio de todos os dignitarios que o acompanhavam, votaram para ser elle o Muatiânvua.

Queriam os mais velhos dos dignitarios que se soubess primeiro se os Quiôcos ainda estavam emboscados (em red da mussumba) ou se já haviam retirado; nesse caso iam acon panhá-lo para tomar posse do cargo de Muatiânvua, a qu (segundo elles) tinha jus Umbala por ter padecido bastan escondido nos matos, esperando que a successão lhe perte cesse.

Vós disse elle aos dignitarios, dizeis que a successão me pe tence! eu peço aos meus avós que digam o que sentem; se e

---

[1] A pontuação neste caso vai marcada no logar das interpollaçõe *mŭaniê či noéji; calob̃o, selej' ámi*, etc.

tomar posse não digam depois que o Estado pertence a outrem e que eu não sou mais que um intruso: tomem uma resolução definitiva e fallem então.

Xanama improvisa uma guerra para matar o valente Xamuana e outros

tuxike, čibid̃a ŭaĭa kŭa kaĭeb̃e mukulo, mŭatĭaṽŭa b̃ub̃a ŭapane difad̃a, akamusakan' ed̃i.

čibid̃a ed̃i ŭamôvŭa, ač̃i, bŭate, naile kŭámi, ŭeza kag̃ujipe, eĭé g̃aka kaĭeb̃e kug̃ujij̃ikámi; b̃ub̃a kumukixi, ŭasŭeji, naĭa kali, namulod̃ule kamo, nakamujipe, ŭakutab̃ukine, kamutane zoo![1]

ŭamupŭile kaĭeb̃e mukulo umujipile! ah! ká! eĭé ŭamujij̃ike dited̃a, ŭamuzabule, ŭamusŭanexe.

ailolo ač̃i čĭaruki, nalike. uhá! ŭaĭa auhá, ŭabudikile mu čitaž̃o; ŭatekele. kutug̃a muĭog̃o, ŭaurá! arud̃a pinape, bŭii![2]

čiruki, nalike, ŭatab̃uka kad̃i, ŭaĭa mŭa mukeleg̃e lob̃o, ŭateka, kutala di tod̃e, bŭi ka!

ed̃i ŭaxakama kali palepa, akŭaruda ač̃i kŭikila kuraj̃ita tŭokuĭaṅi polo, ač̃i bŭate, mu j̃ita nakumutanéne kali.

b̃ub̃a ŭatudib̃anéne, eči eĭé mŭadi dib̃ane kuĭela, aka b̃ub̃a ŭalod̃a ailolo ŭed̃i eči mŭadi ŭaĭela kali tub̃uka eĭé xa mŭane, ĭeĭ mŭatĭaṽŭa ŭaj̃ita; ámi naxala bili ni mŭadi eĭé ĭag̃e kŭitape mŭéne tod̃e naŭ.

atub̃uka ailolo aôso, kŭikila kuxala, nekuĭag̃e kŭeza, kubudika; kŭeza kŭitana akŭata mitŭè isato, ah! ka! ka! ataṅi axudile ĭa mitŭè isato, čadi bŭi!

saka mŭéne riṅig̃a amusakéne kali; mŭéne čitaž̃o amusakéne kali; mukeleg̃e lob̃o ni mŭéne kab̃ud̃o amukŭata; rud̃a iji! iji!

ŭaxala xa mŭane, ŭimane ŭed̃i, ŭasab̃e, ŭaloza... ŭaloza... pim!... pim... pim... mutena urŭele, ŭačibula uta, ŭapŭite jip̃aka j̃iadi... nukutape!... nukutape!... nukutape!? ačiruke

---

[1] Muito prolongado.

[2] Idem no *i*.

ŭeza, ŭaxakama, ŭana, ŭatubule kamo marufo, ŭana. kutala čieza kadi ajita, ŭatubuka, nukutape... nukutape... nukutape... ŭeza, ŭaxakama, ŭana kadi, kutal' eza kadi kamo ajita, ŭatabuka kadi kamo nukutape... nukutape... nukutape... buho!!

akaruda apalaǧana; ŭačiruke kuna! kutal' eza kakŭaŭ ajita akéne, kŭapŭa; ŭailejani, imanaňi, ámi niloda bili.

amŭipule či aňi? xa mŭane, tata ŭedi mŭatïavŭa.

oh! ihú! eh! uhé! eču kŭiji mŭatïavŭa!!! koba mŭéne kŭedi!

ezaňi, paǧaka kuǧusaï, nafŭa kali, buba kuǧujipe. palaǧanaňi, mukŭeza mahŭè; saka mŭéne kahuža ïaŭ amŭile buba xamŭâne amukŭata aruda xâte.

loǧejaňi umuleja buba naïa kali pa kalaňi; čadi kŭeza, ŭahukile mŭa mukŭa čilade ni ŭitule mu mukŭa mona katata; ŭalale makumi mačiko ni činane kamo buba ači akakutuǧa žavo ŭapŭa.

ŭeza mŭatïavŭa, ŭafŭiňi pa žaï ni ečï amutape mutu, ámi namulabula mŭadi muteba ni ŭatatakéne kamo, makumi maadi ma atu kumaïkixe mŭadi ŭedi i lele tŭokuŭaňi pa kalaňi, aezile ni axikile.

lukŭokexe ači tŭahuka, buba bŭate, alaǧala mačiko mavudi ni pane, akamukŭata mŭéne pada, mŭadïata ni maike, akuǧunetaňi mitŭè ïaŭ, aineténe, akalele buba, čaŭape nahuka kali ni aŭ.

Somos do tempo em que Ditenda (o caçador) fugiu para o sitio do Caiembe Muculo, pelo que o Muatiânvua Ambumba distribuiu polvora aos seus, dando-lhes ordem para que o fossem prender.

O caçador avisado, receando que o matassem, pediu ao seu avô Caiembe que o escondesse, e Ambumba sabendo d'isto, desesperou-se, e elle mesmo o quiz perseguir para o matar, mas não conseguiu encontrá-lo.

Dirigiu-se então ao Caiembe, a quem arrastou e matou, dizendo-lhe: «Tu soubeste esconder o Ditenda, pois o teu herdeiro que tome posse do seu cargo.

Depois d'isto os dignitarios queriam regressar, mas Ambumba não quiz; ordenou que se caminhasse para o sul e se construisse um acampamento no sitio de Chitanzo. Desabou a residencia d'elle em construcção sobre os Lundas que nella trabalhavam.

Regressemos, insistiam os dignitarios, mas Ambumba não quiz, e ainda continuaram a marcha para o sr. Lombo, onde acamparam, á vista da povoação de sr. Tonde (potentado independente).

Passados alguns dias os da Lunda gritavam que não havia guerras, e queriam regressar ás suas terras; porém Ambumba recusou-se a regressar, dizendo que a guerra já elle a tinha encontrado.

Ambumba enganava-nos porque disse á sua senhora que se fingisse doente, e pretextando aquelle motivo ordenou ao amasio da Lucuoquexe, que tomasse o logar d'elle na guerra emquanto se demorava ao lado da doente, e matasse o sr. Tonde e o seu povo.

Partiram todos os dignitarios, que foram, vieram com tres cabeças e tornaram a partir; mas oh! grande desgraça! pagaram bem caras aquellas tres cabeças!

Primeiro mataram o maior dignitario da côrte o sr. Dinhinga, depois o sr. Chitanzo e em seguida os grandes potentados Lombo e Cabundo; pelo quê todos os Lundas debandaram!

Ficou só o amasio da Lucuoquexe fazendo fogo desesperadamente contra o inimigo até muito tarde, e atirou para o lado a arma, e com duas facas luctou ainda, cortando as cabeças dos que se approximavam.

O inimigo recuou e elle veiu sentar-se e bebeu por tres vezes malufo; mas vendo que voltava uma força inimiga foi ao seu encontro com as facas e cortou mais cabeças. Voltou a sentar-se e a beber malufo. Torna a vir outra força, e elle torna a voltar a seu encontro ainda com as facas e ainda cortou muitas outras cabeças.

Os Lundas tinham-se espalhado; mas elle que voltou a beber, vendo que voltava uma outra força ainda maior, como á

não podia combater, gritou-lhe que esperassem que queria fallar-lhes primeiro.

Perguntaram-lhe quem era elle? Respondeu que era o amasio da Lucuoquexe, que fazia as vezes de pae do Muatiânvua.

Os do inimigo muito admirados exclamaram: «E nós que pensavamos que era o Muatiânvua, e apparece-nos um representante em seu logar».

— «Venham agora, lhes diz elle depois, tragam as facas para me fazer em postas, que morro em vez do Muatiânvua Ambumba[1].

Retiraram a toda a pressa os Lundas espalhados, e o primeiro que chegou junto de Ambumba foi Cahunza (filho d'elle) que lhe participou que o amasio da Lucuoquexe fôra preso pelo inimigo, e os Lundas retiraram.

— «Que se apromptem, ordenou Ambumba aos seus, pois regressâmos já para o Calânhi». Passaram nesse dia o rio (Cajidíxi) no porto do sr. Chilande, e acamparam no sitio do sr. Catota, onde depois de uma demora de mais de dezoito dias, deu ordem Ambumba para que se construisse uma grande casa reservada para as entrevistas com a sua senhora Muteba, casa que dois dias depois caiu por terra.

Poz-se em marcha então o Muatiânvua e quiz que se fizesse a dança de guerra no recinto onde se depositam os restos mortaes dos soberanos; que se matasse uma pessoa para se depor a cabeça aos pés de sua senhora; e exigiu que os dignitarios lhe tributassem vinte servos para com elles presentear aquella, e só depois deu ordem de marcha para o Calânhi, onde chegaram.

---

[1] É da praxe, o Muatiânvua ou ha de ser vencedor numa guerra ou ha de morrer nella. Vencido não pode occupar o seu cargo. O Muatiânvua Ambumba, annos depois quiz desprezar a praxe, vencido na guerra com Ditenda, de que fugira; porém foi perseguido pelos seus proprios, que o frecharam e fizeram em postas, sendo estas depois queimadas na mussumba em presença do novo Muatiânvua Ditenda, em audiencia solemne.

A Lucuoquexe queria que passassem o rio (Calânhi), mas Ambumba não quiz e ficaram naquella mussumba alguns dias, para se executar a ordem que elle dera de prenderem o sr. Panda, o filho das armas, e o sr. Maíque, e de lhe apresentarem as cabeças, com as quaes aos seus pés na canoa passou o rio.

APPENDICE

—

VOCABULARIO

VOCABULARIO

O mundo, corpos celestes, divisão do tempo

žaǐi či noeji «o ente superior ao primeiro Muatiânvua que se chamava Noéji; invisivel, mas vê e ouve a todos».

mukulo žaǐi «outra denominação para o mesmo ente, considerado como predecessor da humanidade e a quem invocam».

žaǐi «simplesmente, emprega-se, para render graças a esse poder sobrenatural, invocando o favor d'aquelle ente».

žaǐi katañga (subentendendo-se *ŭatañga makasa ni mĭeǐu*) «é ainda o mesmo ente, com o attributo de dar vida ao genero humano, vida que para elles consiste no exercicio das faculdades physicas. É creador supremo, o unico que fabríca com os movimentos indispensaveis os nossos orgãos, que elles restringem a braços e pernas; mas para elles o coração, vê, falla e é quem nos domina. Imaginam esse ente com figura de homem como os seus idolos.

žaǐi ŭa miǐele «é o Deus do Muene Puto (dos brancos), nome que dão aos crucifixos que o commercio lhes tem levado; consideram-no superior ao seu porque nas terras de Muene Puto ha mais esperteza que nas d'elles».

mutena «sol, empregam tambem para designar o dia e o tempo, para o qual não ha equivalente».

čikatañgo «refracção em torno do sol no tempo do cacimbo».

rŭale rŭa mutena «disco do sol».
mutena ŭabudika «o nascer do sol».
mutena ŭaĭa «o pôr do sol».
ǧoḑe «a lua».
rusala rŭa ǧoḑe «o disco da lua».
ǧoḑe ŭameka «lua nova».
ǧoḑe ŭakudile «quarto crescente».
ǧoḑe izula «lua cheia».
ǧoḑe čipŭixa «quarto minguante».
ǧoḑe ŭabudika «nascer da lua».
ǧoḑe ŭafŭa kali «pôr da lua».
ǧoḑe ŭa tetame «por analogia assim chamam se a lua apparece dentro d'um circulo. Se algum satellite a acompanha é o caxalapóli do Muatiânvua, que é a lua; e se acontece algum planeta ficar tambem dentro do circulo é a muári».
katuḃo «estrella».
čisoǧa «estrella errante».
mŭaḃo mu tutuḃo «o cruzeiro do sul e as estrellas dispostas em cruz».
čipaǧa čĭa tutuḃo «as que formam quadrilatero».
ñaka ŭa tutuḃo «o escorpião e as estrellas dispostas em curva».
kučia, mŭiza «Venus».
tutua misele «as Pleiades e todas as estrellas que nos parecem pequenas e muito unidas».
mŭata čibiḑa «na Orion a que fica mais a sul e afastada».
kabŭa «idem, a meio».
nama «idem, a norte».
ḃaǧe ḃaǧe «a Sirius».
rutuḃo rukano «Saturno (annel)».
mukoḃele dĭa žaḃi «via lactea».
mŭuro «ceu».
dĭuro «nuvem».
kasŭè «fogo».
kasŭè ka mutena «calor do sol».
kasŭè kauseba «palito phosphorico (fogo dos negociantes)».
koǧolo «arco iris».
mema «agua».
ṽula «chuva».
kiḑo «vento».
luṽula ou *lukiḑo lŭasŭeji* «chuva ou vento, rijo, forte, impetuoso».
dĭuro disuža «aurora».
kakipepele «brisa».
jimino «trovão».
žaje «raio».
ŭamañika «relampago».
dibulo «nevoeiro».
maumi «orvalho».

mama «floculos brancos sobre as plantas».
musoso «faisca».
mŭixi «fumo».
mituko «lavareda».
mururo ŭa kasŭè «chamma».
čidilu čĭa kasŭè «brasa».
utŭè «cinza».
mutena ŭasŭana, ŭasŭeji ou *ŭasŭejiji* «o sol aquece, queima, está insupportavel».
maluĝile «faz calor».
kutaĝa čĭuro «trovoada».
amŭoxa kudi žaje «ferido pelo raio».
mŭuma «secca».
maxika «frio».
ruṽula rŭa maĭala «chuva de pedra».
mutoŭxi «humido».
ŭatoŭxi «humidade».
talala «fresco».
urŭele «sombra».
muve «anno».
dičiko «dia».
musasa «manhã».
urŭele «tarde».
učuko «noute».
pamaki «madrugada».
bŭididi «muito cêdo».
kukĭa «romper do dia».
dĭamačiko «ámanhã».
dičĭadĭá «depois d'amanhã».
dĭakŭadĭá «ante-hontem».
dĭamačiko ŭeza «o dia seguinte».
dičikŭau «outro dia».
lelo «hoje».
ĝoloxe «hontem».
ĝoď u «este mez».
ĝoď unu «aquelle mez»
ĝoď ŭaile ŭa «o mez passado».
ĝoďe čiŭeza «o mez que vem».
ŭajala «principia a escurecer».
učuko ŭa paxi «noute alta».
luṽala muvu «cacimbo».
musaĵi ŭaṽula «periodo de setembro a janeiro».
mukaxi ŭamukatukine «periodo de janeiro a março».
čĭaĝala «interrupção de chuvas».
diṅika, muxiďo «tremor de terra».

Aspecto physico do terreno

čĭana «descampado».
mukaďa «montanha».
mukaďa mŭiĝe «serra».
mutaba «falda».
muxina ŭa mukaďa «sopé da montanha».
muzŭeĝele «abysmo, precipicio».

mŭuro «cume».
dĭĭala «pedra».
kapata ka măĭala «pedreira».
mumakulu «deserto».
p̃ata «baldio».
gad̃a «terra (paiz)».
čilu «lavra».
kudima «lavrar».
mavu «barro».
čikudĭape «esteril».
ŭito «rio».
čau «porto, embarcadouro».
čilalo «ponte».
dituj̃o «ilha».
dizaža ou *teg̃a* «lago».
čikumo «praia»
mŭad̃ama «saliencia».
ikod̃i «bahia».
fub̃o «ponta».
mupŭeji «agua corrente».
mamana «agua estagnada».
mema utoka «agua limpa».
mema ujala «agua suja».
mema ulaŭ «agua barrenta».
mururo «nascente».
kuxina «corrente».
koxi dĭa ŭito «leito do rio».
kaŭito «riacho».
kaŭito kakĭepe «ribeiro».
mulaŭ «lameiro».
dijia «charco».
pole mema «queda d'agua».
dibuko dĭa mema «poça».
čisaj̃o «pantano».
uxadi ŭa «margem de lá».
uxadi unu «margem de cá».
uxadi ŭa tátuko «margem direita».
uxadi ŭa maku «margem esquerda».

Genero humano

mut̃u (aĭu[1]*)* «pessoa da raça preta».
mud̃ele «pessoa da raça branca».
ikuj̃i «homem».
b̃ad̃a «mulher».
mŭari ou *mŭadi* «a mulher mais considerada na familia».
mukaje «mulher amancebada».
mujike «mulher solteira».
mŭatana «homem que tem companheira».
mŭatana mub̃ad̃a «mulher que tem companheiro».
na mufi «viuvo».
mŭana mufi «viuva».

[1] *aĭu* tambem se interpreta como «povo».

čipala[1] «velho».
čipala muɓaɗa «velha».
kaxinakaje «muito edoso».
čiaǧudima «rapariga de doze a quatorze annos, as que entram já no serviço de lavoura».
mona xoŭna «orphão de pae ou de mãe».
mona ou *mŭana* «filho».
mona muɓaɗa «filha».
kakuǧi «rapaz até 12 annos».
čisaɗa «rapaz até 15 annos».
kaɓaje «rapaz que já entra em guerras».
mŭana kaki «criança».
mŭana mŭizo (maĭele) «criança que mamma».
ŭaxala «orphão de pae e de mãe».
kaxete «anão».
ulepele ni kaxi «gigante».

Partes do corpo humano

muĭu ou *mutŭè* «cabeça».
diboĭo «caveira».
dĭoǧo ou *kahoko* «cranio».
uhoǧo «meolos».
kabalakata ou *p̃ala* «testa».
paɓala ou *pasaĭ* «fonte».
pikoxi «nuca».
rusuki «cabello».
čifufo «caracol, annel do cabello».
dibala «calva».
mukaĭi «cabelludo».
muxixi «sobrancelha»
čibŭebŭa ou *čibŭilo čia disu* «palpebra».
ruĭŭile, ruĭulŭele «pestana».
katukadisu ou *mona disu* «a menina do olho».
disu «olho».
dizuro «nariz».
dizuro mulepe «nariz direito».
dizuro batatene «nariz abatatado».
mupane mu dizuro «venta».
mukano «bocca».
kŭulo a mukano «ceu da boca».
rudimi «lingua».
mulaɓo «beiço».
mulaɓo kŭulo «beiço superior».
mulaɓo xini «beiço inferior».
ditŭi «orelha».
dipana ditŭi «ouvido».
rubaĭi «queixo».
kaladi «barba».

---

[1] *mukuruβi* emprega-se como «velho», mas é vocabulo que se deve interpretar, na comparação de edades, «superior e antigo».

mup̃ala «cara».
ditama «face».
xiḡo «pescoço».
mŭemo «bigode».
mŭediji ou *mŭeči* ou *mŭevu* «barba em toda a cara ou em parte».
dizêŭ «dente».
mazêŭ mŭiso «dentes de leite».
čidiḡurile «presa».
mauǰe «queixaes».
uxixiṅi «gengiva».
miṅi «garganta».
museḡe ŭa miṅi «goela».
čikije «hombro».
dibŭab̃o «peito».
dĭele «mamma».
mŭixine maĭele «seio».
ṅima ou *iṅima* «costas».
mutab̃a «lado».
lub̃avu «costella».
mŭoḡo «columna vertebral».
čiteḡači «tronco».
mubud̃a «cintura».
ruduḡo «coração».
muxima «estomago».
mukano ŭa muxima «bocca do estomago».
muxima utoka «pulmão».
muxima ujala «figado».
mona suka «rim».
lulamate «baço».
mulob̃e «lombo».
rudad̃aŭ «diaphragma».
divumo «barriga».
mula «tripa».
mukuvu «umbigo».
pačinini «baixo ventre».
jik̃uma «cadeiras».
čikasa «braço e mão».
mukono «ante braço».
kakoḡaṅi «cotovello».
mukŭapo «sovaco».
muvumo mu čikasa «palma da mão».
peúro pa čikasa «costas da mão».
mŭiṅi «dedo».
munuḡo mu mŭiṅi «phalange».
luž̃ala «unha».
kabukosa «pulso».
tuzunezune «espiga».
čĭala «dedo polegar».
suana mulopo «o index».
pakaxi «o do meio».
kanapub̃a «o annular».
kanasa «o minimo».
mŭed̃u «perna e pé».
kavumo ka mŭed̃u «barriga da perna».
ditud̃o dĭa mŭed̃u «coxa da perna».
ditako «nadega».
mumaŭele «virilha».
dinuḡuna «joelho».
kabokoso ka mŭed̃u «delgado da perna».
čidĭatelo «planta do pé».
kabukuno «calcanhar».
ruja «membro».
mŭiso mŭa ruja «urethra».
mukuto «testiculos».

bŭale «vagina».
dikixi «utero».
čisekŭilo «bexiga».
mupaṅe «anus».
mujiča «corpo».
mujila «veia».
maxi «sangue».
čikaḏa «pelle».
uvije «pellos no corpo».
difupa[1] «osso».

Accidentes e propriedades do corpo humano

čisaṗuka «espirro».
kusaṗuka «espirrar».
čikalala «tosse».
kukalala «tossir».
kaǰi «soluço».
kufetcfete «soluçar».
čimŭapele «grito de alegria».
čimukidili «grito de dôr».
čisepa «riso».
kusepa «rir».
čisŭedixa «descanço».
kusŭedixa «descançar».
kuhona «resonar».
kulota «sonhar».
čikuma «magro».
kukuma «emmagrecer».
ẑala «fome».
kukŭete ẑala «ter fome».
kuǧupŭa «cansar-se».
usŭa «força».
kukasakana «restabelecer».
čikime «gemido».
kukime «gemer».
kaxumuka «estremecimento».
kukaxumuka «estremecer».
kulaǧuka «despertar, levantar da cama».
kukasakene mu mujiča «ter saude».
tulo «somno».
kulala «deitar».
kulala mu tulo «dormir».
isikixa «suspiro».
kŭisikixa «suspirar».
mutala mukéne «estatura alta».
mutala muki «estatura pequena».
mutala pakaxi «estatura media».
čisulule «transpiração».

---

[1] Em geral empregam *difupa* para qualquer osso, e quando querem especialisar, addicionam a parte do corpo a que pertence; assim dizem: *difupa dia čikije* «clavicula»; *difupa dia mŭeḏu* «o peroneo» *difupa dia mŭiñi* «phalange».

Ao esqueleto denominam *mafupa lufi* para assim distinguirem do plural de *difupa*.

kusulule «transpirar».
dizŭi «voz, ordem e palavra».
kuñvala «parir».
kukula «crescer».
mate «cuspo».
kučila mate «cuspir».
kuzema mate «babar-se».
iḏuro ŭa ŭaje «bilis».
mañi «gordura, sebo».
čiele «leite».
kŭamŭa «mammar».
disoji «lagrima».
kudila «chorar, gritar, etc.».
maxi «sangue».
musururo «suor».
masekula «ourina».
tuje «excremento».
masekura ma ruvaji «semen humano».
mŭeiñe, moio «vida».

Graus de parentesco

aḡakulula «ascendente».
ajikulula «descendente».
ana tátuko ni maku «progenitura».
kuka tátuko «linha paterna».
kuka maku[1] «linha materna».
ḡakulo «bisavô».
ḡaka «avô».
jikululo «neto».
kajikululo «bisneto».
tátuko «pae».
maku «mãe».
mona ou *mŭana* «filho».
mona maku «irmão».
mona ĭéne «filho adoptivo».
mona katuḏo «enteado».
mona mu čikasa «irmão collaço».
mona moḡŭa[2] «afilhado».
ḏŭedi «cunhado».
mukurupi «mais velho».
kaki «mais novo».
maḏu «tio».
soji «tia».
mŭepŭa «sobrinho».
musoñi «primo».
mu čidi ŭêtu ou *divumo di ŭêtu* «nossa familia».
fumo «marido».
mukaji «mulher».
tatŭeno «sogro».
maŭeno «sogra».
tátuko sŭana «padrasto».
maku sŭana «madrasta».
ŭana «ama sêcca».
ŭana maĭele «ama de leite».

[1] *ku* em logar de *kuñima*, que elles subentendem.
[2] Não teem, mas sabem usá-lo, tendo-o aprendido dos Ambaquistas.

Animaes

Nomes, partes e despojos

b̃iji[1] «carne».
kima «macaco».
buj̃i, pelub̃a, pob̃o, muĭeg̃e, kuje, g̃od̃o, pug̃i, kalala «simios».
nama ou *iname* «um animal quadrupede».
z̃avo «elephante».
g̃ob̃e «boi domestico».
baŭ «boi bravo».
kabŭa «cão».
kamexi «gato».
mukoko «carneiro».
p̃eb̃e «cabra».
čihug̃o «bode»
čibod̃e «porco domestico».
sŭid̃a «porco bravo».
kasaka «porco espinho».
musema «cabrinha».
katŭi «coelho».
k̃aĭ «corça».
mukeg̃e «raposa».
tab̃u «leão».
čibug̃o «lobo».
čisupa «onça».
mŭieŭ, kasad̃a «cães do mato».
kab̃ozo, xib̃a «gatos do mato»,
čikaĭ «gato de algalia».
g̃olug̃o «veado».
čipakasa «bufalo».
kabukŭa «seixa».
iteg̃o, kabaje, kifeb̃e, mŭidi, z̃uje, karuxid̃i, seji, čipeg̃e, g̃ub̃o, kag̃olo, čikusŭa, čisekebŭa, muxila, jib̃o, kapuz̃a, kab̃uj̃i, museṽo, j̃ima, zuzo, rukaka «quadrupedes».
kiseg̃a tab̃u «a quimalanga de Angola».
tab̃u, fug̃o, čifulo ŭa mema «quadrupedes que vivem nos rios».
p̃uko «rato».
ig̃elo, kabuj̃i ĭa maleg̃e, kag̃og̃e, ikata, mŭikire, gŭaṅi, z̃ulo, lub̃ŭiza, ixik̃e, čibed̃e, tala, madib̃o, katad̃i, kab̃ab̃e, mŭiseketa, kafulo usuko, čimate kamulog̃o, lupub̃o, pub̃a «ratos».
jile «qualquer ave».
čikolob̃olo «gallo».
z̃olo «gallinha».
hag̃a, salali «gallinhas de mato».
mona z̃olo «frangão».

---

[1] Tambem empregam *nama* «carne».

kudiba «pombo».
kakudiba «borracho».
diebe «rôla».
patu «pato».
ğŭadi «perdiz».
kuso «papagaio».
kaloğo «papagaio de pennas carmezins».
kaka, keği «periquitos».
mukibo, čihuğo «aguias».
muleŭ «gavião».
kubi «marabú».
kŭaje, čikŭali «corvos».
mukuko «cuco».
kasaka, kakide «canarios».
piapia «pardal».
katete, kabučibuči, kasakatete, kabibe, kaŭağa, kazeza, ziba, mulabudia, mŭikele, kačiči, rujiğo, mukabo kazaji, rubeĭ, iağiaği, vudovudo, dŭa, karova, kaŭema, ifuse, diuda, fŭababa, ikuğo, kaseĭa, kavukovuko, čiukurukulo, mŭadipupo, kŭoxi, muğaje, kasuje, murudo, čitetoteto, kasaji, každi, kasapŭile, ikube, kasŭelele, kavuso, kaxĭaxĭa, musako, kajabi, ğŭeğo masale, čimuğŭè, zeğalali, kituko, uzŭele, ijoko, mudima, katata, bulomeji, dinuğa, kabŭabŭa, katebŭexe, ğuzo, kabula mutete, čimuğo «especies de aves».
ixi «peixe».
kasaŭ, ğaje, sada, rubede, seji, kaloboko, mutebu, mubabala, kaloĭ, bedebede, čikaĭni, kağŭada, buko, mujiji, baža, čikağa, kapağana, žubo, juna, muvudo, niibo, ğaje, dikuje, jime, ruziza, muteĭne, muzoko, baža mukine, kapuxe, čitaĭa, mukebo, čikile, sožo, kasakaĭni, tağo, kafuto, muxoğo, kakuğa mukepe, mukileğe, mukuğo, mukuso, kudo, ğuĭa «especies de peixes».
dixi «lagarta».
naka «cobra».
katotoka, mukŭo, mulali, kasağe kağoğo, čiğe, iavo, kolobolo, kisalaĭata, ĭoka, kakuxi, katodo komo, kalobo, či noéji, sepe, kabadajila, mime, čijio, kisabo, katede, mudikixi, kĭažağobe, xakala, mukoğolo, bidiki, čisude, kololapaku, lučiba, kačipamaĭ «cobras diversas».
moma, katoŭpo, kavuğapata, ğabo «especies de giboias».
zeğedia, mukite, čikalapoli, kağala seğa, čikolokoza, mŭikala, kaje, kakapababa, dikalağa, kakarula mukono «lagartos pequenos».
čuğulo, rububo kabaka, mukoke, munaĭni, noğŭa, dabo,

p̃ulo, kivala, taletete, čisakine, čizab̃ale, kazeg̃e zeg̃e, čijijaṅi, iseḋe, disese, čimŭag̃asase, dinug̃o, kačaila «lagartas[1]».

p̃asu «gafanhoto».

dimina, sasameĭṅe, jog̃o, bukolubuko, čĭag̃atata, sob̃o, kajag̃ajag̃a, dizeẑe, kabolo, kamaṅi, kamaji, namupaje, kaḋaḋo, kitaxi, ikuzulapata, boba kaḋig̃a, b̃ab̃a, katata, kivuva makoḋi, čiḋĭa mapote, čituto xamapulo, kakĭag̃o, kaḋĭa muleg̃e, namulepe mulepe, čitela, kavula seg̃e, kačipalapala, ij̃oŭ, kase, čibŭata maĭ, kaĭala meḋu, kaĭala usuẑa, lukulu lŭa kabaka, lukulu lŭa masag̃o, mupepo, kaxeneta, dibaṅame, kaḋĭa muxilo, ikoki, muḋadi, ḋĭug̃a «gafanhotos».

kag̃alaseg̃a «camaleão».

dolo, kap̃ikita, čibŭije, b̃eb̃a, seki, mukačisi, kavuḋa ṅimo, kajiko mate, kafek̃afek̃a redeg̃edeg̃e, kab̃atata, kaxekaxeka, kapoko, čivuṽo utoka, čivuṽo ujala, čidivu, kag̃uri, mazemate, ipob̃o, kaĭob̃o, ijiḋe, safuxi, makuḋa, kazeb̃ule, diseḋa, xixi, kaf̃enete, muzog̃olo, kibĭokoto «especies de reptis pequenos».

g̃uvo «cavallo-marinho».

g̃aḋo «jacaré».

k̃ala «caranguejo».

čĭola «rã».

dizuḋo «sapo».

kafulo «sapo concho».

kasulo «centopeia».

zeze «grillo».

kaata beg̃alala «cigarras».

peji, pelekese, kokamaj̃ila «carochas».

zéò, sog̃aṅi, kaḋĭa musog̃o, kisog̃o kag̃ig̃ine, lukab̃ala, muĭa karug̃a, čixikiṅa «formigas».

čiṅi «bezouro».

kaṅĭena, «vespa».

taḋaŭaje «aranha».

dizab̃a ou *dizaĭa* «sanguesuga».

kabata «caruncho».

čikotokoto «escaravelho».

kusŭa ŭa kabŭa «carraça».

---

[1] Algumas conhecem-se pelos nomes de arvores, fructos ou plantas, addicionando estes ao *dixi dia*. Assim: *dixi dia pepe; dixi dia čijita, kapaj̃ilo, masaxi, mulolo, ŭuse, sŭasŭa, kaŭala, mufuka, mukub̃o, kab̃ob̃o, ulab̃a, mupači, muleg̃a, dipupo, mŭiaẑa, čibale,* etc.

ǧeji «mosca».
kaǧeji «mosquito».
kisafu «pulga».
kaḃululo «mosca pequena».
lukuso «peolho».
katoḃela (mahuḋa) «bicho do pé».

kuso žabi «peolho do capim».
čizŭazŭa, čibeḃele «borboletas».
musŭasŭa, ǧaḃuka, dikeje, kazaǧe «salalé».
kadĭa ku uma «solitaria».
čĭoka «lombriga».

mutŭè «cabeça».
mupala «focinho».
moxi ĭa dizuro «ventas».
mukano «bocca».
mulaḃo «bico».
dizêŭ «dente».
diseĭ «crina».
ludeḃe «pello».
čikeǧa «um fio».
čikita «pelle e couro».
mukŭato, mŭilo «tromba de elephante».
museǧo «chifre».
čikeleḃele «crista».
ipaka paka, lupoŭlo, mubaba «asas».
lusakaje, dikuto «bandulho».
divumo «barriga».
dikuruǧo, malakaĭi «papo».
mukila «cauda».
mono «penna».
kasaḃano «esporão».
muĭa «espinha».
makakala «escama».
čikaŭ «pelle do peixe».
čipepe «rabo do peixe».
kizokolo «pata».
dikaza «unha raxada».

lužala «garra».
dĭi «ovo».
maí mŭixi «ova de peixe».
mitete ŭa čikoloḃolo «plumagem do gallo».
kadulo «fel».
makakala ĭa ǧaḋo «escamas do jacaré».
čĭala čĭa kafulo «concha do cágado».
rŭile «casca do ovo».
kumiĭi «debicar».
kufutamena «chocar».
kukoḃa maí «pôr ovos».
kačisŭali «ninho».
dĭi disuža «gemma».
dĭi ditoka «clara».
ana mutujila «ninhada».
ŭaḋa ŭa taḋaŭaje «teia de aranha».
ulaje «veneno».
ŭoči «mel».
kiselo «favo».
kuboza «ladrar».
kukĭeĭie «zunir».
kuteḋa «cantar de gallo».
kudila «berrar, zurrar, uivar, latir, etc.».

Vegetaes

aĭo «alho».

daĭa ou *mudĭa ńoka* «arbusto que dá vagens com uns pequenos grãos, que seccos, torrados e moidos lembram no aroma e gosto o café; das raizes fazem uma infusão amarga que suppre o quinino».

dĭaĝŭa «abobora amarella (faz lembrar a nossa abobora menina, mas é muito mais adocicada)».

dĭaĝŭa dĭa kŭulo, dĭaĝŭa dĭa kasolo «especie de aboboras pequenas».

dibu «palmeira que dá o fructo *dendem* de que fazem azeite e sabão, e cujo caroço é o coconote».

difada «palmeira da margem do Luachimo, de que tambem extrahem vinho».

dikido «palmeira a que os Ambaquistas chamam *karima*, d'onde extrahem o vinho e de cujas fibras fazem chapeus imitando os de palha».

dikode dĭa katata, dikode dĭa kaloĝa dĭa tato, dikode dĭa žavo, dikode dĭa koĝolo, dikode dĭa čiludo «especie de bananas».

diteda, kabaĭa, mukuso «especie de aboboras, (pequenas até ao volume de maçã, mais ou menos acidas)».

ditŭo dĭa paxi, ditŭo dĭa ĝuvo, ditŭo dĭa koĝolo, ditŭo dĭa kubi «especie de batatas silvestres, (de todas comem, bem como as folhas cozinhadas)».

dituta ou *majiloĝo* «arbusto que dá uns pequenos fructos muito agradaveis».

dugo ŭa kasaxi, dugo ŭa katete, dugo ŭa lusumo «especie de pimentinhas».

ĝido «planta que dá um fructo em forma da carambola da Asia, que é a batata de planta (uma especie de canna)».

ĵilo ou *xia* «planta que dá um fructo do mesmo nome, pequeno, redondo, amarello, esverdeado exteriormente, como uma ameixa, rijo, acido e muito agradavel».

kabaka «milho».

kalebŭile «folha da batata doce».

kamukuči «feijão miudo de Canhíuca (vagem delgada e comprida)».

kapora ou *kačiče, mususo, kaleẽele, muleẽaleẽa, xirudo, kapila, kapi, kaloda* «plantas acidas (cozinham os fructos)».

kusadi «batata brava (forma rhomboide, escura exteriormente, avermelhada no interior, pequena, faz lembrar no gosto a batata ingleza miuda)».

kasako «planta (cozinham as folhas e picam os fructos com o sal)».

katete «especie de couve, (cozinham as folhas e fructos)».

katete ŭa mŭeto «especie de couve».

katete ŭa useba «couve portugueza (devida aos Ambaquistas)».

katokatoka ou *kamuzele* «feijão branco, cheio».

katoli ŭa ẽuža, katoli dia kabata, katoli ŭa mudabale, katoli ŭa utoka, katoli ŭa kajila, katoli ŭa kačina «planta que é o *ŭuse* dos Ambaquistas, que cozinham as folhas e fructos; lembra azedas, e é esta a interpretação que lhe dão os Ambaquistas».

kaŭaẽe «trepadeira (cozinham as folhas)».

kaxaĭ «milho com os bagos maiores que o massango».

kazeẽo «trepadeira (cozinham as folhas)».

kazubi «batata brava (esbranquiçada interiormente, maior e mais acida do que a do Cassádi)».

kibatu, katadi, kapeze, kaĭoĭ, mŭisaẽa, čikebe, rusiii, moŭho «capins que queimam extrahindo sal das cinzas».

ki ou *čisaka*, ou *mataba* «folha da mandioca».

lutobe «bordão de que tambem extrahem vinho».

makudi makise «feijão miudo (o pardinho)».

makudi ma zeẽo «feijão vulgar».

masaẽo «milho miudo».

mŭaẽači, čikalala, mudĭa ŭa tŭaẽe, musesa «plantas de que cozinham os fructos».

mŭeẽe ŭa žavu «ananaz».

mŭeẽe utoka, ujala «cannas branca e vermelha, doces».

muĭamuĭa, kakuda kaŭale, muhupo «arbusto que dá fructos miudos, que comem como feijão».

mŭilebo «planta que lembra o Quiabo (cozinham as fo-

lhas e os fructos, que são gommosos)».

mukaka «especie de mandioca».

mukeg̃ele «folha de abobora».

mulad̃ala nug̃o ou *ĭêfu* «planta que dá uns pequenos bagos pretos, que depois de seccos e pisados lembram a pimenta da India».

muleg̃e ou *b̃oa, mujiji, dimiṅimiṅi* «plantas de que cozinham as folhas».

mumate «o nosso tomate degenerado».

mupači «arvore que da um fructo que lembra um pouco o safú da ilha de S. Thomé (comem-no cozido e é agradavel com sal)».

mupile, mudulo «plantas que dão fructos doces».

mupudi, kabole, kaxeko xibo, muxilo «arvores que dão uns fructos acidos muito agradaveis».

mupuṅi «trepadeira (cozinham as folhas)».

musala, muleg̃o, mub̃ulŭa, mufog̃o «arbustos que dão fructos muito doces».

musuj̃i, kaĭala «arbustos que dão um fructo com uma feijoca e que lembra o gosto do amendoim (cozem-no e fazem uma boa sopa)».

mututo čine, mupepa, kafumafuma «arvores de que comem as folhas».

mučĭa ou *mukĭa* «arvore que dá fructos doces».

ṅimi ou *g̃uba* «macarra ou amendoim».

p̃ada «planta aquatica que faz lembrar o inhame, batata pequena».

pug̃o «planta (cozinham as folhas e os rebentos)».

rĭab̃a «canhamo; fumam as folhas seccas».

rŭad̃a «tabaco».

rutud̃i «é o *g̃ŭeg̃e* dos Ambaquistas, planta que tem o fructo ao pé da raiz; a casca é grossa, atirando para vermelho, do tamanho de um ovo de pata, muito acida».

seb̃o «trepadeira (cozinham as folhas)».

sug̃i «arvore que dá fructos, que torrados lembram amendoas».

tab̃a ou *b̃ozo* «batata doce (indigena)».

ub̃ala «milho com os bagos menores».

čihud̃o «palmito de palmeira; depois de cozido e com môlho de manteiga faz lembrar a nossa couve-flôr».

čikaŭ «milho com os bagos menores».

čiloĭo ou *dilolo* «planta que dá um fructo, cuja forma e côr exterior são como as de um tomate muito pequeno; o sabor é muito doce».

Medicamentos

disole «planta; fervem as folhas para banhos contra a fogagem e sarna».

ǰaĭo «pisam as raizes e applicam o succo sobre as feridas syphiliticas».

haka «fervem as folhas e bebem a agua contra as lombrigas».

jumu kasŭè «planta; applicam as cinzas das folhas, sobre as queimaduras».

kabulaĭŭači «planta; fervem as raizes e bebem contra as lombrigas».

kabulaĭĭa «planta; lavam o corpo com as folhas fervidas em azeite de palma, para se livrarem de sarna».

kajidisi «planta; as folhas pisadas e fervidas em azeite servem-lhes para limparem a cabeça».

kajilaŭ «planta; com as folhas e agua friccionam o corpo contra a debilidade».

kakéne «planta; fervem as folhas para na agua lavarem o corpo».

kalamate «arbusto. de que fervem as folhas e bebem a agua contra as lombrigas».

kaleĭa kŭaji «trepadeira de que fervem as folhas e bebem a agua contra inchações de ventre».

kapŭipŭa «arvore de que batem as cascas em agua e com a escuma lavam a cabeça, como remedio contra dôres. O Muatiânvua bebia a agua em que tinham posto folhas de infusão, dizendo que era para afujentar feitiços do seu corpo».

karume ruǰuǰo «a *mŭeĭa* dos Ambaquistas; mastigam as cascas dos troncos delgados, contra o escorbuto».

karusaǰe «arbusto; fazem papas da raiz pisada com fuba, que applicam sobre dôres no corpo».

kasaĭa kapala «planta, de que fervem as folhas e bebem a agua contra as lombrigas».

kateb̃o mŭiji «planta; fervem as raizes e bebem contra as irritações».

kaxike ĭaẑa «arvore; bebem a agua das folhas como remedio contra lombrigas».

kib̃i muči «arvore de que fervem as cascas, e bebem a agua contra as colicas e dôres de ventre».

ludimi lŭa čisupa «planta; fervem as folhas e bebem a agua contra o máculo».

lukob̃o lŭa ẑab̃i «planta; pizam a raiz em agua fria e lavam a cara e bocca contra dôres».

luposa «planta; molham as folhas e applicam-nas sobre feridas».

luṽula mema «planta; applicam o succo leitoso contra feridas».

madima mŭano «planta; fervem as raizes e bebem a infusão como remedio para a tosse».

mubob̃olo «arvore; as folhas fervidas applicam-nas contra dôres de cabeça».

mud̃ele «arvore; pisam as cascas e applicam-nas contra feridas».

mŭéne ulab̃a «planta; fazem um laxante dos bagos e raizes pisadas em agua».

muĭaje «planta; fervem as folhas e bebem a agua contra as dôres no ventre».

muĭob̃i «arvore de que pisam as cascas, que fervem em agua, e com esta lavam feridas e o logar de quebraduras; a massa collocam-na sobre a parte offendida».

mujib̃o «arvore de que queimam as folhas, applicando as cinzas contra feridas».

mujĭo «arvore de que fervem as cascas e bebem a agua contra as dôres de estomago».

mujipa ilod̃e «planta; applicam o succo da folha pisada contra dôres de ouvidos».

mukumŭaǧana «planta; fazem um laxante da sua raiz, pisada com azeite de palma».

mulatana «arvore de que fervem os fructos e bebem a agua contra as colicas».

muleb̃a «arvore de que fervem as folhas em agua para beberem e chamarem a transpiração; com as folhas de infusão em agua lavam os olhos».

mumaǧo «trepadeira de que fervem as folhas e bebem a agua contra as lombrigas».

musaǧale «planta; as folhas e raizes pisadas applicam-nas como clysteres ás crianças».

mutata xiv̆a «planta, fervem as folhas para banhar as crianças, contra o máculo».

mutod̆o ŭa mŭaje «arvore a que os de Cassanje chamam *d̆ŭa;* das raizes fazem laxante, e a agua em que depositam cascas durante dois dias serve para dar banhos ás crianças recemnascidas».

muxaxakixi «fervem as folhas em agua, e applicam-na como clysteres».

muxikile ǧaǧa «arvore; põem as folhas de infusão em agua, para semicupios contra dôres nos rins».

muzaviji «trepadeira de que fervem os fructos e bebem a agua contra as indigestões».

muzeže «arvore de que fervem as cascas e bebem a agua contra as dôres de ventre».

muzŭa ou *mŭudi* «arvore, de que applicam as cascas gommosas interiormente sobre mordeduras de cobra».

rujaǧa «planta; fervem as folhas e applicam em clysteres.

rumono «arbusto (mamona); do fructo fazem laxante».

rutoke «planta, de que fervem as raizes e bebem a agua contra as lombrigas».

rutuv̆o «planta; fervem as folhas e applicam em clysteres».

teǧo ĭa teǧo «planta; é a *kad̆ŭa* dos Ambaquistas, flôr em estrella com as extremidades vermelhas; bebem a agua em que fervem as suas folhas, contra as lombrigas».

xakatŭale «arbusto, fazem das folhas mechas que introduzem no anus das crianças contra o máculo».

čĭaǧala «planta semelhante á folha da piteira, que abrem ao meio, e o interior que é gommoso applicam-no sobre queimaduras com algodão em pasta».

čijite «arvore, de que fervem as cascas e bebem a agua contra a asthma».

čilov̆o čĭa ǧŭadi «planta que dá um tuberculo como a mandioca; este pisado é applicado contra feridas».

čilolo «arvore de que mastigam os rebentos dos tron-

cos como remedio contra o escorbuto».

čisoběle «planta; fervem as folhas em agua com que bochecham, contra as dôres de dentes».

čiuko «planta de que fervem as raizes e com essa agua fazem o infunde, que comem como remedio contra a dysenteria e outras doenças».

Para diversos usos

buba «planta de que aproveitam as folhas, que pisam para tinta azul».

dada «algodoeiro».

diĵo ua muzoi «trepadeira, de que aproveitam as cordas para atilhos e a tinta azul que larga a casca como anil».

dikabakaba (é a *diteba* dos Ambaquistas); palmeira de leque, de que extrahem as *iñala* (fibras), e seccam as folhas para fazerem os encanastrados».

divudi či noéji «especie de palmeira pequena que collocam ás entradas das residencias por veneração a idolos».

dudulo «arbusto resinoso, folha recortada e em larga curva; da resina extrahem um veneno, e o fructo, que faz lembrar um limão verde, pequeno, serve-lhes para lavarem a roupa».

isuńe ou *ulo* «arbusto; servem-se das folhas pisadas como isca para apanhar peixe».

kabama, kalolo «plantas das margens dos rios; das fibras seccas fazem cestos, peneiras, chapeus, etc.».

kaboho «arvore resinosa de que aproveitam a resina e cordas».

kabubula ĵuadi «arvore; dos troncos fazem armadilhas para perdizes».

kadaĵoma «grande arvore, que teem nos largos das residencias para sombra e em torno da qual se fazem as audiencias».

kadivu kažavu «especie de palmeira pequena (pau de sabão de S. Thomé), que collocam ás entradas das residencias por veneração a idolos».

kafumofumo «é a *mafuma* de Angola; dos seus grandes troncos fazem canoas».

kahulo «arbusto que dá uns bagos redondos, pretos e com pintas brancas, que depois de seccos, enfiam num fio e suspendem ao pescoço como se fosse contaria».

kaĭaĭala «planta; do fructo obteem tinta preta e dos troncos as armadilhas para pesca».

kajĭje «planta, de que aproveitam os troncos para limpar os dentes».

kakoĭo, makoĭolo, mulele, kabolo «plantas aquaticas; das fibras fazem esteiras».

kakŭeĭo «arbusto, de que aproveitam as varas direitas e delgadas para varejo das coberturas».

kalepa «planta para ornamentações, e serve-lhes para afugentar feitiços».

kaloĭo «arvore frondosa que tem uma bonita flôr carmezim, que figurâmos no volume III da DESCRIPÇÃO DA VIAGEM; aproveitam a madeira para travesseiros, caixas de marimbas, coronhas de armas, etc.».

kapaĭila, jĭburila, rubuĭa, kaseseñi, dičiko, dileĭje, kasaže, kaleĭeleĭe, idĭeleme, kasŭama ĭŭadi, mulele, mukilo ŭa taĭu «especie de capim; o seu prestimo, depois de secco, é para coberturas de habitações, abrigos, etc».

kapala mazĉŭ «arvore de que aproveitam as varas para fazerem tabiques».

kapaza uta «arbusto; dos troncos fazem as suas flechas».

kapŭipe, musese «arvores pequenas, de que tambem fazem carvão.

karaza «arbusto grande, que conhecemos por *urucú* e figurâmos no vol. I da DESCRIPÇÃO DA VIAGEM; aproveitam as sementes da capsula para tinjir a vermelho as mabellas, esteiras, coronhas e tambem o algodão».

karumo ka ruĭuĭo «arvore, (*mŭčia* dos Ambaquistas), de cuja madeira fazem bom carvão».

kasanie «grande arvore, tendo a madeira macia e branca, de que fazem pratos, colheres, etc.».

kasapo, kanine, musaĭo «trepadeiras de que aproveitam as cordas».

kateĭañi «especie de arbusto (cançoneira de Angola)».

kaŭala mujĭa «arbusto, de que as raparigas cortam em pedaços os tronquinhos que teem uns rebentos brancos enfiando-os depois de seccos num fio, que suspendem ao pescoço e ao qual chamam *ana* (filhos)».

kaxiko ou *kapaḏa kaxiko* «grande arvore; do fructo, que é redondo como uma laranja regular, amarello claro e de casca muito grossa, aproveitam a viscosidade do seu interior para apanharem passaros».

kijila «trepadeira; das cordas fazem cintas».

kĭoǰo «arbusto para ornamentações e que faz lembrar o nosso alecrim».

kiseǰoseǰo «arvore frondosa que poupam ás queimadas, para lhes dar sombra».

kisoǰo «especie de cacto cujo succo é muito perigoso nos olhos».

kisupa kĭa mutopa «planta, que lhes fornece as cabaças de collo longo em que fumam».

kiteǰa «grande arvore, (é o *kisoli* dos Ambaquistas), fazem dos seus troncos almofarizes de differentes tamanhos».

kĭuḏa «arbusto; lembra a palmeira nova, quando as folhas partem da terra, e dá um fructo que lembra o ananaz, mas que é muito maior e mais claro e que não comem».

kixoka «planta aquatica de que fazem chapeus de palha como os nossos».

kizeẑeǰa «arvore grande, que conservam para sustento das lagartas gordurentas que elles comem».

kižubi «planta aquatica (a *ǰoa* dos Ambaquistas); das fibras fazem esteiras».

kŭaiii «trepadeira; do tronco fazem os arcos com que lançam as flechas».

kŭane «trepadeira, de que aproveitam as cordas com picos, que lançam no solo entre a mandioca para ferirem os pés aos ratoneiros».

lubuža arvore de cujas varas se servem para a construcção de habitações».

lužele «arvore que só lhes serve para lenha».

makadi «bordão de que extrahem as fibras para o fabrico de mabela».

mŭaḏa «arvore pequena, de que aproveitam a casca como cortiça».

mudĭa k̆aĭ «arvore grande, de que aproveitam o succo do fructo, no qual misturam ferro para obterem uma boa tinta preta».

mudĭa b̆aje «arvore para ornamentações e que invocam para lhes dar animo para as suas empresas».

mudĭa maĭeb̆e «arvore; da sua madeira fazem caixas e bancos».

mufŭa peb̆e «arvore frondosa de que aproveitam os troncos para cêrcas».

mufufuta «arvore cujas raizes lhes servem de sabão».

mujamači «arvore, de que extrahem a gomma vermelha carregada».

mujĭaĝama «arvore grande, (teem respeitado a secular do Calânhi); aproveitam a ramagem para cobertura de cubatas e revestimento das cêrcas».

mujĭamaxi, musad̆akaĝa «arvore grande de que aproveitam os troncos em forquilhas para sustentarem as coberturas das cubatas».

mujima ŭa gŭamo «arvore pequena, de que aproveitam os troncos em almofarizes pequenos para pisarem tabaco, cogumelos seccos, etc.».

mukab̆a «grande arvore; do tronco principal fabricam canoas de uma peça».

mukuĝo «arvore, que tornaram especial, aproveitando os seus troncos direitos para o transporte de cadaveres. Para os Quiôcos é crime cortar uma arvore d'estas».

mulab̆e «arvore pequena de que aproveitam os troncos para construcção de habitações».

muleb̆a «ficus elastica, de que aproveitam as cordas e de cuja madeira fazem os seus almofarizes».

muleb̆e iloĝole «planta de folhas estreitas e compridas; dos seus fios fazem cordel».

muleb̆o ŭa kibo «arvore grande, de cuja madeira, muito branda e macia, fazem as caixas ornadas á faca, dos instrumentos de pancada».

mulozo «arvore de que extrahem a gomma branca».

mulŭa ni ž̆aje, čikola kara ž̆avo ou *kara ž̆aje* «arbusto, (é a *daĭa* dos Ambaquistas); tem os troncos delgados e direitos, com transversaes quasi na linha horizontal e terminando em ponta; servem-lhes de pára-raios nas suas habitações».

munaĵama «grande arvore, que poupam por ser procurada pelos macacos»

munuĵo «arvore grande; da sua madeira fazem caixas e bancos».

mŭovŭa «é o *muĵo* dos Ambaquistas, que da sua boa madeira fazem portas para janellas, entradas, etc.».

mupapaxi «arvore, da madeira que é branca e macia, fazem pratos de diversos tamanhos».

mupači «(é o *mubafo* dos Ambaquistas) d'elle extrahem a gomma vermelha escura».

mupolo «arvore grande, madeira branca; dos seus troncos direitos fazem as varas para os palanquins».

mupulaƀuƀa «arvore; da madeira que é amarellada, fazem caixas, cachimbos e bancos».

musala «arbusto, de que aproveitam as fibras para armadilhas de pesca e as cascas para remedio contra o escorbuto».

museĵo «arbusto de que aproveitam os troncos para cabos de machados e de enchadas».

musoƀo «arvore grande; com as cascas molhadas affagam as panellas quando o barro ainda está humido e se amolda».

musŭakula «arvore grande; da casca extrahem tinta vermelha».

musŭasŭa «arvore grande que lhes serve de lenha».

mutepa «arvore de que aproveitam a resina e cordas».

mutuna «arvore; dos troncos fazem as colheres ornadas com que mexem o malufo, e das cascas, obteem a tinta amarella para tingirem madeira, mabellas e algodão».

mŭuse «arbusto; da madeira que não raxa, fazem bons cachimbos».

muxanena poƀo «arvore, de que fervem as cascas em agua para obterem tinta encarnada».

muxiĵe «(é o *mabú* dos Ambaquistas, papyrus), planta aquatica; das fibras fazem esteiras».

muzeƀo «arvore; dos troncos obteem os paus rijos com que pisam a mandioca».

muzeze «arbusto de aroma agradavel, e cujos troncos teem picos que ferem; da casca obteem tinta vermelha».

rutañe «arvore para ornamentações, e que invocam quando teem de se defender de feitiços».

sala karula «arvore que parte do tronco de uma outra, embora diversa, e que teem em veneração.

tupŭe katŭixe «arvore frondosa, de que aproveitam as varas para construcções».

čiaĭa «arvore (é a *ditodo* dos de Malanje) de veneração. No Lombe só os velhos as plantam».

čipopo «arvore grande; com as raizes pisadas fazem uns bolos, que pelo cheiro afastam as cobras».

čipuda čia maxi «planta, que lhes fornece as cabaças para guardarem o azeite».

ĭuto «semente».

dibŭiji «fructo».

dĭiji «folha».

dikita «matta, floresta».

dituto «logar arborisado».

huja «farinha».

ĭahuma «secco».

ĭasŭa «maduro».

kasolo «bebida de mel fermentado».

kŭini «lenha».

maele «leite».

makala «carvão».

marra ma kabaka «milho fermentado, uma especie de cerveja».

marra ma masajo «milho indigena miudo; fermentado é uma especie de cerveja».

marufo ma jijaje «vinho de palmeira».

marufo ou *malufo* «vinho».

marufo ma malu «vinho de palmeira».

marufo ma matoĭe «vinho de bordão».

moĭŭa «sal».

mutaĭ ou *mutajo* «tronco».

mutete «pevide».

mutodo «arvore».

rruka «infunde».

talala «verdura, fresco».

ukini «flor».

ukini ŭa katete «flor de Catete».

ukini ŭa dĭajŭa «flor de abobora».

ukini ŭa rŭada «flor de tabaco».

ukini ŭa rutudo «flor de cravo, vulgò de defuntos».

uôči «mel».

ŭubo «cogumello».

Capital da Lunda, suas divisões

musuẽa «todo o grande espaço occupado pelo Muatiânvua e a gente que o acompanha».

mŭila «a parte que ali occupa a Lucuoquexe e o povo que a acompanha».

čipaĩa «a parte que ali occupa qualquer dignitario e seu povo».

čibaĩo «qualquer povoação».

ĩaẽa «o logar em que habita o potentado e a familia que com elle vive».

ẽula «grande largo á frente da *ĩaẽa*».

mukeẽele «rua principal, no sentido do comprimento».

musaĩo mukoẽele «rua transversal; ha sete».

ŭakatulula mukoẽele «beco; ha diversos».

xiko «mercado; na mussumba é diario».

čikuẽo «habitação; segundo a forma tem diversos nomes».

pakaxi pa ikuẽo «largo; ha diversos»

paxi ou *paĉi* «o piso, solo».

maĩa «logar cercado, pateo».

majaẽo «logar reservado para sepulturas, cemiterio».

žaĭ pa muteba «recinto onde guardam as urnas (*dikuẽo*) com as reliquias do Muatiânvua que fallece em paz com o seu povo, taes como cabellos, unhas e amuletos de seu uso».

kataẽama «cemiterio onde se sepultam as Lucuoquexes».

kitu «um riacho affluente do rio Calânhi, em cujo leito sepultam o corpo do Muatiânvua».

čineza «varanda coberta, em roda da habitação».

kapalakaña «divisão, repartimento».

kukisa «portal de entrada».

čia «porta; uma antepara feita de varas revestidas de capim, com que fecham as entradas nas habitações pela parte interior».

žavo «uma casa grande com uma cobertura conica de grande altura a que os Ambaquistas chamam torre, recinto reservado para conversações de importancia».

kïota ou *čïota* «casa á entrada da *čipaĩa* para locutorio».

čizaža «cozinha».

mësu «povoações á entrada, na frente da mussumba, onde domina o Calala».

mazeče «povoações atrás da mussumba, onde domina o Canapumba».

mukano «povoações que ficam aos lados do méssu: nas da direita, domina o Muitía, nas da esquerda, o Suana Mulopo».

mukala «povoações que fecham os lados da mussumba: a da direita *ŭa mŭari*, da Muári, a da esquerda, *ŭa temeĭne*, da Temeínhe, segunda mulher do potentado».

čaĭa «recinto especial e um pouco afastado onde vae habitar a Muári quando está com os seus incommodos».

čapa «recinto especial e um pouco afastado onde vae habitar a Temeínhe quando está com os seus incommodos».

mučase «recinto especial e um pouco afastado onde vae habitar a Suana Muruda quando está com os seus incommodos.

Dignitarios do Estado de Muatiânvua

sŭana mulopo «o herdeiro, que é geralmente um irmão ou sobrinho».

tečŭč «filho de Muatiânvua, immediato d'aquelle».

mona uta «filho de Muatiânvua, immediato de Témbue, a quem se confia a arma do soberano».

mŭadĭata «filho de Muatiânvua, immediato do antecedente; guarda todas as armas do Estado».

xakala makala «filho de Muatiânvua, tio do que impera (cárula), equivalente a um almoxarife e toma a regencia na mussumba, ausente o Muatiânvua».

mŭitia «filho de Muatiânvua, tambem tio do que impera (cárula), equivalente a procurador da corôa».

kalala «grande do Estado; toma o commando das forças em operações, sempre na avançada, tambem filho de Muatiânvua (cárula)».

kanapuča «grande do Estado; toma o commando das for-

ças que rodeiam o soberano».

mŭari mŭixi «grande do Estado, cozinheiro mór».

mŭéne kaje fuma tuxala «grande do Estado, chefe dos tuxalapólis (guardas de vigilancia)».

kaɓaje ĭa p̃eɓa «grande do Estado, chefe dos *tuɓaje*, algozes».

mŭata kad̃ala, mŭata mai ou *mai munene, mŭata kuɓana, mŭata mukaža* vulgo *ĵuvo, xanama, mŭata kauĵula, mŭata buĵulo* «grandes do Estado, dos ascendentes do soberano cárula (conselheiro)».

mŭéne pad̃a, mŭéne kapaĵa, mŭéne riñiĵa, mŭéne kahuža, mŭéne xakaɓuje, mŭéne kiɓud̃o, mŭéne kaleĝa, mŭéne čibaĵo «grandes do Estado, dos ascendentes do soberano cárula; todos são senhores de grandes dominios, que constituem o grande Estado, tendo na côrte os seus representantes».

čiota «grande mestre de cerimonias».

mŭéne masaka «grande mestre de cerimonias. O governador dos Uandas subditos da Lunda».

mŭéne kabatalala, mŭéne museĝe, mŭéne seji, mŭéne kadiĝa, mŭéne dikoɓa, mŭéne masad̃a, mŭéne kaneji, mŭéne kase, mŭéne kibaɓa, mŭéne kixidila «subditos dos cárulas com honras de grandeza».

lukŭokexe «a soberana que representa a mãe do primeiro Muatiânvua, depois de viuva».

sŭana muruɗa «a que representa a mesma pessoa quando solteira, a senhora das terras: é o laço entre os primitivos povos Bungos e os Lundas».

ĵina mŭana (na mŭana) «a que representa a mãe do soberano em exercicio, se ella não existir».

ĵina ɓaža (na ɓaža) «representa a irmã mais velha do mesmo».

xa mŭana «o marido da Lucuoquexe, filho de Muatiânvua, que ella escolhe depois de elevada a tal categoria, mas de quem não pode ter filhos».

mŭari «primeira mulher do Muatiânvua».

temeĭne «segunda».

kaxeuluka «terceira».

kisakeĭne «quarta».

mahika «quinta».
mutodo uméne «sexta».
iluja beï «setima».
na palaja «oitava».

akaje «mulheres do serralho».
amiloḃe «aias da Muári e da Lucuoquexe».

Funccionarios em exercicio

kabila «porteiro da anganda».
famŭisasa «guarda das fazendas».
kikoḃa dĭa mata «fiel da casa das armas».
kanajolujo «o que vigia pelas aguas».
fuma kijada «o agricultor do Estado».
ŭana «ama sêcca».
ŭana mutoḃo «o mezinheiro que faz os muquixis».
ŭana mupujo «o que guarda o symbolo do commando (caudas de animaes)».
ŭana jaka «o que guarda as facas do soberano».
ŭana mudele «o que guarda o idolo principal».
ŭana malufo «o que vigia pelos vinhos».
kaseĭa «o que distribue os vinhos».
kamŭema «o que extrahe o vinho das palmeiras».
muvaro «o mestre dos musicos».
lŭĭnia «o que vigia pelos artigos de mobilia».
kiseda manujo «o que vigia pelas louças».
fuma misele «o chefe do pessoal de transportes».
kimajata «o que transporta o palanquim, ou sobre os hombros o proprio potentado».
kaxalapoli «o famulo, policia, vigia, etc.».
kaḃŭĭa «o carrasco».
fuma iseke «o guarda da umbella».

Objectos de vestuario e de adorno

mukiki, kajaï, tubari «distinctivo que o Muatiânvua usa no alto da cabeça».
čibajula «distinctivo que os dignitarios usam na cabeça, especie de diadema».

milŭina «distinctivo que usa o Muatiânvua, em forma de chifres e que partem de sobre as orelhas para a frente».

sala ŭa kaloĵo «distinctivo feito de pennas de papagaio, encarnadas, que os fidalgos usam no alto da cabeça».

sala ŭa mema «um distinctivo identico feito de pennas de pomba».

sala ŭa mukuko «distinctivo feito de pennas de cuco que os quilolos usam á falta de *sala*».

sala ŭa kanaĵe «distinctivo feito de pennas d'um passaro branco que usam os filhos de Muatiânvua no alto da cabeça».

dikŭaka dĭa misaĵala «distinctivo analogo feito com pennas grandes e dircitas, castanhas e sarapintadas de branco».

ibeĭne «um aro de metal de diversos feitios, que usam no alto da cabeça».

kaboda «uma fita bordada a missanga, que usam sobre o cabello á frente».

mutŭè ŭa kaĭada «um casco ornado em forma de capacete».

musabo «um enfeite de metal com que apertam as tranças dos cabellos».

tŭitari tu matŭi «canudos de metal e pequenos paus que atravessam nos buracos das orelhas».

mutodo ŭa muzuro «cannudos de metal e pequenos paus que atravessam na cartilagem do nariz».

čiridŏ čĭa xiĵo «uma especie de collar de fazenda».

mukoĭ pa xiĵo «uma especie de collar de missangas».

tupaĵa «umas faxas revestidas de contaria, em forma de braçadeiras, que usam nos braços e pernas».

malaĭete «cinto que fazem de buzios».

mŭoji tusaĵa «cinto que fazem com missangas».

ĵoda «uma especie de banda».

xipo «cinto de couro».

ĵoĵa «uma especie de patrona que usam no cinto, á frente».

lukano «bracellete, que devia ser feito de veias humanas e que só é dado aos muatas».

kazekele «argola feita de um fio de cobre, que usam nos braços e nas pernas».

manana «um fio de metal amarello que usam nos braços e nas pernas».

čizakase «um fio que usam atado no braço, acima, do cotovello, com algumas contas ou missangas grossas, ou fructos pequenos seccos».

kadifola «fio que usam atado no braço acima do cotovello, com um pequeno chifre ou dente de animal».

dipudi «é tambem um fio atado no pulso e no delgado da perna com o fructo dipúdi secco».

saǰo «argola que fazem dos fios que extrahem da casca do bordão, entrançados, e usam nas pernas».

lukaǧa «argola feita de fibras de plantas texteis, entrelaçadas, e usam os dignitarios na perna direita».

maǰata «é uma fiada de fructos seccos de que extrahem o meolo, e introduzindo-lhe dentro cousas que chocalhem; usam-na nas pernas, nos braços e mesmo á cintura, para quando andam e principalmente dançam fazerem bulha a compasso».

čibele «assim chamam ás romeiras e a tiras de fazenda, que passando sobre os hombros caiam adeante sobre o peito; e quando nestas prendem um crucifixo de metal, que muito apreciam, denominam-as então *čibele čia žaǰi*».

divuǧa «qualquer panno de chita, riscado, algodão ou xadrez que regula de 1 metro a 1^{m},4».

mukozo «panno de mais de 2 metros de comprimento por 1^{m},20 de largo, de chita ou de lenços, sendo os superiores de casimiretas».

kaǐoǰo «é um mucozo feito de mabela, que tingem de vermelho escuro».

kizaǧa «é uma divunga feita de mabela».

kačibele «retalhos de fazenda ou de mabela com que cobrem as partes genitaes».

čičita «pelles de animaes».

kaxavu «pequeno panno ou mabela que ajustam as mulheres ao corpo, da cintura até ás coxas».

makuta «pequeno panno até ao joelho, que tambem fazem de fazenda, com pouco mais de uma jarda de comprimento».

sosa «pequeno panno feito de mabela grossa, que as mu-

lheres ajustam ao corpo, da cintura até ao joelho».

čibŭiko «qualquer retalho com que as mulheres tapam os peitos».

kabŭiko «tudo que se ajusta ao corpo e o cobre, tenha ou não mangas, assim: camisa, camisola, collete, casaco, farda, e por analogia, calças, ceroulas, etc., acrescentando ao vocabulo *miedu* pernas».

uvije «é o nome que dão á felpa dos cobertores».

mŭipoxipo «baeta».

makuba «é o nome que dão á linhagem grossa».

Armas, instrumentos e outros utensilios

uta «era a arma de flecha; depois que conheceram a espingarda ficaram chamando a esta *uta* e aquella *uta ŭa mulemo* (arma de corda)»

kadĭaĭo «arco».

mulemo «corda de fibras com que apertam os extremos do arco».

séŭ flecha».

musaka «aljava».

čiuje «coronha».

čitada «chapa do couce».

dizuro «canno».

uvĭĭgate «vareta».

mukŭane «cão».

čibele «cabeça do cão».

kakite «pederneira».

rukasŭe «caçoleta».

musaŭ «descanço do cão».

mukabo ŭa pene «mola da caçoleta».

čopo «peça cavada em que assenta a caçoleta».

dise «ouvido, canal de communicação com a culatra».

kasabŭile «gatilho».

mulime «guarda-mato».

dikoza «braçadeira».

kadĭaĭama «bandoleira das espingardas granadeiras».

musaĭa (de «saia») «o sacco em que envolvem a arma até um pouco acima da fecharia, e que fazem de pelles».

muzubo «lança de ferro».

mukuba «lança terminando em meia lua».

čipale «lança com corte dos dois lados».

kalebele «azagaia».

čisakulo «lança com ponta no extremo e corte d'um lado».

dibela «farpa de madeira».
kasaka «farpa de madeira mas com maior numero de harpões».
čipaza «bengala de ferro terminando em ponta aguda».
čiseǧe «bengala de madeira terminando superiormente em curva».
dilad̆a «bengala de madeira mais pequena ornada com missangas».
ŭuṅe «moca de madeira».
mukŭali «grande faca: folha larga com dois gumes em curvas».
musamuna «uma faca ainda maior, differindo nas saliencias dos gumes».
rukila «uma espada com copos».
mukod̆abale «uma especie de florete».
musokolola «baioneta».
čilala «bainha».
maĭa «talabarte».
rukibo «escudo».
usaǧe «uma semelhança dos nossos varapaus».
muxĭa «idem, curto com bastão em moca».
p̃aka «qualquer faca pequena ou grande».
rĭembe «rapadeira para os cabellos».
mukita «peça de ferro».
musumuṅi «cabo de madeira».
čiv̆uĭa «machadinha».
kasaŭ «machadinha mais pequena e elegante».
rukasu «enchada».
mutopa «cabaça em que fumam a liamba e tambem tabaco».
muxĭa «o cannudo em que entra o reservatorio para o tabaco».
musaka «reservatorio».
p̃exi «cachimbo».
čiseke «sombreiro».
ditu dĭa ŭubo «umbella».
môhŭa «palanquim».
misele «varaes».
čisaǰe «marimba de ferrinhos».
makidi «marimba de teclas de madeira».
tumijiǧo «marimba de cabaças».
rubeb̆e «duas campanulas de ferro, ligadas por um arco ou regua de metal em que tocam com uma vara».
rukuv̆o «uma corda que fazem vibrar sobre uma cabaça com uma vara delgada».
muxĭa, katoŭ, ditod̆o, muzelele, dilele «apitos, feitos de capim, de madeira ou de marfim, que segundo o numero de buracos e posição para os dedos teem aquelles nomes».

modo «instrumento de pancada; uma tora de madeira que tornam ôca e em que batem com maçanetas de borracha».

ki ou *čiğuvo* «instrumento de pancada de forma trapezoidal, trivial em todo o continente; toca-se com vaquetas, em cujos extremos se adapta um revestimento de borracha para obter melhores sons sobre a madeira».

ğoma «especie de tambor, de que ha grande variedade; toca-se com as mãos nas pelles».

ğoma ĭa mukaba «é o maior, o das guerras; tem só pelle no extremo mais largo em que se bate com as mãos.

kaleğa «idem, mais pequeno, ornado por fora de missangas; toca-se com as mãos nas pelles de ambos os tampos».

rituba «idem, delgado mas alto; frequente nas suas danças».

mukupela «idem, pequeno, com pelle dos dois lados; suspende-se ao pescoço para tocar».

čipanana «trompa de caça: um chifre».

Mobilias e objectos de uso domestico

ulalo «cama».

mutala «prateleira».

ditada «banco».

musaŭ «travesseiro».

ki- ou *čikağa* «esteira».

tuko «sacco de mabela grossa».

fikidi «sacco pequeno de capim secco».

čibučila «sacco para transporte, feito de fibras».

čipaŭa «uma especie de mala feita de capim secco *(dixiko)*».

čipaĭa «uma cesta em forma de vaso».

kapaĭa «cesta pequena usual».

sapo «bolsa de palha, (capim secco)».

bŭiri «boceta de palha».

dĭaba «caixa cylindrica pequena, com tampa feita de fibras».

kağalo «uma capaia de pequenas dimensões».

musete «caixa de madeira que lhes serve ao mesmo tempo de banco».

dizuḃe «urna com tampa feita de fibras».

kasase «canastra».

kabači «uma especie de bandeja feita de fibras».

musasa «canastra em que transportam as cargas, até trinta kilos».

musale «peneira em forma de vaso, feita de fibras».

lŭale «peneira em forma de bandeja, feita de fibras».

čisapŭilo «prato que fazem de madeira».

dikuḃo «bacia feita de madeira».

kačipŭači «prato fundo em forma de vaso, com tampa».

čiloḋa «prato de louça nossa; os d'elles, analogos, são de barro».

čieĝa «prato de folha de Flandres».

rupasa «caneca de louça».

rusumo «copo de vidro».

pŭelete «uma garrafa das nossas de vidro».

kapŭelete «frasco de vidro».

čiopo «fundo de cabaça, por onde bebem agua».

kariba «panella grande de barro».

nuĝo «panella de barro de dimensões regulares».

mupaji «pau com que mexem o infunde».

muvuro «uma especie de colher de grande haste, com que mexem o malufo».

čibeĝele «panella em forma de alcatruz».

saba «uma especie de garrafa de barro, de gargalo alto, para vinho».

kasaba «idem, pequena para azeite».

dibuĝo «uma especie de jarra de barro, que lhes serve para cozinharem».

čino ou *kino* «gral de madeira, formas e grandezas diversas».

mŭixi «o pilão ou pau com que esmagam a mandioca».

čisupe «cabaça em que transportam agua».

kapuḋa ka mani «cabaça pequena, que apertam a meio collo para azeite».

rubuĝo «cabaça grande parecendo duas unidas, aproveitando-se a pequena superior para copo».

čitaĭa «cabaça espherica que aproveitam para caixa».

musiḋo «cabaça de forma cylindrica que aproveitam para guardar miudezas».

ruto ou *luto* «colher que fazem de madeira

musoma «um espeto de pau ou de ferro, por analogia

palito ou prego, de que se servem como nós do alfinete».

čizaǧŭilo «pente feito de bordão».

čitadilu «qualquer vidro; por analogia luneta, espelho».

mukalula «uma tira de cabama com que raspam a lingua».

mupala «o pau que lhes serve de escova para limparem os dentes».

katumŭa «uma agulha de costura como as nossas».

ǰada «algodão em pasta, linha e tambem panno de algodão».

kamuburi «um alfinete como os nossos».

diseǧa «uma armadilha para peixe, que fazem de varinhas delgadas».

kataǰa «armadilha para peixe feita de fibras».

muǰĭa «armadilha para peixe tendo a forma de duas pyramides unidas pelos vertices».

lukiǰo «armadilhas feitas de estacas nas margens dos rios».

APRECIAÇÕES DA IMPRENSA

.....

A Africa é hoje objecto da attenção das nações europêas, e cada uma d'ellas procura deixar lá assignalada a sua ingerencia ou o seu predominio. Pois bem: onde quer que appareça uma denominação portuguesa, ou uma feição de escripta portuguesa em um nome local ou pessoal indigena, ficará indelevelmente assignalada a nossa interferencia; esse vestigio, por tenue que pareça, é documento autentico, é monumento duradouro da nossa influencia no *Continente Ignoto*.

Vae ser publicado em breve mais um trabalho de altissimo valor, e que confirma, com os que o precederam, o nosso empenho em contribuirmos para se desacompanhar de tal epitheto a parte do mundo de mais remotas eras visitada e explorada, e ainda hoje tão imperfeitamente conhecida.

Esperâmos do patriotismo, da sisudez e do saber do seu auctor que terá em attenção o que deixo exposto, e que reivindicará com as formas portuguesas dos nomes africanos o nosso predominio, contestado mas incontestavel entre aquelles povos.

Dê e restitua o sr. major Henrique de Carvalho as denominações com feição portuguesa a todos os nomes cafriaes que houver de mencionar, e fará assim um grande serviço ás sciencias geographicas entre nós. Creia que receberá por isso applausos, dentro e fora do país, da parte de todos os que, sem interesses mesquinhos compromettidos ou em perspectiva, aguardam anciosamente a narrativa da nossa expedição ao Muatiânvua, e os resultados scientificos que d'essa laboriosa peregrinação se obtiveram.

....

(A. R. Gonçalves Vianna, in *Revista de educação e ensino*, n.º 10, outubro de 1888, pag. 219.)

HENRIQUE DE CARVALHO. — *Methodo pratico para fallar a lingua lunda* (Lisboa 1888, — em via de publicação) — *Vocabulario dos dialectos africanos de varios povos* (Lisboa, idem. — Idem).

Como se sabe, as linguas de Africa não só são muito numerosas, mas formam diversos grupos e familias. Entre estas ultimas, uma das mais extensas é a familia banto, a que pertence a lingua lunda, proxima parenta da bunda. A familia banto abrange com effeito toda a Africa ao sul do equador, com excepção da área em que domina o grupo hottentote-buxman.

O estudo d'aquella familia interessa-nos, pois, a nós portugueses, por isso que alguns dos estados de Portugal estão nos dominios d'ella.

Tambem nós, ha seculos, quer com fins scientificos, quer com fins praticos das missões christãs, não temos deixado de a estudar. A lista dos trabalhos que existem é já longa, e eu publical-a-hia agora aqui, se ella não estivesse para apparecer no numero da minha *Revista Lusitana*, proximo a sair do prelo. Custaram-me portanto a ler as seguintes linhas com que o inglez Roberto Cust, no seu livro *As linguas de Africa*, Paris 1885 (trad. fr.), pretende amesquinhar-nos: «Os portuguezes occupam ha mais de dois seculos a bacia do Zambeze, no emtanto isto não fez adeantar cousa alguma a sciencia linguistica» (pag. 25). É uma falsidade. O proprio auctor encarrega-se, porém, de a desmentir noutro ponto da sua obra.

Diz elle: «A existencia de grammaticas e vocabularios das linguas bunda e congo, preparados dois seculos atrás pelos missionarios portuguezes, era um facto averiguado, e esses trabalhos excitavam a curiosidade nas grandes bibliothecas ao lado de um pequeno numero de livros ethiopicos da mesma epoca e da mesma impressão» (pags. 16 e 17).

Então, num caso os portuguezes não deram impulso nenhum á glottologia africana, noutro caso foram elles quem preparou o movimento scientificó nesse assumpto! A contradicção salta aos olhos, e só um firme proposito de vituperar o nosso nome poderia levar Cust a escrever aquellas impensadas palavras que citei em primeiro logar.

Á pleiade dos escriptores portuguezes que se teem occupado das linguas africanas veiu ultimamente juntar-se mais um: refiro-me ao illustrado e talentoso major, o sr. Henrique Augusto Dias de Carvalho, chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua em 1884-1888. Compenetrado d'esta grande verdade — que a patria não se defende e não se glorifica só com a espada, mas tambem com a penna, e que todo o bom cidadão deve fazer alguma cousa em beneficio d'ella, — abalançou-se á empresa de escrever os dois livros cujos titulos me servem de epigraphe.

O *Methodo pratico*, além do seu destino especial, creio que fornece muitos dados, tanto á glottologia africana como á glottologia geral: digo

isto, a julgar pelas folhas que já vi impressas. O sr. major Henrique de Carvalho é um observador intelligente, e, embora no campo todo pratico em que se circumscreveu, não deixa de ministrar muitas notas miudas e de archivar muitos factos curiosos, que de certo hão de interessar bastante os philologos. Logo no principio do *Methodo* ha um capitulo sobre a linguagem emocional dos negros, que particularmente me agradou.

Como introducção ao seu *Methodo,* o auctor expõe a phonologia, a morphologia e a syntaxe da lingua lunda, o que serve de grande auxilio aos estudiosos; de mais a mais elle não se poupa a minudencias e explicações.

O *Vocabulario* refere-se ás linguas de Malanje, Congo, Cassanje, Quiôco, Chilangue e Lunda, mas contém tambem alguns termos de Mataba e Canhíuca, tudo acompanhado de varios exercicios explicativos e comparativos; acresce ainda uma collecção das phrases mais usuaes do dialecto de Malanje.

D'essa succinta noticia vê-se que o major sr. Henrique de Carvalho é um benemerito; não fugindo a fadigas nem a difficuldades, tentou dotar as letras patrias com uma obra da valia d'estas. É isto o que eu posso dizer do que por ora ainda só li, e do ponto de vista geral em que me colloquei, pois eu não sou africanista, e unicamente um africanista está no caso de fazer uma apreciação circumstanciada.

Vem a proposito observar que seria da maior conveniencia que todos aquelles que vão como empregados do estado para as nossas possessões ultramarinas possuissem um conhecimento sufficiente das respectivas linguas, e o levassem de cá; para esse fim o governo estabeleceria o ensino official d'ellas. Já em 1878 a Sociedade de Geographia de Lisboa se lembrou d'isto, mas a proposta não foi por deante. Escusava-se mesmo de crear um Instituto especial; bastava addicionar algumas cadeiras a qualquer dos existentes que mais proprio parecesse.

(J. Leite de Vasconcellos, in *O Dia,* n.º 333, 1888.)

Da Expedição Portugueza ao potentado africano da Lunda, o Muatiânvua, resultam varios trabalhos escriptos, constituindo uma serie de publicações sobre diversos assumptos relativos á Africa sub-equatorial.

D'elles o primeiro, não na ordem da sua importancia ou opportunidade, mas apenas na de publicação, é o «Methodo pratico para fallar a lingua da Lunda», devido ao chefe da expedição, o sr. major Henrique Augusto Dias de Carvalho, e cujo primeiro fasciculo acaba de saír á luz.

É tão raro que entre nós se faça um qualquer trabalho de glottologia ao par da sciencia, que é indispensavel dar conta resumida dos que forem apparecendo, e este é um delles.

É a lingua da Lunda um dos numerosos dialectos d'essa familia, perfeitamente constituída e characterizada hoje, de linguas, a que se deram os nomes de «familia banto», e de «linguas cafreaes», qualquer d'elles, em grau e por motivos diversos, improprio. Chamemos-lhe provisoriamente — familia de linguas africanas meridionaes — nome tambem inconveniente, visto que nessa generalidade se incluiriam a dos Hottentotes e a dos Buxemanes, radical e morphologicamente distinctas d'aquellas.

Como é sabido, esta familia de linguas pertence ao systema das denominadas agglutinativas, denominação que indica antes um estado de desenvolvimento, do que um characteristico. Cabe-lhe todavia no systema um logar seu privativo, pela posição que os elementos de relação grammatical occupam, no vocabulo feito, com respeito ao radical d'esse vocabulo.

Ao contrario da maioria dos idiomas agglutinativos, taes elementos antepõem-se ao radical, quasi invariavel por suffixos, pois que estes são principalmente destinados á derivação, ou modificação, nesse radical, do valor attributivo ou qualificativo.

Não cansaremos mais o leitor com a exposição de tal systema de linguas, exposição que pode ver-se desenvolvida em obras especiaes. Basta que digamos aqui que o auctor do «Methodo da lingua da Lunda» teve sempre em vista pôr diante dos olhos do estudioso a evidencia d'essa feição peculiar.

O primeiro fasciculo contèm, condensado em 44 paginas, um resumo grammatical da lingua, e o comêço da parte pratica, que occupa as restantes 20 paginas. O resumo é dividido em duas partes: I Phonologia, II Morphologia.

Sem referencias historicas ou genealogicas ácerca d'este idioma, referencias e investigações que, sem duvida, se reservam para o volume que ha de tratar da «Ethnographia», é a succinta exposição grammatical feita com toda a clareza, sem apparato pretencioso de erudição, mas com rigor sufficiente de classificação e de nomenclatura.

A base da transcripção phonetica é a orthographia portuguesa, isto é, o valor dos characteres romanos em português, e merece o nosso sincero applauso essa preferencia, porque uma grande parte dos nossos escriptores d'este seculo a têem tido, e ainda mal, em muito pequena consideração. Assim a fricativa surda paladal vêmo-la aqui representada por *x*, symbolo convenientissimo mesmo para uma transcripção geral; e as semivogaes palatal e labial são figuradas por *i*, *u* com o signal de breve sobreposto em vez de *y*, *w*, que não pertencem ao nosso alphabeto, e que estão banidos até por africanistas estrangeiros.

A peculiar nasalisação das consoantes, que consiste em antepôr-selhes, fundindo-a com ella, a bem dizer, uma consoante nasal homorganica, é representada pelo til sobreposto á consoante nasalada (= *mp*, *nt*, etc.).

A accentuação predominante na penultima syllaba não a marcou o auctor por ser a propria das linguas cafriaes, como o é da portugueza e de outros muitos idiomas, dos mais d'elles talvez, assignalando com o accento agudo (′) sobre a vogal tonica os raros desvios desta regra. O accento circumflexo denota as vogaes fechadas *â*, *ê*, *ô*, como em português.

São expressos tambem por diacriticos o *ch* castelhano e português septentrional, e o *nh* portuguez, diacriticos sobrepostos, respectivamente, ás bases *c*, *n*.

Conclue a Parte I do resumo grammatical por uma pagina, em que se indica o modo de translitteração para a escripta vulgar portugueza, sem signaes diacriticos, fixando-se assim implicitamente uma orthographia usual dos nossos nomes africanos, a qual nos parece racionalissima, e que muito conviria fosse adoptada officialmente, evitando-se d'esta forma as polygraphias e a inconsciente imitação estrangeira.

Á competencia provada do intelligente e estudioso artista, a quem na imprensa nacional foi confiada a direcção da composição typographica, se deve o primor da edição, que faz honra á arte portugueza, e que compete com o melhor que vemos lá fóra neste genero.

Pela parte pratica já publicada vemos que ella consiste em dialogos muito bem escolhidos, todos referentes a assumptos africanos, precedidos de algumas observações grammaticaes e de vocabularios, os quaes sem duvida se completarão, como o proprio titulo promette, por algumas paginas de texto mais seguido, para exercicio de traducção e memoração das regras grammaticaes.

(A. R. Gonçalves Vianna, in *Revista de educação e ensino*, 1889, pags. 151-153).

Acaba de ser publicado o primeiro fasciculo do *Methodo pratico para fallar a lingua da Lunda*, um dos volumes das diversas obras que por conta do governo vão ser dadas á estampa, e nas quaes se dá conta dos resultados da expedição portugueza ao potentado africano Muatiânvua, commandada pelo sr. major Henrique Augusto Dias de Carvalho, auctor do referido methodo.

Num meio, como o nosso, escassissimo em trabalhos linguisticos, não podemos deixar de celebrar com applauso o apparecimento de um estudo de glottologia africana, em que se observaram com discernimento os

principios scientificos, indispensaveis hoje em dia em qualquer obra d'esta natureza, não obstante o methodo ter por objecto o ensino pratico de um dialecto da familia de linguas africanas, familia perfeitamente caracterisada e constituida já pela sciencia como uma das mais homogeneas, qualquer que seja o ponto, de costa a costa, em que os seus innumeros dialectos sejam fallados.

O methodo pratico é precedido por um resumo theorico, redigido com muita clareza e concisão, e pelo qual se póde formar idéa sufficientemente nitida, das feições grammaticaes d'este idioma.

A transcripção, scientifica e consequente, tem por base o valor usual dos caracteres romanos em portuguez, o que é muito de louvar, pois, em geral, os nossos escriptores não teem em vista esta condição essencial de todos os trabalhos analogos, que pretendam obter o cunho de nacionaes.

Quasi ao mesmo tempo appareceu tambem no nosso mercado outro valioso trabalho glottologico, que se refere igualmente a uma lingua cafrial. É a *Grammatica elementar do Kimbundu ou lingua de Angola*, escripta em portuguez pelo glottologo suisso o sr. Héli Chatelain, trabalho excellentemente concebido e claborado, e cuja falta era de ha muito sentida por todos os que teem de entrar em relações com o gentio d'aquella provincia, visto que este idioma é ali, a bem dizer, a lingua de communicação.

Sabemos que o seu auctor, a quem são familiares, alem de tres linguas classicas — latim, grego e hebraico —, as mais usuaes europêas, e entre estas a nossa, e a quem se deve já uma cartilha para o ensino da leitura do quimbundo aos naturaes, e uma traducção do Evangelho de S. João no mesmo dialecto, está preparando para o prelo um vocabulario quimbundo, obra de igual necessidade e urgencia, visto achar-se esgotado o de Cannecatim, que aliás quasi nenhum valor teria na actualidade, não só por ser atrazada e imperfeitissima a sua execução, mas ainda porque a lingua ali representada está em parte fóra do uso hodierno.

Dois volumes constarão, entre os trabalhos do sr. major Henrique de Carvalho, de vocabularios portuguezes cafreaes e vice-versa, o que é outra boa noticia.

A transcripção adoptada pelo sr. Chatelain na sua grammatica quimbunda é tambem bascada na orthographia portugueza, constituindo ella assim uma obra, a bem dizer, nacional, pelo que merece o seu auctor franco applauso nosso: diverge essa transcripção, na essencia, da adoptada pelo sr. major Carvalho, apenas na quasi completa abstenção de signaes diacriticos, não só porque n'este dialecto elles são pelos modos menos necessarios, mas tambem provavelmente porque d'esta maneira se facilitou a sua composição typographica.

A edição, feita em Genebra, é bellissima, o que é tanto mais de admirar, quanto, conforme o seu auctor confessa, as tres linguas ali empre-

gadas, portuguez, inglez e quimbundo eram totalmente desconhecidas dos compositores suissos.

Em Lisboa encontra-se por emquanto á venda sómente na livraria Evangelica, e o seu custo é de 1$350 réis, modico na verdade.

Do methodo da lingua da Lunda não nos consta que hajam sido expostos ao publico exemplares sufficientes, sendo de presumir que se lhe aguarde a conclusão para tal fim.

A edição é perfeitisima e honra a Imprensa Nacional e o intelligente e estudioso artista que a dirigiu em parte, affirmando de novo a sua especialissima, rara e já provada competencia para trabalhos d'esta ordem.

Qualquer dos livros, de que sentimos não poder dar mais extensa conta aqui, deve occupar o logar que merece nas estantes de todos os estudiosos, e não digo já sómente dos que á glottologia se dedicam, mas igualmente de todos os que se interessam pela Africa e pelos seus povos, ou que com estes tenham de tratar occasional ou permanentemente.

(*Os Debates*, n.º 223, 1889).

Cet ouvrage fait partie de la collection fort importante de publications de l'expédition portugaise chez le «Muatiânvua», souverain du pays Lunda. C'est, comme j'aimerais à le voir indiqué dans une courte préface[1], la monographie théorique et pratique d'un idiome bantou du groupe occidental (Congo), le *lunda*.

Monsieur Carvalho, qui a passé quatre ans dans le pays et connaît très bien de lunda et d'autres dialectes bantous, joint à ces qualités de chef d'expédition et d'explorateur, une réelle aptitude linguistique et beaucoup d'honêteté scientifique. Mais personne n'est universel, et M. C. n'est ni linguiste, ni maître phonétique de profession: rien d'étonnant donc, si tout en admirant son ouvrage, je dois faire quelques réserves au point de vue de l'exactitude phonétique et de la clarté pédagogique. Quelques points sont même si obscurs que j'ai dû pour les éclairer m'addresser à M. Vianna, linguiste portugais des plus distingués, qui a vu

---

[1] Veja-se o prefacio á grammatica, no qual este é outros reparos do notavel critico estão respondidos. O artigo critico, a todos os respeitos interessante e imparcial, está escripto em notação phonetica, que teve de ser reduzida á orthographia normal franceza pelo sr. Gonçalves Vianna, a quem em varios passos o seu auctor se refere. Este periodico mensal vae já no quinto anno da sua publicação, e é tido em muita consideração pelos glottologos e professores de linguas.

et entendu à Lisbonne des habitants du Lunda. Il m'a répondu, avec une obligeance que j'avais déjà mis à l'épreuve, une lettre fort intéressante, dont je profiterai largement pour la rédaction de cet article, et qui me permettra de combler quelques lacunes du «*Methodo Pratico*».

Le premier fascicule qui vient de paraître se divise en deux parties: 1° phonologie; 2° morphologie.

I. *Phonologie.* Nous y trouvons d'abord une énumération des signes au moyen desquels M. C. note les sons, plutôt qu'une description de ces sons. Pour décrire d'une façon à la fois scientifique et pratique les sons d'une langue, il faut: 1° donner leurs équivalents approchés dans les langues les plus connues; 2° les décrire physiologiquement. Or c'est presque uniquement avec les sons portugais (à cinq ou six exceptions près) que M. C. compare les sons lundas, et le manque absolu de description physiologique se fait d'autant plus sentir que certains signes, par exemple *b, d, f, g, j, k, n, p, t, v, z, c* tildés sont par eux mêmes embarrassants. Heureusement M. Vianna me permet de les expliquer: «c'est tout simplement *mb*, *nd*, etc. Le tilde y tient lieu de la nasale homorganique parasitaire qui précède immédiatement la fricative ou l'explosive.»

Quand à *ñ* c'est «à-peu-près l'italien *(da) noi, anno,* si ce n'est que l'élément vocalique est plus perceptible dans les mots bantous». C'est donc un *n* long. Enfin *x* et *č*, valent respectivement *ch* et *tch*. Maintenant pourquoi M. C. emploit-il des signes simples pour représenter des sons composés? C'est d'abord, me dit M. Vianna, pour ne pas suggérer au lecteur portugais une fausse prononciation, les consonnes nasales apuyées signifiant en portugais: nasalisation de la voyelle précédente: «*lunda* serait interprété *lũda*.»

Toute la transcription d'ailleurs est faite au point de vue exclusivement portugais, ce qui en rend l'intelligence fort difficile pour ceux qui ne connaissent pas le système phonétique très compliqué de cette langue. C'est là, me dit M. Vianna, une «nécessité patriotique: beaucoup de mots bantous reviennent sans cesse sous la plume d'écrivains portugais, il faut qu'ils éprouvent le moins d'altération possible en passant d'une langue à l'autre».

Notons quelques faits intéressants; ils abondent. C'est l'instabilité des consonnes: *d, l,* et *r*; — *j,* et *z*; — *v,* et *f*, — *tchi* et *hi,* se confondent et changent fréquemment. C'est l'avancement de l'accent tonique sur la dernière syllabe lorsqu'il y a liaison: *uáto* mais *uató-uape*, — puis le chapître sur les contractions et élisions, et sur les abréviations. Mais ce qu'il y a de tout-à-fait curieux, c'est le chapître relatif aux «interpolações»: M. C. y décrit des interjections et mouvements de tout le corps, qui rendent le discours plus emphatique et suppléent même à certaines lacunes du langage parlé. Nous y voyons à quel point le geste fait partie du langage conscient de ce peuple primitif qui exprime les divisions

du jour, l'indication des chemins, des distances, des hauteurs, des épaisseurs, etc., presque uniquement par des mouvements accompagnés seulement d'interjections spéciales.

II. Morphologie. La seconde partie se subdivise en deux autres : résumé synthétique; développement ou plutôt exposé pratique. «Le *résumé*, m'écrit encore M. Vianna, est un ouvrage à part destiné à être lu par ceux qui, ne voulant pas apprendre cette langue dans un but pratique, auront cependant le désir de se faire une idée exacte de sa structure». Cette explication aurait été utile dans le «*Methodo pratico*», ou mieux encore, j'aurais, comme M. Vianna, préféré voir paraître le résumé séparé de l'exposé, et constituant à lui seul le premier fascicule.

Passons aux détails : le *résumé synthétique* contient des observations générales sur la grammaire lunda. J'y remarque une étude intéressante sur le rôle des préfixes des noms : ils servent à la fois pour marquer le nombre, pour rattacher au nom l'adjectif, lequel prend le préfixe du nom qu'il qualifie, et pour grouper le nom en classes : chaque préfixe était primitivemente une étiquette accolée au nom d'une certaine catégorie d'objets : le nom désignant des personnes (fils, femme, esclave) avait pour préfixe *mou* au singulier, *a* au pluriel. Le nom désignant des phénomènes naturels (vent, pluie, etc.) avait pour prefixe *lou* ou *rou* au singulier, et *ji* au pluriel. Cette régularité qui paraît avoir existé autrefois s'est d'ailleurs altérée par suite de différentes causes : aujourd'hui, des noms présentant avec ceux de telle classe une analogie de forme (et non plus de sens), entrent dans cette classe; si bien que des mots dont le sens est presque identique peuvent être séparés en deux différentes : ainsi trois mots designant un *coup avec la main ou le pied* sont séparés en deux classes et réunis dans l'une avec les phénomènes naturels, dans l'autre avec les parties du corps humain.

Je voudrais m'étendre sur les remarques relatives aux autres parties du discours. Je ne puis, faute d'espace, que noter dans les formes très synthétiques des verbes, une tendance déjà marquée vers les formes analytiques : les futurs se forment souvent avec l'auxiliaire *venir*, et l'ancien conditionnel synthétique, dont se souviennent encore les vieux habitants, est aujourd'hui remplacé par l'emploi, selon les cas, des verbes que M. C. traduit par *querer, desejar, ir, vir*, c'est-à-dire *vouloir* ou *aimer, désirer, aller, venir*.

Dans l'exposé pratique, M. Carvalho reprend toutes les parties du discours portugais, et leurs équivalents lundas. Tantôt il résume d'une façon dogmatique et dans un but pratique ce qui a été exposé en détail dans la partie précédente, et alors nous n'avons qu'à louer cette méthode excellente et très peu pratiquée, tantôt il ne fait que répéter presque dans les mêmes termes. Les règles sont suivies d'un vocabulaire, destiné sans doute à être appris par cœur pour servir de préparation aux

exercices qui suivent. Ceux-ci consistent en phrases lundas avec traduction portugaise, disposées de façon à décliner un verbe tout en servant d'exemple aux règles précédentes : «je tiens une cuillère, tu tiens un drap, etc. Je ne vois guère l'utilité du vocabulaire puisque tous les mots qu'il contient se retrouvent avec leur traduction dans les exercices.

Les critiques que j'ai faites au livre de M. C. et celles que nos lecteurs y ajouteront peut-être d'après mon compte-rendu, seraient graves si elles s'addressaient à un ouvrage de millième main, comme la plupart des grammaires des langues les plus connues; elles ne sont rien quand elle s'addressent à un ouvrage de découverte, et elles disparaissent devant le mérite très réel de l'ouvrage de M. C. Nous devons le remercier d'avoir entrepris et mené à bien une étude qui n'était pas sa spécialité et qui est difficile même pour les spécialistes.

(Jean Passy, *Neuilly sur Seine,* in *Le Maître Fonétique,* mai 1889.)

Henrique Augusto Dias de Carvalho. Methodo pratico para fallar a Lingua da Lunda. Lisboa (Imprensa Nacional), 1889, in-8°, 64 pag.— Depuis que la conférence de Berlin a reporté le long du Quango la frontière orientale le leur colonie d'Angola, les portugais se sont mis à étudier le territoire ajouté à leurs possessions et ont poussé leurs explorations au delà du Quango, dans le pays de Lounda, dont le souverain, le Muata Yamwo, est le plus puissant des rois nègres. Une grande expédition, commandée par le major d'infanterie Dias de Carvalho, a récemment traversé le grand empire et atteint les rives du Kallanji (en portugais Calanhi). Il a été publié sur cette exploration une série de mémoires qui en exposent les résultats à tous les points de vue : géographique, ethnographique, linguistique, etc. L'un des plus intéressants est celui que nous avons sous les yeux : dû à la plume du chef même de l'expédition, il fournit une méthode pratique pour apprendre la langue du Lounda. Nous ne pouvons dire quelle étendue aura cet ouvrage, car nous n'en avons reçu encore que le premier fascicule composé de 64 pages, mais il nous suffit pour reconnaître que la méthode dont il s'agit, exposée avec clarté, est réellement simple et pourra être employée avec succès par les voyageurs et par les colons du Lounda.

Les dix-sept premières pages sont consacrées à la phonologie, c'est-à-dire à l'étude des sons, des lettres et de leur permutation, chapître difficile, sans aucun doute, car on sait à quels obstacles se heurte la transcription des sons d'une langue africaine dans une langue européenne. Ensuite vient le traité de la forme des mots et de leurs transforma-

tions, en d'autres termes, la morphologie. Les règles relatives à l'article, au substantif, à l'adjectif, au pronom, à la formation du pluriel, etc., sont successivement passées en revue; plusieurs paragraphes sont consacrés à des exercices rédigés sous forme de conversation, dans lesquels les principales règles de la grammaire trouvent leur application. Il s'agit là d'une œuvre originale et sérieusement faite, de nature à intéresser les philologues aussi bien que les voyageurs dans le centre de l'Afrique.

(*L'Afrique explorée et civilisée*, nº 7, Juillet 1889.)

Do nosso illustre africanista e benemerito explorador o sr. major Henrique de Carvalho recebemos a parte publicada de um dos livros que constituem a obra valiosissima da sua expedição ao Muatiânvua. Intitula-se — *Methodo pratico para fallar a lingua da Lunda, contendo narrações historicas dos diversos povos.*

Este livro vae em paginas 224 e é de certo um dos mais interessantes e dos que revelam mais lucido estudo e paciente investigação entre os que formam o vasto relatorio da expedição que Henrique de Carvalho dirigiu com superior criterio e brilhantissimo exito.

Pouquissimas expedições africanas terão dado tão largos e proveitosos estudos como esta. Em nada menos de nove volumes se enthesouram todas as riquezas de observação e ensinamento colhidas pela missão politico-scientifica ás terras da Lunda. Se a descripção da viagem é interessantissima, se o estudo ethnographico e historico é de altissimo valor, se os trabalhos ácerca de climatologia e meteorologia são preciosos, se valem muito as noticias sobre producções naturaes, se os mappas e diagrammas são primorosos, o *Methodo da lingua Lunda* representa uma tarefa laboriosissima de investigações e vale um relevante serviço á sciencia e á civilisação e um titulo honrosissimo para o paiz.

Ninguem faz idéa do trabalho paciente que este livro custou e do estudo enorme que exigiu ao auctor! O sr. Henrique de Carvalho teve de aprender uns poucos de dialectos, de gastar longos dias no sertão em investigações directas, e tem tido necessidade de estudar aqui os seus proprios apontamentos e de colher lição dos homens entendidos n'esta especie de estudos para organisar um methodo completo da lingua da Lunda, organisado segundo os modernos processos.

É de grandissimo valor o serviço que o seu livro vae prestar ás expedições commerciaes e scientificas n'aquelle vasto e importantissimo paiz, e é grande o brilho que este livro dá á nossa obra civilisadora nos sertões.

Na Africa não procurâmos apenas o dominio politico, não nos apoiâmos á nossa antiga tradição epica, alheiados do movimento scientifico moderno, tambem sabemos estudar, e á medida que radicâmos o nosso dominio culto vamos ampliando os limites da civilisação.

Temos estudos antigos ácerca de algumas linguas da Africa e do Oriente, mas esmorecemos n'esta ordem de trabalhos utilissimos e de ha muito que estavamos abaixo das nossas proprias tradições e tinhamos abandonado o encargo aos estrangeiros. Era uma vergonha de que nos estamos resgatando agora. A obra do sr. Henrique de Carvalho é mais do que um resgate; é uma affirmação nobilissima.

O proprio trabalho material do livro tem imposto ao auctor porfiado e incessante labor, para tornar a sua obra perfeitamente comprehensivel. Os proprios signaes convencionaes representam um largo estudo dos methodos modernos de linguistica e correspondem ao empenho de tornar o livro bem claro e intelligivel.

Na parte do livro com que a amabilidade do auctor nos honrou veem já largamente tratadas a *phonologia* e a *morphologia* da lingua e uma parte da sua syntaxe.

.....

Foi para conhecer bem a ethnographia e a historia do paiz que explorava que o sr. Henrique de Carvalho aprendeu a lingua Lunda, tão importante que o seu estudo é valioso para o conhecimento da lingua *ambunda*, a lingua primitiva de Angola, e dos dialectos do Congo e das regiões do Cuango e do Lualaba.

Repetimos: é valiosissima a obra scientifica da expedição ao Muatiânvua, como foi importantissima a sua missão politica.

Ninguem a imaginava de tanta valia, e maravilha agora o silencio iniquo, a indifferença deploravel que tem obscurecido esta fecunda e gloriosa expedição scientifica.

Vão-lhe fazendo agora justiça, tardia justiça, mas chegou emfim.

A nossa pena é que a obra toda se não torne conhecida da Europa pela versão nas linguas mais conhecidas.

Ao sr. Henrique de Carvalho o testemunho do nosso reconhecimento pela preciosa offerenda.

(*Esquerda Dynastica*, n.º 499, 1889.)

.....

Nas publicações ácerca da expedição portuguesa ao potentado da Lunda, adoptou o seu chefe, o major Henrique de Carvalho, uma orthographia para os nomes proprios e para outros vocabulos africanos, que

no texto pullulam, a qual não é mais que a regularisação da escripta portuguesa tradicional, que sempre fôra empregada pelos nossos escriptores. Seria muito para desejar que todos o imitassem. Não ha nenhum individuo que saiba ler português, que não possa pronunciar aquelles vocabulos e nomes, que, d'este modo, sem destaque, se fundem no lexico português, ao qual ficam pertencendo.

Na grammatica da lingua da Lunda, na qual uma transcripção scientifica foi adoptada, ha uma pagina consagrada á conversão d'esta na que o auctor usa em todos os demais livros de que se compõe a publicação. Essa pagina deveria ser lida por todos os portugueses que houverem de escrever nomes africanos.

.....

(A. R. Gonçalves Vianna, in *O Dia*, n.º 746, 1890.)

Já por diversas vezes nos temos referido aos importantes trabalhos do chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua, o distincto major do estado maior de infanteria Henrique Augusto Dias de Carvalho, e promettemos voltar de novo ao assumpto logo que tivessemos conhecimento das obras que, sobre a dita expedição se estão imprimindo na Imprensa Nacional.

Uma das obras que temos presente, e em que mais se nota a paciente investigação do auctor, é o «Methodo pratico para fallar a lingua da Lunda», cuja impressão já alcança a pagina 335 do respectivo volume.

No prologo diz o auctor:

«Preparado com um importante vocabulario de seis dialectos diversos e possuidor de um bom numero de regras grammaticaes, procurei fixar os sons, as formas e o sentido das palavras que ia escrevendo entre os povos com quem convivi; e achando-me na capital da Lunda, por onde, tudo me leva a suppor, passaram as correntes da emigração da maior parte dos povos, que, com o tempo, se foram espalhando de além do Cassai para áquem do Cuango, e com essas emigrações em differentes épocas, as linguas que a tradição lhes legou; resolvi organisar um trabalho inteiramente pratico e escripto na mesma região em que me encontrava.

«Julgo que preenchi uma grande lacuna nas linguas agglutinativas da Africa Central austro-occidental, porque até ao presente ainda não appareceu uma monographia abundante de vocabulos, de regras grammaticaes e factos phraseologicos bem caracterisados, como esta, em que

me guiei pelos modernos processos de investigação, e que denominei — Methodo pratico.

«Dividi este methodo em tres partes: phonologia, morphologia e syntaxe.

«Em cada uma d'ellas, conservando a evolução natural e communicativa por muitos exemplos, exercicios e narrações, procurei justificar as deducções a que fui levado, e o leitor pode ir construindo phrases e verter alguns trechos, á medida que for assenhoreando-se dos vocabulos e regras que se vão apresentando».

Effectivamente, como muito bem diz o major Carvalho, preencheu uma grande lacuna nos estudos das linguas agglutinativas da Africa Central e com isso prestou um grande serviço á ethnographia e á historia dos povos que habitam nessa região do continente negro.

Está hoje sufficientemente demonstrado o grande valor que para a ethnographia teem os estudos glotticos, e este valor tanto mais augmenta quanto se dá com estes povos a circumstancia de não terem escripta propria em que possam fixar os factos da sua historia, que só por tradição são transmittidos de gerações em gerações.

Além d'isso o *Methodo* é um grande auxilio para os viajantes e exploradores que teem de percorrer a Africa Central, onde os dialectos prefixativos que ahi dominam se assimelham, derivados quasi todos de um idioma commum que se subdividiu depois com o correr dos tempos e com as diversas correntes migrativas nesses dialectos.

O major Carvalho tambem no capitulo II da sua *Ethnographia e Historia dos Lundas*, faz um estudo completo dos caracteres linguisticos que dominam entre os povos a que elle muito propriamente denomina de tus ou antus. O *Methodo*, e os *Vocabularios* que estão no prélo, são, por assim dizer, o complemento e a applicação pratica d'esse estudo.

*
* *

Depois do portuguez Francisco Maria de Cannecattim, appareceram de importancia os trabalhos sobre linguistica africana de James F. Schon de Schweinfurth, de A. F. Nogueira, de José de Almeida da Cunha, de Héli Chatelain, e, muito recentemente, do missionario Bentley.

Cannecattim, na sua *Collecção de observações grammaticaes sobre os dialectos de Angola* denominou de *bundo* ou *bunda* a lingua que abrange todos esses dialectos; mas o major Carvalho discorda, e, emquanto a nós, com razão, da significação que esse escriptor dá áquelle vocabulo.

O *bundo* é um idioma que deu origem aos differentes dialectos que se fallam na nossa provincia de Angola — é a lingua dos invasores, dos *imbundo* (plural de *quimbundo* «invasor»).

Pelas tradicções que existem está quasi demonstrado que, em diversas epochas, do N.-E. de Africa differentes migrações seguiram para a região de que se trata, não tomando todas o mesmo caminho, mas, pelo contrario, dispersando-se em differentes sentidos, nas direcções occidental, oriental e meridional do continente negro. Esses povos reuniram-se em diversos centros, para, de novo, se dispersarem em correntes migratorias secundarias, soffrendo as influencias do meio differente em que entravam e, pelos cruzamentos com os povos já existentes, modificações ethnicas importantissimas.

A lingua modificou-se tambem em dialectos differentes, pelo contacto com as de outros povos, principalmente do sul, os Boximanes e os Hottentotes.

Essas modificações soffridas pela primitiva lingua *bunda* observam-se tambem nas outras linguas africanas que Hovelacque com razão diz serem independentes.

Hovelacque rejeita a denominação de *cafreal* para o grupo de dialectos de que estamos tratando e applica-lhes a de *bântus*, apresentando as classificações de Müller e do dr. Bleek, que nem uma nem outra satisfazem, como muito bem diz o major Carvalho, na sua *Ethnographia*, ás exigencias da sciencia.

Os srs. Nogueira e Cunha, nos seus estudos sobre os dialectos fallados no interior de Mossamedes e na provincia de Moçambique, rejeitam tambem a designação de *bântu* do dr. Bleek, pelo que merecem o apoio do major Carvalho, que, na pag. 124 da sua *Ethnographia*, diz:

«Mas por que razão, estudados mais ou menos diversos dialectos de uma lingua a que os nossos antepassados, os primeiros a quem se devem os conhecimentos da linguistica africana, chamaram *lingua bunda*, se não deviam reunir sob a mesma denominação todos os outros dialectos que se fossem estudando e com aquelles tivessem afinidade de vocabulos e de principios grammaticaes e ainda outros laços que podessem prender os povos que os fallam?

«Era muito mais acertada a denominação de *linguas dos invasores*, que a moderna de *pessoas*, quando outros motivos não houvesse para a rejeitar. As invasões deram-se para as costas occidental e oriental e com ellas de certo veiu a *lingua originaria*, que se foi modificando com o tempo nas localidades onde se foi fixando e misturando com os dos povos distinctos de norte e sul, que vieram ao seu encontro.

«É em virtude d'esses ultimos que se sentem mais differenças nos dialectos das tribus que povoam a região central na direcção da linha N-S. do que na de E.-O.»

Depois, na mesma obra, o distincto explorador demonstra, da pag. 125 a pag. 130, qual o erro em que Hovelacque caiu, querendo justificar

a denominação de *bântu* que elle erradamente interpretou por «homem» e termina:

«Postos estes principios em evidencia vê-se, pois, que *tu, du, lu,* ou mesmo *htu* ou *thu,* quer sejam ou não articulações nasaladas, são a raiz do vocabulario que designa o indigena de toda a vastissima região que occupam as tribus consideradas; e, áparte os defeitos de audição do investigador ou as pronuncias dos individuos d'essas tribus, e considerando ainda que o *n* por *t* só apparece nos povos mais distantes, pode acceitar-se que todos esses povos se denominam *tu* ou *antu* e que como os dialectos que elles fallam estão subordinados a uns principios grammaticaes que assentam sobre concordancia, alterações, omissões e juxtaposições de prefixos, constituem ellas a familia de linguas de prefixos que se pode denominar de *linguas prefixativas* ou de *prefixos,* quando se não queira admittir a de *lingua ambunda* dos nossos antigos, que devia te a primazia».

*
* *

É sobre os dialectos d'essa lingua originaria, que se fallam na Lunda, que principalmente trata a nova obra do major Carvalho, que falta de espaço nos inhibe de analysar detidamente.

Héli Chatelain publicou ultimamente a sua *Grammatica do Quimbundo,* ou lingua de Angola, e o missionario Bentley a sua obra sobre os dialectos do Congo; mas nenhum d'elles mostra uma tão alta competencia como o nosso explorador no assumpto de que se trata. Bentley, até de caso pensado, mostra ignorar a grande influencia que exercemos nos dialectos fallados na região congoense.

Com a publicação d'esta obra e com a dos *Vocabularios,* que estão no prelo H. de Carvalho presta indubitavelmente um enorme serviço á *Ethnographia* e á *Linguistica* e obterá o primeiro logar na lista dos escriptores que teem tratado até ao presente das linguas africanas, não só pelo valor dos materiaes que pacientemente recolheu durante os quatro annos da sua permanencia na Africa austro-central, mas principalmente pelo methodo e orientação scientifica com que os soube condensar e dispor.

É de espantar a paciencia, a dedicação e a força de vontade d'esses heroicos exploradores que, luctando na Africa com a malaria e com as pessimas condições de existencia, num combate constante com a natureza, conseguem reagir contra a influencia deprimente do clima, contra a nostalgica e enervante influencia das saudades: sós, longe da patria e da familia!

Que força de vontade! Que abnegação!

Nas horas de descanço, no meio do *bru-ha-ha* dos acampamentos, dominam o somno, reagem contra os accessos febris, e conseguem registar essas notas que depois se tornarão em obras que são uma honra para a sciencia e para Portugal!

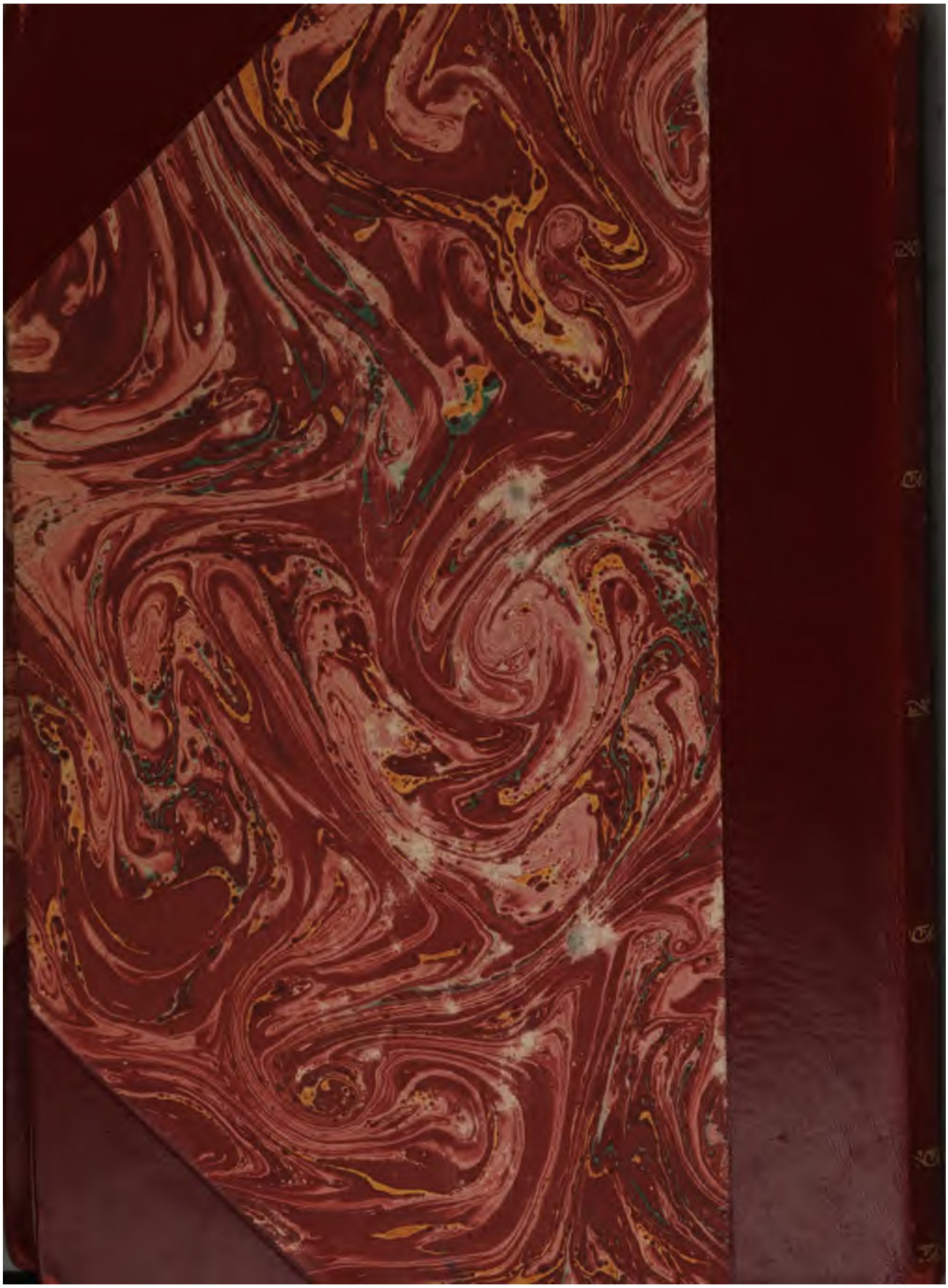
E o mesmo pulso latejante de febre, que tem o vigor para empunhar a bandeira da patria e desfraldá-la aos ventos calidos do sertão, é tambem o que sustem a mão do escriptor que em centenas de paginas põe á luz da sciencia factos e feitos novos e desconhecidos!

E os nossos inimigos que nos calumniem, que nos insultem; porque perante os olhos da Justiça Universal abriremos as obras de Serpa Pinto, de Capello e Ivens e de Henrique de Carvalho!

(*Jornal do Commercio*, n.º 10:886, 1890.)

DT 611 .D5 v.5
Methodo pratico para fallar a
Stanford University Libraries
3 6105 033 484 796

DT
611
D5
v.5

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due.